

**VIDA DE**  
**SÃO GERALDO MAJELLA**

IRMÃO LEIGO DA CONGREGAÇÃO  
DO SANTÍSSIMO REDENTOR

VERTIDA DO ORIGINAL ALEMÃO  
DO PADRE CARLOS DILGSKRON, C.Ss.R.  
PELO PADRE OSCAR CHAGAS  
DA MESMA CONGREGAÇÃO

1934

OFF. GRAPH. SANTUARIO DE APPARECIDA

Edição Pdf de Fl.Castro - 2004

Imprimi potest.  
Apparecidae, die 6 mens. Decembris  
1933  
*P. Josephus Franciscus Wand, C.Ss.R.*  
Sup. Viceprov.

Imprima-se  
Apparecida, 8 de dezembro de 1933  
† *Duarte, Arceb. Metrop.*

## UMAS PALAVRAS DO TRADUTOR

Instado por vários confrades e amigos, tentei verter para o português a melhor biografia de São Geraldo escrita até agora.

Esta tradução impunha-se: primeiro porque a edição portuguesa vertida do francês já se acha esgotada há muito tempo; era necessário encher essa lacuna; segundo porque a devoção de São Geraldo, manifestado nas mais variadas formas, requer um conhecimento mais profundo desse santo tão popular em nossa Terra.

Como confrade, embora indigno deste astro luminoso, não me era possível fugir ao trabalho da tradução, embora para isso dispusesse de muito pouco tempo, roubado aos cuidados da paróquia e às várias excursões apostólicas.

A obra alemã do Pe. Carlos Dilgskron, C.Ss.R., já na 7.<sup>a</sup> edição, é escrita com estilo simples e popular, porque dedicada ao povo. De propósito, foge o autor das frases rebuscadas e dos adornos de linguagem, que mais servem para engrandecer o escritor do que o herói descrito. Na qualidade de consultor geral da Congregação redentorista, o autor teve ocasião de examinar escrupulosamente as crônicas das casas em que Geraldo viveu, os anais e arquivos do Generalato em Roma, bem como o processo de beatificação, que são as fontes seguras, donde o Pe. Dilg-

kron tirou os fatos extraordinários, relatados nesta biografia. São por conseguinte, autênticos e dignos de toda fé os milagres descritos nesta obra singela e despretensiosa.

Quanto à tradução, convém declarar que ela foi feita quase ao pé da letra, quanto possível ao nosso idioma; daí a falta de ritmo na frase, talvez alguma dureza de estilo ou algumas repetições de termos tão comuns na língua alemã, que delas se serve para maior clareza ou ênfase. Para não merecer a pecha de *traduttore tradittore*, quis muito de propósito, amoldar-me ao estilo do célebre escritor que na Áustria e Alemanha goza de geral simpatia e merecido renome.

Queiram pois, os leitores benévolos, dar o desconto aos defeitos que talvez descobrirem na tradução desta biografia, que agora entrego ao público brasileiro, levado tão somente do desejo de contribuir para a difusão de bons livros em nossa Pátria, e de fazer conhecido, admirado, amado e imitado um dos mais insignes cidadãos do céu, honra da Congregação redentorista, amigo dos pobres e pequeninos, e modelo consumado de virtudes, mormente da humildade e obediência, que parecem querer desaparecer do mundo, obcecado pelos progressos vertiginosos das ciências.

São Paulo, 8 de dezembro de 1933  
Anno Jubilar da Redenção e festa da Imaculada  
Conceição

## PREFÁCIO

A santidade é o atributo que mais engrandece a criatura: “*Excellentiam cuncta excellentem*”. Não obstante ser necessário muito para se tornar santo, este fato extraordinário verificou-se. E verificou-se tantas vezes que os santos até foram divididos em jerarquias. Se não fosse tão grande o número, talvez maior prestígio inspiraria à humanidade, “*assueta viles-cunt*”.

Os santos diferem na inteligência e na vocação; muito diversos são os dons e as graças. Mas tantos elementos desiguais constituem os vários fragmentos de um fundo comum e que, no conjunto, formam o mosaico maravilhoso da perfeição cristã. As vicissitudes de espaço e tempo não impedem a florescência da santidade; seu desenvolvimento, prodigiosamente diferente, é sempre alimentado pelo mesmo princípio sobrenatural.

Uma destas vidas extraordinárias, onde a cada passo palpita o sobrenatural, o Pe. Karlos Dilgskron, C.Ss.R. tentou fixar em páginas que outro irmão seu de Congregação religiosa o Pe. Oscar Chagas, C.Ss.R. traduziu para o português, facilitando assim ao público do Brasil e de Portugal o conhecimento da fisionomia de São Geraldo Majella, glória da Congregação dos Padres Redentoristas.

Nasceu este santo em Muro, nas proximidades de Nápoles, em abril de 1726, faleceu a 16 de outubro de 1755, foi beatificado por Leão XIII (1903) e canonizado por Pio X em 11 de dezembro de 1904. Sua exclusiva ambição era assemelhar-se a Cristo, nos seus sofrimentos e humilhações. O pai morreu lhe quando ainda criança, sua piedosa mãe, carecendo de recursos, fê-lo aprendiz de alfaiate e nesse tirocínio já o nosso santo encetava aquele outro tirocínio de paciência no suportar tratamentos injustos. A veneração pelo sacerdócio levou-o a procurar serviços na convivência de um prelado que, com a rispidez de um gênio doentio, também pôs à prova a constância do santo. Trabalhando depois e sempre lutando, seus poucos haveres distribuía-os entre sua mãe e os pobres e o sofrer suportava pelas almas do Purgatório. Deu passos para se fazer franciscano, mas o destino levou-o à Congregação do Santíssimo Redentor, aonde ingressou em 1749. Dois anos mais tarde fez sua profissão, e aos votos habituais acrescentou a obrigação que assumia de sempre fazer o que lhe parecesse mais perfeito. Santo Afonso considerava-o um milagre de obediência. Não somente obedecia seus superiores quando presentes, mas timbrava por executar religiosamente o que supunha ser seu desejo durante as suas ausências. Apesar de compleição fraca, seu trabalho equivalia ao de muitos e sua caridade ardente granjeou-lhe o título de pai da pobreza. Foi exemplar em todas as virtudes, e tão devoto da Eucaristia que só esforço violento sobre si

mesmo lograva afastá-lo de junto do Tabernáculo. A calúnia tentou atribuir-lhe crime nefando, mas ele, que era anjo de pureza, tudo suportou com paciência heróica e deste modo arrancou dos lábios de Santo Afonso, seu superior, a exclamação: “Irmão Geraldo é um santo”. Foi favorecido com dons excepcionais da mais elevada ciência infusa, êxtases, profecias, discernimentos dos espíritos, penetração dos corações, bilocação, com extraordinário poder sobre a natureza, enfermidades e maus espíritos. Quando acompanhava os padres de sua Congregação em missões, quando saía a desempenhar qualquer dever, mais almas convertia que não o conseguiam muitos missionários trabalhando juntos. Predisse o dia e hora de sua morte. Taumaturgo em vida, após sua morte, por intercessão válida, são incontáveis as graças que têm beneficiado a humanidade necessitada.

O trabalho de Dilgskron, agora publicado em português, ampliará assim a ação benfazeja exercida por diversas edições em tantos outros idiomas. Bem inspirados andaram aqueles que puseram mãos em obra tão louvável.

Agosto de 1933

Mons. Gastão L. Pinto

*Oh! como é útil tomar a vida dos santos por objeto de nossa leitura espiritual! Os livros que tratam das virtudes ensinam-nos o que devemos fazer; na história dos santos vemos, porém, o que de fato fizeram tantos homens e mulheres, mancebos e donzelas, que eram homens como nós. Mesmo que a meditação do exemplo dos santos não nos trouxesse outro proveito, nos obrigaria a humilharmo-nos profundamente, porque, lendo as grandes coisas que os santos praticaram, devemos certamente nos envergonhar de ter feito e de fazer ainda tão pouco por Deus. Santo Agostinho dizia de si mesmo: “Ó meu Deus, quando eu considerava os exemplos de vossos servos, envergonhava-me de minha preguiça e sentia arder em mim o fogo de vosso santo amor” (Conf. I. 9, c. 2). São Francisco, ao pensar nos santos e em suas virtudes, sentia-se abrasar em chamas de amor divino. (S. Boav., Vita S. Franc., c. 9)*

*Das obras de Santo Afonso Maria de Ligório*



## CAPÍTULO I

### Infância

Na Basilicata, província do reino de Nápoles, nas encostas dos Apeninos ostenta-se em magnífica paisagem a cidadezinha de Muro. Uma série de colinas defende-a das tempestades ásperas do Norte, enquanto que ao Sul, se estende ridente e fértil planície. Na época, de que nos ocupamos nesta biografia, contava certa de 7.000 habitantes e era sede de um bispado e residência de respeitável número de religiosos de ambos os sexos. No decorrer dos séculos, saíram dessa encantadora cidade homens de valor, que se tornaram glória e adorno dela pelo brilho da piedade, fama de erudição e louros colhidos nos campos de batalha. Porém criança alguma lá nascida, se distinguiu tanto e em grau tão extraordinário pela santidade e poder taumaturgo como a de cuja vida queremos agora dar um resumo. Essa criança viu a luz do dia a 6 de abril de 1726, sendo batizada no mesmo dia na igreja catedral pelo arcepreste Felix Coccicone.

O berço de Geraldo foi modestíssimo. Seus pais, o alfaiate Domingos Majella e Benedicta Gadella, embora ricos dos dons celestiais e acatados por todos os conterrâneos pelo brilho de acrisoladas virtudes, eram destituídos dos bens da terra; com o trabalho de suas mãos e suor de seu rosto tinham de sus-

tentar os quatro filhos que Deus lhes dera: Brígida, Anna, Izabel e o nosso Geraldo.

Deus porém tomou a si, com prodigalidade especial, o cuidado do menino, desde o início de sua vida, distinguindo por assim dizer com o selo de suas graças especiais e extraordinárias os primeiros movimentos e passos desse anjo terrestre.

Todos compraziam-se em contemplar com alegria o seu rosto sempre amável e jovial. As primeiras palavras que balbuciou foram os santíssimos nomes do Redentor e de sua benditíssima Mãe, os primeiros movimentos de suas mãos foram o sinal da cruz sobre a fronte, os lábios e o peito.

Aos quatro anos praticava os exercícios de piedade com compreensão superior a sua idade, não perdendo porém com essa precocidade o encanto de meninice. Não gostava dos brinquedos infantis; todo o seu divertimento consistia em levantar altazinhos que adornava de flores e imagens, imitando as cerimônias da igreja. Aprazia-se em cantar hinos piedosos e em genuflectir com alegria infantil ante as imagens dos santos da Igreja. Quando conseguia obter restos de cera, a ele fornecidos por um seu parente que exercia o cargo de sacristão da catedral, fabricava velas que acendia em seu altazinho. Às vezes reunia grupos de crianças, com as quais fazia procissões, ensinando-lhes, a seguir, orações e lindos cânticos.

Essa criança privilegiada amava tanto a oração que podia passar horas a fio a meditar. Repetidas

vezes encontraram-no a um canto da casa paterna todo absorto em Deus, alheio às coisas da terra e como que a pairar em um mundo superior. Quando se dirigia à igreja em companhia de sua mãe, permanecia silencioso, modesto e devoto — sempre de joelhos — causando a todos admiração e edificação como se fosse um anjo do paraíso. O próprio Deus amava Geraldo, que aos seis anos de idade mereceu receber do céu sinais do agrado divino.

Nas vizinhanças da cidade de Muro acha-se a pequena igreja de Nossa Senhora de Capotignano, muito visitada pelos fieis apesar das dificuldades da estrada pedregosa que para lá conduz. A imagem venerada no altar-mor representa a Santíssima Virgem com o Menino Deus nos braços. O pequeno Geraldo teve logo conhecimento desse santuário popular e sentiu-se irresistivelmente atraído por ele. Um dia foi Geraldo sozinho até lá para desabafar o seu piedoso coração diante da Mãe de Deus e de seu Filho.

Mal se aprofundara na oração, quando lhe pareceu que a criança e a Mãe tomavam vida sobre o altar, estendendo-lhe o Menino o braço em atitude de quem convida. Pouco depois, celestemente amável, e com o sorriso nos lábios, desce a brincar com ele. Após curto intervalo entrega-lhe um pãozinho fino e branco como a neve e desaparece. Geraldo satisfeito corre para casa e triunfante mostra à mãe o presente recebido. “Donde tens esse pão?” “Foi, respondeu ele, o filho duma formosa senhora que m’o deu”. A

mãe desistiu de mais perguntas supondo que Geraldo tivesse recebido o presente do filho de alguma família rica.

A experiência feita não deixou sossegar o menino, que daquele dia em diante começou a multiplicar as suas visitas à igreja de Nossa Senhora de Capotignano como que atraído pela Criança dos braços da Virgem; e realmente foi-lhe dado ver repetidas vezes a Criança e receber de suas mãos o presente do pão. Esse fato, repetido tantas vezes, não deixou de despertar a curiosidade da mãe e das irmãs. Um dia de manhã, quando Geraldo se dirigia apressado à igreja, a mãe e a pequena Anna seguiram-no e puderam assim ser testemunhas oculares daquela cena misteriosa e encantadora.

Ao que parece, Geraldo recebeu aquele pãozinho não só do Menino, mas também da Santíssima Virgem — ao menos ele se exprimiu mais tarde, de um modo que deixava entrever isso. Visitando com sua mãe a igreja, apontou a imagem de Maria com o Menino dizendo: “Minha mãe, eis a nobre senhora que mais vezes me deu o pão, e a Criança com a qual brinquei”.

Semelhante graça foi concedida ao pequeno Geraldo também no jardim do arcipreste de Cillis. Estando uma vez a orar com um grupo de crianças diante de uma cruz por ele colocada, como de costume, no ramo de uma amendoeira, a copa da árvore tornou-se resplendente irradiando-se a claridade também para fora do jardim. Os outros viram apenas

o esplendor da árvore, mas Geraldo contemplou, por entre a claridade, a bela Criança divina que baixou por entre os ramos e a ele se dirigiu apresentando-lhe o pão branco, delicioso ao paladar. Ao chegar em casa, como Geraldo não quisesse tomar a refeição costumada, a mãe o recriminou, mas ele explicou o caso com simplicidade dizendo: “Minha mãe, eu já comi, foi o menino que me deu o pão”.

Ao assistir a santa Missa, via Geraldo muitas vezes o Menino Deus, nas mãos do celebrante, admirando-se sempre de o padre quebrar em pedaços e consumir a hóstia. Uma vez chegou a dizer com candura infantil ao sacerdote: “Que bela coisa fizestes... devorastes hoje uma criancinha”.

Naquele tempo Geraldo ainda não sabia bem quem era a criança que vira tantas vezes e que o atraía com tanta força. Vinte anos mais tarde disse à sua irmã Brígida, com a simplicidade que lhe era peculiar: “Agora sei que a criança que me dava o pãozinho, na minha infância, era o Menino Jesus; naquele tempo eu supunha que fosse uma criança qualquer”. “Então, replicou Brígida gracejando, volte outra vez a Muro para visitar a Madona de Capotignano e encontrar o belo Menino”. “Não, disse Geraldo, agora já não preciso ir a Muro para encontrar a Madona e o Menino; agora os encontro em toda a parte”.

Todos esses sinais evidentes de predileção divina inspiraram aos pais de Geraldo o desejo de dar esmeradíssima educação à criança que haviam recebido de Deus qual tesouro precioso e inestimável.

Benedita, convencida que seu filho fora formado só para o céu, nada descurou para secundar o desenvolvimento dos germens da virtude em seu coração.

Na idade de sete ou oito anos, Geraldo foi mandado à escola, onde lecionava um parente da família por nome Donato Spicci. Lá aprendeu bem depressa a ler, escrever e expressar-se com facilidade, tornando-se em breve tempo o modelo de seus discípulos e predileto do mestre. Spicci denominava-o “suas delícias”, e amava-o com ternura de um pai. Ao perito professor não passou despercebido o talento didático do menino, eis porque quase sempre lhe confiava o encargo de ensinar aos menores os rudimentos das ciências e de repetir com eles a lição.

Geraldo, longe de se ensoberbecer com essas distinções, era sempre o mesmo menino simples e dócil, pronto a obedecer aos mais leve aceno de seus pais. Em virtude de sua admirável comunicação com o céu, desenvolveu-se nele, bem cedo, o desejo da mortificação do corpo e o amor aos pobres; jejuava freqüentemente a pão e água, e tomava tão pouco alimento, que todos se admiravam de ele não definharem de fraqueza; às vezes passava dias inteiros em jejum completo, esquecido da alimentação. Quantas vezes não acontecia a mãe encontrar intacta a comida quando voltava do trabalho! Geraldo costumava dar aos pobres as minguidas porções e o pão que a mãe às vezes lhe preparava especialmente. Todavia jamais se recusava tomar alimento quando nesse sentido recebia ordem de seus pais; na mortificação,

como em tudo o mais, não cedia à teimosia — sinal seguro do bom espírito que o animava. Temia aborrecer a seus pais, e não descansava enquanto não reparasse o mal, caso acontecesse às vezes magoá-los contra a sua vontade e sem culpa sua.

Que Geraldo nutria terníssimo amor para com a SS. Virgem deduz-se facilmente do que temos narrado até aqui. Já nos é sabido que o santíssimo nome de Maria foi uma das primeiras palavras nos lábios do pequeno protegido do céu. O amor à Mãe de Deus era-lhe, por assim dizer, inato, cresceu-lhe com a idade, e desenvolveu-se em ardente veneração mormente desde o dia em que a Madona de Capotignano começou a agir de modo tão atraente sobre a sua alma. A recitação do rosário e outros exercícios de devoção à Rainha do céu tornaram-se-lhe bem depressa familiares e caros; as festas de Maria, para as quais se preparava sempre por diversos exercícios de piedade e atos de mortificação, eram-lhe dias de alegria que transparecia em seu semblante a ponto de causar admiração a todos os seus. Em retorno também a SS. Virgem redobrava as provas sempre crescentes do amor para com seu fiel e dedicado servo. Já em seus mais tenros anos visitou Geraldo, pela primeira vez, Caposele, onde mais tarde, como religioso iria receber de Maria as mais assinaladas graças e onde terminaria a sua carreira. Para lá levou-o sua mãe ou qualquer outro parente em visita ao santuário, no qual Maria é venerada sob o título de *Mater Domini*, isto é, Mãe do Senhor. A piedosa

criança lançou-se de joelhos ante a sagrada Imagem e, mal pronunciara as primeiras palavras de saudação à sua Rainha, caiu em profundo êxtase na presença dos circunstantes. Era como se Geraldo estivesse a contemplar a Mãe de Deus em sua formosura celestial. Seria talvez o gozo antecipado das alegrias e consolações que Maria tem preparado para os seus servos fiéis e perseverantes? Ter-lhe-ia naquele momento garantido o seu socorro e proteção, com os quais Geraldo contou a sua vida inteira? Não o podemos saber porque o servo de Deus guardava inteira reserva sobre coisas dessa natureza a não ser que a obediência o constrangesse a falar, ou que a sua simplicidade o traísse.

Se a SS. Virgem arrebatava o coração do nosso Geraldo nas mais vivas emoções da alegria e amor, com mais eficiência e em grau maior conseguia-o o SS. Sacramento do altar. Geraldo corria à Missa com mais avidez do que as outras crianças aos seus brinquedos prediletos. À elevação da hóstia inclinava-se e assim permanecia por longo tempo. Quando à comunhão do sacerdote a sagrada hóstia lhe desaparecia dos olhos, prorrompia em prantos, tão grande era a saudade e avidez que tinha do alimento sagrado. Um dia, quando Geraldo contava cerca de oito anos, assistindo à missa na catedral, viu os fiéis aproximar-se da mesa santa da comunhão. Dominado do desejo de igual felicidade, levanta-se e, como que arrebatado por uma atração divina, chegou-se ao altar onde se ajoelhou ao lado dos outros para receber o pão



dos anjos. O padre porém passou adiante, como se costuma fazer com as criancinhas, que, ignorantes, se colocam na mesa sagrada. Triste e banhado em lágrimas, voltou Geraldo para casa e, não podendo curtir sozinho a sua dor, narrou-a a diversas pessoas amigas e, entre outras, a uma tal Manoela Vetromile que o amava como filho e que procurou consolá-lo de sua aflição. Deus mesmo quis consolar o aflito menino. Na noite seguinte, viu Geraldo o arcanjo São Miguel por ele tão venerado, o qual lhe apresentou a sagrada partícula que o sacerdote lhe negara no dia anterior. Na manhã seguinte Geraldo narrou singelamente o ocorrido à sua protetora Vetromile, exclamando com viva satisfação: “Ontem o padre me não quis dar a santa comunhão, esta noite o arcanjo São Miguel me alimentou com a sagrada hóstia”.

Aos dez anos pôde Geraldo, com o consentimento do seu confessor, fazer como de costume, a sua primeira comunhão na igreja. Esse dia foi para ele de suma alegria. O seu coração inocente, santificado pelas mortificações e inflamado do amor divino, recebeu a Jesus com as melhores disposições e por isso o Hóspede divino não só o enriqueceu da plenitude de suas graças mas também lhe deu a gozar toda a doçura do alimento espiritual. Após a santa comunhão viram o pequeno Geraldo imóvel como em êxtase, deliciando-se todos na visão de seu rosto transfigurado durante todo o tempo da longa ação de graças. Desde então permitiu-lhe seu diretor espiritual receber a comunhão de dois em dois dias. Para me-

lhora-se preparar para esse ato de piedade, costumava ele purificar-se no santo tribunal da penitência e, não querendo terminar a ação de graças sem algum sacrifício, flagelava-se, depois dela, com cordas nodosas.

Mais ou menos na época de sua primeira comunhão coube ao santo um daqueles golpes, que embora comuns na vida humana, causam profunda dor, como se nunca fossem esperados. A morte levou a Domingos, pai de Geraldo, deixando a família em desoladora situação. A viúva, constrangida a procurar algum emprego para o filho, afim de conseguir o pão para si e para os seus, colocou-o numa alfaiataria, onde devia aprender o ofício de seu pai e ser o esteio da família. Com isso esvaiu-se o sonho que acalentava a Geraldo, de fugir do meio do mundo e entrar em um convento, onde pudesse, desimpedidamente, entregar-se ao espírito que nele operava, porquanto não sentia gosto em levar vida afastada da casa de Deus. Obediente como era submeteu-se prontamente à vontade de sua mãe, na certeza de que Deus tudo disporia para o seu bem.

O procedimento do santo na oficina de Martinho Pannuto — assim se chamava o mestre — foi exemplar em todo sentido. Pannuto admirava o seu aprendiz e amava-o como um filho. Geraldo aprendia com facilidade, trabalhava com aplicação mostrando-se sempre dócil e atento. Nada porém perdeu de sua vida interior e recolhimento de espírito. Enquanto suas mãos manejavam a agulha, o seu espírito concen-

trava-se em Deus e nas coisas divinas. Mais de uma vez deu-se o fato de ficar o trabalho parado e interrompido por causa dos seus arroubos celestiais. O mestre, muito piedoso, não levava a mal tais interrupções; ao contrário permitia-lhe toda a liberdade em seus exercícios de piedade, e regozijava-se em ter um santo por aprendiz. Em pouco tempo convenceu-se que pela aplicação redobrada de Geraldo ao trabalho, recuperava facilmente o tempo perdido por aquelas interrupções. Distinguia sempre a Geraldo que se mostrava pronto para o serviço e amigo da mortificação. Pannuto trabalhava muitas vezes até alta hora da noite, tendo sempre a seu lado, nessas ocasiões o fraco rapazinho, que quando o mestre abandonava a oficina, se acomodava sobre a terra nua nas noites que não podia voltar para casa. Geraldo não queria utilizar-se do leito reservado para essas eventualidades; quando Pannuto lhe chamava a atenção, respondia que para ele, aprendiz, melhor ficava o chão do que o leito.

Bem outros sentimentos do que Pannuto, nutria para com Geraldo, o sócio de seu mestre. Para esse homem cruel e malvado a piedade do Servo de Deus era como um espinho na garganta e despertava em seu coração amarga aversão e ódio. Qualquer parcela de tempo, que Geraldo empregava na oração ou passava na igreja, era para ele uma diminuição de trabalho e um crime; cobria-o de injúrias taxando-o de indolente. Não ficava porém só nisso: enfurecido muitas vezes dava-lhe bofetadas e pontapés. Geral-

do suportava tudo com grande paciência e dizia consigo: “Meu Deus, meu Deus, faça-se a vossa vontade”, por vezes, sedento de sofrimentos, dizia ao tirano: “Batei, batei mais, que tendes razão para isso!” Nunca lhe passou pela idéia um pensamento de queixa, embora o pudesse fazer livremente encontrando no mestre, que o estimava, um poderoso protetor; antes, pelo contrário, procurava ocultar-lhe todos esses acontecimentos desagradáveis. Sucedeu uma vez entrar Pannuto no momento em que o monstro o prostara por terra com seus maus tratos. O mestre exigiu esclarecimentos sobre o ocorrido e interpelou o sócio. Não podendo este justificar-se e contando com o silêncio do aprendiz, respondeu laconicamente que Geraldo mesmo poderia dizer o que lhe acontecera. Interrogado pelo mestre, Geraldo, cujo coração era nobre e reto, disse singelamente: “Mestre, cai da mesa”. Desta forma falando a verdade, mas não a verdade completa, satisfez ao mestre e poupou ao criminoso. Tanta generosidade não bastou para enternecer o coração de seu inimigo. Continuaram as crueldades. Mostrando-se, um vez, Geraldo contente e sorridente com uma bofetada recebida do sócio da oficina, este com fúria satânica bateu-lhe fortemente com um metro de ferro que tinha na mão. Tão veemente foi a dor, que o santo quase perdeu os sentidos; lançou-se aos pés do seu perseguidor dizendo-lhe com toda calma: “Perdôo-lhe por amor de Jesus Cristo”, e continuou o trabalho como se nada sucedera. O sorriso de Geraldo nesse mau trato não

era sinal de escárnio como poderia parecer, e como de fato supôs maldosamente o inimigo do rapaz. Era efeito de uma reflexão, rara em tais ocasiões, mas digna de um santo. O próprio Geraldo achou ocasião para dar disso a devida explicação. Ao voltar uma vez de sua igreja predileta de Capotignano, foi recebido pelo sócio da oficina com injúrias desumanas; calou-se e sorriu. O sorriso irritou ainda mais o monstro: “Tu te ris, disse, hás de me dar agora mesmo a razão do teu sorriso!” “Eu me rio — respondeu Geraldo — porque é a mão de Deus que me bate”.

Não se sabe quanto tempo duraram esses tormentos para o pobre aprendiz. Deus que queria provar o seu servo e prepará-lo para dons mais elevados, fez cessar a seu tempo todos esses maus tratos. Pannuto, que bem conhecia o rancor de seu companheiro contra o aprendiz, sem todavia poder demiti-lo, chegou enfim a tomar essa resolução. Uma vez o mestre seguiu o nosso Geraldo até a igreja, para mais de perto observar o seu procedimento; esperava certamente edificar-se com o aprendiz, mas a realidade excedeu a sua expectativa e comoveu-o profundamente. Depois de haver orado longo tempo, o rapaz prostrou-se por terra, beijou o pavimento da igreja e arrastando-se de joelhos passou a língua no chão até a proximidade do altar; lá reconcentrou-se em fervorosa oração até cair em êxtase e ficar imóvel, todo absorto em Deus. Comovido até as lágrimas, Pannuto voltou para casa com a convicção inabalável de que o seu aprendiz fruía os favores extra-

ordinários do céu, e não consentiu mais ter em casa o homem cruel que só tratava o amigo de Deus com o desprezo que se consagra à escoria da humanidade.

A paciente resignação aos maus tratos do sócio da oficina, não foi o único exemplo de virtude heróica de Geraldo na casa de Pannuto. O filho deste, José Antônio, narrou, mais tarde, um outro episódio, em que a mansidão do santo rapaz se manifesta com não menor brilho e esplendor. Uma tarde, Geraldo se apressava da vinha de Pannuto, onde estivera trabalhando, para o santuário de Capotignano que não era muito distante. Ao regressar à cidade, tomou caminho através dos campos, indo parar infelizmente em uma sebe espinhosa, onde alguns passarinhos construíram seus ninhos. Um caçador de atalaia estava ansioso para lhes fazer fogo, quando as aves, assustadas pela chegada de Geraldo, levantaram o vôo. Indignado sai o caçador de seu esconderijo, avança contra Geraldo e dá-lhe uma tremenda bofetada. Embora geralmente a surpresa nesses casos faça os homens comuns perder a paciência e a mansidão, Geraldo permaneceu calmo; lembrado do conselho evangélico apresentou a outra face. O caçador enfurecido, que naquele momento não se lembrou do Evangelho, tomando aquele ato de humildade por um atrevido escárnio, enraiveceu-se ainda mais e continuou a torturar a sua vítima. Felizmente apareceu o filho de Pannuto e com explicações conseguiu tranquilizar o caçador encolerizado. Este, reconhecendo

o seu erro encheu-se de admiração pelo rapaz e tornou-se um dos mais zelos panegiristas do virtuoso aprendiz de alfaiate.

## CAPÍTULO II

### **No palácio do bispo de Lacedogna**

O dia de Pentecostes em 1740 foi para o nosso Geraldo um dos mais importantes e abençoados de toda a sua vida. Nessa festa, 25 de junho, estava ele ajoelhado na capela das Clarissas de Muro ante o bispo de Lacedogna, Cláudio Albani, que com autorização do bispo diocesano lhe ia administrar o sacramento da crisma. A piedosa criança correspondia até então, do modo mais perfeito, à graça batismal; a graça da confirmação penetrou, qual fogo devorador e divino, em sua alma e o Espírito Santo assenhoreou-se totalmente de todos os movimentos do seu coração. Desde aquele instante tornou-se Geraldo, de modo todo especial, devotíssimo do divino Espírito Santo, devoção essa que durou até o fim da sua vida, podendo ele relatar mais tarde a seus confrades os mais belos traços a respeito dela. “Não passava um dia, ou antes nenhuma hora — assim reza literalmente uma relação — em que Geraldo não invocasse o Espírito Santo, o que mais acentuadamente se dava, quando necessitava de algum bom conselho ou quando tinha de dá-lo a outrem. Nos dias de Pentecostes, viam-no sempre tão jovial e de rosto tão corado como se não pudesse conter o júbilo que dele se apoderava interiormente. Os dias precedentes à festa, passava-os na mais rude mortificação, jejuando



a pão e água, flagelando-se e praticando outras penitências semelhantes; preparava-se com tão extraordinário fervor, que dava a aparência de querer incendiar as almas túbias com o fogo que o devorava.

Um outro efeito da Confirmação foi o desejo sempre mais ardente de se consagrar ao serviço de Deus na vida religiosa. Logo após a crisma, fez o santo um primeiro ensaio de entrar no convento, mas o projeto fracassou; o tempo, em que nos desígnios divinos ele deveria consumir o sacrifício, ainda não havia chegado.

Os padres capuchinhos tinham um pequeno convento nas proximidades de Muro. Era lá que Geraldo queria ingressar, pois que se sentia atraído pela simplicidade, humildade e recolhimento que lá reinavam. Esperava ser recebido com mais facilidade nesse convento por causa de um tio seu, que lá residia, o Pe. Boaventura, erudito e apreciado teólogo. Cheio de confiança apresentou ao guardião o desejo e o pedido de ser admitido no número dos noviços. O guardião porém não se pôde resolver a aceitar o rapaz nem a título de experiência; Geraldo era de constituição demasiado fraca para suportar os rigores da Ordem.

O santo teve que retirar-se profundamente entristecido por ver baldada a sua esperança de trabalhar na santificação de sua alma dentro do convento. Na despedida o tio, para consolá-lo, fez-lhe presente de uma roupa nova. O coração do jovem que mais pensava nas necessidades alheias do que nas próprias,

não considerava aquele presente como consolação, a não ser porque o punha em condição de socorrer os outros. E de fato não tardou a apresentar-se-lhe um indigente. Mal fechara a porta do claustro na despedida, encontrou-se com um mendigo muito mal vestido a rogar-lhe esmola pelo amor de Deus. Não foi preciso mais porquanto o pedido era feito a uma alma compassiva que também sofria. Geraldo despiu depressa a roupa que o Pe. Boaventura lhe dera e entregou-a ao pobre. A coisa porém não permaneceu oculta, chegou aos ouvidos do Pe. Boaventura que não ficou nada contente com a prodigalidade do seu sobrinho; mandou-o chamar e repreendeu-o fortemente. O jovem ouviu tudo calado mas não pôde deixar de, no fim, dizer uma palavra em sua defesa: “Meu tio, não vos irriteis comigo; vós não vistes a nudez daquele pobre de Jesus Cristo, a quem dei a roupa, estava mais necessitado do que eu; se o tivésseis visto, teríeis feito o mesmo que eu”.

Essa palavra que fazia lembrar o pobrezinho de Assis desarmou o Pe. Boaventura; o capuchinho calou-se edificado com os sentimentos nobres de seu sobrinho.

Se Geraldo não conseguiu começar na solidão do convento uma vida de abnegação própria e de sacrifício, achou para ela uma compensação no mundo. O bispo Albini de Lacedogna, que havia crismado Geraldo, era natural de Muro e andava à procura de algum conterrâneo seu para empregado de confiança — achou-o no nosso santo. Realmente

o bispo Albini precisava de um empregado santo. Esse prelado era de caráter altivo e de temperamento colérico, a ponto de se enfurecer por causas insignificantes; nesse estado maltratava seus súditos humilhando-os e exacerbando-os. Por esse motivo nenhum empregado lá permanecia por muito tempo. Quando se espalhou a notícia da proposta feita a Geraldo, amigos dele dissuadiram-no da aceitação, mostrando-lhe, que em sua simplicidade, ele estaria exposto necessariamente a maus tratos cotidianos. Geraldo porém sentia-se atraído a aceitar o emprego justamente por causa dos motivos, que os amigos julgavam próprios para o afastar; aceitou pois a proposta e passou de Muro a Lacedogna (1741) trocando a oficina de alfaiate pelo palácio do bispo.

Lá era ele a alma do trabalho doméstico; pronto para todo serviço, mostrava-se assíduo e zeloso procurando poupar a seu patrão qualquer motivo de queixa e acalmar os seus nervos enfraquecidos. Não o conseguiu de todo porque apesar do grande cuidado e de toda a boa vontade não faltaram, diariamente, repreensões, censuras e humilhações. Embora o prelado estimasse sinceramente o seu piedoso empregado, cumulava-o de ordens molestas e ameaçava-o de expulsão por qualquer falta insignificante. Nessas ocasiões, Geraldo, sorridente sempre e de olhos baixos, esperava calado a cessação da tempestade — e continuava o seu trabalho, como se nada houvesse sucedido. Nunca lhe passou pela mente a idéia de abandonar o seu patrão irascível. Quando

alguém lhe perguntava, como era possível suportar os caprichos, as veleidades e o procedimento repulso de seu patrão, costumava desculpá-lo atribuindo tudo à sua própria inabilidade: “O sr. bispo me quer bem, dizia, e eu desejo ser seu empregado até a morte”.

Tal conduta bastava para convencer os moradores de Lacedogna, de que o novo empregado do bispo era um grande santo. Mas eles sabiam também que Geraldo levava vida mortificada e praticava as mais raras virtudes.

No palácio episcopal de Lacedogna, Geraldo levava a vida de um monge em seu claustro. Os exercícios de piedade, a que se habituara desde os seus mais tenros anos, foram exercidos sempre com maior fervor. Todas as manhãs ajoelhava-se aos degraus do altar para assistir a santa missa ou receber a sagrada comunhão; encontrando, durante o dia, alguns minutos livres, empregava-os na visita ao SS. Sacramento. Isso impressionava vivamente a todos, que exaltavam o piedoso jovem exclamando: “Ó Geraldo feliz — ele é um grande santo”. Muitos imitando-lhe os exemplos puseram-se a visitar muitas vezes ao dia o prisioneiro dos tabernáculos.

Quanto à alimentação, continuou Geraldo a ser extraordinariamente parco; bastavam-lhe uns legumes e um pedaço de pão seco; quando sobravam ricos pratos da mesa episcopal, dava-os aos pobres ou levava-os aos doentes, a quem amava como membros padecentes de Jesus. Durante a sua esta-

da em Lacedogna, Geraldo passou sempre doente e atacado muitas vezes de dores físicas, por ele suportadas com a costumada paciência e resignação, procurando antes aumentá-las que diminuí-las. Um dia encontrou-se com o médico Lamorte. Estranhando a fraqueza de Geraldo, este deteve-o e perguntou-lhe como passava. “Muito bem”, respondeu Geraldo. O médico compreendeu que aquela resposta não era a expressão da verdade, porque pelas aparências, ele não podia achar-se tão bem; descobriu-lhe um pouco o peito para examiná-lo e verificou uma cadeia de ferro que tolhia ao jovem a respiração.

Em Lacedogna crescia dia a dia a consideração para com o santo, consideração que se converteu em veneração por um acontecimento presenciado por grande parte da população. O bispo saíra a passeio fora da cidade. Geraldo, tendo de ir buscar água do poço público que ficava próximo, fechou a casa e levou a chave. Quando Geraldo se inclinou para haurir a água, a chave escorregou e caiu no poço. Por uns minutos o pobre empregado ficou atônito e sem fala a borda do poço: conhecia o seu patrão e sabia que ele haveria de encolerizar se, ao voltar, não pudesse entrar em casa. Geraldo porém não tardou a recuperar a calma; pediu socorro ao céu, correu à catedral em busca de uma pequena estátua do Menino Jesus, que se costumava expor à veneração pública nas festas de Natal. Os curiosos se agruparam junto ao poço, olhavam com admiração para o empregado do bispo, pois ignoravam o que ele iria fazer com a co-

nhecida estátua. Geraldo tomou uma das cordas do poço, amarrou na ponta o Menino e lançou-o ao fundo rezando em alta voz: “Ah, meu amável Menino, podeis restituir-me a chave, fazei que eu torne a achá-la para que meu amo não se zangue ao voltar para casa”. Todos olhavam ansiosos para a estátua, quando Geraldo, pouco depois, começou a puxá-la para cima; ficaram pasmos e Geraldo estremeceu de alegria diante da estátua que trazia nas mãos a chave, recompensando assim a confiança de seu servo. Em triunfo levou Geraldo à igreja a imagem do Menino Deus. A notícia desse acontecimento milagroso espalhou-se por toda a cidade e o poço recebeu o nome de Geraldo, nome esse que se conserva até hoje.

A 25 de junho de 1744 faleceu o bispo de Lacedogna. Geraldo, que três anos o servira fielmente, chorou como um filho a sua morte e repetiu muitas vezes: “Perdi o meu melhor amigo, o meu bispo amava-me de verdade”. A fé viva de Geraldo fê-lo esquecer todas as rudezas do caráter do seu patrão, enquanto que o amor que sempre lhe consagrara jamais desapareceu da sua memória e o fez pôr o bispo Albini no rol dos seus maiores benfeitores e amigos.

Após a morte do prelado, Geraldo voltou a sua terra natal na idade de 18 anos. A saudade do claustro, tornando-se dia a dia mais forte, impeliu-o novamente ao convento dos capuchinhos: a resposta porém foi outra vez negativa. Em Lacedogna, ele torna-

ra-se, certamente, mais austero ainda consigo mesmo. Como a lividez do rosto e a macilência de todo o corpo não recomendavam o jovem, não foi aceito por doente e demasiado fraco para a vida do claustro. Desconsolado pelo fracasso dos seus planos, porém não desanimado, submeteu-se o Servo de Deus aos desígnios da Providência e voltou à alfaiataria em sua terra. Largo espaço de tempo trabalhou sob a direção do mestre Vito Mennona; só pelo fim do ano de 1745 é que começou a trabalhar independente na casa de sua mãe.

Na oficina de Mennona tudo lhe correu às mil maravilhas; era querido como um filho da casa e venerado como um santo. Embora fosse já conhecida a sua vida de milagres, a estima que lhe consagravam crescia sempre mais pelas novas manifestações de sua vida santa e privilegiada. Madame Mennona foi uma vez testemunha da eficácia da oração do servo de Deus. A um quarto de hora da cidade corre o riozinho Maffeo, para onde se dirigia a mencionada senhora em companhia de Geraldo para a lavagem da roupa; à tarde uma chuva forte interrompeu o trabalho, obrigando Geraldo e a senhora a refugiar-se debaixo de um rancho de palha. Como a chuva não cessasse e novas nuvens escurecessem o céu, a senhora, não podendo voltar para casa, começou a queixar-se e a derramar lágrimas afligindo não pouco o bom coração de Geraldo. Inspirado pela fé o servo de Deus sai do rancho, levanta seus braços para o céu e com confiança filial diz ao Senhor: “Que fare-

mos para voltar para casa?” Mal acabara de pronunciar essas palavras, cessou a chuva e as nuvens dissiparam-se, o céu clareou e Madame Mennona e Geraldo puderam regressar.

O velho Mennona, muitos anos mais tarde, falava ainda com entusiasmo do seu piedoso companheiro de trabalho, enaltecendo sempre a sua obediência, mansidão e caridade com os indigentes, mormente com as almas do purgatório. No tempo em que o jovem Geraldo já era irmão leigo da Congregação, foi Mennona várias vezes a Caposele edificar-se com sua santa vida, ouvir de seus lábios animação e conselhos e recomendar-se às suas fervorosas e santas orações.



## CAPÍTULO III

### **Louco de amor divino**

A oficina aberta por Geraldo em 1745 corria maravilhosamente; tinha fregueses não só em Muro mas também em Castelgrande que ficava perto. Todos amavam o piedoso e modesto alfaiate. Embora nem todos compreendessem a sua vida recolhida, e alguns estranhassem a esquisitice da sua conduta, ninguém podia apresentar queixa alguma fundada contra ele. Geraldo era a prontidão personificada; paciëntíssimo, quase em excesso, jamais entrou em contendas, mantendo sempre a mais escrupulosa seriedade em todos os negócios: nunca guardou para si coisa alguma, restituindo o restante ao dono, nem que fosse apenas um fio de linha. Os seus preços eram sempre razoáveis; trabalhava muitas vezes de graça para os pobres, e Deus o recompensava visivelmente por esses atos de desinteressada caridade. Um pobre levou-lhe pano para a confecção de um fato novo. Embora a fazenda não chegasse para tanto, Geraldo aceitou a encomenda e não só aprontou o fato mas restituiu ainda ao freguês o resto do pano; a fazenda crescera em suas mãos. O compassivo alfaiate gostava de trabalhar gratuitamente para os pobres, que denominava sempre “os pobres de Jesus Cristo” e reservava-lhes ainda parte dos seus pró-

prios lucros. Às vezes dava-lhes tudo; queria padecer fome para matar a dos outros.

Entre os pobres de Cristo enumerava não só os que padeciam miséria sobre a terra mas também as almas que se não achavam em condições de apresentar o “último ceutil” para a sua entrada na bem-aventurança; sentia-se docemente constrangido a socorrer, com seus poucos haveres materiais, as almas do purgatório em suas prementes e grandes necessidades espirituais. “As almas são pobres, muito pobres, dizia ele, e reclamam o nosso auxílio”. Muitas vezes (segundo outros: uma vez por semana) mandava celebrar para elas santas missas, e às vezes, diversas ao mesmo tempo. Aconteceu receber uma vez apenas cinco liras durante a semana inteira; não obstante deu tudo em benefício das almas, tendo por isso de jejuar a semana seguinte e contentar-se com uns poucos pedaços de pão duro.

A mãe não discordava de Geraldo em se tratando de socorrer os pobres, porém não podia aprovar aquela prodigalidade exagerada, que o fazia esquecer as próprias necessidades. Repreendia-o muitas vezes, pedindo pensasse na situação precária em que se achava, e não se esquecesse do futuro. Geraldo porém não se preocupava com esses cuidados; julgava mais dignas de imitação as aves do céu, que Deus sustenta e os lírios dos campos que Deus reveste, do que os homens que cogitam do seu futuro; dizia: “Minha mãe, Deus cuidará de mim; quem confia em Deus nunca sentirá falta de coisa alguma”.

A grande caridade de Geraldo para os seus semelhantes era a conseqüência necessária do amor divino que ardia em seu coração. Esse fogo celeste aumentava-se na medida que os anos passavam. As amargas horas da sua aprendizagem e do seu emprego em Lacedogna contribuíram para o aperfeiçoamento desse amor, que nessa ocasião se difundia por todos os lados produzindo magnífica florescência e exalando o mais delicioso aroma. Ao lado desse trabalho por Deus e pelo próximo era a oração a ocupação predileta de Geraldo. O lugar mais procurado era o sacrário onde habita o amigo da humanidade com a plenitude de seu divino amor; lá permanecia sempre que os seus trabalhos o permitiam e a obediência ou a caridade não reclamavam em outra parte a sua presença.

Logo pela manhã assistia a diversas missas na catedral, e quando lho permitiam, ajudava o padre ao altar; comungava ao menos três vezes por semana. O momento em que se devia ausentar de perto do sacrário para entregar-se ao trabalho era-lhe tão doloroso como a separação de um bom amigo.

Sempre que encontrava momentos de lazer corria à igreja em visita a Jesus sacramentado e lá permanecia extático e absorto à contemplação das profundezas do poder, amor e misericórdia divina. Preferiria a noite para os seus colóquios com Deus, porque então se sentia livre dos negócios terrenos e longe do rumor do mundo. O sacristão da catedral, seu parente, entregava-lhe às vezes a chave da igreja para

ele, desimpedido, fazer suas visitas ao SS. Sacramento — favor esse que Geraldo explorava ricamente.

Assim passou o Servo de Deus um ano inteiro edificando a cidade de Muro, quando a municipalidade se lembrou de carregar de impostos o exercício de sua profissão. Ao mesmo tempo um tal Lucas Malpiedi que em São Félix abria uma escola particular para rapazes e necessitava para isso de um alfaiate, pediu-lhe que o acompanhasse. Para evitar as molestas exigências municipais, Geraldo aceitou o convite e seguiu para São Félix pelo fim de 1746 ou começo de 1747. Lá estava ele livre dos impostos, porém mais exposto a insultos e provocações. Malpiedi nada entendia de pedagogia; em sua escola reinava a desordem e o desenfreamento. Geraldo fez o que pôde, mas infelizmente nada conseguiu, ao contrário, tornou-se o alvo das diabruras dos meninos sem educação e da má vontade do mestre sem habilidade. As seis ou oito semanas, que lá passou, serviram para provar rudemente a sua paciência. Suportar as zombarias e o desprezo dos garotos desenfreados era ainda mais relativamente fácil; mas os malvados maltratavam-no com torturas de toda a sorte, ainda mais que a reação de Geraldo consistia apenas em pedidos de compaixão. Malpiedi em vez de proteger o nosso Geraldo contra os maus tratos dos meninos, seguiu-lhes os exemplos atormentando e batendo desapiadadamente o nosso santo jovem. Geraldo porém, longe de perder a calma e a jovialidade cos-

tumada, parecia ter haurido desses contratempos uma verdadeira sede de novos sofrimentos e desprezos. O que agora vamos ouvir justifica essa conclusão.

Em fevereiro de 1747 Geraldo já havia novamente voltado para casa. Na quaresma, que começou pouco depois, ele estava resolvido a mortificar-se de verdade, para assemelhar o mais possível o Salvador em sua Paixão e em seus desprezos.

Acumulou penitências sobre penitências; as usuais não lhe bastavam, disciplinava-se muitas vezes até ao sangue; servia-se para isso de cordas molhadas e pedia a um certo Félix Falinga, seu confidente, que desempenhasse o papel de carrasco. Ele relatou mais tarde: “Sempre que eu o atava a um pilar de acordo com seu pedido, e lhe batia desalmadamente as costas, Geraldo abençoava-me, e quando eu compadecido afrouxava os açoites, pedia-me que batesse sem dó até correr sangue”.

A sua refeição habitual consistia em um pedaço de pão duro, que umedecia em um pouco d’água; não poucas vezes passava dias inteiros sem alimento; quando muito tomava umas frutas ou algum resto de comida esmolada na rua. Quando tomava as refeições usuais, isto é, uma espécie de sopa com legumes, julgava-se haver banquetado lautamente. Convidado para jantar em alguma família, desculpava-se pretextando inapetência; quando insistiam, reservava as comidas para os pobres e enfermos.

Esse rigoroso jejum de Geraldo custou bastante à sua compassiva mãe, que se lamentava e queixava amargamente. Geraldo porém dizia-lhe: “Não vos incomodeis, minha mãe, não tenho apetite e não necessito de alimento”. Geraldo não mentia porque o seu alimento eram ervas amargas, losna, centáurea e semelhantes, que levava sempre consigo em grande quantidade. Quando uma vez Eugênio Paschoal quis persuadi-lo a que se alimentasse para não morrer de fome, Geraldo respondeu que o seu jejum não era tão rigoroso, pois que levava sempre alimento na algibeira. Curioso, Eugênio examinou-lhe o bolso e encontrou raízes e folhas amargas e já em mau estado.

A consolação do céu e a ira do inferno eram companheiras inseparáveis das penitências de Geraldo. Estando uma noite a desabafar o seu coração, ardente de amor, diante do SS. Sacramento, ouviu do altar as palavras: “És um louco, Geraldo”. Reconhecendo logo a voz do seu amado Senhor, não pôde conter-se, respondeu com a candura que só a sua intimidade e ardente amor lhe permitiam: “Sois ainda mais louco, Jesus; fostes ainda longe conservando-nos ai preso por meu amor”. Uma outra vez Geraldo, inebriado de amor, aproximou-se do altar donde ouviu a voz divina: “Que estás fazendo, louquinho”. “Que quereis meu Deus — respondeu Geraldo, que quereis e porque me chamais assim? Fostes vós que me reduzistes a tal estado”.

De outro lado o inferno esforçava-se para fazer cessar essa união íntima com o céu servindo-se de ilusões aterradoras. Uma vez, quando Geraldo estava para entrar de manhã, na igreja, Satanás, tomando a forma de um cão a uivar e ranger os dentes, avançou contra ele ameaçando reduzi-lo a pedaços. Outro, que não o servo de Deus, teria fugido amedrontado; Geraldo porém, reconhecendo o inimigo, fez o sinal da cruz e afugentou o monstro. O mesmo fez ele outra vez quando o demônio se lhe pôs adiante qual lobo furibundo e ameaçador.

A proteção do céu e a ira impotente do inferno fizeram nascer em nosso santo aquela santa ousadia, com que ofereceu, nessa época, o seu coração à Rainha do céu, e com ela se desposou. Como vimos, Geraldo sempre nutriu terno e filial amor à Santíssima Virgem. Obra prima das mãos divinas, essa Beleza incompreensível e Bondade imensa arrebatou-lhe a alma; como Mãe de Jesus, Maria despertou nele admiração, encanto e veneração, como Dispenseira de todas as graças, atraiu a si com irresistível violência aquele coração sedento de perfeição.

Não se podia conservar afastado das imagens da Santíssima Virgem. Quando interrogado pela causa desse amor tão intenso, não sabia responder outra coisa senão: “A Madona arrebatou-me o coração e eu lho dei inteiramente”. Já na idade de doze anos Geraldo consagrara-se à SS. Virgem e é provável que já então fizera o voto de virgindade perpétua. Ao menos quando pessoas mundanas lhe perguntavam

indiscretamente, se ele não se queria casar, costumava responder: “Uma senhora de formosura encantadora será a minha esposa”.

A bênção dessa consagração manifestou-se na mais perfeita pureza de alma e corpo. Geraldo jamais se manchou de culpa grave; levou imaculada ao túmulo a inocência batismal; conseguiu até evitar a mancha do pecado venial, que nunca cometeu com plena advertência. Os seus confessores não encontravam matéria para a absolvição sacramental, e o Pe. Celestino de Robertis, que ouviu a confissão do santo nos últimos anos de sua vida, afirmava sentir-se humilde ao ver a seus pés aquele anjo do paraíso resplandecente de inocência e santidade. Quanto à pureza do corpo, Geraldo permaneceu sempre livre dos ataques da concupiscência. Foi essa graça com que a Virgem das virgens recompensou o seu servo virginal.



## CAPÍTULO IV

### **De caminho para o convento**

Não muito depois o santo jovem começou novamente a sentir o desejo ardente de abandonar o mundo e dedicar-se, na mais completa solidão, à penitência, meditação e trabalho manual como os anacoretas de outrora. A solidão parecia-lhe uma compensação da vida do convento, no qual não tinha esperança de ser admitido. A sua saúde não melhorara nos últimos anos, antes enfraquecera-se ainda mais devido às mortificações constantes; por isso temia com razão encontrar fechada a porta, se tentasse bater uma terceira vez. Na solidão, pensava ele, não encontraria empecilhos, apesar de sua constituição franzina; lá não seria pesado a ninguém e poderia, não obstante, levar a vida sacrificada de um religioso. Resolveu-se pois abraçar a vida de eremita. Não sabemos se para isso recebeu o consentimento de seu confessor, provavelmente era sua intenção tentar primeiro, para depois fazer o pedido definitivo, caso se saíssem bem.

Geraldo escolheu para esse novo gênero de vida, uma floresta pouco distante da cidade, numa região montanhosa; levou consigo um amigo que compartilhava dos mesmos sentimentos. Providos de pouca roupa, os dois jovens partiram de Muro, no dia para isso determinado, caminho à floresta solitária,

onde encetaram imediatamente a vida eremita em todo o seu rigor. A regra, que pretendiam observar, era austeríssima, não indigna dos padres do deserto. O dia era todo consagrado ao trabalho manual, aos exercícios de piedade e a um colóquio edificante; a noite ficava reservada para a meditação e as duras penitências. Poucas horas sobravam para o sono, que passavam não em cômodos leitos sob confortável teto, mas, quanto possível, ao relento. A respeito da alimentação reinava a mais completa frugalidade. Para fiel imitação dos antigos ermitães, que viviam de raízes e ervas silvestres, resolveram tomar por prato regular os morangos, raízes e ervas da floresta.

Embora a vontade dos dois ermitães fosse igualmente boa, não era igual nos dois a força para executá-la. Três ou quatro dias bastaram para desanimar o companheiro, que achou melhor voltar para casa. Geraldo, habituado desde a infância aos jejuns rigorosos e às austeras penitências, não querendo acompanhá-lo, ficou sozinho na floresta, contente pela solidão ainda mais completa, embora sentindo pela perda do seu amigo. — Com isso tinha ele ocasião de se entregar a Deus e à meditação mais desimpedidamente. Essa vida contemplativa na solidão eram as delícias da alma privilegiada de Geraldo, que a teria prosseguido até o fim de seus dias, se Deus assim tivesse disposto.

Porém poucos dias depois o confessor deu-lhe ordem terminante de abandonar a floresta e voltar para a casa de sua mãe e para o seu ofício. Na pala-

vra do confessor viu a voz de Deus; submeteu-se com habitual prontidão e regressou à casa para se dedicar aos trabalhos da oficina.

A sua vida no mundo dos dois anos antes de ingressar na Congregação, não se diferenciou da que levou na solidão; conservou sempre o mesmo fervor no serviço divino e na prática da caridade, a mesma obediência, a mesma conscienciosidade, a mesma humildade; só o seu zelo se incrementou e intensificou ainda mais. Se antes procurava promover a glória de Deus por meio dos sofrimentos e torturas de toda a sorte suportadas com resignação, agora empenhava-se em difundir-la e comunicá-la aos homens ativa e eficazmente.

Desta vez dedicou às crianças toda a sua solícitude; reunia-as freqüentemente, falava-lhes com eloqüência simples e atraente de Deus e das coisas divinas e afastava-as das más companhias por meio de divertimentos inocentes. Por vezes saía com elas em romaria à igreja de Capotignano, ou fazia excursões ao antigo templo dedicado a São Leão, onde instruía os maiores nas verdades da religião e ensinava aos menores o sinal da cruz, o Padre Nosso e noutras orações a Jesus e Maria.

O santo jovem era apóstolo não só fora, mas também dentro de casa para sua mãe e irmãs; recomendava-lhes com argumentos persuasivos o amor a Jesus, e a recepção freqüente dos santos sacramentos. Muitas vezes repetia-lhes as palavras que costumava dizer outrora aos seus companheiros de di-

vertimentos infantis: “Vamos visitar Jesus, o prisioneiro dos nossos tabernáculos”. Instruindo, animando e exortando insinuava às irmãs a prática constante das santas virtudes, e quando necessário, não hesitava em censurá-las e repreendê-las com toda a franqueza. Uma das suas irmãs parecia inclinada à vaidade e ao desejo de exibição, procurando vestidos novos e usando outros meios de chamar a atenção. Geraldo não podia aprovar esse procedimento; numa dada ocasião apostrofou-a com doçura e energia: “Minha irmã, lance ao fogo essas futilidades!”

De seu amor sempre crescente a Jesus Crucificado temos uma prova no fato que se deu no princípio da quaresma de 1749. Em Muro era costume exibir-se de tempo em tempo ao público, em quadros vivos, a história da Paixão. Essas representações tinham lugar na catedral; pessoas piedosas sentiam-se honradas quando escolhidas para representar um papel qualquer nessas ocasiões. Indizível foi a alegria de Geraldo ao receber convite, nesse ano, para fazer as vezes de Jesus Crucificado. No dia aprazado, ao começar a representação, o Servo de Deus mandou-se atar à cruz rogando aos que faziam as vezes dos carrascos que o tratassem com toda a crueldade possível; parecia ter-se esquecido completamente de que não se tratava ali de torturas, mas apenas de representação. Como já o conheciam, prometeram satisfazer-lhe a vontade, de sorte que ele apareceu na cruz num estado realmente lamentável. Impressão profunda causou ao público a vista do

santo jovem estendido sobre a cruz, em cujo rosto contemplavam todos a placidez piedosa e santa bem como a dor suportada em indescritível prazer; muitos choraram de comoção, como se visse o próprio Cristo crucificado. A mãe de Geraldo, que fora assistir o espetáculo, sem saber que seu filho lá teria o papel principal, ficou tão assustada e compadecida que perdeu os sentidos; Geraldo porém sentia-se inundado de prazer. Mais tarde ao voltar para casa, consolou os seus asseverando não ter sido nada aquilo, porquanto desejava sofrer por Jesus Cristo.

Almas que sentem necessidade de sofrimento, Deus costuma glorificá-la aos olhos do mundo na medida das suas dores. Já temos visto que o carisma dos milagres acompanhava Geraldo desde a infância e o tempo de aprendizagem. Agora porém revelou-se ainda mais admirável. Alguns dos milagres operados por Geraldo em Muro nessa época de sua vida imprimiram-se tão profundamente na memória de todos, que podemos narrá-los com todos os pormenores sem medo de engano ou erro.

Grande assombro causou aos moradores de Muro o milagre seguinte atestado por testemunhas de toda a confiança. Um dia passou o santo por um lugar onde se achava um prédio de construção e encontrou os operários de péssimo humor. Ao cortarem as vigas destinadas à construção, erraram no cálculo de sorte que elas não alcançaram de uma parede à outra. Geraldo informado do ocorrido sentiu compaixão e pediu a Deus tivesse dó dos construtores. Em

seguida mandou que tornassem a experimentar as vigas e as colocassem no seu lugar. Todos sabiam que Geraldo possuía força sobrenatural e que falava por inspiração divina; os construtores executaram à risca as ordens do santo, e — o milagre — as vigas alongaram-se prodigiosamente pela oração de Geraldo.

Uma outra vez Geraldo encontrou-se com uma senhora, por nome Juliana, triste e aflita à porta da casa. Tinha nos braços o filhinho Amato que gritava de dor; o pobrezinho caíra na água fervente e queimara-se nos braços e no peito. De nada valeram o óleo e a cera que a mãe despejara sobre as feridas. As dores da criança e o sofrimento da mãe enterneceram o coração de Geraldo; parou um instante, colocou a mão sobre o peito da criança e fez sobre ela o sinal da cruz. Após vinte e quatro horas Amato estava “fresco” e sadio como antes.

A senhora Manoela Vetromile, que já conhecemos como protetora de Geraldo, tinha em casa uma moça, parenta sua, por nome Ursula, a quem muito estimava por causa das suas excelentes qualidades como empregada de família. Essa jovem foi atacada de uma enfermidade crônica que zombava de todos os remédios e recursos médicos. Orçou definhava visivelmente, sendo por fim desenganada dos mais peritos médicos. Vetromile desolada, não encontrando mais remédios sobre a terra, recorreu à proteção do céu. Ia à igreja dos padres conventuais pedir a Santo Antônio a conservação e a saúde da sua em-

pregada, quando se encontrou com Geraldo. Ao perceber as lágrimas nos olhos da senhora e o abatimento em que se achava, perguntou-lhe o motivo da tristeza. Ao ouvir as queixas da pobre senhora e a causa porque se dirigia à igreja, o santo jovem consolou-a, mandou-a regressar para casa e fazer três vezes o sinal da cruz sobre a fronte da moça; “com isso, disse ele, a empregada ficará curada”.

A senhora, cheia de fé, executou as ordens de Geraldo. Mal acabara ela de fazer as cruces, a moribunda recuperou nova vida e, com admiração dos médicos e de toda a cidade de Muro, levantou-se completamente restabelecida.

\* \* \*

Aproximava-se, entretanto, o momento em que se deveria realizar o mais ardente desejo de Geraldo, isto é, de entrar no porto seguro da vida religiosa. A Congregação, para qual Deus o destinara como um dos seus primeiros e mais belos ornamentos, crescia, já há alguns anos, viçosa e pujante, combatida de tempestades violentas mas visivelmente amparada pela mão da Providência. Era a Congregação do Santíssimo Redentor. Geraldo tinha apenas seis anos de idade quando Santo Afonso de Ligório a fundou para a salvação de milhares de almas. Confortado pelos conselhos de homens sábios e santos abria a primeira casa em Scala, levando de vencida os obstáculos sem número que lhe embargavam os

passos; pouco tempo depois veio a fundação de Ciorani e não muito depois a de Nocera e de Iliceto.

Aos poucos associou-se ao venerando fundador uma valorosa plêiade de sacerdotes e leigos que, animados do seu espírito, começaram a realizar os planos por ele idealizados. A obra das missões crescia dia a dia em importância; Afonso não tardou em ser conhecido e querido como um verdadeiro apóstolo e amigo dos pobres. Multiplicavam-se as maravilhas do amor e do zelo de um lado, e os milagres da graça e da conversão do outro.

Os mais eminentes prelados notavam com alegria as expansões da novel Congregação; não só confiavam-lhe a pregação de missões e outros trabalhos apostólicos, mas empenhavam-se ainda em obter para suas dioceses casas do Instituto. Ao número desses amigos pertencia o arcebispo Nicolau de Conza, que, encantado por uma missão pregada sob a direção de Afonso em Caposele no mês de maio de 1746, ofereceu ao santo fundador, ainda nesse mesmo ano, o santuário de *Mater Domini* nas vizinhanças da referida localidade. Afonso aceitou a oferta.

Vinte anos antes, esse santuário fora oferecido ao santo provincial dos alcantarinos João José da Cruz, que recusou a oferta com a declaração de que não era a vontade de Deus que os seus religiosos entrassem naquele santuário, porque, vinte anos mais tarde, chegariam outros que se incumbiriam de promover com zelo a glória de Deus e o bem das almas.



Para primeiro superior da nova fundação designou Afonso em fins de 1747 o seu fiel companheiro Pe. César Sportelli, que possuía de modo eminente a virtude mais necessária para a fundação de um convento: irrestrita confiança na Providência divina. Embora os moradores de Caposele tentassem o impossível para levantar o convento e garantir a estabilidade da fundação, não o conseguiram pela absoluta falta de recursos. Os padres foram constrangidos a valer-se das esmolas dos fiéis das cidades e dioceses vizinhas para a construção do prédio; para isso muniram-se de uma carta de recomendação lavrada pelo próprio punho do arcebispo de Conza. O Pe. Francisco Garzilli, acompanhado do Irmão Onofre, recebeu a incumbência de fazer o peditório.

Em agosto de 1748 chegaram ambos à cidade natal de nosso Geraldo; foram os primeiros redentoristas, que lá apareceram. Já de primeira vista Geraldo, sentindo-se irresistivelmente atraído para eles, procurou chegar-se a esses religiosos e pôr-se em contato com eles. Era a simpatia da vocação. Geraldo sentia que vinha do céu essa sua aspiração e não hesitou em segui-la. Aproximou-se do Irmão Onofre, fez-lhe perguntas sobre a vida na Congregação e os exercícios de piedade e mortificações, por fim manifestou-lhe o irresistível desejo que tinha de entrar como irmão leigo. Onofre o pôs ao par de tudo, acrescentando porém que devia desistir do desejo de entrar no Instituto. “A nossa Congregação, disse ele, não é para vós, entre nós vive-se com muito rigor e

sofre-se excessivamente”. Onofre não conhecia quem se achava diante dele. Geraldo replicou-lhe com viva alegria: “É justamente isso que eu procuro”.

Embora o servo de Deus só tivesse recebido informações satisfatórias, não se atreveu a ir além, seja porque ainda lembrava vivamente da repulsa dos capuchinhos seja porque desejava submeter a uma nova prova a sua inclinação. Orou muito e não tardou a convencer-se de que aquela inclinação era a expressão da vontade divina. Quando pela Páscoa do ano seguinte os padres voltaram a Muro para uma missão, o servo de Deus já tinha clareza completa sobre a sua vocação.

Toda a população de Muro tomou parte ativa na missão, sobretudo Geraldo que, diariamente, se postava debaixo do púlpito a ouvir com religiosa atenção as palavras de fogo, mormente as do Pe. Paulo Cafaro, superior da missão.

Esse sacerdote, então reitor em Caposele, era o homem capaz de atrair a um santo como o nosso Geraldo. Munido do dom da eloquência apostólica, experimentado na ciência dos santos, dotado de um espírito muito bem caracterizado pelas palavras “ó morte, ó eternidade”, que repetidas vezes saíam de seus lábios, pregava as verdades da religião com expressão e unção produzindo nos extraviados o desejo de conversão e nos inocentes a resolução de servir a Deus com a mais completa dedicação e humilde obediência. Geraldo estava todo encantado. Os dias da missão correram perfeitamente de acordo com os

seus desejos: os seus frutos foram abundantes, operando-se nela a salvação de muitas almas; despertou-se novo fervor, o inimigo teve a sua derrota e a graça a sua vitória.

Dessa missão conservou-se na memória de todos um fato que nos mostra claramente o espírito penitente de Geraldo. Entre os exercícios usuais nas missões de então destacava-se a flagelação. Depois dos primeiros dias, preparados os ânimos para a contrição, reuniam-se homens na igreja no fim da pregação, e punha-se em prática o supracitado exercício. É claro que Geraldo lá não faltava, mas ao lado dele também se achavam outros, levados não pela sinceridade, mas pela maldade do coração. Eram dois rapazes que se aproveitaram da ocasião para maltratar o servo de Deus. Postados bem atrás dele, depois de apagadas as luzes e começado a flagelação, açoitavam com indizível crueldade as costas do inocente jovem. Geraldo tinha direito de se queixar desse procedimento inconveniente, mas preferiu calar-se e, sem mudar de lugar, suportou ainda por quatro ou cinco dias a rudeza daqueles rapazes atrevidos e maldosos.

Tomou a resolução de ingressar quanto antes na Congregação do Santíssimo Redentor, quis arrastar todos os obstáculos não descansando enquanto estes não fossem afastados. Durante a missão chegou-se aos missionários e procurou prestar-lhes pequenos serviços. No fim dela deu aos pobres o pouco que possuía para poder entrar, desprovido de tudo,

no estado de perfeição. Abriu-se afinal ao Pe. Paulo Cafaro, superior da missão, e declarou-lhe o desejo ardente que tinha de acompanhá-lo como irmão leigo da sua Congregação. Fácil era convencer-se da sinceridade de Geraldo e da sua piedade, mas difícil acreditar na sua vocação; a sua excessiva fraqueza contrastava demais como estado de irmão leigo. A resposta do Pe. Cafaro foi negativa, fazendo-o desistir do pensamento de entrar na Congregação. Embora o conselho fosse razoável, Geraldo, não podendo resistir à voz do céu, prorrompeu em prantos, porém em vão. Voltou uma e mais vezes aos missionários com o mesmo pedido, conjurou-os a que o recebessem ao menos a título de experiência e não desanimou diante das respostas sempre negativas.

A mãe ficou sabendo do intento do filho; este mesmo lho manifestou quando interrogado pelo motivo da sua tristeza. Foi uma nova tempestade que desabou sobre ele. A mãe, embora piedosa e temente a Deus, não podia suportar o pensamento da separação de seu filho. Subjugada pela voz da natureza fez o que pôde para frustrar o plano do jovem e impedir a realização do seu intento. Começou a combater o coração de Geraldo com as armas da ternura maternal; com lágrimas nos olhos e voz entrecortada de soluços pediu-lhe não a abandonasse, pois que mesmo no mundo ele podia amar e servir a Deus, e que se recordasse do dever que tinha de ampará-la. Com a mãe pediam e choravam as irmãs, de sorte que o moço ficou de fato embaraçado. Geraldo era

muito afeiçoado aos seus, porém amava incomparavelmente mais a Jesus que dele exigia abandonasse a casa, mãe e irmãs para se entregar sem reserva. Abafava pois todos os sentimentos naturais e procurava consolar a mãe e as irmãs convencendo-as de que não poderia agir de outra forma. Entre outras coisas dizia ele: “Tenho de procurar-me um lugar onde eu possa dizer com verdade: aqui sou todo para Deus, que exige o sacrifício de todos os sentimentos do meu coração”.

Inconsolável pelo fracasso de suas súplicas e lágrimas, a mãe foi ter com o Padre Cafaro para que não aceitasse seu filho na Congregação. O amor, que consagrava a Geraldo, tornou-a eloqüente, mas o excesso da afeição fê-la exagerar. Pintou com as mais vivas cores a sua pobreza e a necessidade de amparo por parte do filho, esforçou-se para demonstrar o inconveniente da resolução de Geraldo e, com suas lágrimas tentou bandear os missionários para o seu lado. O Pe. Cafaro não precisava desses motivos nem dessas lágrimas; ele nem cogitara de aceitar a Geraldo; ao contrário estava resolvido a resistir as importunações dele; pôde pois consolar a mãe chorosa e despachá-la com a declaração de que absolutamente não tencionava admitir Geraldo na Congregação. Sabendo porém a resolução inabalável que o moço tinha de associar-se aos missionários, aconselhou à mãe que não deixasse Geraldo sair de casa na hora da despedida.

Esse conselho foi seguido à risca; na hora da partida dos missionários, Geraldo estava preso dentro do quarto no lar materno. Mas que pode a prudência humana contra o amor engenhoso e ousado dos santos?

Mal se tinham posto os missionários a caminho para Rionero, onde iam abrir a missão, ouviram a voz de um jovem que lhes corria atrás e chamava: “Esperai, meus padres, esperai que eu vou”. Supunham ser uma ilusão, mas era a pura realidade, era a voz de Geraldo que corria, a bom correr, a seu encontro.

Achava um meio de evadir-se da prisão: serviu-se do lençol da cama para se escapar pela janela sem ser percebido por ninguém. Em uma carta anunciou a sua fuga com a observação de que iria tornar-se um santo e pedia aos seus que se não lembrassem mais dele. O Pe. Cafaro e seus confrades estavam pasmos diante daquele procedimento heróico do jovem Majella, e cheios de compaixão por tê-lo de rejeitar mais uma vez, porquanto não ignoravam o motivo porque vinha. E de fato o Pe. Cafaro não o quis aceitar e despachou-o novamente para Muro; mas o santo não se perturbou e chorando continuou a pedir: “Experimentai-me primeiro, e se eu não servir, despachai-me”.

Com esse desejo ardente de ser admitido, acompanhou os missionários até Rionero, onde renovou com insistência e lágrimas o seu pedido ao superior dos missionários. Continuou assim nos dias seguintes, esperançoso sempre, porém sempre rejeitado,

até que por fim se lançou aos pés do Pe. Cafaro com humildade capaz de enternecer os rochedos. “Meu padre, se me não aceitardes entre os vossos irmãos, ver-me-eis todos os dias entre os pobres à porta do convento a pedir esmola; mas eu peço encarecidamente, que me experimenteis; se eu for julgado inepto para o serviço, despedi-me definitivamente”.

Essa linguagem modesta e resoluta subjuguou o Pe. Cafaro; embora não convencido da aptidão de Geraldo para a vida de irmão leigo, achou bom ceder de algum modo às suas instâncias para não ferir ao extremo tão nobre coração. Admitiu o santo jovem para a prova desejada e escreveu ao Pe. Lourenço d’Antonio, reitor de Iliceto, estas poucas linhas: “Envio-vos um irmão inteiramente inútil para o trabalho por ser muito fraco de compleição, não pude rejeitar incondicionalmente a sua admissão por causa das instâncias reiteradas a mim feitas e da consideração em que ele é tido em Muro”. Essa cartinha, pouco recomendável, inundou de contentamento indescritível a Geraldo que a recebeu com a ordem de se dirigir ao convento de Iliceto. Parecia-lhe um passaporte para o paraíso.

## CAPÍTULO V

### O Irmão leigo

Após recebimento daquela singular carta de recomendação, o santo jovem partiu sem detença para Iliceto. O caminho não era nada curto, exigia um dia inteiro de viagem a um bom caminhante; mas para Geraldo, livre de outras preocupações e absorto em santos pensamentos e planos, a longa caminhada pareceu agradável viagem de recreio.

Ao avistar de longe de longe o convento dos redentoristas inundou-se de alegria e apressou o passo. Foi, muito provavelmente a 17 de maio de 1749, num sábado, que o santo transpôs os umbrais do convento onde devia, por uns anos, levar uma vida admirável e santa e preparar-se radicalmente para a vocação que Deus lhe dera. Penetremos com ele o claustro e examinemo-lo um pouco, que será para nós interessante conhecer de perto o lugar das virtudes e prodígios, que serão o objeto das nossas dissertações.

O convento dos redentoristas de Iliceto na diocese de Bovino estava situado sobre uma colina perto da vila, que lhe dava o nome, na orla de uma floresta denominada Vallinvincoli. Fora outrora residência dos monges de Santo Agostinho fundada pelo bem-aventurado Félix de Corsano. Conservava-se ainda, no lugar, como recordação desse homem de Deus,



uma gruta de pedra abaixo do convento, onde Félix fazia suas orações e penitências. Junto à casa erguia-se a pequena igreja de Nossa Senhora da Consolação, onde afluíam os moradores de Iliceto e das vizinhanças para o culto da Madona.

Pelos fins de 1744, Santo Afonso pregou uma missão em Iliceto e teve ocasião de visitar esse santuário. Encantado pelo aspecto da igrejinha tão devota e pela solidão de Vallinvincoli declarou-se disposto a aceitar o convento abandonado dos agostinhos e a transformá-lo em casa de sua Congregação. No ano seguinte, por ocasião da fundação, foi recebido com seus confrades pela população inteira e pelo venerável servo de Deus Monsenhor Antônio Lucci, bispo da diocese de Bovino. Dois anos residiu Afonso em Iliceto, todo entregue ao estudo e à contemplação.

A solidão do convento era de fato muito favorável ao estudo e mais ainda à vida ascética. O rumor do mundo não conseguia penetrar naquela casa silenciosa, sobre a qual pairava a consagração de um santo passado e onde se fruía a paz e o sossego necessário para as necessidades espirituais da alma. “Na nova casa de Nossa Senhora da Consolação — escreveu o Pe. Cafaro — julgo partilhar a sorte feliz dos ermitães do Egito. Voltando das missões pregadas no inverno ou na primavera, gozamos de uma vida tão tranqüila, solitária e afastada do barulho do mundo, que não ficamos sabendo nada do que se passa lá por fora; estamos completamente isolados do convívio dos homens, no centro de uma floresta

onde é puro o ar e agradável a vida; a nossa solidão bem se poderia comparar com a montanha pedregosa que São Pedro de Alcântara se escolheu para lugar das delícias. Louvado seja Deus que para cá me conduziu”.

Foram também essas as palavras com que Geraldo entrou no convento de Iliceto. Não cessava de agradecer a Deus a consecução da graça pela qual tanto suspirara, e à Virgem da Consolação o prazer que lhe proporcionara após tantas angústias e provações.

Logo depois da sua chegada, o nosso santo foi prostrar-se diante do altar da SS. Virgem, agradecer-lhe de coração e protestar-lhe fidelidade até a morte naquela casa sagrada sob o manto de sua proteção materna. Não podendo conter a sua satisfação íntima, chorou de alegria cobrindo de beijos as paredes do convento.

Os padres e irmãos observavam a alegria do recém-chegado, entristecidos com a convicção de que, em breve, ela se converteria em dor, pois que o jovem lá não poderia permanecer muito tempo. Isso dava a entender a carta do Pe. Cafaro e mais ainda a fraqueza visível de candidato.

Essa primeira má impressão, causada pelo exterior de Geraldo e pela carta do Pe. Cafaro, não tardou a modificar-se. Com espanto convenceram-se todos de que, longe de ser um “irmão inútil” e apenas um jovem piedoso, era Geraldo um excelente homem de trabalho que Deus lhes enviara. O santo desem-

penhava todos os serviços com prontidão e presteza como se gozasse saúde de ferro e tivesse compleição de aço. Quando o Pe. Cafaro, que o enviara a Illiceto, foi para lá transferido como reitor da casa em outubro de 1749, em vez do que esperava, só ouviu louvores a respeito do irmão.

Não sabemos com certeza o dia exato em que Geraldo tomou o hábito religioso. Foi sempre costume na Congregação deixar à paisana, ao menos seis meses, os que entravam para irmãos leigos; às vezes, conforme as circunstâncias, tinham eles de esperar ainda mais tempo, em suas vestes seculares, antes de envergar o hábito, estavam porém sob a direção do mestre de noviços que os devia provar e encaminhar para a virtude no claustro. Quando aprovados, recebiam o hábito e faziam o noviciado de seis meses. Transcorria então mais ou menos tempo até serem admitidos ao segundo noviciado que terminava com a emissão dos votos. Não temos motivo para supor que se tenha feito alguma exceção para Geraldo quanto à tomada de hábito; podemos porém ter certeza que a anteprova não ultrapassou os seis meses costumados. A julgar assim Geraldo tomou o hábito de Santo Afonso em fins de 1749.

Desde esse momento era ele noviço da Congregação; a sua tarefa era pois familiarizar-se com o espírito religioso e transfundir em si o da Congregação do Santíssimo Redentor. Para um homem, que passara já pela escola da vida espiritual, não era isso empresa difícil. Logo nos primeiros dias da sua vida

conventual compreendeu o que quer dizer “irmão servente da Congregação” e viu pairar vivo ante seus olhos o ideal a que devia aspirar.

Na sua opinião, bom irmão leigo é aquele que sabe unir o trabalho manual à oração e aos exercícios de piedade, e que acha meios de santificar todo e qualquer trabalho, transformando-o em oração pela boa intenção e condimentando-o com fervorosas preces jaculatórias. O bom irmão ocupa-se da manhã, à noite; não conhece horas de lazer; serviçal em tudo não desdenha nenhum trabalho nem despreza nenhuma ocupação por desagradável que seja, sempre pronto a ajudar e servir. A impaciência produzida naturalmente pelo trabalho, ele a reprime com facilidade e alegria, fruto dos corações sempre retos; com satisfação começa e termina as ordens recebidas; aparece na cozinha, refeitório, oficina, portaria ou coro, sempre a tempo e sem intrometer-se nos serviços alheios; não tem apego a nenhum ofício nem teimosia na escolha de trabalhos mais apeteceíveis. Modéstia, humildade, simplicidade, tranqüilidade, amor ao silêncio e recolhimento de espírito são as virtudes que o distinguem, e nelas não se deixa exceder por ninguém, mormente na obediência e respeito aos superiores. O bom irmão leigo é como a mão e o pé do superior, os quais se movem sem raciocinar nem resistir conforme a vontade deste, pois que o irmão submete inteiramente o seu juízo ao da autoridade. Modelo vivo de amor fraterno, cuida zelosamente das necessidades alheias, antepondo-as às suas pró-

prias, e isso tudo na mais exata observância da pobreza. Aos doentes trata com desvelo maternal; aos hóspedes serve e edifica deixando-os na convicção de que existe uma enorme diferença entre um empregado e um irmão. Do mundo pouco sabe o bom irmão leigo; não entretém relações com ninguém, a não ser as do seu ofício; podendo dizer às vezes uma palavra edificante e fazer algum bem às almas, ele a diz e o faz de boa vontade; não se arroga os direitos dos padres; antes é para eles um outro João Batista que lhes prepara o caminho com humildade e simplicidade. Tal é o irmão leigo piedoso e serviçal; a esse ideal Geraldo queria atingir desde o início da sua vida religiosa.

Felizmente não faltavam irmãos, que na Congregação haviam já atingido essas alturas, aos quais podia Geraldo tomar por modelo e imitar passo a passo na prática das virtudes. Embora a Congregação contasse apenas vinte anos de existência, havia já enviado ao céu diversos irmãos leigos verdadeiros heróis de santidade.

Essa vantagem que nosso noviço tirava dos excelentes modelos que o rodeavam crescia pela circunstância de, na pessoa do Pe. Cafaro, possuir Geraldo um diretor espiritual de incomparável valor.

O Pe. Paulo Cafaro, nascido em Cafari, a 5 de julho de 1707 passara inocente e puro sua infância e mocidade e entrara bem cedo para a vida religiosa. Consagrava diariamente, todas as tardes, duas horas à oração diante do tabernáculo; jejuava muitas vezes

a pão e água, usava cilícios, macerava o corpo não só com cordas comuns, mas às vezes com feixes de agudos espinhos. Aos 28 anos foi nomeado vigário de uma paróquia, onde se esforçou, durante cinco anos, com tanto zelo e escrúpulo, que se mereceu dos colegas o nome de “*Sollicitudo omnium ecclesiarum*”, solicitude de todas as igrejas. Receando o peso da responsabilidade renunciou o seu posto de cura d’almas, ingressando pouco depois na Congregação fundada por Santo Afonso, na qual em pouco tempo se distinguiu pelo progresso espantoso em todas as virtudes. Embora incansável no trabalho pela salvação das almas, achava sempre tempo para se entreter com Deus na oração. A vontade divina era a sua vida, de sorte que Santo Afonso pôde testemunhar dele: “A única paixão do Pe. Cafaro era cumprir a vontade de Deus”. No fim de sua vida Deus provou-o como aos grandes santos: assaltaram-no trevas medonhas e sofrimentos interiores, cuja grandeza excede a compreensão até dos mais experimentados. Santo Afonso, conhecedor desse estado espiritual do Pe. Cafaro, obrigado pelo sigilo a não revelá-lo, afirma que os seus sofrimentos, se fossem conhecidos dos outros, seriam de molde a enternecer os próprios rochedos. Esse horrível martírio durou os seis últimos anos da sua vida; era já vítima dessas provações quando recebeu a direção espiritual de Geraldo. Santo Afonso considerava o Pe. Cafaro como uma das principais colunas da Congregação, pedia-lhe conselhos e deixava-se guiar por ele nos negócios da sua

consciência. Por ocasião da doença mortal do Pe. Cafaro, Afonso fez o possível para salvar-lhe a vida; rezou, prescreveu orações especiais a todas as residências da Congregação e dirigiu-se para esse fim a muitos outros conventos de religiosos e virgens consagradas a Deus. Mas o Senhor tinha outros desígnios. A 13 de agosto de 1953 faleceu o Pe. Cafaro em Caposele santamente como tinha vivido. Afonso sentiu amargamente a sua morte, adorou os juízos de Deus e deu expansões ao seu coração ferido, compondo um dos mais belos hinos sobre a conformidade com a vontade divina. Mais tarde ele mesmo escreveu a biografia desse santo sacerdote.

Tal era o homem a quem Geraldo confiou a direção da sua alma quando resolveu tornar-se um santo irmão leigo. Na expressão de um biógrafo, o Pe. Cafaro conservou o nosso santo “sob uma vara de ferro”; cuidou com escrupulo em reprimir-lhe completamente a vontade própria e as inclinações naturais; a Geraldo não era permitido afagar a natureza corrompida. Com as mortificações do santo estava o Pe. Cafaro inteiramente de acordo, incentivava-as, mas exigia submissão incondicional ao seu juízo e aprovação; não era intenção sua atormentar ou desanimar a Geraldo, mas sim, conservá-lo na humildade e obediência e amparar essas virtudes contra os ataques do inimigo.

Esse procedimento enérgico correspondia, aliás, aos desejos do santo, que se tratava e julgava como igual rigor. Durante os primeiros exercícios espirituais

em Iliceto, Geraldo escreveu a seguinte seria exortação, que julgou dever fazer a si mesmo: “Lembra-te, Geraldo, que Deus te tirou do mundo e colocou, como a um novo Adão, no paraíso da Congregação para trabalhares e executares os mandamentos divinos e os conselhos evangélicos que possues na santa Regra. Ai de ti se as desprezares; o teu castigo seria — o que Deus não permita — o abandono da Congregação e conseqüentemente a condenação eterna”. O santo nunca se afastou do sentimento expresso nessas graves palavras.

O trabalho, zelo e prontidão demonstrados nos primeiros dias em Iliceto, não foram fogo de palha; Geraldo foi sempre um trabalhador aplicado e valeroso; diziam com razão que ele era mais operoso que todos os outros e até que trabalhava por quatro. A princípio ocupava-se o servo de Deus quase só com o jardim, trabalho esse novo para ele e não pouco incômodo. Apesar disso era sempre ágil e pronto para tudo, lidava com a enxada e o ancinho como se sempre os manejava, e ficava pronto com o serviço antes dos outros que trabalhavam ao seu lado; corria em seguida em auxílio dos mais vagarosos, dizendo com amabilidade: “Deixai-me fazer o serviço, que sou o mais moço”. Quando não podia prestar serviço aos outros procurava trabalho, consertando as paredes, ajuntando material para a construção etc.

Esse trabalho, entretanto, seria pesado demais e prejudicial a São Geraldo, se durante ainda muito tempo. Felizmente um dia o Pe. Cafaro observou, da



sua janela, o zelo espantoso do seu noviço no cultivo do jardim e o pouco cuidado que tomava com sua saúde e poucas forças; chamou-o e dispensou-o daquele trabalho, prometendo-lhe uma outra ocupação.

Ao terminar Geraldo o seu primeiro noviciado de seis meses, mais ou menos no verão de 1750, foi-lhe confiado o ofício de sacristão. Essa permuta o satisfez plenamente. Trabalhar na igreja, seu lugar predileto sobre a terra, não era senão honra e prazer. É fácil imaginar com que desvelo Geraldo desempenhava o seu novo ofício. A igreja de N. Sra. da Consolação nunca teve, nem antes nem depois, um sacristão melhor; cinqüenta anos mais tarde falavam ainda em Iliceto desse santo e consciencioso sacristão; nunca a igreja esteve tão limpa e asseada, nunca o altar se adornou com tanto gosto e capricho como no tempo dele. A pobreza da casa não lhe punha obstáculo; a sua piedade engenhosa sabia dispor os poucos enfeites com tanta arte que os visitantes, já à primeira vista, se maravilhavam com a elegância dos adornos. O Pe. Camilo Ripoli diz no processo de beatificação: “Todos os nossos padres velhos contaram-me que o venerável irmão era um sacristão consumado. Sabia adornar a igreja com tanto gosto e conservá-la tão mimosa, que nunca mais foi possível achar um irmão que o igualasse no ofício”.

Com a sacristania tinha Geraldo a seu encargo a alfaiataria onde confeccionava as batinas de seus confrades, remendava-as etc. Também aqui foi Geraldo um modelo recomendável em todo o sentido;

procurava servir a todos com prontidão até nas coisas mais insignificantes. Munido de fé viva via Deus na pessoa dos confrades que vestia, e em todo o seu trabalho em culto mais divino do que humano.

Sempre que suas ocupações lhe permitiam alguma folga, procurava assistir os que necessitavam de auxílio. Um propósito escrito mais tarde por Geraldo, mas que lhe servia de norma já então, reza assim: “Se eu vir um padre ou irmão precisar de auxílio, deixarei tudo para lhe ser útil a não ser que a obediência não m’o permita”. Quando não se achava ocupado na igreja nem na oficina, ajudava ora o cozinheiro, ora o refeitoreiro, ora o porteiro e procurava ser-lhes útil em tudo. O irmão padeiro da casa afadiga-se demais com o seu ofício; Geraldo auxiliava-o incansavelmente dizendo sempre ao companheiro fatigado: “Deixai-me trabalhar, que sou moço, ide descansar que eu darei conta do serviço”.

Em toda essa operosidade e desejo de ajudar a todos, esmerou-se em nunca lesar a caridade. A atividade era nele virtude e não paixão; estava por isso longe da arrogância que pretende entender tudo melhor, impor-se aos outros e intrometer-se no serviço alheio, molestando o próximo. Ele mesmo formulou-se, nesse sentido, o seu propósito firme nas seguintes palavras: “Nunca me hei de intrometer nos negócios dos outros, nem dizer: este trabalho é mal feito etc.” Na prática da caridade foi exato e minucioso ao ponto de escrever em seus propósitos: “Mesmo nos serviços mais insignificantes como varrer a casa, car-

regar pesos e semelhantes, hei de me escolher o serviço mais incômodo ou tomar a ferramenta menos boa, deixando as melhores para os companheiros”.

Essa vontade e prontidão em servir do nosso irmão leigo não obedecia à falsa subserviência que se encontra em pessoas que trabalham por amor ao lucro ou por adulação: era expressão de verdadeira e profunda humildade. Embora Geraldo fosse sempre amante da modéstia, no seu novo estado dedicou-se a ela de modo tal, que parecia não possuí-la, mas ser possuído por ela. Os confrades davam-lhe o nome de “Modelo da humildade”, distinção essa que ele bem merecia, porquanto todo o seu procedimento, o seu semblante as suas palavras, as suas ações eram iluminadas pela humildade sincera. Embora não costumasse falar da própria pessoa a não ser, uma ou outra vez, por acaso ofereciam-se ocasiões em que Geraldo traía a opinião que de si fazia; denominava-se então o último e pior irmão, um miserável, o pecador mais desprezível, um nada. O que possuía de bom atribuía-o exclusivamente à excessiva bondade e misericórdia divina. Tinha-se por indigno de se chegar a Deus: eis porque às vezes durante a oração era tomado de consternação, pavor e confusão; afirmava até ser o inferno lugar bom demais para ele. “Acho-me cheio de pecados, escreveu, rogai a Deus que me perdoe; todos convertem-se, só eu permaneço obstinado! Conjuro-vos que façais mortificações por minha intenção para que Deus tenha dó de mim e me receba em seu santo amor”. Uma outra vez ex-

ternou-se a um confidente: “Eu já nem sou homem; tornei-me como um irracional deixando-me dominar por minhas paixões e inclinações”.

Diante disso compreendemos facilmente o desagrado que sentia ao ouvir alguém louvar as suas grandes virtudes ou gloriar as suas boas qualidades; tais conversas constituíam quase um pecado em sua opinião, interrompia-as sempre que podia. Do outro lado amava sinceramente as injúrias e os vitupérios. Os insultos que lhe faziam chamando-o de louco ou tolo, pareciam-lhe música suave e deliciosa ao ouvido. Dizia não merecer o pão que lhe davam; contentava-se com o resto das comidas, sendo-lhe indiferente tomar as refeições de joelhos ou junto com os gatos; desejava o desprezo, maus tratos e os serviços mais baixos; preferia os trabalhos de que os outros fugiam, e que eram menos aptos para satisfazer a vaidade.

As humilhações, de que os superiores o cumulavam, suportava-as com assombrosa calma, convencido de que as merecia; nunca se defendia, embora isso lhe fosse fácil. Achava que o homem nunca deveria falar de humilhações.

“O homem, dizia, é um verme; se Deus não o governar e proteger com sua onipotência e providência, ele não passa de um puro nada; por isso não deve dizer: eu me humilho, pois que quem assim fala, já se tem na conta de alguma coisa. Só Jesus podia dizer que se humilhou: o Deus infinito tornou-se homem; embora Senhor, converteu-se em escravo”.

Não menos perfeito era o santo na obediência. Poder-se-ia chamá-lo o “santo da obediência”. No noviciado e durante a sua permanência em Illiceto praticou-a com tanta perfeição, que essa virtude se tornou uma das mais belas qualidades.

Antes de tudo submetia-se à Regra com a docilidade de uma criança; estimava-a tanto que não só a lia e meditava, mas ainda procurou decorá-la, de sorte que a sabia inteirinha de cor não só no seu sentido e conteúdo, mas até verbalmente. “Se a Regra se perdesse, diziam os confrades, o Irmão Geraldo poderia facilmente recompô-la de memória”. Na observância regular servia de modelo a todos; era tão escrupuloso nesse ponto que — embora a isso não fosse obrigado — passava parte da noite a repor certos exercícios que não podia fazer durante o dia; mesmo nos pontos de pequena monta conservava-se preso às prescrições da Regra. “Qualquer pequena falta, dizia ele, conduz a uma grande; a primeira transgressão prepara para a segunda, a terceira etc., e assim se cai no abismo”. Uma das suas orações mais frequentemente repetidas era esta: “Senhor, dai-me força para observar fielmente a vossa lei; se eu tivesse a desgraça de desviar-me dela um triz, em breve dela me afastaria muito, porquanto deixais cair em faltas graves a quem levemente despreza pequenas culpas”. A respeito das transgressões da Regra disse uma vez a seus confrades: “Irmãos, executemos com escrupulosa exatidão até os pontos mais insignificantes, se não quisermos cair em culpas graves, que

Deus permite em castigo nosso”. “Deus pune, disse, o desprezo das pequenas faltas permitindo a queda em pecados graves, como sucedeu a Davi que era entretanto um homem segundo o coração de Deus”.

As ordens dos superiores tinham para Geraldo a mesma importância da Regra, porque naqueles como nesta não via senão a expressão da vontade divina.

“Meu Deus, diz ele em um dos seus apontamentos, por amor de Vós obedeci a meus superiores, como se tivesse a vós mesmo diante dos meus olhos a dar-me ordens; viverei entregue à prudência e à vontade dos que me governam. A obediência aos meus superiores — disse com plena convicção — deve ser minha guia ao céu. A vontade do meu divino mestre e a dos meus superiores, são para mim a mesma coisa”.

Penetrado desses sentimentos entregou-se Geraldo inteiramente à direção de seus superiores, renunciando a sua vontade própria até nos pontos sem importância: “Ah, dizia ele, porque perder nessas pequenezas o mérito da obediência?” Um aceno, um gesto, um olhar era suficiente para o submeter aos desejos do superior. “Ele adorava em certo modo os pensamentos de seus superiores”, diz o seu biógrafo Pe. Tannoia.

A pureza dos motivos que guiavam o nosso santo no exercício da obediência, mostrou-a ele indubitavelmente no caso seguinte: Pelos fins de seu primeiro noviciado (abril de 1750) achava-se o Pe. Cafaro em Melfi pregando missões. Como todos os mis-

sionários mais antigos da casa tinham acompanhado o superior, o governo do convento ficou confiado a Matheus Criscuoli, sacerdote ainda novo e de temperamento melancólico, exagerado e sumamente mal humorado; poucos anos mais tarde (1754) teve de deixar a Congregação. Ninguém era menos capaz do que ele para governar uma comunidade por pequena que fosse. O Pe. Cafaro não conhecia ainda a sua inabilidade. Talvez tivesse Deus permitido esse erro para fazer conhecida a virtude do Irmão Geraldo. Todos tiveram logo de sentir os efeitos dos caprichos, azedume e dureza de Criscuoli, mormente Geraldo, alvo de suas repetidas censuras, repreensões e palavrões. O pobre irmão não se podia mover sem excitar a ira do superior interino. As repreensões não tinham fim, as penitências acumulavam-se; quase diariamente tinha Geraldo de tomar de joelhos suas refeições. Além dos jejuns a pão e água, que lhe eram impostos sem motivo, tinha o paciente irmão a cada passo de esfregar sua língua no pavimento ou fazer com ela quarenta, cinqüenta e até sessenta cruces no chão. Esse exercício durou um mês inteiro e só cessou quando a língua de Geraldo começou a derrear sangue. Tudo isso porém ainda não era tão doloroso para o irmão, o pior foi que o Pe. Criscuoli em sua dureza chegou a proibir-lhe a santa comunhão, o que era para o piedoso jovem mais penoso do que a fome, a sede ou quaisquer maus tratos. Geraldo suportou também essa provação com paciência, calma e resignação, enchendo de assombro os

seus confrades. O Pe. Tannoia, então clérigo em Iliceto e testemunha ocular de tudo, fez, como ele mesmo conta, a seguinte ponderação: “Ou esse irmão é um louco que não compreende as humilhações a que o submetem, ou é um santo que já atingiu o grau heróico do amor divino”. A segunda parte é a verdadeira. A santidade do venerável irmão e o seu grande amor a Deus faziam-no suportar com facilidade toda aquela rudeza; confortava-o a sua fé viva, que lhe mostrava no instrumento indigno a mão do divino Mestre.



## CAPÍTULO VI

### **Vida reconcentrada em Deus**

O que distingue um irmão leigo de um simples criado mudo é, como já ficou dito, a compreensão e prontidão em unir o trabalho manual e a oração de modo natural e espontâneo, de sorte que ambos se revezam transfigurando-se o trabalho pela reta intenção, repetidas jaculatórias, numa palavra, pelo espírito de devoção.

Essa compreensão e prontidão de unir Marta e Maria, Geraldo as possuía já no mundo. Em Iliceto aperfeiçoou-as tanto que conduziu à maestria a arte de levar uma vida interior no meio das ocupações externas.

Tannoa relata que “em Geraldo o trabalho nunca se separava do espírito da oração. Cansado das fadigas do dia, recolhia-se de noite à igreja onde derramava lágrimas diante do SS. Sacramento. Os exercícios de piedade prescritos pela Regra não saciavam o seu coração; procurava indenizar-se à noite entregando-se à meditação com tamanho fervor e constância que muitas vezes o encontravam, de manhã, no mesmo lugar onde o haviam deixado na noite anterior. A oração era tudo para ele; mantinha-se na presença de Deus por dissipadoras que fossem as ocupações do dia. Seu recolhimento era sempre em toda parte profundo, suas jaculatórias freqüentes e

ardentes. Jesus e Maria estavam constantemente em seu coração e em seus lábios; por vezes, absorto em Deus, interrompia o trabalho, esquecido dele e do mundo.

O santo cultivava o recolhimento de espírito com tanto empenho que o Pe. de Robertis julgou poder afirmar que ele o levou ao ponto de sempre e ininterruptamente pensar em Deus. O Pe. Juvenal, seu companheiro em Iliceto, confirmou esta afirmação.

“Lembro-me, diz o Pe. Juvenal, que o Pe. Cafaro uma vez no capítulo das culpas lhe impôs a penitência de não pensar tão continuamente em Deus. Mas que podia ele fazer? Deus o atraía irresistivelmente a si. Andando pelos corredores do convento suspirava: Ó meu Deus, não vos quero, não vos quero”.

Essa união com Deus era tão intensa, que se transformava muitas vezes em êxtase, privando-o totalmente dos sentidos. Aos poucos a alma de Geraldo tornou-se tão susceptível dessas grandiosas reconcentrações em Deus, que bastava uma imagem, um tom, uma palavra piedosa para arrebatá-lo do mundo dos sentidos em prolongado arroubo extático. Acompanhando, uma vez, uns retirantes para a sala de jantar, ao descer os degraus da escada, olhou casualmente para a imagem da Imaculada, que se achava em frente; foi o suficiente para ele abismar-se em êxtase prolongado, com grande admiração dos presentes.

Uma outra vez estava aprontando a mesa para ordinandos em retiro no convento. No refeitório acha-

va-se um quadro do Ecce Homo pendurado na parede. No meio do trabalho lançou um olhar para o Cristo e isto bastou para desatar toda a veemência do seu amor: caiu em profundo êxtase, os olhos fixos na imagem, os braços abertos e o corpo sem sentidos. Um uma das mãos tinha o guardanapo e na outra o garfo. Um irmão leigo encontrou-o nesse estado e, notando que Geraldo não terminara o serviço e o tempourgia, quis despertá-lo e chamou-o pelo nome. Geraldo porém nada ouviu; o irmão levantou a voz, mas em vão. Foi preciso chamar o Pe. Cafaro que o tomou pelo braço, dando-lhe ordem de voltar a si. Com isso Geraldo despertou imediatamente do êxtase. O Pe. Cafaro repreendeu-o e, para humilhá-lo, passou-lhe uma descompostura que o santo aceitou com sua costumada calma e resignação.

Coisas comuns da vida que geralmente não comovem o coração, por exemplo, o ato de comer, despertavam nele tal abundância de pensamentos e sentimentos sublimes, que não lhe era possível resistir-lhes à impressão. Os padres Juvenal e Cajone bem como o Irmão Januário Rendina atestam que Geraldo durante as refeições, muitas vezes, derramava lágrimas ou pelo pensamento na bondade de Deus que lhe dava o alimento, ou por qualquer outro pensamento santo. Nessas ocasiões segurava pão e a faca ou o garfo, olhava para o céu demonstrando toda a sua atitude a expressão do mais profundo recolhimento. Isso durava às vezes longo tempo.

A razão básica da admirável vida de oração do nosso santo estava na sua íntima união com a vontade divina. Não aspirava aos êxtases e consolações celestiais, mas sim ao cumprimento perfeito e integral da santíssima vontade de Deus. “Quero, dizia ele, amar a Deus, estar sempre unido com Deus e tudo fazer por amor de Deus”. “O verdadeiro amor divino — acrescentava — consiste essencialmente no abandono completo nas mãos de Deus, na conformidade à sua santíssima vontade e na permanência nessa conformidade durante toda a eternidade”.

“Ó vontade de Deus, ó vontade de Deus, exclamou uma vez, quão feliz é quem entende não querer outra coisa senão o que Deus quer”.

Para crescer mais no amor à vontade divina, Geraldo fazia convergir todas as suas meditações, devoções, penitências e exercícios piedosos aos grandes mistérios em que Deus manifestou com mais evidência o seu amor.

No mistério da redenção é que ele ateava o fogo da sua devoção, procurando haurir energia e luz para a sua alma. O crucifixo era o objeto predileto da sua meditação; ouvir falar na Paixão de Cristo ou contemplar uma sua imagem era o mesmo que arrebatá-lo em êxtase. Na época em que a Igreja lembra aos fiéis esse grande mistério, aprofundava-se tanto na meditação da Paixão que parecia padecer com o Redentor. Nessas ocasiões, mormente na semana santa, dava a aparência de um homem nos estertores da agonia prestes a exalar a alma. Ouviam-no então ex-

clamar: “Jesus morreu por mim, e eu não morro por Aquele que deu sua vida para me salvar!”

Quando ainda no mundo, a Paixão de Cristo constrangia-o a reproduzi-la fielmente em si mesmo, assemelhando-o a seu Salvador; no convento intensificou-se ainda mais essa santa aspiração.

“Jesus Crucificado, diz o Pe. Tannoia, era o livro que ele tinha constantemente em mãos; quanto mais o lia, tanto mais se sentia obrigado a torturar o próprio corpo”.

E realmente julgava impossível alguém chegar ao amor de Deus sem a mortificação do corpo. “O amor divino, dizia ele, não pode penetrar na alma, quando o seu invólucro está repleto”, isto é, quando o corpo está bem nutrido; por isso maltratava a sua carne como os carrascos atormentavam a do divino Salvador.

“Em Geraldo a ânsia de sofrer e de participar das dores de Jesus, observa o Pe. Tannoia, não ficou sem recompensa. O crucificado, satisfeito com isso, concedeu ao nosso santo uma graça insigne que costuma outorgar a poucos dos seus servos, v. g. Francisco de Assis, Santa Catarina de Sena e outros, a graça de sentir verdadeira e misteriosamente as dores da Paixão. Geraldo pediu expressamente essa graça. Fresco e sadio nos dias comuns, mudava completamente de cor e feições na sexta-feira santa; tinha então a aparência de um homem curvado pela dor; parecia entrar em agonia e vertia copioso sangue. Indescritíveis eram os sofrimentos interiores e a

aflição que nessa ocasião sentia. Ao começar porém a noite do sábado de Aleluia, tudo se transformava outra vez; a fraqueza cessava e Geraldo podia dedicar-se novamente às suas ocupações”.

Além da sagrada Paixão, que era o assunto predileto das suas meditações, três outros mistérios da religião preocupavam de preferência a alma de nosso santo: o mistério da Encarnação, o do SS. Sacramento e a Imaculada Virgem, obra prima do poder e da graça divina.

Como o leitor se lembrará, o Menino Deus comunicou-se visivelmente com Geraldo já nos dias de sua mais tenra infância e mostrou-lhe a carreira que tinha a seguir. Essa recordação calou indelevelmente na sua memória; parece que também mais tarde o nosso santo foi honrado mais vezes com a visita do Menino Deus; o divino infante era por isso o objeto de meditação e devoção, que ele não precisava mais procurar porquanto já o tinha sempre ante os olhos, o amava e venerava desde sempre.

O seu biógrafo Pe. Tannoia e outros que o conheciam bem, contam que ele sempre hauria consolação indizível da devoção ao Menino Deus. De quanto júbilo não o inundava a festa do Natal! Prazer particular experimentava ao enfeitar o presépio e a igreja para essa festa do Senhor. Porém mais ainda se empenhava em preparar e adornar a sua alma; fazia uma novena própria na qual jejuava muito e dormia pouco. A noite de Natal ele a passava na igreja ou em sua cela em oração e contemplação com

tanta alegria como se estivesse ouvindo com seus próprios ouvidos o Glória dos anjos do céu.

O SS. Sacramento, como o presépio, exercia força de atração sobre a sua alma já muito antes de ele ingressar no convento; na vida religiosa porém ela cresceu consideravelmente e aperfeiçoou-se em sua eficácia. No convento passava diante do altar menos tempo do que quando estava no mundo; procurou suprir pelo fervor o que lhe faltava em tempo. Diante do altar sua alma devorava-se em labaredas de amor. Durante a exposição solene não conseguia, às vezes, ocultar aos olhos dos presentes o incêndio do seu coração, perdia os sentidos e arrebatava-se em êxtase de amor e alegria. Mormente nas ocasiões em que esse mistério adorável é proposto de modo especial à veneração dos fiéis, o seu espírito não repousava. No dia de Corpus Christi e durante a sua oitava era tomado de uma alegria indescritível, que contrastava com a tristeza indizível que o fazia agonizar na sexta-feira santa. Um dos seus exercícios mais queridos era a visita ao SS. Sacramento para a qual empregava todo momento livre. Gostava do ofício de sacristão porque assim tinha ocasião de se aproximar mais vezes do altar, e porque com o seu trabalho podia apresentar ao mesmo tempo as suas homenagens a Jesus Sacramentado. Porém mesmo fora do tempo determinado para o serviço na igreja, achava horas livres para essas expansões do amor. Geralmente empregava para isso o tempo concedido, pelos usos do paiz, para a sesta depois do meio-dia;

enquanto os outros repousavam ele ia à igreja e rezava. O mesmo fazia muitas vezes à noite. “Era tocante ver, diz Tannoia, como nessas ocasiões o amor de Jesus no coração de Geraldo entrava em conflito com a obediência, cabendo sempre a esta última a vitória. Achando-me eu uma vez na igreja sem ele me perceber, vi como ao ausentar-se ele dobrava o joelho diante do altar achando dificuldades em se levantar; uma vez, sentido-se como que preso ao sacrário, levantou a voz dizendo: “Deixai-me ir, que tenho mais que fazer”. Depois saía às pressas como se empregasse violência para se ausentar de perto do tabernáculo”.

O amor ao SS. Sacramento que lhe abrasava o coração, o santo o procurava comunicar também a todos que encontrava. A constatação de que as igrejas ficam vazias ao passo que as praças públicas regurgitam de povo, enchia-o de dor, mas também do desejo ardente de procurar, quanto possível, adoradores, amigos e visitantes de Jesus Sacramento. Não se contentava em agir apenas com o bom exemplo, recorria também às admoestações e amáveis convites. Em toda a parte, dentro e fora de casa, conseguia guardas de honra para Jesus Sacramento. “Aos seus esforços, diz Tannoia, se deve o fato de em muitos lugares existir o costume de se visitar Jesus no SS. Sacramento”.

A devoção de Geraldo à SS. Virgem manifestada e comprovada já na sua infância, tornou-se mais terrena e perfeita no convento de Iliceto.



Digno filho de Santo Afonso festejava os sábados e as novenas em honra de Maria com orações especiais e penitências de toda sorte; passava regularmente na igreja, em oração, a noite que precedia às grandes festividades da divina Mãe.

Três privilégios da SS. Virgem deliciavam o seu coração, de um modo especial, e constituíam o objeto de suas contemplações profundas: a maternidade divina, o seu título de Rainha dos Mártires e sua Conceição Imaculada. Este último mistério não fora ainda, naquele tempo, solenemente definido como dogma de fé; Geraldo, bem como todas as almas que sentiam e viviam com a Igreja, era acérrimo defensor desse privilégio singular de Maria, fazendo assim coro com os seus confrades investidos da dignidade sacerdotal, os quais se obrigavam por voto a defendê-lo a todo transe.

O ofício de sacristão oferecia-lhe ocasiões sempre aproveitadas, de mostrar de muitas maneiras o seu amor a Maria e o zelo pela sua honra e glória. Assim como encaminhava para o SS. Sacramento as pessoas que encontrava, incentiva-as à devoção da SS. Virgem; nunca lhe faltava ensejo de proferir uma palavra sobre a devoção a Maria ou de recomendar algum sacrifício em sua honra. Tinha sempre consigo terços e escapulários e distribuía-os para assim despertar ou aumentar a devoção à Mãe de Deus. Quando não lhe era dado cooperar diretamente para incendiar os corações de amor para com sua Rainha, expandia a sua alma adornando, ao menos, os seus

altares com cuidado e gosto e, mais tarde, organizando em toda a parte pomposa e edificantes procissões e outras festividades em honra de sua Rainha.

Não há dúvida, esse zelo de Geraldo produziu abundantes frutos e conquistou inúmeros devotos para a SS. Virgem. Também é certo que tamanho zelo não ficou sem recompensa, pois que mais de uma vez a Mãe de Deus demonstrou de maneira extraordinária a sua benevolência para com o seu servo nos anos que passou em Iliceto. Sabemos já que uma vez Geraldo foi arrebatado em êxtase prolongado à vista de uma imagem da Imaculada; podemos supor com fundamento que tão grande graça não se limitou apenas a esse fato.

Os padres Juvenal, Petrella e Cajone afirmam que o santo contemplou uma vez face a face a SS. Virgem, que lhe apareceu em sua radiante formosura, quando Geraldo lhe fazia, de noite, a guarda ante a sua imagem, e manifestou-lhe o seu afeto com toda a ternura de seu coração materno. Não ficou só nisso a recompensa do seu zelo. Maria patenteou, repetidas vezes, em público o seu agrado e amor para com o seu servo. Tannioia relata um fato surpreendente a esse respeito, mencionando também a fonte donde o tirou.

Uma vez Geraldo acompanhado de dois jovens camponeses, de volta para a casa, chegou perto de uma igreja consagrada à SS. Virgem. Não pôde resistir ao ensejo de falar das sublimes prerrogativas da Rainha do céu. Mal começara a palestra, sentiu-se

extraordinariamente comovido e, não podendo já conter-se, tomou uma folha de papel, escreveu algumas palavras e atirou-a ao ar como se na terra enviasse uma carta à sua Rainha celeste; deu um salto, e a veemência do seu amor e a alegria da sua alma pareceram dominar a gravidade do corpo. Geraldo levantou-se do solo e voou pelos ares diante da obstupefação dos companheiros que o seguiam com seus olhares; dez minutos durou o êxtase, até que, diminuindo-se aos poucos a força maravilhosa, o servo de Deus baixou novamente à terra. Esse fato, narrado pelas duas testemunhas oculares, difundiu em toda região a fama da grande santidade de Geraldo.

Esse vôo extático parece haver despertado no nosso santo todas as outras energias maravilhosas. À porta do convento encontrou Geraldo um jovem a chorar. Este ouvira falar da santidade do irmão. Atacado de um cancro incurável na perna, resolveu recorrer ao santo. Com grande dificuldade dos pais, impelidos pela insistência do filho, transportaram-no até à porta do convento, onde ficou esperando a volta de Geraldo. Interrogado pelo irmão que desejava saber o motivo das suas lágrimas, explicou-lhe o seu sofrimento com palavras entrecortadas de soluços. Era pobre e agora se via na dura necessidade de mendigar por causa da doença que o impossibilitava de ganhar o pão. Geraldo amplexou-o, pediu que lhe mostrasse o pé enfermo e com suas próprias mãos desatou os panos e viu o pé roído por asqueroso cancro; abaixou-se, colocou os lábios à chaga e, ven-

cendo heroicamente a repugnância natural, sugou o asqueroso conteúdo e disse: “Confia em Deus, meu irmão, a tua chaga será curada”. Atou outra vez o pé com todo o cuidado; as dores desapareceram instantaneamente. A alegria do doente foi tanta, que ele, em lágrimas de gratidão, caiu aos pés do seu benfeitor chamando-o “um santo — um anjo de Deus”. Geraldo admoestou-o à prática das virtudes, deu-lhe uma esmola e despediu-o. Na manhã seguinte o enfermo ao desatar novamente os panos achou a ferida completamente fechada, como Geraldo predissera. Nova alegria, novo júbilo! De então em diante o jovem curado apregooou em toda a parte a santidade de Geraldo, narrando a cura miraculosa operada em sua pessoa.

O supramencionado vôo extático não foi um caso isolado, repetiu-se mais vezes durante a estada de Geraldo em Iliceto. Uma tal Magdalena de Flumeri relata no processo da beatificação um outro não menos surpreendente, do qual sua tia Rosaria Bertucci fora testemunha. Ouçamos a sua narração: “Rosaria, alma piedosa desde a infância, ia muitas vezes confessar-se no convento de Iliceto. Sucedeu encontrar-se com esse grande amigo de Deus (Geraldo), que voltava da vila de Iliceto ao seu convento. Ele que a conhecia de há muito pediu-lhe levasse à casa dos padres uma peça de roupa que lhe havia entregue. Modesto, como era, tomou a dianteira até uma capela em que entrou. Ao sair abriu os braços, elevou-se nos ares e voou, um quarto de hora, da capela até o

convento. Minha tia, testemunha desse milagre, ficou obstupefata e observou fixamente o vôo admirável do princípio ao fim. Jamais se esqueceu desse milagre estupendo do servo de Deus”.

## CAPÍTULO VII

**Severo consigo, amável com os outros**

É próprio da genuína piedade produzir e fomentar no coração duas aspirações, aparentemente opostas, mas que prosseguem o seu fim na mais bela harmonia ajustando-se mutuamente: o rigor contra si próprio e a amabilidade com o próximo.

Da austeridade de Geraldo consigo mesmo já nos convenceu a sua vida no século; no convento ela intensificou-se elevando-se até ao mais alto grau. Examinando a cela, a roupa etc. de Geraldo, encontraremos em toda parte a mais extrema pobreza.

Com a permissão do Pe. Cafaro escolhera-se o santo para habitação o canto mais escuro da casa, onde estendeu o seu leito, ou antes, o seu equúleo. Este consistia em um enxergão com palha nas beiras e pedras pontudas no centro e uns tijolos que serviam de travesseiro. Nesse leito é que gozava um curto descanso, que procurava ainda turbar com a posição incômoda que tomava. Essa espécie de cama ele a usou até o fim da vida; em Caposele, onde faleceu Geraldo, um confrade teve a curiosidade de examinar o leito do santo e achou-o todo cheio de pedras e espinhos.

Além da cama Geraldo só tinha uma cadeira na cela. O adorno eram algumas caveiras colocadas ao redor do leito. Estava convencido de que merecia

somente esse rigor e essa pobreza; habitação melhor parecia-lhe luxo desnecessário. Perguntando-lhe um confrade o motivo de tamanha pobreza, respondeu: “Faço assim porque o mereço; faço-o por amor do meu Deus e Criador”.

Quando Mons. Basta, bispo de Melfi e Mons. Amato, bispo de Lacedogna, foram fazer o retiro espiritual em Iliceto, ficaram obstupefatos à vista da cela do santo, não encontrando palavras que pudessem interpretar o seu assombro diante de tanta pobreza e austeridade.

Mais tarde recebeu Geraldo, muito a contragosto, uma cela regular, de que poucas vezes se servia. Sempre que apareciam hóspedes no convento para o retiro espiritual ou para qualquer outro fim, Geraldo oferecia logo a sua cela e ia dormir sobre o pavimento em qualquer canto da casa ou, mais frequentemente, na igreja, onde procurava algum esconderijo mais do seu gosto. O altar-mor era oco, podendo fechar-se por uma pequena porta, e bastante espaçoso para alguém lá se estender. Lá gostava Geraldo de repousar nessas ocasiões, porque ficava mais perto do SS. Sacramento e debaixo do altar onde diariamente se celebrava o santo sacrifício.

Só uma vez sentiu-se um tanto vexado nesse seu lugar predileto. Depois de prolongada vigília foi Geraldo repousar pouco antes do despontar da aurora. Fatigado adormeceu logo tão profundamente que só acordou depois de começada a primeira missa; despertou-se ao som da campainha que tocava à e-

levação. Não podendo deixar o seu esconderijo sem trair a sua mortificação e causar admiração e distração aos assistentes, teve de permanecer debaixo do altar até o fim das missas.

Às vezes, quando Geraldo tinha de ceder sua cela aos hóspedes, recolhia-se à estrebaria onde descansava sobre a palha ao lado dos animais de carga.

Quando os superiores lhe deram ordem de usar, como os outros, um simples colchão, proibindo-lhe dormir sobre a terra nua e sobre pedras, Geraldo pediu com tanta insistência lhe permitissem dormir como até então, que os superiores julgaram dever atendê-lo em parte; permitiam-lhe descansar sobre tábuas e tomar tijolos por travesseiro apenas três vezes por semana. Foi-lhe igualmente concedida a licença de carregar-se de pedras aos pés e de levar nessas ocasiões, uma corrente de ferro ao redor das têmporas.

Quanto ao vestuário observava o santo o mesmo rigor e austeridade. Como alfaiate era ele que distribuía a roupa à comunidade; reservava para si as peças mais velhas e estragadas. Vestia-se tão pobremente que quase não era reconhecido pelos seculares, ocasionando sua pobreza mal entendidos cômicos, como teremos ocasião de ver. Embora observasse extrema pobreza, procurava o asseio em tudo, detestando a negligência e a imundície.

A sua austeridade quanto à alimentação já tivemos ocasião de mencioná-la. Temos apenas a acrescentar que a respeito de comida e bebida, como



de outras necessidades terrenas, Geraldo se abandonava inteiramente à divina Providência, não se preocupando com o resto. Embora nunca descursasse de coisa alguma confiada à sua solitudine, não sabia cuidar de si, mesmo em se tratando das coisas mais necessárias.

Quando saía de casa para algum negócio, o superior tinha de lhe indicar o modo como se prover do indispensável para as suas necessidades, porque ele cuidava tão pouco disso como os pardais da sua alimentação; entregava-se inteiramente aos cuidados da divina Providência.

Um dia enviaram-no a Acadia; tinha de partir de manhã e como o Pe. Ministro se esquecera de lhe dar café com mistura, fez em jejum a longa jornada; ao chegar ao termo da viagem sentiu tanta fraqueza e cansaço que caiu desmaiado. Ele nem se lembrara de tomar, de caminho, algum alimento que lhe restaurasse as forças.

Se era cruel para si, Geraldo para os outros era a amabilidade personificada que abrangia a todos com desvelo maternal, e a mais desinteressada caridade iluminada e consolidada por motivos sobrenaturais.

Era natural que os confrades ocupassem em seu coração o primeiro lugar. Já temos mencionado a presteza com que auxiliava os irmãos leigos, seus companheiros de trabalho; também já aduzimos os princípios por ele seguidos na convivência com seus irmãos de hábito; queremos apenas notar que Geral-

do os executou à risca, tornando-se consumado modelo de caridade fraterna.

Como alfaiate achava sempre ocasião de exercer essa solicitude que nunca lhe passava despercebida, porquanto cada dia dava evidentes provas de atenção, obsequiosidade e gentileza.

Na medida que se alegrava com a falta de qualquer coisa necessária para si, amargurava-se em percebê-la nos outros. Por ocasião de um rigoroso inverno despiu-se de sua camisa de flanela para dá-la a um necessitado. Nunca quis possuir coisa mais cômoda do que os outros. Cedia ao próximo tudo o que possuía de bom, tomando para si “o que Deus lhe dava”, como se costumava expressar, “porque, dizia ele, assim todos ficam satisfeitos e eu também”.

Nutria especial amor aos doentes. Em caso de enfermidade de algum confrade, visitava-o ao menos uma vez por dia para consolá-lo e prestar-lhe algum serviço, mesmo quando não lhe confiavam o cuidado dos enfermos.

Embora nesse particular os confrades fossem os preferidos, os outros não ficavam excluídos dos seus cuidados e atenções.

O cônego Francisco Antônio Sabatelli de Melfi adoeceu gravemente em uma de suas visitas a Iliceto. Embora o nosso santo não o conhecesse mais de perto, prontificou-se a prestar-lhe todos os serviços necessários e a permanecer dia e noite à cabeceira de seu leito. Sabatelli nem suspeitava que, por sua causa, o bom irmão se privava do sono; ficou suma-

mente comovido quando uma vez, ao acordar à noite, percebeu Geraldo a velar ao pé do seu leito. Tão grande e desinteressada caridade edificou o cônego, que por gratidão teceu em toda parte o maior elogio ao nobre Irmão Geraldo.

Ainda mais admirável patenteou-se a caridade do servo de Deus em uma outra ocasião. Na casa de Iliceto achava-se casualmente um ermitão, que caiu gravemente enfermo. Esse infeliz iludira até então o mundo, não levando a vida, que seu hábito fazia supor. A sua doença era excessivamente nojenta, exalando o seu corpo um mau cheiro insuportável, de sorte que só por necessidade, dele se podia aproximar. Para Geraldo era isso mais um motivo para tratá-lo com o maior desvelo; cuidou dele com todo o carinho e tornou-se em tudo o seu bom anjo da guarda. Com todo gosto teria salvo aquela alma, que se achava em tão triste estado, mas não o conseguiu. Debalde expôs ao moribundo todos os motivos possíveis de contrição e de confiança na misericórdia divina; em vão procurou acender em sua alma as últimas centelhas de fé; a chama não se formava, o coração permaneceu empedernido; o hipócrita, que rejeitara tantas outras graças, desprezou também esta última. Morreu impenitente. Apesar de tudo Geraldo julgou dever continuar a sua caridade e recomendou a Deus a alma do finado com todo o fervor, até que um dia o infeliz lhe apareceu e disse com voz horrorosa: “Não rezeis mais por mim, estou condenado pelo justo juízo de Deus!” Geraldo ficou tão ater-

rado com essa revelação que nunca mais a pôde esquecer.

Justamente nessa época Deus, querendo talvez consolar o coração do seu servo e fortalecer a sua confiança, deu-lhe a entender novamente e de modo insofismável que a força e o auxílio divino estavam a seu lado em medida extraordinária.

Na cidade de Iliceto havia um rapaz tuberculoso em estado desesperador. O médico declarou incurável a moléstia “porque, disse, para curá-lo seria preciso ter o poder de formar novos pulmões”. O doente e sua família recorreram ao céu, e sabendo que Geraldo era um grande santo, dotado do dom dos milagres, pediram ao Pe. Reitor permitisse ao irmão uma visita ao enfermo. Concedida a licença, o santo dirigiu-se à casa do tuberculoso, justamente na hora em que o médico lá se achava. Na presença deste, Geraldo consolou o rapaz, admoestou-o à piedade e aconselhou-o a depositar toda a sua confiança em Deus, “em cujas mãos — como ele se expressou — estão os destinos dos homens, e do qual ele poderia esperar a saúde”.

Estas palavras tão contrárias à declaração do médico indignaram-no sumamente; reafirmou ao doente e a toda a família o que havia dito antes e tornou a declarar o péssimo estado do doente.

“Ele não pode sarar, disse, os pulmões estão putrefatos”. Em seu ponto de vista o médico não podia dizer outra coisa; mas Geraldo que se firmava em outras bases replicou: “Bem, os pulmões podem es-

tar deteriorados e consumidos, mas não credes que Deus, Criador de todas as coisas, pode formar um novo pulmão ou restituir o pulmão afetado do doente ao seu antigo estado? Queira Ele operar agora este milagre para nos corações dos crentes se consolidar a confiança e todos se animarem a recorrer a Ele!” Dito isto estava já para sair, quando os pais lhe pediram quisesse incluir o doente em suas orações. Geraldo prometeu fazê-lo e guardou palavra. A sua oração foi de uma eficácia admirável. O estado do doente melhorou instantaneamente e em poucos dias o rapaz estava completamente restabelecido. Todos ficaram pasmos, sobretudo o médico que publicamente confessou o milagre sem o qual a cura jamais se efetuaria.

Ao lado dos doentes, eram os pobres objeto da caridade especial do nosso santo. A vista de um pobre sensibilizava-o; sempre que possível todos os indigentes podiam contar com o seu auxílio; mesmo os que se achavam temporariamente em apuros, podiam estar seguros da sua caridade.

Encontrou-se um dia com um pobre velho carregando sobre a cabeça um feixe de lenha, que lhe dificultava o passo. Geraldo correu, tomou-lhe o feixe e sobre seus próprios ombros levou-o até à cabana do velho.

Coisa semelhante deu-se também em Santa Agueda de Puglie. Ao subir uma colina íngreme, notou que uma pobre mulher, depois de lavar a roupa no ribeirão, carregava o fardo lutando com o peso. Ge-

raldo compadecido livrou-a do peso que colocou sobre a sua cabeça. Ao entrar na cidade sentia acanhamento de parecer um carregador, venceu porém o respeito humano que se despertava, e só entregou à mulher o fardo, depois de chegado à sua habitação.

“Nesse ato de caridade, observa Tannoia, ele imitou fielmente o irmão Vito Curcio que em Scala costumava aliviar desse modo os carregadores”.

Um outro exemplo de amabilidade serviu de exemplo a Geraldo, quando, ao acompanhar diversos clérigos que iam ser ordenados, encontrou diante de um rio que transbordara excepcionalmente uns operários que, embora tivesse de entrar em trabalho, não se atreviam a transpor a água. Geraldo que se achava do outro lado, atravessou o rio a cavalo e transportou todos, um a um, em poucas viagens, sem maiores novidades. Uma testemunha atesta que o santo, nessa ocasião, agiu com calma e segurança, como se cavalgara em terra firme e não sobre ondas espumantes; todos os perigos pareciam desaparecer aos olhos do santo irmão. Gritavam-lhe que tomasse cuidado, ao que ele respondia apenas: “Caridade”, e tocava o cavalo dizendo: “Vamos, cavalinho, por amor de Deus”.

Nessa mesma viagem ele e os clérigos chegaram a uma outra torrente também a transbordar, que era necessário atravessar. Geraldo não se alterou; fez com os clérigos o que fizera com os operários e conseguiu levá-los, um a um, para o outro lado.

Se o santo desenvolvia esse ardor de caridade em se tratando apenas de interesses materiais, muito mais zeloso era quando estavam em jogo os bens eternos, a salvação das almas. Dai sua oração constante pela Santa Igreja, pela sua difusão sobre a terra, por seu chefe espiritual, o Santo Padre, pelos bispos e sacerdotes, pelos missionários, sobretudo por seus confrades que no púlpito e confessionário trabalhavam pela glória de Deus e salvação das almas.

O pensamento de o mundo ser tão frio e indiferente para com o amor divino, o afligia e torturava; desejava abrasar a todos com o fogo que o devorava. Espetáculo arrebatador era-lhe as almas abrasadas e santas, que serviam ao Senhor e por ele se sacrificavam.

Do outro lado perturbava-se profundamente só ao ouvir falar no pecado. Com gosto daria sua vida para impedi-lo. Queixava-se e entristecia-se ao refletir na ingratidão dos homens que ofendem a Deus, frustrando assim os frutos da sagrada Paixão do Salvador; gemia então e suspirava enquanto torrentes de lágrimas despenhavam-se de seus olhos. Daí se compreende porque tanto amava as benditas almas do Purgatório. Pela conversão dos pecadores era capaz de todos os sacrifícios; por ela oferecia a Deus, as boas obras, orações, comunhões e sofrimentos.

Podemos com fundamento afirmar que já então nutria o sentimento que o fez exclamar mais tarde: “Oxalá, meu Deus, pudesse eu converter tantos pe-

cadores quantos são os grãos de areia nas praias do mar, as folhas nas árvores, os cálamos nos campos, os átomos no ar, estrelas no firmamento, raios de luz no sol, na lua e nas estrelas, e criaturas no mundo inteiro!”

Encontrando-se o santo com algum pecador, cuja alma esperava poder salvar, a sua simplicidade transformava-se em energia, seu silêncio em eloqüência, sua modéstia em dignidade; descobria os argumentos mais convincentes e falava, suplicava e conjurava com tanta importunação, que era impossível resistir-lhe. Muito raramente esforçava-se em vão pela conversão de um pecador, e pouquíssimas vezes recaíam os convertidos na vida de pecados. Em se tratando da salvação de uma alma, não conhecia atenções nem perigos, embora nunca ultrapassasse os limites da prudência e conservasse sempre a calma própria ao verdadeiro zelo, que quer ganhar os corações.

Um gentil homem possuía perto de Iliceto uma propriedade, cortada por um caminho que ia a Foggia. Devido aos prejuízos, que lhe advinham disso, fechou a estrada que passava por seu terreno e contratou para esse fim uns guardas que não poucas vezes exorbitavam das suas funções, maltratando o povo com grosserias e pancadas.

Um dia aconteceu passar por lá o nosso santo de volta de Foggia, para onde fora tratar de alguns negócios por ordem dos seus superiores. Sem nada suspeitar atravessou a estrada, montado em sua ca-



valgadura, quando um dos guardas, franzindo o rosto, se precipitou sobre ele. Esse tal era um notório monstro da crueldade. O bom irmão teve de experimentar em si a realidade da má fama do guarda, que o agrediu debaixo de blasfêmias horrorosas e o espancou com a coronha de sua espingarda, de sorte que Geraldo quase sem sentidos, caiu do cavalo com uma das costelas quebrada. O monstro, não satisfeito ainda, continuou a bater-lhe, com crueldade, sobre o peito e o lado. “Já de há muito, disse ele, estou à espera de um frade, para satisfazer o meu ódio, chegaste a tempo”.

Mal cessara o monstro as suas pancadas, tentou Geraldo levantar-se para se prostrar aos pés do seu inimigo e pedir-lhe perdão. “Nada de desculpas, nada de pretextos” gritou o guarda, e recomeçou os maus tratos. Vendo o santo que o homem não se deixava comover, conformou-se com a sorte, pôs as mãos e disse: “Batei, irmão, batei que tendes razão para isso”.

Esse ato de humildade e paciência foi como água na fervura. Sua resignação, calma e incompreensível sede de sofrimentos subjugaram o monstro, que da crueldade passou ao arrependimento; lançou para longe a arma e exclamou entre soluços, levando as mãos à cabeça: “Que fiz eu? ah, assassinei um santo”. Lançou-se aos pés de Geraldo, pedindo-lhe que perdoasse e esquecesse aquela brutalidade.

O pedido foi facilmente atendido. O santo amplexou o pecador arrependido, duplamente satisfeito por

haver padecido e salvo a alma do infeliz; renovou as suas escusas e pediu-lhe que o ajudasse a montar e o acompanhasse até o convento.

De caminho nenhuma queixa caiu dos lábios de Geraldo; lamentava apenas o estado deplorável da alma do seu condutor, pôs-se a falar de coisas próprias para fazer cair em si; pintou-lhe a fealdade do pecado mortal, discorreu sobre a bondade de Deus ofendido e mostrou-lhe a horribilidade do inferno; interessava-se tão somente pela salvação daquela alma.

Meio morto chegou Geraldo em casa; interrogado pelos confrades pela causa de tão lamentável estado, o santo, para não comprometer seu companheiro e para terminar a sua obra de caridade, respondeu apenas que havia levado uma queda desastrada; louvou a seguir, a bondade do homem que o acompanhou até o convento; soube enaltecer tanto o benefício recebido, que o guarda voltou para casa coberto de presentes. Geraldo despediu-se dele com as palavras: “Irmão, peço-vos que não façais mais a ninguém, o que fizestes a mim; do contrário ter-vos-íeis de arrepende muito”.

Essas novas provas de inconcebível caridade, enterneceram o coração do guarda, o qual se abriu inteiramente à oração da graça; depois de narrar publicamente o ocorrido, voltou a Illiceto onde fez, entre lágrimas e soluços, a sua confissão geral. Mas o infeliz não perseverou em seus bons sentimentos; para a sua constância no bem seria necessário um esforço

heróico, um combate sem tréguas contra sua natureza tão inclinada para o mal; o guarda não quis esforçar-se nem combater, e por isso reincidiu no vício que em Iliceto havia deplorado e detestado.

Um dia, fazendo a guarda, tentou espancar um indivíduo que passava pela estrada e que não possuía a paciência e a santidade de Geraldo. O cavaleiro saltou de sua cavalgadura, arrancou-lhe das mãos a espingarda, espancou-o deixando-o quase morto no chão. Em vez de ver nisso o dedo de Deus, continuou obcecado. Em um novo encontro, uma bala inimiga tirou-lhe a vida, não lhe dando tempo de se reconciliar com Deus.

Geraldo chorou amargamente a morte do guarda, do qual conservou recordação perene em toda a sua vida, porque, em consequência daquelas pancadas, o peito continuou sempre a expelir sangue, causando-lhe extrema fraqueza; nunca porém contou a ninguém a causa dessas hemorragias; antes ao contrário procurou ocultá-la o mais possível. Surpreendido por um irmão por ocasião de um desses vômitos de sangue, Geraldo pediu-lhe não o contasse aos superiores: “Far-me-eis, disse, um grande favor se não disserdes nada a ninguém; já tenho tido desses ataques, repetidas vezes, e nunca me julguei obrigado a dizê-lo a pessoa alguma”.

Se o zelo de Geraldo na conversão do infeliz guarda não foi coroado de completo êxito, em milhares de casos análogos conseguiu ver o efeito feliz de seus esforços.

Entre os que em Illiceto foram fazer o retiro achava-se uma vez um senhor de nobre aparência, o qual, resolvido a pôr em ordem os negócios de sua alma, começou os exercícios com a maior boa vontade; o infeliz não tardou a perder a tranqüilidade de espírito. O inimigo procurou levá-lo ao desespero pela lembrança das inúmeras ofensas feitas a Deus, da grandeza da sua ingratidão e da dificuldade de uma verdadeira e completa conversão. O pecador perdeu a coragem e o gosto de trabalhar na salvação da sua alma; tomou por fim a resolução de voltar para casa e não se incomodar mais com coisas espirituais.

Nesse estado encontrou-o Geraldo, que por uma revelação divina conhecera a tempestade desencadeada no coração do infeliz e a sua prostração espiritual. Sem rodeios o servo de Deus interpelou-o: “Que tendes, senhor? resisti a essa desconfiança que vem do inferno; Deus e a SS. Virgem vos hão de auxiliar!” O rubor ascendeu às faces do retirante; viu-se descoberto e desconcertado; logo porém as palavras de Geraldo o tranqüilizaram e confortaram e ele, livre dos ataques do inimigo, dissipou os pensamentos lúgubres e cooperou com a graça até o fim.

Um outro retirante, cedendo à tentação, não confessou sinceramente os seus pecados. Não obstante quis tomar parte na comunhão geral. Geraldo, que estava o coro a rezar, iluminado por Deus, foi ter com ele, chamou-o à parte e, com bondade, mostrou-lhe a gravidade do crime que ia cometer. O assombro, a confusão, a vergonha apoderaram-se do pecador di-

ante dessa manifestação do Irmão. Caíram-lhe as escamas dos olhos; a sua malícia ficou patente aos olhos de sua alma em toda a sua detestabilidade e vileza; procurou sem mais detença um confessor e fez uma sincera e detalhada confissão das suas culpas. No excesso da sua contrição dirigiu-se à igreja, onde todos estavam reunidos, ajoelhou-se e disse em voz clara: “Eu me envergonhei de contar aos padres os meus pecados, mas o Irmão Geraldo m’os descobriu; agora, para confusão minha, quero manifestá-los a todos”. O penitente teria feito a declaração pública de seus delitos, se um dos sacerdotes presentes não lh’o tivesse proibido.

Caridade ainda maior e mais admirável demonstrou o santo a um sacerdote, enviado pelo bispo Amato de Lacedogna ao convento de Iliceto, para o retiro espiritual. Esse homem manchara a sua batina, escandalizando o povo com seu mau procedimento. Todos os meios, severidade e brandura empregados na sua conversão, haviam fracassado até então. Esse retiro imposto pelo prelado, ele o fez externamente bem, mais o seu interior continuou na mesma, porquanto estava resolvido a não mudar de vida.

Hipócrita até o fim, ousou aproximar-se com os outros da mesa da comunhão. Geraldo encontrou-se com ele: “Para onde vai, senhor?” perguntou detendo-o. “Vou comungar”, respondeu o infeliz. “Comungar? replicou Geraldo em tom de indignação, comungar? o senhor vai comungar e não se confessou deste, daquele, e daquele outro pecado! Vá confessar-se

já, e confessa-se bem, se não quiser que a terra o devore!” Apavorado com aquelas palavras, que traíam um olhar sobrenatural sobre o seu coração, o sacerdote caiu em si, confessou os seus pecados e fez sincero propósito de mudar de vida.

Com as melhores resoluções deixou o convento dos redentoristas e voltou para a sua terra. O seu fervor conservou-se ainda uns meses; mas depois retornou o infeliz ao estado anterior e tornou-se pior do que antes.

Apesar disso voltou, o ano seguinte, a Illiceto para o retiro. À pergunta de Geraldo sobre o estado da sua consciência atreveu-se a responder que, graças a Deus, tudo ia bem, pois que não recaíra nos pecados passados. O nosso santo porém, por iluminação divina, conheceu o verdadeiro estado daquela alma; desolou-se com a mentira atrevida, que era para ele o sinal evidente de que o infeliz tornara a cair nas garras do “pai da mentira”.

O seu zelo apostólico não quis desanimar ainda quanto à salvação daquela alma, por mais difícil que lhe parecesse. Serviu-se dos meios mais eficazes para tais empresas; pediu a Deus o munisse de força, caridade e paciência; tomou um crucifixo, foi ao quarto do sacerdote e fechou a porta e as vidraças. Estava excitadíssimo; em seu coração agitavam-se os sentimentos de um ardente zelo, de terna caridade e nobre indignação, sentimentos esses que se espelhavam em seus olhos e em todo o seu exterior. Sem mais preâmbulos começou: “Que é isto senhor! —

Tivestes o atrevimento de ofender de tal forma a Deus, ah! ingrato e mentiroso”. — Como? “Não fizestes nada? Não recaíste? Vede as chagas de Jesus Cristo; contemplai-as; quem é que as abriu senão vossas iniquidades? Quem, senão vós, arrancou de suas veias o sangue divino!” Geraldo segurava, entretanto, o crucifixo antes os olhos do pecador; e eis — das mãos e dos pés da imagem jorrou fresco e abundante sangue — milagre estupendo que não deixou de impressionar o pobre sacerdote. Mas Geraldo continuou o seu sermão aterrorizador: “Que mal vos fez ele? e, com crescente zelo — por vós quis ele nascer como uma criancinha no presépio, por vosso amor despojou-se de tudo, reclinado sobre a palha”. Enquanto Geraldo assim falava, o sacerdote via o menino Deus nas mãos do irmão. “Como? continuou, ousais zombar-vos do vosso Deus, achincalhá-lo dessa forma? Sabei que isso não fica sem castigo; Deus é bom, mas por fim castiga. Também vós haveis de experimentá-lo se não cessardes as vossas desordens. O que vos espera — eis!” Geraldo fez um sinal com a mão e diante do pecador apareceu o demônio esquelético e ameaçador. O pecador tremia em todo o corpo, transido de medo e pavor. “Retira-te, besta infernal!” ordenou Geraldo ao perceber a boa impressão causada. A aparição dissipou-se. — O coração do pecador estava profundamente abalado e repleto de pavor e contrição. A imagem do celeste Amor e do infernal Ódio abrandara-o completamente; era-lhe já impossível resistir. Mal Geraldo se ausenta-

ra, correu ao Pe. Petrella, confessou-se e narrou-lhe o milagre, que o curara da sua hipocrisia. Em seguida deu-lhe permissão de contá-lo publicamente para servir de edificação e instrução para todos. A mudança de vida foi, desta vez, radical e perfeita; o convertido não se desviou mais do bom caminho, levando até a morte uma vida exemplar e edificante.

Da mesma forma como o santo efetuou a conversão no caso supracitado pela aparição misteriosa do sangue de Cristo, do Menino Jesus e do demônio, assim em uma outra ocasião fez um pecador cair em si e arrepende-se pela visão de uma alma condenada.

Era uma vez um retirante que se aproximava da sagrada mesa em estado de pecado mortal. Geraldo teve ainda tempo de chamá-lo à ordem: “Irmão, disse-lhe com bondade, ides comungar tendo na consciência um pecado mortal, que não confessastes; não sabeis que o sacrilégio é um grande crime? e se não o sabeis — quero vô-lo mostrar — e eis a fealdade pavorosa de uma alma sacrílega!” Nesse momento apareceu uma alma condenada. Seu aspecto era tão horrendo, que o pecador ficou transido de pavor; uma torrente de lágrimas brotou-lhe dos olhos; voltou ao confessionário, declarou sinceramente todas as suas culpas e mudou de vida. A admoestação de Geraldo e a visão do condenado impressionaram-no vivamente durante toda a sua vida, conservando-o firme contra todas as tentações do demônio.



São muitas as conversões que Geraldo operou dessa forma miraculosa; são provas de caridade que o santo nutria para com os pecadores.

Não há entretanto testemunho melhor do zelo de Geraldo, do que o ódio do demônio que molestava sem cessar o bom irmão, ódio esse que crescia na medida que o santo se enchia de zelo pela conversão dos pecadores, obtendo sempre resultados consoladores.

À noite era o leito do santo assediado de um exército de espíritos malignos que se apresentavam em figuras horrendas, uivando, gritando e ameaçando reduzir tudo a pedaços. Uma vez que Geraldo estava ocupado na cozinha, apareceram-lhe em forma de cães ferozes procurando atirá-lo ao fogo. Muitas vezes arrastavam-no pelos corredores da casa, espancavam-no até o sangue, amarravam-lhe o pescoço procurando estrangulá-lo. Mais terrível era essa perseguição nas noites de sexta-feira, que Geraldo passava a velar penitenciando-se em desagravo dos pecados e pela conversão das almas.

Estranho é que os próprios espíritos malignos não poucas vezes lhe manifestavam a causa de suas inquietações. “Não quereis cessar, disse um deles, de nos roubar almas; não cessarei também de vos atormentar, até vos tirar deste mundo”.

Não conseguiram porém intimidar o nosso santo, que expôs o seu pensamento à respeito, nas linhas seguintes, que extraímos de uma carta sua: “Quando o demônio procurar intimidar a nossa alma, não te-

nhamos receio. O seu papel é aterrorizar-nos, o nosso deve ser: não nos deixar embair por suas artimanhas. É certo que às vezes ficamos confusos e fracos, mas tendo Deus conosco e recorrendo a ele, não precisamos desanimar, porque nesses combates seremos sem dúvida amparados pela majestade divina. Permaneçamos tranquilos e firmes no cumprimento da vontade divina”.

Por mais que os espíritos malignos o assaltassem, Geraldo os desprezava na certeza da completa impotência deles. “Podeis uivar, disse uma vez quando o rodeavam quais lobos famintos; enquanto Jesus estiver ao meu lado e com ele a SS. Virgem, não me podereis morder”. Molhava então o dedo na água benta e aspergia-os com ele; ou fazia o sinal da cruz e a chusma infernal desfazia-se como a neblina ao nascer do sol.

A mesma virtude celeste exercia Geraldo em se tratando de outras pessoas perseguidas pelo inimigo maligno. “A quantos possessos, exclama Tannoaia, não libertou ele só com uma ordem! Um dia, chamado a um desses infelizes, que o demônio não queria abandonar, Geraldo cingiu-o com seu cinto, o que foi suficiente para pôr em fuga o inimigo”.

O santo conhecia imediatamente a presença do espírito maligno em qualquer lugar, sem se enganar jamais com suas aparições sob as mais variadas formas. Um domingo postaram-se à porta do convento dois rapazes, cuja procedência todos ignoravam. Geraldo reconheceu-os incontinenti: “Que estais fazen-

do aqui? — disse a um deles — aqui não é o vosso lugar. Em nome de Deus, ide para o inferno!” Os desconhecidos desapareceram num instante: eram espíritos maus. Não se sabe o motivo da sua permanência à porta do convento; mas o fato é fora de dúvida, porque testemunhado por diversos religiosos daquela comunidade.

## CAPÍTULO VIII

### **Profissão dos votos**

Em junho de 1751 o Pe. Mazzini fez em Iliceto a visita canônica. Esse acontecimento foi de importância capital para o nosso santo. Entrado a pouco como irmão leigo, Geraldo não podia esperar para logo a licença da emissão dos votos, porque na Congregação era costume prolongar a provação dos leigos, sendo muito raras as exceções. Além disso a sua compleição fraca inspirava cuidados, embora se mantivesse firme durante o ano todo. Diante disso nem os encômios dos seus superiores nem as recomendações dos confrades poderiam determinar o santo fundador a admitir Geraldo, antes dos outros, à profissão religiosa. O Pe. Mazzini, um dos mais influentes conselheiros do santo, chegou a ver com seus próprios olhos, na visita, o nosso Geraldo e convencer-se da virtude lídima e excelente espírito do jovem irmão. O Pe. Visitador reconheceu que nele a Congregação possuía um tesouro inestimável, que se não devia perder, mas guardar com cuidado. Propôs por isso ao santo Fundador admiti-lo à profissão mesmo antes dos outros. Santo Afonso acedeu e em janeiro ou fevereiro de 1752 chegou em Iliceto uma carta do superior geral permitindo ao Irmão Geraldo começar o seu segundo noviciado, o segundo meio-ano de provação para a profissão dos votos. É fácil

imaginar-se a alegria do santo ao receber essa permissão.

Entretanto no convento de Iliceto deram-se alterações que afetavam de perto o nosso noviço.

Mais ou menos em fins de outubro de 1751 o Pe. Cafaro depusera o cargo de superior para reger, como reitor, o convento de Caposele. Em seu lugar entrou, para pouco tempo, o Pe. Francisco Giovenale, que foi substituído pelo Pe. Salvador Gallo, que poucas semanas depois, em fevereiro de 1752, entregou a direção da residência de Iliceto ao Pe. Carmello Fiocchi, que a regeu até outubro de 1755.

Geraldo sentiu o afastamento do Pe. Cafaro, excelente diretor de almas; não se privou, entretanto, da sua direção espiritual, que o orientou até a morte. De sua parte Cafaro favoreceu sempre com seus conselhos o abençoado Irmão. Uma vez, palestrando sobre o santo, disse Cafaro: “O Senhor favoreceu esse irmão em tudo e mais do que aos outros; toda a sua vida é um milagre constante”.

Geraldo escolheu para confessor o Pe. Giovenale, que lhe supriu de certo modo a falta do Pe. Cafaro. O Pe. Giovenale, nascido em Lacedogna em 1719, entrou na Congregação como jovem sacerdote (1746) e desde 1749 entregou-se em Iliceto à direção espiritual do Pe. Cafaro, cujo espírito se transfundiu no seu penitente. Para torná-lo semelhante a seu diretor, Deus enviou-lhe duras provações, das quais saiu, à custa de experiência própria, excelente guia de almas. Trabalhou incansavelmente no ministério

das missões. “Oxalá pudesse eu, exclamava às vezes, morrer de armas na mão e no combate pela salvação das almas, pelas quais morreu Jesus Cristo”. Faleceu em fama de santidade em Santo Ângelo a Cupulo a 1 de maio de 1782.

Ao começar Geraldo o seu segundo noviciado o Pe. Giovenale era, muito provavelmente, mestre de noviços. Mais tarde, com a transferência do Pe. Giovenale para o convento de Caposele (abril de 1752), o Pe. Fiocchi, reitor, assumiu esse cargo.

O santo nada perdeu com essa mudança. Embora mais moço do que Giovenale e Cafaro, podia o Pe. Fiocchi competir com eles em virtude e ciência da direção espiritual; era de molde a conquistar-se logo a afeição e a confiança do santo.

Nascido a 31 de junho de 1721 em Cajano de pais virtuosos, revelou Fiocchi desde os seus mais verdes anos, grande piedade, apaixonando-se pela união com Deus e afeiçoando-se de tal forma à vida de penitência que sua mãe lhe teve de arrancar muitas vezes das mãos os instrumentos de mortificação. Quando da idade escolar, foi enviado a Nápoles para se aperfeiçoar nas ciências. Os divertimentos da capital não atraíam o seu coração; conservou ilibada a sua inocência e progrediu brilhantemente não menos na virtude do que nas ciências, às quais se dedicou com os mais estupendos resultados. Logo após a sua entrada no seminário de Salerno recebeu o subdiaconato. A sua aspiração porém era mais alta; sentia vocação para a vida religiosa e não quis procrastinar

a realização do seu intento. Examinou as diversas Ordens existentes e viu que a Congregação do Santíssimo Redentor, que acabava de ser fundada, satisfazia mais aos seus desejos. Escreveu ao santo Fundador, expondo seu desejo e pedindo a admissão na Congregação. Santo Afonso acedeu ao seu pedido e respondeu-lhe pouco depois “que a sua vocação vinha de Deus que reclamava sua propriedade, e que ele devia corresponder o mais depressa possível ao chamamento divino, porquanto a vocação é uma graça que se pode perder facilmente”. Fiocchi dirigiu-se incontinenti ao noviciado de Ciorani. Os pais, aliás piedosos, levaram a mal aquela partida tão apressada do filho; pediram e ameaçaram o moço resoluto, querendo demovê-lo da sua resolução e reenviá-lo ao seminário; fracassados os seus esforços recorreram ao poder civil. Conseguiram, por ordem do governo, afastar o filho do convento redentorista e levá-lo a um convento de Salerno, afim de lá se provar a sua vocação; tudo porém foi em vão; não puderam demovê-lo da resolução tomada. As marteladas endureceram o aço; com maior alegria e coragem voltou Fiocchi ao convento depois de resistir a todas as provações e importunações. Em 8 de maio de 1744 professou nas mãos de Santo Afonso. Terminados os estudos e ordenado sacerdote foi logo, apesar da sua pouca idade, enviado às missões. Como um dos maiores missionários, formados na escola de Santo Afonso, trabalhou durante trinta anos na salvação das almas com zelo ardente e resultados estupen-

dos, prendendo os corações ainda mais pela força de suas virtudes do que pela sua eloquência que era admirável. Na idade de 28 anos foi reitor do convento de Nocera e, depois da morte do Pe. Sportelli (1750), Afonso o recebeu entre os seus consultores gerais.

Dentre as muitas virtudes desse santo religioso sobressaíam especialmente a humildade, a pobreza e a obediência. Extraordinário era o seu amor a Jesus Sacramentado e a SS. Virgem; era um mestre consumado no exercício da presença de Deus.

O Pe. Fiocchi expirou na doce paz do Senhor em 1776, com o nome de Maria nos lábios. Muitos têm conseguido graças insignes à invocação de seu nome. Quatro anos depois da morte o seu corpo estava ainda incorrupto.

Sob a direção espiritual de homens como o Pe. Giovenale e o Pe. Fiocchi foi fácil para Geraldo prosseguir, no segundo noviciado, a obra começada no primeiro. Novamente teve o santo ocasião de praticar com perfeição especial as duas grandes virtudes: obediência e penitência.

A respeito da obediência simples e humilde do noviço alega o Pe. Giovenale diversos episódios, que queremos mencionar com suas próprias palavras.

“Uma vez, conta ele, chamei Geraldo para me ajudar a missa. Eu sabia, como todos, que após a santa comunhão ele costumava perder os sentidos em santos arroubos de amor divino; não obstante mandei-o comungar antes da missa, que lhe serviria de ação de graças, para poder logo depois começar o



seu trabalho. Lembrando-se do que lhe soía acontecer depois da comunhão, apostrofou-me: ‘Mas, padre?’ — Que é isso, repliquei cortando-lhe a palavra, não quereis obedecer? Não foi preciso mais; comunhou antes da missa. Executou, a tremer, a minha ordem; terminada a missa; recolheu-se atrás do altar, ajoelhou-se e permaneceu, longo tempo, em êxtase”.

Geraldo obteve de Deus a graça raríssima de ficar livre das tentações contrárias à bela virtude, de sorte que nem sabia em que elas consistiam. Não suspeitando perigo em parte alguma, andava sempre de olhos abertos em todos os lugares. Notando isso, mandei chamá-lo e disse-lhe: “Porque não observais a modéstia dos olhos e não os baixais?” “Mas porque é que eu devo baixá-los?”, respondeu-me com toda inocência. Para não lhe roubar a simplicidade, retruquei: “É porque eu quero que os baixeis”. Essa palavra foi bastante para eu conseguir o meu intento; desde esse dia nunca mais levantou os olhos, não por medo das tentações mas por obediência”.

“Lembro-me que, uma vez, durante a sua enfermidade fui chamado ao seu quarto, onde o encontrei ardendo em febre. Como ele se achava sob a minha direção espiritual, mandei-o levantar-se são e ir para o trabalho. Obedeceu, levantou-se e a febre desapareceu. Estando eu de partida para as missões, abordou-me com a pergunta: ‘Padre, não tenho mais licença de ficar doente?’ — ‘Até a minha volta das missões, respondi, deveis conservar-vos com saúde’. E assim foi”.

Essa obediência admirável pôde também testificá-la o Pe. Fiocchi, sucessor do Pe. Giovenale. Devendo uma carta ser despachada para Lacedogna, o Pe. Fiocchi deu ordem a Geraldo de se pôr imediatamente a caminho. O servo de Deus já estava longe quando o reitor se recordou de não ter escrito um ponto importante. “Se eu pudesse fazer voltar o irmão”, pensou ele; não tardou muito e Geraldo, de volta, entrou no quarto do superior entregando-lhe a carta. O Pe. Fiocchi, simulando ignorância no caso, perguntou-lhe pelo motivo de sua volta. Geraldo não respondeu, mas com um sorriso deu a entender que ficou sabendo do desejo de seu superior.

Ainda mais maravilhosa mostrou-se a obediência do santo no caso seguinte: Em março de 1752 achava-se o Pe. Fiocchi em Melfi no palácio do bispo Mons. Basta, grande amigo da Congregação.

A conversa caiu sobre a vida santa do irmão Majella. O bispo queria conhecê-lo mais de perto; com as narrações do reitor cresceu ainda mais o seu desejo, ao ponto de exigir a presença de Geraldo em Melfi. O Pe. Fiocchi achou bom satisfazer o desejo do bispo, que logo se preparou para mandar um portador a Iliceto com o recado ao irmão: “Excelência, disse o Pe. Fiocchi, não é necessário mandar um portador; basta que eu lhe dê, mentalmente, ordem de vir; V. Excia. verá quão grande é a sua obediência, e o quanto ele é favorecido por Deus”. O Pe. Fiocchi recolheu-se um momento e ordenou a Geraldo que se dirigisse a Melfi.

Na mesma hora o Santo em Iliceto foi ter com o Pe. Ministro, que fazia as vezes do Reitor, e pediu licença para ir a Melfi, porque o superior o estava chamando. A licença foi dada. Geraldo partiu e chegou ao palácio episcopal de Melfi no momento em que o bispo se entretinha com o Pe. Fiocchi. “Que é que vos traz aqui?” disse este friamente ao irmão, que entrava para lhe beijar a mão. “A ordem que V. Revma. me deu”, foi a resposta. “Como? a ordem? continuou Fiocchi, eu não vo-la comuniquei nem por carta nem por portador”. — “Mas, meu padre, replicou Geraldo, V. Revma. na presença do sr. bispo deu-me ordem de vir, porque ele me deseja ver. — Excelentíssimo Senhor, acrescentou Geraldo ao prelado, quem sou eu para me desejarem falar; sou um miserável verme, que tem necessidade de toda a misericórdia de Deus”.

É fácil imaginar-se a impressão causada ao bispo pelo aparecimento e pelas palavras humildes do santo; verificou ser verdade o que todos diziam dele — um prodígio de obediência, simplicidade e humildade. Desejou conservá-lo mais tempo debaixo dos seus olhos, o que lhe foi concedido.

O prelado, que hospedou Geraldo, era um homem de grande circunspecção e prudência. Embora o primeiro encontro com Geraldo lhe proporcionasse elevado conceito da sua virtude, julgou não dever contentar-se com isso. Pôs-se a provar de todas as maneiras o espírito do irmão e investigou os motivos que o guiavam, para se certificar se o exterior não

destoava do interior. A prova foi favorável ao santo. Desde então o bispo encheu-se de admiração pelo irmão, procurando tirar proveito da ciência sobrenatural e da prudência desse santo religioso. Entreteve diariamente longas conferências com ele, dirigindo-as de forma que Geraldo fosse obrigado a emitir o seu juízo sobre muitos negócios referentes ao bem da diocese.

Os que rodeavam o bispo não se saciavam de ouvir e fazer perguntas ao santo. “Ele porém — assim narra um sacerdote que no palácio muitas vezes se encontrou com ele — falava sobre assuntos da religião, mormente sobre o mistério da Encarnação, com a facilidade de um Agostinho ou de um Jerônimo”.

Mais ainda do que a ciência sobrenatural de Geraldo, despertava admiração e edificação a sua vida santa. O servo de Deus no palácio do bispo levava a vida da sua cela em Iliceto, trabalhava, orava e praticava os exercícios de piedade sempre recolhido, parecendo conviver com os homens, apenas para lhes comunicar o fogo do seu amor. Uma vez, encontrando-se com o cozinheiro do bispo, colocou-lhe a mão sobre o peito dizendo em tom insistente: “Amemos a Deus, amemos a Deus”.

Também fora da resistência episcopal tornou-se Geraldo muito conhecido; a fama da sua santidade difundiu-se sobretudo nos conventos da Ripacandida e Atella, com os quais, mais tarde, o santo iria entrar em estreitas relações.

Para os amigos do santo decorreram depressa os poucos dias de sua estada em Melfi; tentaram detê-lo por mais tempo, porém debalde, porquanto o santo não se demorou nem um minuto mais do que lhe era permitido.

Na tarde do último dia arreou o cavalo e aprontou-se para partir para Iliceto. Era já muito tarde; uma neblina espessa envolvia a terra; estava iminente uma chuva torrencial.

Geraldo pouco se preocupou com isso e partiu. Devido a forte cerração não lhe foi possível distinguir o caminho, extraviou-se e foi dar a uma floresta que circundava o rio Ofanto, difícil de atravessar à noite devido às muitas escavações feitas pelas enxurradas. Estava em má situação o nosso irmão; não enxergando mais nada, teve de abandonar-se ao instinto do animal. Eis que de repente vê diante de si um ser vivo, que lhe tentava embargar os passos. Era o demônio que espreitava o momento do mais grave perigo para perder o seu inimigo. Entretanto era ele que devia tirar dos apuros ao homem da fé e conduzi-lo são e salvo ao lugar do seu destino. Alta hora da noite chegou Geraldo a Lacedogna, onde se hospedou com Constantino Capucci, amigo da Congregação.

Ouçamos da boca de Capucci, ou antes dos lábios do santo, como conseguiu ver-se livre das emboscadas do demônio.

“Eram 10 horas da noite, conta Capucci, e eu estava sentado com minha família junto ao fogo; já es-

távamos para recolher-nos, quando ouvimos bater à porta. A essas horas, com um tempo tão mau, era deveras para estranhar. Perguntei quem batia. ‘O Irmão Geraldo’, foi a resposta. Conhecendo logo a voz, abri imediatamente a porta e vi o irmão todo ensopado e coberto de lama”.

“Que é isso, meu caro Irmão Geraldo, exclamei abraçando-o, vós aqui a estas horas e com este tempo?”

“Faça sempre a santíssima vontade de Deus, meu caro Constantino, respondeu, estou voltando de Melfi; a escuridão, a neblina, a chuva desviaram-me do caminho e fui parar à margem do Ofanto, à beira do precipício, onde eu teria sucumbido, se Deus não tivesse vindo em meu auxílio. No momento do maior perigo apresentou-se-me alguém em frente, com as palavras: ‘É aqui que eu vos queria; sou agora o dono da vossa pessoa; não obedecestes ao Superior, Deus não vô-lo perdoa’. A princípio fiquei um tanto surpreendido; recomendei-me a Deus e reconheci o inimigo das almas. ‘Besta miserável, disse-lhe, ordeno-te em nome da SS. Trindade, que me puxes às rédeas do animal!’ Assim evadi-me do perigo; sem esse companheiro estaria eu agora sepultado nas águas do Ofanto. Ao chegarmos perto da igreja da SS. Trindade, disse-me mal humorado o meu estranho companheiro: ‘Aqui é Lacedogna’ e desapareceu”.

Com a mesma simplicidade narrou, ao voltar, essa sua aventura aos padres Fiocchi e Giovenale, aos

quais não queria ocultar coisa alguma a esse respeito.

No segundo noviciado aplicou-se Geraldo à solidão e ao mais completo afastamento do mundo; julgou necessário proceder assim por ser já muito conhecido fora do convento. Os superiores acederam aos seus desejos e proibiram-lhe qualquer comunicação com estranhos.

À priora das Carmelitas de Ripacandida, que lhe pedira recomendá-la a um certo ermitão, escreveu o santo em abril de 1752. “Para dar o seu recado tive de entregar a carta ao Irmão Caetano. Agora só me resta o caminho dos sinais; já há muito estou mudo, porquanto é essa a vontade de Deus. Os superiores proibiram-me falar com estranhos, a não ser que eu esteja fora de casa. Pedi a Deus, acrescentou, queira desfazer o bom conceito que alguns fazem erradamente de mim, e que os homens não desejem mais falar nem entreter-se comigo!”

Chegara enfim o tão almejado mês de julho de 1752 em que Geraldo devia consumir o sacrifício, consagrando-se como vítima ao Senhor pela profissão dos santos votos. Na festa de Nossa Senhora da Visitação começou os usuais exercícios de quinze dias e a 16 de julho, festa do SS. Redentor e de Nossa Senhora do Carmo, emitiu os votos religiosos.

As particularidades dessa festa não nos são conhecidas; sabemos apenas que o santo irmão exultou de prazer nessa ocasião, difundindo alegria sobre a comunidade de Iliceto, que participou ativamente

da sua felicidade. Os sentimentos de júbilo, amor e gratidão que avassalaram o seu coração nesse ato sublime, atestam-nos duas cartas escritas por Geraldo logo depois da sua profissão, nas quais se patenteia a comoção da sua alma. A primeira, espelho fiel da grande alma do bom irmão, foi dirigida nos seguintes termos a Santo Afonso, superior geral da Congregação:

### Jesus e Maria.

A graça do amor divino esteja com V. Paternidade, e a Imaculada Virgem Maria vos proteja. Amém.

Meu Pai. Prostrado aos pés de V. Paternidade, agradeço-vos do íntimo da alma a bondade e a caridade, que me mostrastes, sem nenhum merecimento meu, admitindo-me na Congregação e aceitando-me por filho vosso. Seja eternamente bendita a bondade divina, que me dispensou tantas misericórdia, entre outras, a de eu poder fazer no dia do SS. Redentor, a minha profissão, consagrando-me inteiramente a ele. Meu Deus, quem sou eu, para atrever-me a fazer ao Senhor a minha oblação! Quisera agora falar da grandeza e bondade divina; mas isso seria, na presente circunstância, muito inútil e vós me teríeis na conta de um louco! Meu Pai, pelo amor de Jesus e de Maria, peço-vos me abençoéis e coloqueis aos pés da Majestade divina. Beijando-vos as mãos, sou

De V. paternidade indigno filho  
GERALDO MAJELLA, C.Ss.R.



A outra carta escrita ao Pe. João Mazzini, a 26 de julho de 1752, é assim redigida:

### Jesus e Maria.

A graça do Espírito Santo encha-vos a alma e fique convosco, e a Imaculada Virgem vos guarde. Amém.

Meu caro padre. O amor que vos consagro em Jesus e Maria, amor que julgo puro e fundado em Deus, não vô-lo posso exprimir em palavras; só Deus o conhece. De coração agradeço-vos a bondade e a caridade com que vos empenhastes junto do nosso caro Pai para eu emitir os santos votos. Fiz a minha profissão no dia do SS. Redentor e espero que a Majestade divina me não há de desamparar e me ajudará a fazer sempre a sua santíssima vontade.

Meu padre, pelo amor de Jesus e Maria, interessai-vos pela minha alma; recomendai-a Deus, que eu nunca, nunca me esquecerei de V. Revma.

Beijo-vos as sagradas mãos. *Et perpetuo permanemus in corde Jesu et beatæ Mariæ* (permanecemos sempre unidos nos corações de Jesus e Maria).

De V. Revma. indigno servo e confrade  
GERALDO MAJELLA, C.Ss.R.

Como era de esperar, a perfeição oblação de si mesmo pelos santos votos ateou um novo incêndio de amor e fervor no coração do santo. Em suas anotações firma com as seguintes palavras o propósito de renovar freqüentemente os seus votos: “Durante o

Memento dos mortos, na santa Missa, apresentarei ao Senhor o desejo do martírio e renovarei com fervor os meus quatro votos”.

Em um outro lugar diz: “A 21 de outubro de 1752 fiquei compreendendo melhor as seguintes verdades: Sofrer, e não o fazer por amor de Deus, é um tormento infinito — sofrer tudo por Deus, é uma delícia!”

Imitando Santa Teresa emitiu ele, por essa ocasião, o voto “de fazer sempre o que julgasse mais perfeito” — voto esse que assusta a fraqueza humana, e que é a expressão de um coração que se entregou inteiramente a Deus e seus interesses divinos. Como esse voto sublime e difícil condizia perfeitamente com a vida e aspiração do santo, “pôde ele, como se exprime um dos seus biógrafos, levá-lo ao mais alto grau de perfeição. Desde então viam todos em Geraldo o homem celestial, guiado pela inspiração divina, o religioso de incomparável pureza, e instrumento insigne nas mãos de Deus para a salvação das almas”.

## CAPÍTULO IX

### O esmoleiro

Nos planos da Providência, Geraldo não devia apenas distinguir-se pelo brilho das virtudes dentro do convento, mas quanto possível a um simples irmão leigo, ser um salvador de almas e verdadeiro apóstolo em não insignificante parcela da sua pátria. Esse desejo de atividade apostólica despertou-se em sua alma desde a infância. Já temos visto como ele trabalhou na conversão dos pecadores nos primeiros anos de sua vida religiosa; porém então não eram muitas as ocasiões que para isso se lhe ofereciam. Depois da sua profissão a coisa tornou-se outra.

Favorável ocasião para isso teve o nosso santo no costume de os redentoristas napolitanos levar consigo às missões um irmão leigo na qualidade de ecônomo, que tinha o ofício de prestar aos padres os serviços domésticos e de fazer diversos negócios fora de casa.

Como Geraldo possuía em alto grau as qualidades requeridas para esse mister, recebeu não raras vezes a incumbência de acompanhar os missionários. Que ocasião excelente para o exercício de seu zelo apostólico!

Sem transgredir os limites, indicados por seu ofício e modéstia, o santo realizou e conseguiu mais pelo exemplo de suas virtudes e piedosos colóquios

do que muitos pregadores. Ele era, diz uma testemunha de sua operosidade, o mais ativo colaborador dos sacerdotes, mormente na instrução do povo por ele procurado. Achou meios de chegar-se ocultamente aos extravios para os ganhar para a virtude, que conseguia quase sempre, de sorte que os missionários costumavam dizer: “O trabalho e o exemplo de Geraldo produzem mais resultado do que mil missões e pregações”.

Quando algum confessor não se podia arranjar com algum pecador nem abrandar-lhe o coração com conselhos e pedidos, mandava-o ao Irmão Geraldo, que, quase sempre, em pouco tempo o reenviava instruído e convertido.

O que sacerdotes zelosos e doutos não conseguiam, o indouto irmão liquídava com poucas palavras. Em geral falava calmamente com o pecador; em caso de necessidade, porém, sabia manejar o azorrague e discorria com severidade, efetuando as mais admiráveis conversões.

“É Deus que operava por meio do Irmão, afirmava um missionário, nós só tínhamos que admirá-lo e procurar imitá-lo”.

Também fora das missões, como em novenas, tríduos e outros trabalhos semelhantes, os padres apraziam-se em ter a Geraldo por companheiro. Cada qual contava certo com o resultado de seu trabalho, sempre que podia ter ao lado o Irmão Geraldo.

Não eram entretanto as missões e outros trabalhos semelhantes, que constituíam a ação mais abençoada e profícua de Geraldo.

Mais vasto campo de ação abria-se quando a penúria do convento o constrangia a pedir esmolas.

Por ocasião da fundação de Iliceto Santo Afonso escreveu ao Pe. Rossi: “Munamo-nos de coragem, a nossa vida lá será sempre a de indigentes”. E essa profecia realizou-se.

As tristes condições de miséria, em que se começou a fundação de Iliceto, não melhoraram; a penúria crescia dia a dia, e não se podia esperar auxílio de outras casas, porque elas também mal possuíam o necessário para se manter.

Os superiores viram-se pois na dura necessidade de recorrer à generosidade de benfeitores; mandavam para isso diversos irmãos esmolar em vários lugares com a autorização dos bispos e dos vigários.

Entre os irmãos não havia nenhum mais apto para essa delicada e escabrosa ocupação do que o nosso santo. Sua edificante modéstia, a mistura suave de afabilidade, simplicidade e austeridade, que lhe eram próprias, sua prudência no trato com o mundo, enfim sua fama de santidade recomendavam-no para esse ofício; podia-se com fundamento esperar dele não só o fim próximo do peditório, mas também aquela unção que ele sabia imprimir à sua atividade, a exemplo de São Francisco de Assis e São Félix de Cantalício.

Para Geraldo era o exercício desse ofício a melhor ocasião de desenvolver em todos os sentidos a sua caridade apostólica.

Nos três anos seguintes percorreu vários povoados, aldeias e cidades, distribuindo ricos tesouros de graças celestes em paga das pequenas esmolas que recebia.

Não conhecemos muito pormenores das viagens abençoadas do nosso santo esmoleiro; entretanto o pouco que sabemos é bastante para formarmos uma idéia mais ou menos adequada da sua atividade e nos enchemos de assombro diante dela.

Primeiro diremos algo em geral da vida do santo em suas peregrinações, deixando para mais logo a descrição de sua operosidade em lugares determinados.

O religioso obrigado a entrar em contato constante com o mundo, deve ser perito na arte de conservar sempre o espírito recolhido da cela e de se não mundanizar no barulho e rumor do século. Geraldo possuía essa arte em grau elevado; vivia da mesma forma dentro como fora do convento: era sempre o mesmo irmão simples, pobre e amável. Contemplando-o em suas viagens de aldeia em aldeia, ao lado da sua cavalgadura, pobrementemente vestido, recolhido, amavelmente saudando a todos, trocando algumas palavras com quem o apostrofava, abençoando as crianças que lhe iam beijar as mãos, parando em cada igreja para rezar um pouco e pedindo esmola com incomparável modéstia e humildade, podia-se reco-

nhecer imediatamente o homem da oração e dos carismas divinos.

As duras mortificações praticadas em casa, o santo as prosseguia em suas viagens. O voto feito de executar sempre o que julgasse mais perfeito, tornava-se sempre mais exato: nem as viagens penosas, nem as dificuldades do peditório dispensavam-no do rigor do voto.

Jejuava também fora do convento; e sempre que tomava algum alimento, misturava-o com ervas amargas. Quando tomava algum descanso, à noite, desprezava os leitos e dormia no chão; e para que ninguém o notasse desarranjava a cama de manhã. Quando, às vezes, não lhe era possível alcançar a casa dos benfeitores e amigos da Congregação, dormia ao relento; em casa inteiramente estranha nunca se alojava.

Geraldo caminhava ao lado do seu jumento; cavalgar parecia-lhe luxo e comodidade. Às vezes, quando os superiores se lembravam de prescrever-lhe a equitação, Geraldo obedecia; aliás a cavalgada ia mais fresca e folgada. Encontrando, de caminho, alguém com peso às costas a seguir a mesma estrada, não sossegava enquanto não lhe tirava o fardo para pô-lo no seu jumento, mesmo que se tratasse apenas de uma pequena distância. Aos confrades, que às vezes o acompanhavam, cedia sempre a sela marchando ele ao lado.

Virtude característica no nosso Geraldo era a extraordinária modéstia em toda a sua conduta. Fre-

qüentemente encontrava-se com pessoas do outro sexo; nunca porém perdeu coisa alguma da decência delicada, que lhe era própria. Fizera-se escrúpulo em rezar uma Ave Maria em louvor da Imaculada sempre que, em virtude do seu ofício, se encontrava com mulheres, propósito esse que sempre executou conscienciosamente. Evitava, quanto possível, falar a sós com essas pessoas; mesmo quando era necessário dirigir-se a muitas ao mesmo tempo, guardava sempre a maior discrição, embora se entretivesse sem o menor acanhamento. Conservava os olhos sempre baixos não tanto por sua causa, mas pelo bom exemplo que devia dar.

A sua presença produziu sempre profunda impressão. Grandes e pequenos e até povoações inteiras recebiam-no com verdadeiro entusiasmo. Se todos porfiavam em dar-lhe generosas esmolas, de sorte que, como Geraldo se exprime, “as mulheres da sua terra arrancariam os seus brincos e os homens os seus tesouros, se ele os não impedisse” — contudo mais ávidos eram todos em receber dele as esmolas espirituais.

Edificação especial causava a todos o seu espírito de oração. Viam-no a cada momento livre diante do SS. Sacramento, não raramente em êxtase. Em suas viagens, os viandantes notavam que Geraldo, em seu espírito, seguia caminhos diversos dos que seus pés trilhavam.

Porém não era somente com o exemplo das suas virtudes que remunerava as esmolas recebidas;



pagava-as ricamente com uma outra moeda, ainda mais preciosa. Terminado o peditório transformava-se em apóstolo.

De todos os lados recorriam a ele assaltando-o com pedidos e perguntas; uns queriam suas orações, outros desejavam conselhos, consolo e instrução. À tarde achava-se quase sempre rodeado de gente; e ninguém se arrependia dessa santa ousadia, pois Geraldo regozijava-se sempre que lhe era dado comunicar a outrem os dons recebidos de Deus. O assunto usual da sua palestra era: obrigação de levar uma vida verdadeiramente cristã, a fugida do pecado, a fidelidade no cumprimento dos deveres do próprio estado, a recepção freqüente dos santos sacramentos, o amor a Jesus Cristo, a devoção a Nossa Senhora e semelhantes.

O irmão era tão hábil em consolar os outros, que alguém afirmou “ter Geraldo levantado o ânimo a todos os que sofriam”. Reanimava as almas aflitas apontando-lhes o exemplo de Jesus paciente, e conseguia fazê-las carregar a cruz com resignação e até com alegria. Não suportava discórdias, inimizades e semelhantes escândalos; restituía a paz às famílias, que lhe ficaram devedoras dessa felicidade, aliás perdida talvez para sempre.

Em geral não deixava passar ocasião de impedir pecados e corrigir pecadores.

Ao viajar um dia por San Menna, notou que seu cavalo tinha perdido as ferraduras. Dirigiu-se a um ferreiro, que em sua avareza quis explorar a simplici-

dade do irmão. Terminado o trabalho exigiu pagamento exagerado. Sem lesar o voto de pobreza, unicamente para satisfazer a ganância do ferreiro, Geraldo não podia concordar com a injusta exigência. Santamente irado mandou o cavalo que restituísse as ferraduras; o animal deu um salto, sacudiu os pés e despregou as ferraduras. O homem perdeu a fala de tamanho susto; recuperou-a só quando Geraldo, montado em seu cavalo, havia desaparecido. Caindo em si e reconhecendo a sua falta, correu atrás gritando: “Geraldo, Geraldo, parai, esperai um pouco”. Era tarde; o irmão ia longe e não voltou.

Uma outra vez encontrou junto à ponte de Bovino um cocheiro, que blasfemava horrendamente. O carro atolara debaixo da ponte e os animais não o podiam puxar para fora; o carro e os animais estavam em grande perigo. As blasfêmias penetraram como punhaladas no coração do santo. “Cessai de blasfemar”, gritou Geraldo ao cocheiro. — “Cessarei se me salvardes o carro e os animais, que irão ao fundo”, foi a resposta. “Bem — replicou o santo e, dirigindo-se aos animais como sinal da cruz — mando-vos em nome da SS. Trindade que puxeis para fora o carro”. Palavras não eram ditas, o carro tornou-se leve e os animais puxaram-no sem esforço para fora do rio. O cocheiro ficou obstupefato. Geraldo aproveitou-se da disposição do homem para completar a sua vitória. Repreendeu-o, admoestou-o a abandonar o mau costume de blasfemar e concluiu com as palavras: “De hoje em diante nada mais de blasfêmias; se vos su-

ceder no futuro desgraça semelhante a esta, lançai ao carro este meu lenço e Deus vos há de socorrer”. O cocheiro não tardou em ter ocasião de verificar a verdade dessa predição. Achando-se uma vez em apuros semelhantes àquele, disse consigo mesmo: “vamos ver se o Irmão é de fato um santo” e lançou ao carro o lenço de Geraldo que levava sempre consigo — repetiu-se o milagre de acordo com a predição do santo.

O nosso esmoleiro empreendeu de fato uma campanha gloriosa contra o pecado. Geraldo fazia, por assim dizer, caça formal aos pecadores, nada descurando para a conversão deles. A atração da sua caridade é que agia, mais que tudo, sobre os corações. Um outro fator talvez mais poderoso ainda nas conversões era a penetração que exercia sobre as consciências.

Para abrir brecha nos corações empedernidos tomava singulares posições de assalto. Encontrou-se um dia, não longe de Iliceto, com um jovem aventureiro que o fitou e examinou de alto a baixo. O traje de Geraldo era pouco recomendável; uma capa velha e remendada pendia-lhe dos ombros, a batina curta em mau estado, um chapéu velho e usado cobria-lhe a cabeça. Não admira que o moço teve dificuldade em discriminar a classe, à qual poderia pertencer o santo. A idéia, que se formou, foi de estar diante de um cigano.

Quem sabe, pensou ele, o homem poderá ser-me útil. Aproximando-se de Geraldo perguntou-lhe:

“Ser-me-á permitido acompanhá-lo? Julgo serdes um feiticeiro”. Embora pouco lisonjeira, a apostrofe agradou a Geraldo, que desejava aproximar-se do jovem para colocá-lo no bom caminho. Deu-lhe uma resposta evasiva; o aventureiro porém viu em suas palavras uma afirmativa e prontificou-se a servi-lo. “Se procurais algum tesouro, disse, tomai-me como auxiliar”. — Mas, replicou Geraldo, tendes coragem e inteligência? — “Naturalmente, afirmou o aventureiro, não sabeis quem eu sou; ouvi o que eu já tenho feito”. O estranho pôs-se a enumerar com grande *pose* as suas extravagâncias; entre outras disse que há seis anos não se aproximava dos sacramentos. “Pois bem, disse Geraldo aparentemente satisfeito, o tesouro que procura será vosso, achá-lo-emos logo”. Isso encorajou ainda mais o pecador, que continuou a relatar novos crimes, enquanto que o irmão forjava o plano de prendê-lo em sua rede.

Assim chegaram a uma espessa floresta. Geraldo entrou primeiro; o companheiro seguiu-o pensando que iria começar a escavação do tesouro. Chegados ao centro disse Geraldo: “Aqui estamos” e estendeu a sua capa no chão, convidando o jovem a aproximar-se dele. Tremendo aceitou o convite e, na sua grande superstição, temeu ter que ver o demônio. Geraldo mandou-o ajoelhar-se e pôr as mãos; olhou para o céu e disse solenemente ao aventureiro: “Prometi-vos que acharíeis um tesouro e cumpro minha palavra; mas o tesouro não é deste mundo; é o tesouro do paraíso; se o quiserdes ver, aqui está”.

Tirou do peito o crucifixo. Todo perplexo o jovem pôs-se a considerá-lo; por essa não esperava ele: “Contemplai-o bem, continuou o santo, este é o tesouro que tendes perdido há tantos anos, comutando-o por coisas miseráveis do mundo”. Com vivas cores mostrou ao pecador a miséria de sua alma, pôs-lhe ante os olhos a detestabilidade dos seus desvarios e conjurou-o com toda a insistência a voltar-se para Deus. Não foi em vão; o aventureiro transformou-se, arrependeu-se de coração. Vendo Geraldo a transformação completa produzida por suas palavras, abraçou-o ternamente e levou-o consigo. O convertido, entre lágrimas e soluços, acompanhou o irmão ao convento sem relutâncias. Lá acabou de encontrar o tesouro perdido. Com uma confissão sincera reconciliou-se com Deus, gozando, em seguida, a paz da graça e vivendo com o bom cristão conforme os avisos que Geraldo lhe dera.

Assim como o servo de Deus se servia das suas excursões para salvar almas da lama do pecado, da mesma forma e com o mesmo afã procurava ganhar amigos para a vida perfeita. Com grande habilidade movia virtuosas donzelas a abandonar o século para tomar o véu. A força persuasiva desenvolvida nessas ocasiões, era um dos seus mais fortes carismas. Os conventos das Carmelitas de Ripacandida, das Beneditinas de Atella e das freiras de Saragnano tiveram considerável reforço de novas religiosas devido aos esforços e zelo do nosso santo. Isto deu-se sobretudo com o convento de Foggia, que recebeu co-

mo postulantes duas filhas de Constantino Capucci, que já conhecemos, e mais doze moças pertencentes a essa família.

Deus comprazeu-se nesse zelo de Geraldo apoiando-o repetidas vezes com milagres estupendos. Conta-se, por exemplo, que diversas donzelas, de caminho para o convento, sobrevivendo-lhes violenta pancada de chuva, não se molharam por se terem protegido estendendo o manto que Geraldo lhes dera.

Coisa mais admirável ainda sucedeu às filhas de Capucci, quando da casa paterna se dirigiram ao convento de Foggia. Em companhia do pai e do santo chegaram a um rio que transbordara, tornando impossível a passagem. Geraldo não se perturbou; deu às águas a ordem que Josué deu outrora às ondas do Jordão. — Eis, as águas dividiram-se deixando os viandantes atravessar o rio a pé enxuto. O pai das duas moças, homem sóbrio e instruído, referiu-se sempre com admiração a esse acontecimento até a sua avançada idade, de sorte que não é possível duvidar razoavelmente dele.

As excursões do santo eram uma quase ininterrupta série de milagres de toda sorte. Para mencionar apenas mais um, estava Geraldo em Venosa na residência do Cônego Calvini, quando uma pobre mãe lá apareceu com um menino de pernas tortas; apresentou-lhe o filho, pedindo-lhe tivesse compaixão do pequeno e da mãe e orasse a Deus por eles. “Não é nada, disse Geraldo com sua costumada simplicida-

de, as pernas estão curadas”; tocou-as em seguida elas endireitaram-se instantaneamente.

Em outro lugar bateu o santo à porta de uma senhora muito pobre; pediu pão, mas a mulher alegou a sua extrema pobreza, dizendo que não tinha para si nem mais uma fatia. A pobre possuía apenas um pouco de farinha que acabava de chegar do moinho. Geraldo mostrou-se admirado com a desculpa da mulher. “Como, exclamou, não tendes nada? então a vossa caixa não está cheia de pães?” — “Está vazia, não há nem um pedaço dentro”, replicou a mulher, e para convencê-lo, conduziu-o até o lugar do depósito e mandou abri-la. Geraldo fê-lo e, ó prodígio, havia pão em grande abundância. Um grito foi a expressão de espanto e da alegria da mulher diante daquele milagre. É escusado dizer que a pobre ofereceu ao irmão daquele pão prodigioso com todo o respeito e generosidade.

Um outro milagre semelhante narra-o o Irmão Antônio de Cosimo, que sucedeu a Geraldo, muitos anos depois nos lugares onde este esmolara:

“Esmolando na Basilicata, diz ele, cheguei em Ferrentina a uma casa, onde encontrei uma velha cega por nome Lucrécia, a quem apostrofei: ‘Não quereis dar uma esmola para o convento de Iliceto?’ Querendo saber quem eu era, respondi: ‘Sou um irmão leigo de Iliceto’, ao que a cega exclamou cheia de alegria: ‘Ó Irmão Geraldo, meu caro Irmão Geraldo, permiti que vos beije as mãos’. Ao ouvir que o Irmão Geraldo já era falecido há muitos anos, come-

çou a chorar e a soluçar: ‘Ele morreu! Geraldo morreu! Meu Deus, ele era um grande santo’. Contou-me então que Geraldo lá chegara num ano de má colheita, para esmolar. Ela porém desculpou-se dizendo não possuir mais de três alqueires de farinha, que devia chegar para o sustento da família e dos camaradas durante a semana toda. A nova colheita estava muito longe; era-lhe por impossível dar esmolas. ‘Isso não faz mal, respondeu Geraldo, dai agora à Nossa Senhora uma esmola maior do que o costumado alqueire e vereis que a Mãe de Deus aumentará a sobra, de sorte que esta dará para o sustento da família até a próxima colheita’. — ‘Se for assim, replicou Lucrecia, tirai quanto quiserdes’. O restante da farinha, continuou a contar a mulher comovida e chorosa, deu de fato até a colheita, como Geraldo havia predito. Isso parece incrível, disse ela, mas é a realidade e eu tenho a Geraldo na conta de um verdadeiro santo, sim, é um grande santo porque do contrário não faria os milagres que fez”.

Uma outra testemunha conta: “Em toda parte onde Geraldo aparecia como esmoleiro, conquistava-se a fama de um homem de Deus, um anjo de pureza, um taumaturgo, de sorte que essa reputação e estima continuaram até depois de sua morte”.

Em consequência das suas excursões abriu-se ao santo um novo campo de atividade, que julgamos bom mencionar neste lugar, a saber: o seu apostolado epistolar.



Quem uma vez travou relações com o nosso irmão, experimentou a força da sua palavra, doutrina e consolo, e sentiu o espírito de sabedoria, que o animava; continuava a querer gozar sempre essa felicidade e prosseguir essas relações com o extraordinário conhecedor do seu coração. De todos os lados Geraldo recebia cartas pedindo conselhos, consolação, esclarecimentos, sendo-lhe assim necessário pegar de uma pena para não abandonar a obra começada, deixando de lado os seus “penitentes”, como se exprime o Pe. Tannoia.

As cartas do santo são o espelho límpido da sua alma cândida e seráfica. Ortografia, estilo e concatenação de pensamentos traem o indouto irmão leigo, o conteúdo porém revela o mestre da vida espiritual. São pérolas preciosas em uma ostra informe.

A maior parte delas perdeu-se; as restantes são dirigidas, em sua maioria, às Virgens consagradas a Deus; daremos em outro lugar desta biografia o lado edificante delas. Algumas cartas, das quais só restam fragmentos, são endereçadas a homens e senhoras no século. Queremos, no fim desta capítulo, mencionar para utilidade do leitor e prova da esclarecida sabedoria e solícita caridade do santo, alguns tópicos desse singular e abençoado apostolado. Começamos com a breve mas linda carta de Geraldo a um homem desconsolado à beira do desespero; é uma admoestação à oração e à confiança na Providência divina.

“Recebi vossa prezada carta. Se fordes fiel a Deus, ele vos há de amparar. Deus sabe quanto eu

sinto os vossos sofrimentos. Queira o Espírito Santo esclarecer-vos sobre o grande dever que temos de sofrer por amor d'Aquele que tanto padeceu por nós. Meu irmão em Cristo, tende paciência em vossas tribulações, pois que Deus as permite para o vosso bem; ele quer que, caindo em si, a alma se salve. Só uma coisa é necessária: suportar tudo com paciência e resignação à vontade divina; isso contribuirá para a vossa salvação. Coragem, que vencereis a tentação! Tende fé, que conseguireis tudo do meu Deus”.

Semelhantemente escreve a uma pessoa que, não havendo conseguido uma colocação, ficou extremamente desconsolada.

“Tende paciência. Não conseguistes logo o que procuráveis, porque, talvez, Nosso Senhor vos quer humilhar. Deus costuma chamar a atenção das almas por meio de sofrimentos e amarguras, para que elas compreendam o que quer dizer ofender a Deus. Nesse caso o melhor é deplorarmos, sem cessar, os nossos pecados pedindo ao Senhor que prolongue os nossos dias para termos tempo de chorar e sofrer por ele. Porque quereis desesperar? Os vossos sofrimentos nada são em comparação dos que mereceis pelos vossos pecados. Não seria muito pior, se estivesseis agora no inferno? Meu filho, tomai cuidado, o inimigo é astuto e se não fordes mais fiel a Deus, ele achará meios de precipitar-vos na desgraça. Enchei-vos de coragem e confiai no Senhor; ele dar-vos-á força para as vossas angústias. Há pouco recomendei-vos ao Senhor N; infelizmente ele ainda não está

em condições de satisfazer o vosso desejo. Entregai todo o negócio a Deus, que vos ajudará na medida que o servirdes fielmente”.

Finalmente, mencionemos ainda a carta que Geraldo, à guisa de diretor espiritual, escreveu ao Pe. Caetano Santorelli de Caposele. Esse sacerdote pertencia à família do médico Santorelli, muito dedicada ao santo, mormente nos últimos tempos. O sacerdote dirigia-se ao santo em seus grandes escrúpulos por conhecer a sua alta competência. Geraldo respondeu-lhe a carta seguinte:

Jesus e Maria!

A graça do Espírito Santo habite constantemente na alma de V. Revma. e a SS. Virgem vos guarde. Amém.

Eu vos escrevo muito às pressas, Revmo. Senhor. Com viva satisfação recebi a vossa missiva e agradeço-vos a caridade demonstrada àquele servo de Deus. Deus vos há de pagar como espero.

Agora ouvi-me com toda a atenção. O que vos quero dizer, digo-o em nome da SS. Trindade e no de minha Mãe Maria Santíssima; fazei que seja esta a última carta que vos escrevo nesse sentido.

Quanto aos escrúpulos da vida passada, sei que tendes já examinado, mais de uma vez, a vossa consciência com todo o cuidado; por isso eu vos digo: não penseis mais nisso! Todos os vossos temores e dúvidas são apenas um ardil do espírito infernal que vos quer perturbar a paz do coração. Não ligueis

importância à suas insinuações, afugentai-as como verdadeiras tentações e conservai a paz interior para progredirdes no caminho da perfeição.

Quanto aos temores a respeito da administração do sacramento da penitência, digo-vos com toda a verdade: também isso não é nada, apenas uma tentação. O demônio quer demover-vos desse ofício, para o qual fostes destinado, desde a eternidade, para o vosso maior proveito espiritual. Cuidado para não cairdes nessa tentação! — falo-vos em nome de Deus. Se abandonásseis esse ofício, teríeis grande dano em vossa vida espiritual, e Deus teria de diminuir a recompensa que vos preparou desde a eternidade. Abandonar esse ofício seria não querer fazer a vontade divina, pois — eu vô-lo repito — é vontade de Deus que trabalheis com zelo na vinha do Senhor. Os erros que lá cometeis não vos devem desanimar; basta que tenhais a vontade seria de nunca ofender a Deus; quanto ao resto não vos inquieteis. A respeito da ciência — Deus vô-la deu suficiente para o desempenho desse ofício.

A visita que me quereis fazer em companhia do sr. Nicolau (é provavelmente o médico Santorelli), parece-me irrealizável agora, porque, como me diz o superior, tenho de partir para Pagani. Agradeço-vos a caridade que, sem eu o merecer, tendes para comigo.

Orai por mim, pois que necessito de orações. Seja sempre bendita a bondade de Deus, que me alenta

em todas as minhas tribulações. Recomendações a todos da vossa casa.

Amplexando-vos *in Corde Jesu* e osculando-vos reverentemente as mãos bem como as do sr. Nicolau, permaneço

de V. Reverendíssima

muito indigno e mísero servo e irmão em J. Cristo.

GERALDO MAJELLA, C.Ss.R.

## CAPÍTULO X

### **Atividade em Muro e Corato**

Alvo da primeira excursão do nosso esmoleiro foi Muro, sua terra natal; lá chegou algumas semanas depois da sua profissão, em princípio do outono de 1752.

Haviam percorrido apenas 3 anos desde que de lá partira, e a estima que seus conterrâneos lhe tributavam elevava-se já a uma santa veneração. A fama das suas virtudes e milagres penetrara até lá, enchendo a todos de assombro.

Receberam-no como um mensageiro do céu. Os padres franciscanos, aos quais pedira hospedagem, acolheram-no com alegria e santo respeito.

Entre os que mais se regozijaram com a sua chegada, estava naturalmente sua família, isto é suas irmãs, pois que a mãe, Benedicta, havia falecido uns meses antes (10 de abril de 1752). Se não tiveram a sorte de hospedar seu irmão durante a sua estada na terra natal, não podiam atribuir isso ao desinteresse de Geraldo, mas à obediência e à abnegação que o impelia a recusar-se a alegria de ficar com os seus sob o mesmo teto.

Essa abnegação, tão digna de um religioso, não o impediu de trabalhar pela salvação dos seus parentes. O desvelo com que se interessou por sua sobrinha, que pretendia abandonar o século, é uma prova

eloqüente de que não tomava menos a peito o bem dos seus do que os dos estranhos. Não se limitou apenas a animar a donzela à realização do seu propósito, mas deu passos para a sua reclusão no mosteiro do SS. Redentor em Foggia. Recebido o aviso da admissão dela e a ordem de partir, ele mesmo prontificou-se a ser o guia da futura religiosa. Ficou tão contente com a felicidade de sua sobrinha, que durante toda a viagem de Muro a Foggia não discorreu senão sobre a obrigação de aspirar à perfeição, exprimindo a vivacidade dos seus sentimentos com as mais vigorosas e fortes expressões. Ao chegarem à margem do Ofanto disse-lhe apontando as ondas: “Queres ser uma santa? Se não tiveres essa resolução, agora mesmo atirar-te-ia dentro d’água”.

Começadas as coletas em Muro, Geraldo iniciou também a sua atividade apostólica em todos os sentidos, fazendo luzir os carismas recebidos de Deus. Todos corriam a ele. Em qualquer lugar em que aparecia, afluíam não só crianças mas também adultos, a lhe beijar as mãos; poucas vezes saía sem o acompanhamento de pessoas gradas e influentes.

“Quando ele estava em Muro, contou mais tarde um conterrâneo e contemporâneo, os nossos assaltavam-no, uns buscando auxílio em suas necessidades, outros procurando consolo espiritual”.

Já nos primeiros dias realizou-se literalmente a profecia feita pelo santo a seus conterrâneos que o desdenhavam como um louco: “Desprezais-me agora; mas virá o tempo, em que me beijareis as mãos”.

Não eram só os leigos, que assediavam o nosso santo com pedidos e perguntas, “também o clero em Muro, escreveu Tannoia, homenageou o nosso Geraldo, dando-lhe indúbias provas de confiança. Exímios confessores do clero secular e regular recorriam à sua sabedoria sobrenatural, em procura de conselhos sobre pontos difíceis de direção espiritual. Geraldo resolvia as dúvidas como se fora mestre em teologia, e tratava das questões mais complicadas da ascese e moral com a habilidade de um professor”. Alguém, tendo-o ouvido em uma dessas ocasiões, exclamou maravilhado: “Louvo-vos, Pai, Senhor do céu e da terra, que escondestes estas coisas aos sábios e prudentes e as revelastes aos pequeninos; assim vos aproouve, Senhor”.

Um dos maiores admiradores do santo era o Cônego José Pianese, reitor do Seminário. A sabedoria desse indouto irmão leigo impressionara-o vivamente. Pediu-lhe um dia que fizesse uma conferência espiritual aos seus colegas e aos seminaristas; propôs-lhe as palavras que abrem o evangelho de São João: *In principio erat Verbum...*, um dos lugares mais difíceis da Sagrada Escritura. Geraldo acedeu, pois que o assunto proposto era o mistério em que mais se aprofundava em suas meditações. Falou sobre a geração do Verbo com expressões tão sublimes e exatas, que todos se tomaram de assombro. Também Mons. Vito Mujo, bispo da cidade, prelado douto e prudente, afeiçoou-se ao servo de Deus, encantando-se, desde logo, com sua profunda humildade, extre-



mado amor divino e esclarecida piedade. Mandou chamá-lo, repetidas vezes, discorrendo com ele sobre os mais variados assuntos. A exatidão de termos nas questões teológicas, discutidas por Geraldo, cativou-lhe a admiração enquanto que a humildade e simplicidade do irmão o encheram de alegria e de uma santa afeição por ele. “Sempre que ele aparecia diante de mim, disse o bispo a um redentorista, consolava-me com a visão de seu rosto celestial”.

A estima de Geraldo em Muro incrementou-se consideravelmente com os milagres estupendos com que Deus quis glorificá-lo diante dos seus conterrâneos. Mormente um alarmou a cidade inteira.

O filho do relojoeiro Alexandre Piccolo, amigo de Geraldo e seu hospedeiro nas visitas, que posteriormente fez a Muro, prontificou-se heroicamente a recolher as esmolas em diversas casas de negócio. Para esse fim percorreu a cidade toda com zelo um tanto exagerado; aconteceu-lhe tropeçar na estrada, sendo arremessado violentamente ao chão; indo a cabeça de encontro a uma pedra, ficou ele sem fala e sem sentidos. Transportaram-no à casa vizinha, onde afluiu gente de todos os lados. No mesmo instante passava pela rua o pai do infeliz em companhia de Geraldo. No grande celeuma produzido pelo fato, só ouviam as palavras: “Está morto, está morto”. Piccolo, curioso perguntou pelo nome da vítima do incidente. Ao ouvir o nome do seu filho alarmou-se e não teve ânimo de ir ver o rapaz; pediu a Geraldo entrasse na casa. O santo verificou que o rapaz não dava

sinal de vida. Tranqüilo aproximou-se dele, fez-lhe o sinal da cruz sobre a fronte, e disse: “Não é nada, meu filho, não é nada”. O rapaz despertou-se como de uma vertigem e levantou-se com perfeita saúde.

Em sua pátria deu Geraldo repetidas provas da ciência que tinha do coração humano e do dom de profecia.

Digno de menção, nesse sentido, é o que aconteceu ao tabelião de Robertis. Esse senhor havia cometido, há muito tempo, um crime conhecido só dele e de Deus. De Robertis possuía em sua vinha uma cerejeira, cujos frutos saborosos seduziam os ladrões de frutas. Por esse motivo ficava ele de atalaia nas ocasiões mais perigosas; uma noite surpreendeu um ladrão, a quem censurou asperamente e ameaçou, em caso de reincidência, de se vingar de modo mais enérgico. Infelizmente o homem, não tomando a sério aquelas palavras, voltou novamente; o tabelião não realizou as suas ameaças; mas na terceira vez o dono, sumamente encolerizado, usou da arma e assassinou o ladrão, a quem sepultou na vinha ocultamente. Resolvido a guardar segredo, não disse nada a ninguém, nem sequer à sua mulher; infelizmente não revelou o seu hediondo crime nem ao ministro de Deus, no tribunal da penitência. O desaparecimento do assassinado causou sensação e muitas diligências fizeram-se para encontrá-lo; mas como nada se pôde apurar, em breve ficou esquecido o caso.

Mal o santo lançou um olhar para o sr. de Robertis, descobriu-lhe no coração a chaga mortal; quando a sós com ele, disse-lhe: “Senhor tabelião, a vossa consciência acha-se em péssimo estado! vossas confissões têm sido mal feitas porque tendes ocultado o assassinato cometido na vossa vinha sob a cerejeira, onde sepultastes o homem em terreno vosso”. Esta revelação encheu o de assombro o tabelião. Após o primeiro movimento de susto, confiou o segredo à sua esposa, que mais tarde provavelmente o comunicou às pessoas, que nos transmitiram o caso. “Sim, Geraldo é um santo, afirmou de Robertis; nessa ocasião, ele revelou-me uma coisa de que só Deus e eu tínhamos conhecimento”. É escusado mencionar que o tabelião confessou o seu pecado e recuperou a paz perdida.

Uma vez o santo fez uma visita a um tal Petrone. Antônio, filhinho deste, de três anos, que se achava no quarto, chamou logo a atenção de Geraldo que, considerando o menino por alguns minutos, disse ao pai: “Vosso Antoninho ser-vos-á tirado; ele morrerá com esse instrumento de música com que está a brincar”. Não muito depois adoeceu o menino gravemente; já em agonia pediu uma guitarra que se achava ao lado. Para contentarem a criança deram-lha. Brincando com seus dedinhos sobre as cordas do instrumento Antoninho exalou sua alma.

Uma outra vez Geraldo encontrou-se na rua com um indivíduo, que blasfemava horrendamente contra a SS. Trindade. O santo e o Cônego Pianese, seu

companheiro, horrorizaram-se com aquilo. O irmão, voltando-se para Pianese, disse-lhe: “Vereis em breve que essas palavras blasfemas não ficarão impunes”. Três dias depois o blasfemo, alvejado por um tiro em praça pública, morreu sem ter tempo de recomendar sua alma à misericórdia divina.

A fama do santo penetrou os umbrais do convento das Clarissas, que ficaram desejosas de ver o santo irmão, falar-lhe e tirar proveito dos seus dons celestes. Não admira que as irmãs se julgavam com direito de receber a visita do santo, porquanto foi na capela do convento que Geraldo recebeu o sacramento de crisma. O servo de Deus porém não quis aceitar esse convite.

As religiosas, atribuindo a recusa à modéstia e humildade do santo, recorreram ao bispo, que aprovou o pedido e mandou dizer-lhes: “Uma conversa com esse irmão ser-vos-á de maior utilidade do que uma série inteira de sermões quaresmais”.

Geraldo não pôde resistir ao desejo do prelado. Visitava uma e mais vezes o convento fazendo sempre às irmãs uma alocução que, na expressão de Tannoia, “enchia as boas religiosas de delícia celestial”.

Nessas palestras Geraldo abordava assuntos referentes ao lado prático da vida religiosa, por exemplo os empecilhos para a perfeição, os perigos que passam facilmente despercebidos, os meios de afastá-los, o apego prejudicial às criaturas, a fugida do locutório, as vantagens de uma vida desapegada de

todas as coisas da terra, e o amor à solidão. “No silêncio da cela, dizia ele entre outras coisas, Deus fala à alma fiel, que encontra a verdadeira paz no colóquio com Jesus Cristo e sua santíssima Mãe Maria”.

As palavras do santo ecoavam com eficiência em todos os corações. Alguns abusos, que os confesores não conseguiram abolir, cessaram com os conselhos do humilde irmão.

Uma religiosa pouco se preocupava com o espírito da pobreza; tinha desordenado apego a um pequeno coração de ouro, que pretendia conservar recusando entregá-lo à superiora. Muitos confesores procuraram em vão corrigi-la, a irmã permanecia surda a todas as admoestações. Geraldo converteu-a com uma palestra; a religiosa caiu em si, entregou-lhe o tesouro e continuou conscienciosa e exata na observância regular.

Também no convento das clarissas Deus ratificou as admoestações do santo com sinais extraordinários da elevada missão que lhe confiara. Um desses foi a cura milagrosa da superiora Maria José Salines, que de há muito sofria febre intermitente. Pediu ao santo intercedesse por ela ao Senhor. Geraldo acedeu e, depois de haver orado, enviou-lhe um pouco de pó do sepulcro de Santa Teresa, que recebera das carmelitas de Ripacandida e costumava aplicar aos enfermos. A superiora tomou-o e a febre passou.

Uma outra irmã achava-se espiritualmente enferma, pois que, ou por descuido ou por qualquer outro motivo culpável, ocultara um pecado na confissão,

embora já houvesse feito três confissões gerais. A chaga era velha e por isso, perigosa. Os olhares do santo penetraram-lhe a alma, e Geraldo, compadecido, não achou mais sossego em seu coração. Teve uma vez ensejo de dizer, a sós, algumas palavras à irmã; sem reбуços manifestou-lhe o que sabia. A infeliz caiu em si, arrependida da sua grave falta, e tratou de pôr em ordem o mau estado da sua alma.

Nada impressionava tantos os moradores de Muro como a humildade sincera e a modéstia do santo, que apesar das distinções de que era alvo, nunca desmentiu o irmão leigo e o esmoleiro da Congregação do Santíssimo Redentor. O santo facilmente poderia sentar-se à mesa com as melhores famílias da cidade; atormentavam-no com os convites, mas o irmão os recusava sempre, preferindo misturar-se com os mendigos; e de fato aparecia regularmente à porta do seminário, onde com os pobres recebia um pouco de sopa com um pedaço de pão.

Logo após a sua estada em Muro, passou o santo aqueles perigos de viagens, que nos foram transmitidos em todos os seus pormenores por um dos seus contemporâneos.

Demos a palavra ao relator, Cônego Serio: “Era em 1751 ou 1752, pois que não posso precisar a data. Eu estava em Carbonara, na casa de meu pai que lá exercia o importante cargo de governador, e era muito relacionado com o médico Antônio de Dominico. Esse doutor, dotado de excelentes qualidades,

costumava oferecer hospedagem a todos os missionários e religiosos que passavam por Carbonara.

Uma vez ao meio-dia veio ter comigo afim de convidar-me a fazer companhia ao Irmão Geraldo, que lá se hospedara, afirmando-me que eu me sentiria feliz em travar conhecimento com o servo de Deus, e que este teria imenso prazer de se encontrar com um sacerdote.

Aceitei gostosamente o convite e pusemo-nos, ambos, a caminho.

Ao entrar no quarto o médico exclamou alegremente: “Coragem, Irmão Geraldo! o tempo está chuvoso, estais ensopado e nesse estado não podeis pôr-vos a caminho; trouxe-vos um companheiro, para não ficardes só; entretende-vos com ele enquanto se prepara a mesa!” — “Agradeço-vos a atenção, meu caro doutor, respondeu Geraldo, mas tenho pressa; esta tarde ainda tenho de estar em Melfi; a obediência o exige”. — “Mas, meu caríssimo Geraldo, repliquei, é preciso saber interpretar a ordem do superior; se o superior que vos deu essa ordem, aqui estivesse, não vos deixaria sair com essa chuva. Depois da mesa veremos como se comporá o tempo e poremos tudo em ordem!” Geraldo terminou a discussão com as palavras: “Espero que faça bom tempo e partirei”.

Comecei então palestra e fiz-lhe perguntas sobre o Pe. Giovenale e o Pe. Cafaro, que fora meu confessor (1750) no seminário. As respostas de Geraldo satisfizeram-me totalmente; pusemo-nos à mesa e palestramos cordialmente. Eu e o doutor procuramos

prolongar a mesa para impedir a viagem do irmão. Ele mesmo deixou-nos entrever a esperança de hospedá-lo aquela noite. Ao chegar porém a hora da partida, interrompeu a conversa e declarou decididamente que havia de partir. “Não pode ser, declaramos, seria uma imprudência da nossa parte, deixar-vos sair com essa chuva torrencial; tendes de atravessar o Lausento, o Ofanto e a ponte de pedra d’Oglio; o caminho é longo e a hora já vai muito adiantada”.

Geraldo levantou-se e disse: “Por amor de Deus tende dó de mim e não insistais mais; o Pe. Fiocchi espera-me esta noite no palácio episcopal de Melfi. Não temo o Lausento; meu Raposo é valente e atravessa as torrentes. Quanto ao Ofanto, seguirei a estrada e alcançarei a ponte, caso não cesse a chuva e eu encontre cheio o rio; se o tempo melhorar, tomo o caminho mais curto. Tende a santa paciência, não me detenhais. Eu vos digo “o tempo se mudará antes de eu deixar a casa!”

Em seguida foi ver se o seu cavalo tinha recebido a ração. Suas últimas palavras pareceram-nos tão esquisitas que nós dissemos: “Vamos ver se realmente o tempo se muda com sua partida. Deixemo-lo partir, mas demos-lhe um companheiro que vá com ele até o Lausento e o Ofanto, caso ele escolha o caminho mais curto”. Entretanto Geraldo estava já pronto para a viagem; o doutor disse-lhe: “Irmão, se quiserdes ir, ide já porque a tarde está caindo, e lá não chegareis senão duas ou três horas após o pôr do sol; far-vos-ei acompanhar de um empregado até



o Lausento. Estou certo de que voltareis; a chuva é violenta e tudo está coberto d'água". Geraldo montou a cavalo e despediu-se.

Dois homens receberam ordem de acompanhá-lo até o Ofanto. Até aqui eu sou testemunha ocular e posso atestar que, mal Geraldo abandonou a casa, a chuva cessou e o sol apareceu, causando espanto ao doutor que disse: "Não achais que ele é verdadeiramente um santo? Realizou-se à risca a afirmação de que a chuva passaria logo depois da sua partida; e a obediência do irmão é assombrosa!" Eu tinha a mesma opinião do doutor e retirei-me louvando a Deus.

No dia seguinte contou-me o doutor que os dois companheiros de Geraldo, por ordem deste atravessaram o Lausento sem novidade. Chegando ao Ofanto, encontraram-no transbordado, arrastando nas ondas possantes árvores. Os homens aconselharam Geraldo a não atravessá-lo, porque isto seria expor-se a uma morte certa. Ele respondeu que seu cavalo sabia nadar; fez o sinal da cruz dizendo ao animal: "Vamos em nome da SS. Trindade", e resolutamente atirou-se ao rio. O animal afundou-se logo na água, aparecendo apenas a cabeça. A torrente era tão forte que o irmão pareceu perdido. Os companheiros gritaram assustados: "Nossa Senhora, acudi-o", e o cavalo nadava. Mal chegara ao centro do rio, quando uma árvore colossal, em grande velocidade se precipita ameaçando levar consigo cavalo e cavaleiro. Os dois homens, testemunhas do perigo, julgaram tudo per-

dido. “Uma árvore, uma árvore, Irmão Geraldo!” gritaram ao mesmo tempo. Ele respondeu: “Não temais, em nome da SS. Trindade ela passará longe de mim”, e fez tranqüilamente o sinal da cruz. A árvore desviou-se para um lado. Pouco depois estava Geraldo na outra banda, donde gritou aos homens assustados: “Agora podeis ir; adeus, não temais”.

Geraldo reconheceu milagroso o modo como escapou à morte nessa ocasião; mas atribuiu-o à obediência, por cuja causa se expôs ao perigo. Conversando uma vez com o bispo Amato de Lacedogna sobre a força da obediência, aduziu esse fato como prova da sua afirmação.

Alguns meses mais tarde, nas últimas semanas da quaresma de 1753, encontramos Geraldo em Corato, cidade da província de Bari. Alguns sacerdotes e leigos dessa cidade haviam feito os exercícios espirituais em Iliceto, onde travaram conhecimento com o santo e apreciaram tanto a sua santidade, que se puseram a falar dele em Corato, despertando nos amigos e conhecidos o desejo de vê-lo e falar-lhe. Pediram ao Pe. Fiocchi que o mandasse por algum tempo a essa cidade. Embora, a princípio, o superior não se mostrasse disposto a satisfazer o pedido que já recusara a outros, por não ser essa propriamente a atividade de Geraldo, por fim resolveu conceder permissão a Geraldo de passar uns dias em Corato. O superior não teve que se arrepender porque Geraldo correspondeu em Corato à todas as expectativas.

Já a sua viagem para lá foi ricamente abençoada e distinguida por um milagre estupendo. No caminho de Andriá para a supradita localidade encontrou Geraldo um homem a olhar tristemente para o seu campo e a queixar-se em alta voz. O servo de Deus parou e perguntou pela causa da sua aflição. “Ah! meu padre, disse o camponês, mesmo que a soubésseis, não me poderíeis ajudar”. — “Como, meu amigo, então Deus não poderá ajudar”. — “Isso sim — mas vede o meu campo; os ratos reduziram-no a um deserto; minha família vai morrer de fome!” Compadecido, Geraldo benzeu o campo com o sinal da cruz. Num momento a multidão dos ratos desapareceu completamente, constatando o camponês infinidade desses animais mortos e espalhados pelo campo. Cheio de alegria lançou-se aos pés de Geraldo, que lhe disse: “Não a mim, mas a Deus é que deveis agradecer”. Dito isso montou a cavalo e retirou-se procurando assim fugir a novas manifestações de gratidão. O camponês pôs-se a examinar o campo — os ratos jaziam, aos milhares, sem vida. — Incapaz de se conter correu atrás do santo gritando: “Esperai, homem de Deus, esperai!” Este porém apressou-se e sumiu-se. O camponês chegou à cidade, pouco depois do santo, narrou em todos os lugares o acontecido, afirmando que um grande santo havia chegado a Corato.

Geraldo recebera ordem de se hospedar na casa de um tal Felix Papaleo. Como ele nunca estivera em Corato teve de perguntar pela moradia de Felix; não

querendo porém chamar muito a atenção, perguntando na rua, deu rédeas ao animal e continuou seu caminho. O cavalo andou ainda um pedaço na estrada e, de repente, voltou-se para um lado e foi entrando no adro de uma casa. As pessoas que acorreram perguntou Geraldo: “Não me podeis indicar onde mora Feliz Papaleo?” “É aqui mesmo”, foi a resposta. O santo apeou-se agradecendo a Deus e a seu bom anjo da guarda.

Entretanto espalhará-se pela cidade a notícia do milagre da extinção dos ratos; o povo afluía em massa à casa de Papaleo para conhecer o taumaturgo. Todos regozijaram-se com a chegada dele e agradeceram aos que haviam chamado. O desejo de tirar proveito da estada do servo de Deus impeliu grandes e pequenos à casa da Papaleo, que se tornou o lugar mais procurado na pequenina cidade. Padres e leigos, ricos e pobres iam diariamente ter com Geraldo, ou para se edificar com as suas virtudes e palestrar com ele, ou para lhe comunicar algum sofrimento oculto e procurar alívio, ou enfim para pedir conselhos acerca da sua consciência. A vida de Geraldo na casa de Papaleo pouco se diferenciou da de Iliceto; comia pouco, dormia sobre a terra nua, flagelava-se cruelmente à noite e mostrava-se sempre humilde, devoto, paciente, afável, cheio de cativante simplicidade e mansidão. Aos seus ensinamentos uniu o melhor exemplo e inflamou os moradores de Corato com as chamas do amor divino.

Alvo especial do seu zelo foram os dois conventos de Corato, a saber, das dominicanas e das beneditinas. Durante a sua estada em Corato o santo foi repetidas vezes a esses claustros, e discorreu, como em Muro, simples mas insistentemente sobre a fuga do mundo, a necessidade de cortar conversas inúteis no locutório, o completo desapego das criaturas, a união com Deus pela santa comunhão e semelhantes.

No convento das dominicanas decaíra o antigo rigor e observância, cedendo lugar ao espírito mundano e à tibieza tão contrária à vida e ao espírito das verdadeiras religiosas. Geraldo, que sabia disso, formou o plano para, com o auxílio do céu, extirpar os abusos e introduzir uma nova vida de fervor. O que centenas de outros não conseguiram, realizou-o Geraldo com perfeição.

Logo na primeira alocução, com grande habilidade abriu brecha nos corações, preparando-os paulatinamente para a recepção da graça: a boa vontade transformou-se em firme resolução, e esta em ação e prática, realizando-se admirável mudança de vida com o afastamento dos abusos; resolveram todas romper com o mundo e restabelecer a vida comum; afastar coisas incompatíveis com a pobreza religiosa e seguir em tudo o espírito claustral.

Por vezes, quando o fermento antigo tentava embargar a obra começada, o céu vinha em auxílio do humilde reformador, fornecendo às irmãs remissas acenos claros, que não podiam ser desprezados.

Para relatar apenas um caso, Geraldo quis que se fechasse uma janela, que dava para a rua, e se afixasse lá um crucifixo. “As irmãs que se quiserem salvar — disse ele — só devem olhar para Jesus Crucificado”. O santo porém nesse ponto só encontrou ouvidos de mercador; as irmãs não estavam dispostas a fazer o sacrifício. Mas qual não foi o seu espanto quando de manhã encontraram a janela completamente murada! Quem o teria feito? Impossível ter vindo alguém ao convento à noite e executado o trabalho, sem barulho algum. Atribuíram aos anjos a execução do desejo manifestado por Geraldo. Seja como for, o fato causou profunda impressão no convento e auxiliou muito o andamento da reforma, que o próprio Deus aprovou com milagres assombrosos. Uma vez em uma dessas palestras, enquanto falava do amor de Deus aos homens e da sua morte sobre a cruz, uma alegria indizível apoderou-se da sua alma, que sentia tão vivas saudades do céu, que lhe não foi possível reprimi-las. Seu peito procurava respiração, seu rosto inflamou-se, os olhos voltaram-se para o céu e as mãos seguravam os balaustres da grade de ferro; o santo suspirava parecendo não conter a violência dos seus sentimentos. Passados alguns minutos, voltou a si, tranqüilizou-se e pediu água. Tomou algumas gotas e banhou-se com o resto para acalmar o incêndio do amor divino.

Um outro fato, cuja recordação durou longos anos, prende-se à pensionista Vicencia Palmieri. A moça, filha de rica família napolitana e herdeira de

considerável fortuna, suspirava pela volta ao mundo; não tinha sinal algum de vocação à vida religiosa. Geraldo que ouvira falar da jovem Palmieri, quis vê-la e falar-lhe. A moça foi ter com o santo e manifestou-lhe o enfado que sentia à solidão da cela e à vida presa e oculta por paredes intransponíveis. O irmão ouviu-a calado, e depois disse-lhe: “Quereis, filha, abandonar esta casa? Não, aqui é o vosso lugar; aqui sereis religiosa”. Vicencia respondeu afirmando ter outro ideal para sua vida. “Bem, replicou o santo, mudareis a vossa resolução, tornar-vos-eis religiosa neste convento e aqui vivereis edificando a todos”. E de fato, quando chegou a mãe para buscá-la, Vicencia não quis acompanhá-la e pediu para entrar no noviciado. Foi admitida, fez a profissão e levou uma vida santa, como Geraldo o predissera. Faleceu quase aos cem anos de idade, merecendo nos últimos momentos a aparição de São José que a consolou e confortou.

Também as beneditinas lucraram imensos benefícios espirituais com a estada de Geraldo em Corato. O servo de Deus esteve lá diversas vezes e sua palavra cheia de unção e fogo produziu incalculáveis frutos de salvação.

A piedosa abadessa do convento, depositando grande confiança no santo, manifestou-lhe os desejos e esperanças do seu coração. querendo libertar-se do cargo, que lhe causava tantos cuidados, pediu ao santo que rogasse ao Senhor que atendesse as suas orações e lhe tirasse dos ombros o pesado ô-

nus tão cheio de responsabilidade. “Sereis atendida em breve, disse Geraldo, Deus afastará de vós essa cruz, mas impor-vos-á uma outra que tereis de carregar até o fim”. A abadessa foi exonerada pouco depois, mas um horrível cancro manifestou-se-lhe em um dos pés, causando-lhe dores cruéis até o fim da vida, dores que ela suportou com admirável paciência e resignação.

Foi na igreja das beneditinas que o senhor quis exaltar o seu servo de modo a aumentar extraordinariamente a veneração dos moradores de Corato para com o santo irmão leigo.

Em 1753 a Sexta-feira Santa caiu a 20 de abril. À tarde desse dia saiu, como de costume, uma procissão pela rua, levando uma devota imagem de Jesus Crucificado. Ao chegar o préstito perto do convento das beneditinas, Geraldo meditava profundamente na Sagrada Paixão. À vista da imagem o santo foi arrebatado aos ares e nessa posição permaneceu longo tempo, os olhos fitos no crucifixo. Os presentes, diante desse espetáculo maravilhoso, encheram-se de santo respeito para com o jovem que se merecera tão assinalados favores do céu.

Passados os dias feriados da Páscoa, Geraldo declarou aos moradores de Corato a ordem que tinha de voltar para Illiceto. Os amigos quiseram detê-lo, alegando não ter chegado nenhum próprio nem carta chamando-o. Geraldo porém replicava sempre: “Fui chamado, devo ir”.



E, de fato, nesse tempo em que Geraldo começou a ficar inquieto e declarou dever voltar, o Padre Fiocchi — como ele mesmo disse ao cônego Gióve — lhe havia dado ordem mental de regressar.

Sobre a atividade abençoada do santo em Corato, possuímos uma breve relação feita por uma testemunha ocular, Padre Francisco Xavier, de Melfi, que então passara uma temporada naquela cidade. Os biógrafos do santo, Pe. Landi e Pe. Tannoia, conservaram-nos a seguinte carta dirigida ao Pe. Fiocchi, reitor de Iliceto. É datada de 24 de abril e reza assim:

“A divina Providência levou o vosso Irmão Geraldo a Corato para a salvação de grande número de almas. Ele com seu bom exemplo edificou a população inteira e operou estupendas conversões. Homens e senhoras de alta posição rodeavam-no; uma palavra sua era bastante para compungir-los e comovê-los. É-me impossível entrar em pormenores a respeito. V. Revma. não pode calcular o número de sacerdotes e homens distintos que o visitavam, nem a ânsia com que o acompanhavam em toda a parte; levavam-no em triunfo como a um santo caído do céu; muitos, só à noite se separavam dele. Cada uma das suas palavras era como uma seta que traspas-sava os corações; muitas vezes só se ouviam soluços entre os assistentes.

E não só o povo foi por ele incentivado ao amor de Deus; também um convento, até então pouco edificante, resolveu aceitar a reforma devido às suas admoestações. Bastava uma palestra com ele para

as religiosas desistirem das vaidades e se submetessem humildemente e docilmente à superiora. Todos os moradores de Corato estão enlevados com o Irmão Geraldo; a cidade inteira foi por ele santamente abalada, de sorte que cerca de vinte ou mais sacerdotes e leigos se estão aprontando para ir a Iliceto e fazer o santo retiro; já pediram a missão para novembro.

Espero ter em breve ocasião de vos beijar a mão e relatar tudo de viva voz”.

“Desde esse tempo, diz o Pe. Landi, a cidade de Corato afeiçoou-se à Congregação do SS. Redentor de sorte que se tornou ativa e intensa a comunicação dela com o convento de Iliceto. Apesar da não pequena distância iam anualmente a Iliceto cerca de quarenta homens para os exercícios espirituais. — A missão correu magnífica até hoje — Pe. Landi escreveu em 1780 — dois dos nossos padres fazem lá anualmente uma semana de pregações sempre com grande sucesso”.

O nome de Geraldo permaneceu em ótima recordação; sua conduta edificante, nos poucos dias da sua estada lá, produziu, mesmo nos anos posteriores, notáveis frutos.

“Geraldo durante sua estada na casa da família Papaleo — atesta o Pe. Camilo Ripoli no processo da beatificação — tornou-se conhecido em toda a cidade; admiravam nele o modelo consumado da virtude e da penitência, o homem eminente pelo dom dos milagres e intuição dos corações, e veneravam-no

como um santo. Sua recordação permaneceu saudosa na cidade e contribuiu para eu entrar, em 1798, na Congregação do SS. Redentor”.

## CAPÍTULO XI

### **O anjo da paz em Castelgrande**

O irmão Geraldo voltou de Corato a Iliceto em 24 de abril de 1753 e passou o mês de maio em sua querida cela — exceto uns dias, que esteve a negócios em Atella. Em junho encontramos-lo novamente fora de casa por longo tempo, em Castelgrande, lugar não muito distante de Muro. Nessa cidade a casa de um tal Marcos Carusi tornara-se, desde longo tempo, sede de um ódio profundo e prejudicial. Um dos filhos do proprietário, de vinte anos de idade, tivera, tempos atrás, uma forte discussão com o tabelião Martinho Carusi, provavelmente da mesma família, o qual o assassinou. Os pais da vítima ficaram odiando de morte o assassino, não querendo nem ouvir falar de reconciliação. Em vão esforçaram-se os parentes do criminoso para afastar o escândalo produzido pela inimizade. Marcos Carusi e sua senhora permaneceram inabalavelmente surdos a motivos e súplicas, pois que a dor da perda do filho insensibilizara-lhes o coração para tudo, menos para a vingança. Temia-se com fundamento, que o mal, já tão grande em si, produzisse resultados ainda maiores e mais abomináveis.

Diante dessa triste situação, lembraram-se do santo e pediram ao Pe. Fiocchi o enviasse a Castelgrande para se efetuar a reconciliação.

A súplica teria sido certamente indeferida, se o Pe. Cafaro não tivesse intervindo poderosamente a favor. Em uma missão pregada em Guardia, tivera ocasião de conhecer de perto o estado desesperador da causa e por isso, em uma carta circunstanciada ao Pe. Fiocchi expôs a sua opinião e determinou-o a enviar, sem detença, o Irmão Geraldo a Castelgrande.

Geraldo para lá se dirigiu em companhia do Irmão Francisco Fiore.

O calor abrasador e a grande distância castigaram os viandantes, que por amor de Deus tudo suportaram sem se intimidar com as dificuldades.

Com o fim de começar bem a delicada e difícil questão da reconciliação, Geraldo procurou ter uma entrevista com a família ofendida, o que lhe foi fácil conseguir; na hora aprazada Geraldo lá estava com Marcos Carusi.

A oração do Irmão Francisco produziu efeito; tudo correu bem. Já na primeira entrevista com o pai da vítima conseguiu Geraldo fazer leve alusão a uma possível reconciliação. Carusi naturalmente não se deixara ainda convencer, porém a exacerbação antiga extinguiu-se, de sorte que Geraldo pôde despedir-se com a esperança de mover o desditoso pai ao sacrifício que dele exigiam a caridade cristã e a verdadeira honra.

E de fato, na segunda entrevista conseguiu o santo completa vitória; Marcos Carusi declarou-se pronto a perdoar ao assassino do seu filho, a dar-lhe

a mão e esquecer tudo. A coisa parecia terminada, restando apenas o ato solene da reconciliação.

Geraldo julgou poder visitar entretanto a sua terra natal que pouco distava, a pedido de uns amigos. Confiando a seu amigo Frederico, em cuja casa se hospedara, os últimos e necessários preparativos para a solene reconciliação, deixou Castelgrande e dirigiu-se a Muro.

A sua estada lá foi breve, porém não sem frutos espirituais nem sem milagres.

O bispo Vito Mujo adoecera por aquela ocasião; Geraldo encontrou-o reumático, atacado de dores agudas nas mãos e nos pés. Ao receber sua visita sentiu o bispo indizível alegria; entreteve-se com ele e pediu-lhe orações. “Irmão Geraldo, disse, pedi a Deus que me livre destas dores”. — “Excelentíssimo Senhor, respondeu o santo, suportai com paciência as dores; a libertação delas não contribuiria para a glória de Deus; sem esses sofrimentos. V. Excia. não se salvaria”. Em uma segunda visita ao santo, encontrou-o mais doente ainda. “Oh! como sois feliz, Excia. por poderdes sofrer tanto por amor de Jesus Cristo! e eu nada sofro!” Essas palavras consolaram o enfermo e agradaram-lhe tanto, que ficaram indelevelmente gravadas em sua memória.

Graças especial foi a visita de Geraldo em Muro para a senhora de Alexandre Piccolo, em cuja casa o santo se hospedara. Catarina — assim se chamava — vivia, há muitos anos, em estado de pecado; parecia-lhe impossível revelar o seu íntimo no tribunal da

penitência. — Em sua primeira visita em Muro, Geraldo nada lhe havia dito a respeito; é que não havia soado, ainda, a hora da graça. Iluminado pelo céu, reconheceu Geraldo o triste estado de Catarina; chamou-a, descobriu-lhe o pecado há tanto tempo ocultado na confissão e admoestou-a insistentemente a se confessar sinceramente para não cair na condenação eterna. “Confessai-vos e preparai-vos para a morte, disse-lhe o santo, pois que em breve tereis de comparecer na presença de Deus”. E de fato, Catarina, então no gozo de vigorosa saúde, adoeceu e faleceu dias depois, após sincera e contrita confissão.

Entretanto em Castelgrande o demônio agitava-se de todas as formas para destruir a obra de reconciliação tão bem iniciada e quase terminada por Geraldo. Serviu-se da ausência do irmão para dissipar as boas impressões produzidas no coração de Marcos Carusi e demovê-lo da resolução tomada. De instrumento serviu-lhe a esposa de Carusi. O demônio, conhecedor do coração materno, da sua fraqueza e sensibilidade, inflamou-o de novo ódio, acendendo nela a sede da vingança; a mulher exacerbou-se ainda mais por perceber no esposo o desejo da paz e reconciliação.

Vendo que Marcos estava disposto ao perdão concebeu, em sua fúria, um arдил com o qual ninguém contava. Com a roupa ensangüentada da vítima, que guardava qual jóia preciosa, e acompanhada das filhas que participavam do ódio da mãe, apresentou-se a seu esposo, mostrando-lhe as vestes ensangüen-

tadas. “Eis aqui, gritou furiosa, eis aqui as veste, ainda rubras, do teu filho; contempla-as e depois vai reconciliar-te com o assassino! o sangue do teu filho reclama inimizade eterna, pede vingança, e tu preparas-te para abraçá-lo?! Os rogos de uma mãe desesperada acharão ainda alguém que lhe vingue o filho”.

Diante desta explosão apaixonada não podia permanecer insensível um coração, há pouco curado da mesma paixão e que ainda se agitava, embora mais tranqüilo, nos mesmos sentimentos. Marcos esqueceu completamente as admoestações de Geraldo. A esposa soubera com destreza soprar a cinza revivendo o fogo. O ódio antigo, os sentimentos de vingança despertaram-se novamente. Não havia mais esperanças de reconciliação; o homem parecia mais duro do que antes.

Ao voltar a Castelgrande, Geraldo foi logo informado da mudança de Carusi. Deveria o santo desistir e deixar o triunfo ao inimigo? “Não, disse Geraldo, o demônio não deve ter a vitória”. Animado de zelo foi logo ter com Carusi. Era naturalmente de esperar que ficasse sem efeito o assalto que ia fazer aos corações dos dois esposos. As palavras mais persuasivas e inflamadas não conseguiriam nada. Geraldo ajoelhou-se, tomou o crucifixo, estendeu-o no chão e mandou que o espezinhassem: “Vinde e calcai aos pés o Cristo!” Essa intimação repetida três vezes, produziu espanto e confusão. Os esposos empalideceram e, como era de esperar, não se atreveram a executar a ordem do santo. “Vinde, continuou Geral-



do, tentai calcá-lo aos pés! — Como? permaneceis imóveis, tendes medo e pavor! Sabeis que não há outro caminho: ou perdoar ou calcar aos pés este Jesus que mandou perdoar e que perdoou a seus algozes no alto da cruz. Escolhei!”

Ambos, esposo e esposa, sentiram-se horrorizados a essas palavras, mas não dispostos a perdoar; o ódio assentara-se fundo em seus corações. A vitória da graça estava iniciada mas não decidida. Geraldo continuou: “Bem ou mal, deveis perdoar! Ouvi o que vos digo: A primeira vez que vim ter convosco, segui o chamamento dos homens, agora venho por ordem de Deus. Ouvi, pai e mãe, que recusais o perdão: vosso filho está no purgatório e lá ficará enquanto durar a vossa teimosia. Se quizerdes libertá-lo — reconciliai-vos! Isso é necessário antes de tudo; depois mandai celebrar cinco missas em sufrágio da sua alma. Esta é a última palavra, que vos digo em nome de Deus. Se a desprezardes, podeis contar com os tremendos castigos do céu”.

Dito isso, Geraldo voltou as costas, em ato de deixá-los; os esposos detiveram-no: estavam profundamente impressionados, resolvidos, vencidos. Exclamaram: “Queremos a reconciliação, e já”. E esta realizou-se na mesma hora com imenso júbilo dos castelgrandenses. As famílias reconciliadas permaneceram unidas na mais bela harmonia, esquecendo-se todos do triste acontecimento que havia produzido a desavença.

Mais uma derrota causou o santo ao demônio em Castelgrande. Orava Geraldo um dia na igreja diante do tabernáculo, quando duas mães lá entraram, levando cada uma a sua filha atormentada do espírito maligno. A vizinhança do servo de Deus incomodou os demônios, que clamaram em alta voz: “Que homem é esse que nos persegue em toda parte?” O grito das possesas despertou Geraldo da meditação em que se aprofundara; correu e, ao ouvir as pobres mães e a causa das suas dores, encheu-se de compaixão; admoestou-as à confiança em Deus, tomou o cingulo, deu-o às mulheres dizendo: “Voltai com vossas filhas para casa, cingi-as com este cingulo, que elas ficarão livres imediatamente! Não temais se as verdes cair desmaiadas; será esse o momento em que os demônios as libertarão. Quando estiverem livres, confessem-se e recebam a santa comunhão, e os demônios nunca mais as molestarão. Coragem, o Todo-poderoso é bom, e nada lhe pode resistir!” As mulheres obedeceram e tudo realizou-se conforme Geraldo havia predito.

A presença do santo irmão em Castelgrande foi benéfica também para os doentes, que nele encontraram consolo e cura. Todos queriam tê-lo à cabeceira do seu leigo e receber-lhe a bênção. Em muitos casos essa bênção operava alívio e melhoras admiráveis; citaremos apenas um caso.

O Dr. Caetano Cianci tinha entre os seus clientes um menino de três anos por nome Antônio Pace, cujas mãos e pés se entortaram devido a horríveis con-

vulsões. Levou-o ao Irmão Geraldo, que colocou a mão sobre a cabeça do paciente e fez sobre ele, como de costume, o sinal da cruz, dizendo à pobre mãe: “Senhora, tende ânimo, o vosso filho está curado e nada mais terá que sofrer disso no futuro”. E de fato, o menino estava são; enrobusteceu-se e cresceu sem ter mais sintoma algum da antiga moléstia.

Entretanto Geraldo nem sempre atendia os pedidos feitos no sentido de um doente recuperar a saúde. A filha do supracitado Frederico, por nome Judith, perdera a vista em conseqüência de uma enfermidade. A mãe aflita pediu a Geraldo alcançasse de Deus a vista para a sua filha. O santo prometeu fazer o possível e mandou a mãe rezar pela menina. Logo depois voltou e disse: “Se a vossa Judith recuperasse a vista, estaria perdida; resignai-vos com a vontade de Deus. Em compensação vossa filha será indenizada com mais talentos do que muitas outras”. O futuro não desmentiu as palavras de Geraldo; a menina permaneceu cega, mas desenvolveu grande habilidade para os serviços domésticos e serviu de mestra para as irmãs mais novas.

Esses acontecimentos maravilhosos tiveram conseqüências salutareas na cidade, porém a vida santa de Geraldo mais ainda contribuiu para edificação geral em Castelgrande.

“A sua estada em Castelgrande, diz Tannoia, foi uma verdadeira missão para os moradores da cidade. A muitos revelou Geraldo o estado das suas consciências. As palavras sempre eficazes do servo

de Deus operaram transformações edificantes do servo de Deus operaram transformações edificantes. Entre outros converteu e ganhou para Deus quinze moços desordeiros e escandalosos, contra os quais ninguém podia proferir palavra devido à posição que ocupavam”.

Compreende-se a consternação do povo de Castelgrande quando soube da partida de Geraldo. Trezentas pessoas acompanharam-no até uma certa distância, cumulando-o de agradecimentos e votos de felicidade. Tão grande foi a veneração conquistada por ele entre o povo, que os próprios lavradores, ao ouvirem que Geraldo passava, abandonaram seus trabalhos nos campos e correram às ruas para receberem a sua bênção. Como o Irmão Francisco Fiore costumava cavalgar adiante na distância de algumas centenas de passos, muitos os tiveram pelo Irmão Geraldo e o distinguiram com sinais de veneração. Para se furtar a essas manifestações imerecidas, gritava ao ver algum grupo que se aproximava: “Eu não sou o santo; lá vem ele, lá vem ele!”

De Castelgrande foi Geraldo a Caposele afim de levar ao confessor os quinze moços que convertera, e visitar o seu diretor espiritual Pe. Cafaro, que era reitor daquela residência. Só depois é que voltou para Iliceto.

“Os resultados espirituais obtidos em Castelgrande — assim termina Tannoia sua narração sobre os trabalhos de Geraldo nessa povoação — foram tão duradouros que desde aquele tempo, bom núme-

ro de pessoas de lá vão se confessar em Caposele todos os sábados. Essas pessoas não se intimidam nem pela distância de duas ou três horas de caminho nem pela necessidade de pernoitar ao relento. Essa grande afluência de povo causou profunda impressão sobre o Pe. Cafaro, que o fez exclamar: “É isso! Aonde esse irmão vai, põe tudo em polvorosa”.

## CAPÍTULO XII

### **Alguns dias em Melfi. Morte do Pe. Cafaro**

Pouco deteve-se o santo em Iliceto após a sua volta de Castelgrande; algumas semanas depois recebeu ordem de acompanhar o Pe. Estevam de Liguori e mais dois padres que tinham de ir a Melfi em uso de águas . A 16 de julho deixou Iliceto.

Em Melfi o irmão era muito conhecido; lá já estivera diversas vezes de passagem ou por breve tempo; mas, como cada vez operara curas prodigiosas, a sua fisionomia imprimiu-se profundamente na memória do povo, sendo o seu nome pronunciado por todos com gratidão.

A família Scoppa, onde Geraldo se hospedara, possuía um diário lavrado pela dona da casa, Ana Scoppa, sobre a vida e atividade de Geraldo em Melfi. Infelizmente esse precioso documento desapareceu num incêndio em 1838, de sorte que nos são conhecidos apenas dois fatos realizados em visitas anteriores de Geraldo em Melfi na casa da supracitada família: um êxtase e uma profecia.

O primeiro foi ocasionado por uma imagem da SS. Virgem, que se achava colocada em elevada altura na parede da casa; parece que a família chamou para ela a atenção de Geraldo. O servo de Deus contemplou-a atentamente; o seu coração enternecido inflamou-se de amor para com a SS. Virgem, seu es-

pírito elevou-se a um mundo superior; às palavras: “que beleza possuis aqui” voou, leve como a palha, até a imagem que segurou com ambas as mãos. Essa cena abalou os ânimos de todos os presentes, mormente da dona da casa, que caiu sem sentidos.

A profecia tem por objetivo um pai de família gravemente enfermo, cuja mãe aflita fora ter com o servo de Deus, intimando-o dizer-lhe se seu marido morreria daquela enfermidade. “Não temais, disse Geraldo consolando-a, vosso esposo não falecerá em consequência dessa moléstia, mas esta irá ainda longe”. A predileção realizou-se ao pé da letra.

Quando Geraldo chegou a Melfi em 1753 com os padres enfermos, não se hospedou com Scoppa, mas na casa de Victoria Bruno, senhora de muita piedade e mãe do jovem redentorista Amaro Murante. Também dessa ocasião poucos tópicos chegaram até nós a respeito da estada de Geraldo, que se não diferenciou muito das precedentes.

Para distrair os sacerdotes enfermos, Geraldo cantava hinos à escolha, correndo o teclado do piano que sabia tocar regularmente. Uma vez pediram-lhe cantasse a conhecida estrofe de Metastasio:

Se Dio veder tu vuoi  
 Guardalo in ogni oggetto  
 Cercalo nel tuo petto  
 Lo troverai con te.

Geraldo não se fez de rogado. O conteúdo do hino secundado pelos maviosos sons do instrumento comoveu-o santamente; uma alegria celestial apodevou-se de sua alma e o contentamento que lhe inundava o coração, arrebatou-o; levantou-se, tomou pelo braço o Pe. Estevam Liguori e pôs-se a dançar na sala com o sacerdote, que em vão tentou desvencilhar-se dos seus braços.

Uma vez, achando-se, na residência do Cônego Leonardo Rossi, este fez a palestra cair sobre as perfeições divinas. Geraldo afogueou-se, o seu exterior traiu a comoção violenta da sua alma e os sentidos negaram-lhe o seu serviço. O Cônego notando, a tempo, o estado de Geraldo, correu a buscar água com o qual o umedeceu. O servo de Deus voltou a si; mas, vendo-se surpreendido no seu caminho ao paraíso, sentiu-se acanhado, e confuso e cabisbaixo interrompeu a visita e voltou logo para casa.

Confusão semelhante experimentou outra vez quando se entregava, um tanto sem cautela, a seus exercícios de penitência. Ou por esquecimento do lugar em que se achava, ou por se julgar inapercebido, começou a misturar com ervas amargas, que levava sempre consigo, o prato que lhe acabavam de oferecer. A dona da casa, desejosa de conhecer a qualidade da erva, pediu ao irmão que lhe desse um pouco do conteúdo de seu prato. Achou a comida intragável e teria seguramente vomitado se tivesse ingerido o pouco que tomara na boca. O mesmo deu-



se com o Padre Liguori que pretendeu fazer idêntica experiência.

O dom que Geraldo possuía de curar enfermos e desvendar o futuro, manifestou-se também em Melfi nessa ocasião. Miguel di Micheli, jovem de 18 anos, guardava o leito há mais de seis meses. Como a família do enfermo lhe era muito conhecida, Geraldo não se demorou em ir fazer uma visita ao doente. Examinando-lhe o pulso exclamou: “Como, tendes febre? Não, estais são”. E de fato, a visita levava a saúde ao doente. Encontrando-se, dias depois, com o jovem curado, fitou-o e disse-lhe em tom de convicção e certeza: “Chegará o dia em que sereis um dos nossos”. — Sim, replicou Micheli, isso será só quando eu pegar o céu com a mão”. O jovem nutria pensamentos bem diversos e não se sentia absolutamente inclinado a entrar na Congregação a que Geraldo pertencia. Não obstante realizaram-se *in totum* as palavras do santo. “Quando eu estava para escolher estado — contou mais tarde di Micheli ao Pe. Tannoia — senti inquietação febril durante seis meses; de repente, não sei como, resolvi-me entrar na Congregação redentorista, embora me procurassem dissuadir disso diversos religiosos e o próprio bispo Basta, que me honrava com sua amizade”. Em fins de 1753 di Micheli entrou no noviciado em Ciorani; viveu como bom religioso na mais exata observância e morreu a morte dos justos em 3 de junho de 1795.

Nos primeiros dias de agosto terminara o tratamento balneário do Pe. Liguori e de seus dois com-

panheiros, e Geraldo se preparava para voltar a lliceto, quando recebeu a notícia da doença grave do Pe. Cafaro, seu diretor espiritual em Caposele. Esse homem de Deus, uma das colunas da Congregação, adoeceu gravemente sem se iludir sobre o próximo desfecho da sua enfermidade.

Santo Afonso diz ele: “Antes de enfermar predis-se mais uma vez a sua morte; há uns meses só falava da eternidade e do céu. Perguntava a seus companheiros: ‘Dizei-me, que é que se faz no paraíso?’ Um dia disse claramente: ‘Morrerei este ano’. A 5 de agosto falou ainda mais precisamente da sua morte: ‘Morrerei neste mês, disse, ainda hoje serei atacado da febre!’ E de fato, após a refeição sobreveio-lhe a febre, e três dias depois estava desenganado dos médicos.

Durante a sua enfermidade foi para todos um modelo de edificação:... paciente, manso e obediente; ... silencioso e recolhido em Deus, fitando devotamente a imagem do Crucificado e da SS. Virgem.

Quando um dos padres lhe afirmou que, como superior, mandaria fazer orações pelo restabelecimento da sua saúde, necessária ao bem da Congregação, disse o Pe. Cafaro. “Não o façais, é bom que eu morra!”

Na qualidade de reitor-mor, ao saber da sua enfermidade, dei-lhe, de longe, ordem de sarar, se assim aprouvesse a Deus. Ao recebê-la levantou a mão, sem nada dizer, acenando não ser do beneplácito divino, o seu restabelecimento.

No início da enfermidade, foi atormentado dos costumados escrúpulos, mas havendo recebido ordem do seu diretor espiritual para que se tranqüilizasse, obedeceu entregando-se inteiramente às mãos da misericórdia divina, e cheio de paz celestial, os olhos fitos no Crucifixo, exalou sua santa alma na presença dos seus confrades desolados, a 13 de agosto de 1753 às três horas da tarde, aos quarenta e seis anos de idade.

Temos a convicção certa de que foi gozar de Deus, a quem procurou sempre agradecer e servir todos os dias da sua vida.

Quando o sino anunciou a sua morte, foi geral a consternação não só entre os confrades, mas também entre os estranhos que se achavam no convento. Antes do sepultamento abriram-se uma das veias, da qual jorrou sangue. Muitos fiéis têm conseguido favores e graças à invocação do seu nome e aplicação das suas relíquias. Essas graças, todas escritas, serão publicadas, quando a Deus aprouver conceder a seu fiel servidor as honras dos altares”.

Até aqui Santo Afonso No momento em que Cafaro exalava o seu derradeiro suspiro, Geraldo, seu filho espiritual, caiu em êxtase. Ao voltar novamente a si, perguntado pelo motivo de sua alegria, disse: “Acabo de ver a alma do Pe. Cafaro entrar no céu, onde ocupa um lugar ao lado de São Paulo; porquanto com suas pregações, sempre repletas de zelo e ardente amor, conquistou muitas e muitas almas para Jesus Cristo”.

## CAPÍTULO XIII

### **Peregrinação ao Monte Gargano**

Algumas semanas após o triste acontecimento, que acabamos de mencionar, teve Geraldo a consolação de visitar o monte Gargano, um dos mais celebres santuários da redondeza.

O convento de Iliceto abrigava, nesse tempo, parte dos clérigos da Congregação, que se dedicavam ao estudo da teologia-dogmática sob a direção do célebre Padre Alexandre de Meo. Não querendo passar as férias sem uma excursão maior e piedosa, propuseram um passeio ao monte Gargano. O reitor da casa, Pe. Fiocchi, aprovou o plano, exigindo que se realizasse em companhia do Irmão Geraldo, que tomaria sobre si o cuidado dos peregrinos. Geraldo era muito conhecido e o Pe. Fiocchi contava com a sua força taumaturga, pois que, como ouviremos logo, pouco pôde fazer em benefício dos estudantes. Nenhuma ordem satisfazia tanto, como esta, aos desejos do nosso santo. O monte Gargano era consagrado a São Miguel, e conhecemos já a sua devoção ao Santo Arcanjo desde a infância, mormente desde o momento em que recebeu das suas mãos, miraculosamente, a santa comunhão.

Provavelmente realizou-se a excursão pelos fins de setembro de 1753. Compunha-se a caravana de dez pessoas: Padre de Meo e Padre Spera, seis es-

tudantes, o nosso santo e um ermitão por nome Irmão Ângelo de São Jerônimo. A viagem foi, de princípio a fim, uma cadeia de acontecimentos extraordinários e, como se exprime uma testemunha no processo da beatificação, “uma série ininterrupta de milagres de fé, esperança e caridade”.

No momento da partida o Pe. Fiocchi nomeou Geraldo comissário da caravana, entregando-lhe algum dinheiro; dizemos algum, isto é cerca de seis florins, soma muito insignificante para as despesas de um grupo de dez pessoas durante uma semana inteira.

Geraldo não fez a menor objeção. Quando os confrades lhe observaram que tão pouco dinheiro não bastava para a viagem, disse: “Deus providenciará”; soube comunicar aos outros essa inabalável confiança em Deus, de sorte que se puseram a caminho sem cuidados e preocupações.

Para o transporte da pequena bagagem e condução dos mais fracos alugaram-se jumentos, que foram confiados aos cuidados do Irmão Ângelo; partiram. Em Foggia fizeram a primeira parada. Como os leitores sabem da vida de Santo Afonso, essa capital da Apulia possui uma célebre imagem da Madona, diante da qual o santo foi arrebatado em êxtase durante uma pregação ao povo, que se apinhava no templo.

Não podiam os filhos de Santo Afonso, e muito menos Geraldo, deixar de visitar essa imagem. O nosso santo era muito popular na cidade, onde em

suas excursões anteriores difundira, repetidas vezes, o brilho das suas virtudes e carismas admiráveis. Mal se soube da sua chegada, sacerdotes e leigos foram saudá-lo e gozar, embora por pouco tempo, da sua santa e edificante palestra. Propuseram-lhe diversas questões de ascese e teologia, que Geraldo resolveu, como de costume, com clareza e precisão.

No mosteiro da Visitação uma religiosa pediu falar-lhe; tinha muita coisa no coração de que desejava esclarecimentos. O santo satisfez o seu pedido e conferenciou com ela sobre os negócios de sua alma. Na despedida aconselhou-lhe que se preparasse para comparecer perante o Juiz Eterno, o que muito a surpreendeu, pois a religiosa era jovem, rosada e sã: uma morte próxima parecia improvável. O conselho de Geraldo foi acertado; após quatro meses Deus a chamou a si.

De Foggia, onde pernoitaram, seguiram de manhã para Manfredonia. Como os jovens, não habitua-dos a longas caminhadas, sentiram logo grande cansaço, Geraldo resolveu alugar uma carruagem até Manfredonia. “Mas d’onde tirar o dinheiro para isso?” foi a exclamação uníssona dos romeiros. Geraldo respondeu: “Deus providenciará” e alugou um carro de dois cavalos, que transportou os passageiros até o lugar designado.

Aqui começou a dificuldade com dois jumentos; eles e o guia, Irmão Ângelo, não podiam acompanhar o carro. Os animais mal nutridos não corriam, arrastavam-se a custo; por fim fatigaram-se tanto,

que Ângelo teve de ficar atrás. Em Candela, onde pararam para um refresco, deram pela falta de Ângelo com os animais. Esperaram, olharam — debalde; por fim avistaram o pobre guia banhado em pó e suor. Geraldo concedeu-lhe e aos animais, um pequeno descanso, e pouco depois, deu sinal de partida. O eremita protestou alegando o cansaço dos animais, que tinham necessidade de maior repouso; só mais tarde se poria a caminho. Geraldo não concordou: “Os animais não podem ficar aqui, disse, vereis que eu os tocarei adiante”. O eremita teve que ceder e montou um dos jumentos; o outro ficou para o guia da carruagem. Os dois jumentos foram atrelados adiante dos cavalos; Geraldo subiu à boléia e com uma valente chicotada nos jumentos exclamou: “Em nome SS. Trindade eu mando: adiante!” Os animais pareciam animados de nova vida; galoparam com os cavalos como se fossem corcéis de raça, e assim chegaram a Manfredonia. Após o pagamento da carruagem ainda restaram na bolsa alguns tostões.

O homem da Providência não desanimou, lembrou-se de seu bom Rei celestial e resolveu pedir-lhe audiência. De caminho para a capela do castelo da Manfredonia, comprou no mercado um bellissimo buquê de cravos, que estavam à venda, e levou-o à capela. Depois de saudar o SS. Sacramento, subiu os degraus do altar, onde depositou o seu ramalhete; em seguida, olhando para o sacrário, disse com tocante singeleza: “Meu querido Salvador, vedes que

pensei em Vós, agora é vossa vez de pensar em minha pequena família”.

O capelão do castelo, que se achava na capela e que presenciara esse ato de filial confiança, aproximou-se para ver o piedoso irmão e os seus companheiros. Constatando serem eles da Congregação do SS. Redentor, da qual era amigo, chamou-os e fez questão de lhes dar hospedagem: “Deus vos pague, senhor — replicou o irmão agradecendo — mas nós somos tantos”. “Pouco importa — continuou o sacerdote — vinde todos à minha casa; cuidaremos de todos; minha mãe, que se acha doente há dois meses, não poderá, infelizmente, tratar-vos como mereceis, ela está de cama e muito enfraquecida”. “Quanto a isso, interrompeu Geraldo, não há dúvida. Crede-me: chegando em casa fezei sobre ela o sinal da cruz e ela ficará curada”. O padre acreditou nas palavras do irmão e não se iludiu. Mal fizera o sinal da cruz sobre a fronte da doente, esta sentou-se sã e forte, levantou-se e serviu os hóspedes.

O tratamento excedeu toda a expectativa, ainda mais que os romeiros, nem por sonhos, esperavam em Manfredonia tão excelente hospedagem. Além disso o capelão fez questão cerrada de prover os seus hóspedes do dinheiro necessário para a longa jornada.

Esse adjutório não foi o único fruto produzido pela ramalhete ao piedoso doador em Manfredonia. A súplica do servo de Deus ao pé do altar chegou ainda aos ouvidos de um outro sacerdote, que chegou in-



continenti para ver e falar ao irmão, que na sua opinião devia ser um santo. A palestra agradou-lhe tanto, que prometeu mandar de presente a Iliceto um turbulo prometido no valor de sessenta ducados.

Assim cumpriu-se a ordem do segundo dia a promessa feita por Geraldo de que Deus havia de providenciar. Diante disso levantaram-se os ânimos dos que, com certa apreensão, começaram a viagem. Indizível contentamento apoderou-se de todos, quando na manhã seguinte se aprontaram a subir o monte Gargano, em cujo sopé jaz Manfredonia. A subida era íngreme; os jovens não tardaram a queixar-se de cansaço; ora um, ora outro exigia a cavalgada. Só Geraldo caminhava a pé, como de costume, não parecendo sentir cansaço nem fraqueza. O seu espírito entretinha-se com o santo Protetor, de cujo santuário se aproximava. E que alegria quando lá chegou! Cada qual entregou-se à sua devoção. O servo de Deus aprofundou-se tanto no entretenimento com o santo arcanjo que pareceu esquecer-se de tudo que o rodeava. Os jovens esperavam em vão o fim da sua oração; Geraldo não se movia. Alguns chegaram-se a ele e viram-no em êxtase. O seu rosto estava voltado para o céu, seus olhos abertos fitavam um ponto fixo, a respiração era quase imperceptível. A princípio deixaram-no tranqüilo, mas temendo que ele se esgotasse completamente, resolveram despertá-lo. Chamaram-no, sacudiram-no, levantaram-no para o alto, porém em vão. Quando por fim Geraldo voltou a si, sentiu-se acanhado em ver os companheiros que

o rodeavam e disse: “Não foi nada, não foi nada! Vamos tomar um fresquinho”. Levantou-se e saiu da igreja com os outros.

A refeição desta vez foi mais copiosa do que esperavam, devido à esmola recebida do capelão do castelo em Manfredonia. Passaram a noite em uma pensão.

No dia seguinte os romeiros dirigiram-se bem cedo à igreja para as suas devoções. Geraldo, como na véspera, não se descuidou das necessidades dos seus confrades. A hora marcada mandou servir-lhes um bom café e ao meio-dia aprontou-lhes delicioso almoço.

Os jovens estavam com o Padre de Meo quando Geraldo os convidou para o almoço. Desconfiando das possibilidades da bolsa raquítica do irmão, hesitaram em aceitar o convite e entreolharam-se com desconfiança. “Homens de pouca fé, exclamou Geraldo, isso é obediência? Sentai-vos tranquilos à mesa”. Enquanto obedeciam a essa ordem categórica, Geraldo tirou da bolsa umas moedas, entregou-as ao Irmão Ângelo para comprar pão. Este desceu ao rés do chão, executou a ordem recebida e voltou. Qual não foi o seu espanto ao ver Geraldo em atividade edificante. A mesa estava cheia de peixes de toda qualidade — era dia de abstinência — e o bom irmão servia a todos com a generosidade de um abastado pai de família.

Terminada a refeição, o Padre de Meo perguntou ao eremita quem havia encomendado tudo aquilo.

Ângelo não soube o que responder, somente afirmou que Geraldo, na véspera, só tinha alguns vinténs, fora à igreja rezar diante do altar do arcanjo São Miguel, e lá um homem desconhecido se aproximara com um rolo de moedas de prata, pedindo se lembrasse dele em suas orações e amasse sempre a Deus. É certo que, sem esse auxílio extraordinário da Providência, o santo não poderia prover tão copiosamente os seus confrades.

Antes de descer do monte Gargano Geraldo quis ajustar as contas com o hoteleiro, que sem consciência exigiu soma evidentemente exagerada. De nada valeram considerações e pedidos. “Pois bem, disse Geraldo em tom grave, se não dominardes a vossa ganância e exigirdes mais do que é justo, todos os vossos animais perecerão”. Mal acabava de pronunciar a ameaça, quando o filho do hoteleiro, chorando, entrou no quarto exclamando: “Vinde depressa, papai, não sei o que têm os muares; estão rolando no chão, que é um horror; vinde depressa por amor de Deus!” A essa notícia o homem empalideceu; reconhecendo a sua injustiça, prostrou-se aos pés de Geraldo e pediu perdão. “Perdôo-vos de coração, replicou este ao humilhado, mas não esqueçais nunca: Deus está com os seus pobres; grande mal vos sucederá, se ainda uma vez exigirdes mais do que é justo”. O hoteleiro não quis aceitar nada, porém Geraldo pôs sobre a mesa o pagamento da hospedagem e foi à estribaria para ver os muares. Um sinal da cruz feito por ele, foi o suficiente para restituir a

saúde aos animais. Os romeiros visitaram mais uma vez o santuário e puseram-se a caminho.

Chegados ao pé do monte, sentiram ardente sede: “Chegaremos logo a um poço, disse Geraldo, lá podereis dessedentar-vos! um pouco de paciência ainda!” Não tardaram a alcançar o poço; mas, querendo haurir água, deram pela falta da corda para descer o balde. Por causa da seca extraordinária o proprietário do poço a havia afastado, de medo que viesse a faltar água, se todos a pudessem usar.

O santo, que não olhava para si mas para a sede dos seus confrades, foi ter com ele e pediu com humildade e bons modos, cedesse por uns momentos a corda para extrair a água e dessedentar os jovens. Foi porém repellido bruscamente.

Também esse homem teve de se convencer da crimosidade da sua avareza por um milagre estuendo. Afastando-se dele disse Geraldo: “Negais água ao vosso próximo, que deveis amar como a vós mesmo; pois bem, também a vós o poço há de negá-la”. Dito isso saiu com seus confrades. Não tardou muito, correu o homem atrás deles, gritando de longe com todos os pulmões: “Tende compaixão dos pobres que precisam da água do poço; é o único em toda a região!” Que é que aconteceu? Conforme a ameaça de Geraldo a água começou a diminuir sensivelmente. Abriram-se os olhos do dono do poço, o qual reconheceu o castigo da sua falta de caridade e de sua avareza. Arrependido estava disposto a dar de beber não só aos religiosos mas também aos dois

animais que os acompanhavam, contanto que voltasse outra vez a água a encher o poço.

Os viajantes não quiseram dar crédito às palavras do homem, porque da beira do poço tinham visto dentro água em abundância; parecia-lhes impossível secar-se o poço em tão poucos minutos. Devido às insistências do homem voltaram e verificaram que no poço só havia lama e areia molhada.

Geraldo, vendo quebrada a teimosia do dono, mandou atar a corda ao balde e lançá-lo ao poço. No mesmo instante apareceu novamente água. Depois que todos beberam, o santo dirigiu-se ao dono com as palavras: “Meu irmão, por amor de Deus nunca mais negueis a um sedento a água, que é de todos; do contrário Deus também vô-la negará. Não manda acaso o Senhor que amemos todos os homens? Sede misericordioso, se quiserdes que Deus use de misericórdia convosco”.

O homem tomou a peito aquelas palavras; dali em diante a corda ficou sempre junto ao poço, dando a possibilidade a todos de matar a sede.

Em Manfredonia voltaram à casa do capelão, que os hospedara tão gentilmente dias antes. No dia seguinte foram para Foggia. O caminho até lá teve de ser feito a pé com grandes dificuldades, mormente para o nosso santo. Inesperadamente repetiu-se a hemoptise que tivera já freqüentes vezes; Geraldo porém não quis saber de alívio; enquanto os seus confrades se revezavam no uso dos animais, ele caminhava a pé, esforçando-se por ocultar aos outros a

sua fraqueza extrema. Nenhuma queixa saiu dos seus lábios; se não o tivesse visto vomitar sangue, ele teria guardado inviolável segredo sobre o seu mal-estar.

A sua fraqueza não o impediu de tratar os confrades com toda atenção e caridade e fazer tudo quanto lhes pudesse causar alegria e contentamento. Em Foggia ele propôs um passeio ao santuário da “Virgem coroada” pouco distante da cidade. Todos concordaram e no dia seguinte para lá se dirigiram guiados pelo santo.

Sucedeu então ao servo de Deus o mesmo que no monte Gargano; mal se ajoelhou na igreja, o seu espírito ficou preso nos doces laços do êxtase. Quando Geraldo voltou a si perguntou-lhe um dos estudantes o que ele havia tido. “Nada, respondeu o irmão, isso não passa de fraqueza minha”.

Os romeiros fizeram mais um desvio para visitar em Tróia o belíssimo Crucifixo entregue à veneração pública pelo santo bispo Cavalieri de Tróia, tio materno de Santo Afonso de Ligório. Os jovens clérigos interessaram-se vivamente pela imagem venerável em si mesma e principalmente grata pela recordação de um santo parente do fundador da Congregação. “Mais consolações do que os outros, diz Tannoia, sentiu Geraldo à vista do Crucifixo; todos foram testemunhas da emoção do seu coração e arroubo extático do seu espírito”.

Essa peregrinação foi realmente uma série de milagres, e contribuiu não pouco para consolidar a fé

nos jovens confrades de Geraldo e fortificá-los na sua vocação.

Um desses jovens sempre se recordava com comoção da viagem empreendida por Geraldo, porque viu realizar-se à risca uma profecia feita então pelo santo; era Pedro Paulo Blasucci que havia professado um mês antes. Seu irmão Domingos terminara há sete meses, ainda na flor dos anos, a sua vida inocente e rica em virtudes, como um segundo São Luís; faleceu santamente em Caposele.

A esse Pedro Blasucci predisse Geraldo nessa peregrinação ao monte Gargano, que ele seria superior geral da Congregação, o que se realizou quarenta anos mais tarde; a 24 de abril de 1793 foi o Pe. Blasucci eleito reitor-mor e regeu a Congregação vinte e três anos, até a sua morte em 1816.

A viagem de Geraldo fez-se em nove dias. Ao entregar a bolsa ao superior continha mais dinheiro do que na partida. Não se enganou pois o Pe. Fiocchi quando disse que a melhor *matula* para a viagem era a confiança divina do Irmão Geraldo.

## CAPÍTULO XIV

**A novena de São Teodoro em Melfi.  
Trabalhos em Atella e Lacedogna.**

A supracitada atividade do santo em Melfi despertou no bispo Mons. Basta o desejo de tê-lo outra vez, e quanto antes, perto de si. Ocasão para isso deu a novena solene que se realizou na matriz de S. Teodoro, como de costume, em novembro de 1753. Convidou para pregador o Pe. Fiocchi, pedindo-lhe que levasse consigo o Irmão Geraldo. O reitor de Iliceto não pôde declinar do convite e dirigiu-se a Melfi nos últimos dias de outubro, porquanto a festa de S. Teodoro se celebra a 9 de novembro.

A nova visita de Geraldo foi de imenso contentamento para todos os habitantes da cidade. A novena de São Teodoro nunca fora tão freqüentada como desta vez, pois que todos queriam ver o santo irmão e aprender dele alguma coisa edificante. Mons. Basta deu o exemplo; conferenciava com ele horas inteiras e não hesitava em pedir sua opinião a respeito das questões mais complicadas, tão grande era a confiança que tinha na ciência e carismas celestiais de Geraldo. O clero intimou o bispo. Abalizados vigários, sobretudo confesores, iam expor a Geraldo as suas dúvidas sobre a cura d'almas e direção espiritual; e o santo resolvia todas as dificuldades e respondia a todas as perguntas satisfazendo a todos.



Não menos importante foi a influência de Geraldo sobre os leigos. Quem sentia qualquer inquietação, receito ou desejo no coração, ia ter com ele. Homens e senhoras da alta sociedade, bem como operários e mendigos recorriam à sua caridade, encontrando sempre o que procuravam. É escusado mencionar que as crianças se sentiam por ele atraídas de modo especial.

Noventa anos depois da estada de Geraldo em Melfi, uma dessas crianças ainda se lembrava dele vivamente e com alegria.

“Quando Geraldo se achava em Melfi, contou o centenário Xavier Pascucci por ocasião do processo da beatificação (1843), tinha eu dez ou doze anos e tive mais vezes ocasião de falar com ele; o servo de Deus falava sempre às crianças, que o procuravam, sobre o amor de Deus e o dever de cumprir com fidelidade as obrigações religiosas; dizia: ‘Que é que dareis ao bom Deus?’ fazia sobre as crianças o sinal da cruz e repartia santinhos de Nossa Senhora das Dores. Ele levava vida muito austera; eu mesmo notei que usava cilícios. Também para com os pobres era muito generoso... distribuía-lhes a sua própria comida... vi-o uma vez tirar os sapatos para dá-los a um pobre. O que mais observei nele foi o zelo pela salvação das almas e pela conversão dos pecadores”.

E realmente os trabalhos de Geraldo nesse sentido foram vultuosos, porquanto ainda por muitos anos correu a fama das conversões por ele efetuadas ou encaminhadas, e dos frutos espirituais por ele pro-

duzidos. Quem sabia de algum pecador obstinado bastava levar-lhe o irmão para garantir-lhe a conversão.

“Uma simples palavra de Geraldo, diz Tannoia, bastava para compungir os pecadores que, preparados para a graça do Sacramento, iam confessar-se ao Pe. Fiocchi. Isso dava-se sobretudo com certas pessoas distintas que, descuidando-se da sua alma desde há muito, haviam caído na lama do vício. Uma única conferência com Geraldo era suficiente para a mudança radical de sentimentos e de vida; essas pessoas tornavam-se depois modelos de virtude para os outros”.

Nessas conversões desempenhava saliente papel o dom admirável, que possuía, de conhecer os corações e os seus segredos mais ocultos. Em Melfi vivia um gentil homem, que a muitos anos calava pecados na confissão. Geraldo, encontrando-se uma vez com ele, descobriu imediatamente o triste estado da sua alma. “Meu filho, disse ao homem, estais vivendo no pecado; porque é que quereis assim morrer como um condenado? confessai aquele pecado, que tendes ocultado até agora, e procurai a graça divina”. O homem, coberto de confusão e vergonha, pôs em ordem a sua consciência.

O mesmo deu-se com uma senhora, que apesar de muitas confissões, não conseguira afastar a pedra que oprimia o seu coração, isto é, a culpa que ocultava ao ministro de Deus. Por caminhos extraordinários teve Geraldo conhecimento do estado dessa alma, e

utilizou-se dele no primeiro encontro: “Minha irmã, disse-lhe, como podeis viver em paz permanecendo em pecado mortal? porque não confessais o pecado que ocultais há tantos anos?” A essa revelação a mulher corou e resolveu reconciliar-se com Deus por meio de uma sincera e detalhada confissão.

Conversão semelhante, porém ainda maior devido às circunstâncias que a acompanharam, é a seguinte: Estando o santo para sair do palácio episcopal, foi apostrofado por uma senhora, tida por piedosa. Para se granjear maior reputação, a hipócrita procurava falar com todos os que tinham fama de grande santidade; manifestava-lhe os seus segredos para passar por alma conscienciosa e piedosa. Tinha por diretor o Padre Martinho, agostiniano, o mais célebre confessor de Melfi. Essa infeliz criatura, por nome Teresa Moronti, apresentou-se também a Geraldo, que sabia ser um homem de Deus de muita cotação. Geraldo ouviu-a calado e calmo. Ao terminar ela a sua prosa hipócrita, disse-lhe em tom grave: “Porque esse palavrório vão? há tantos anos vos confessais e comungais sacrilegamente e quereis passar por santa? ide confessar-vos com sinceridade se não quereis a morte de um condenado”.

Essa revelação inesperada confundiu e envergonhou a mulher; a palavra “estais condenada” foi-lhe como um raio em céu sereno; correu ao seu confessor Pe. Martinho e sem lhe descobrir o veneno em sua alma, disse-lhe somente: “Padre, estou condenada, ajudai-me a fazer uma confissão geral”. O con-

fessor, na convicção de que Teresa se levava por temores infundados, censurou-a e despachou-a com as palavras: “Estais louca”. Esse procedimento do confessor compreende-se facilmente, mas não se lhe pode perdoar a circunstância do fato, porquanto, apesar do reiterado pedido da penitente que afirmava estar em pecado mortal, a ela manifestado por Geraldo que só o poderia conhecer por inspiração divina, não a quis ouvir, indignou-se e mais tarde, na presença de diversas pessoas, injuriou o santo irmão taxando-o de ignorante, imprudente e perturbador das consciências.

Felizmente Teresa prestou mais ouvido à palavra de Geraldo do que à do seu irritado confessor. Não encontrando paz, foi lançar-se aos pés do cônego Leonardo Rossi e declarou-lhe haver vivido hipocritamente durante dez anos, cumulando sacrilégios sobre sacrilégios. O seu arrependimento desta vez foi tão vivo e a detestação da sua hipocrisia tão radical que permitiu ao dito cônego comunicar ao Pe. Martinho, seu confessor ordinário, o estado da sua consciência. Manifestou outrossim o desejo de, na publicação dos milagres e virtudes do santo, ser relatado também este prodígio operado por Geraldo em seu favor. Teresa Moronti levou, desde então, vida santa e modelar.

A estas conversões estrondosas realizadas pelo santo juntaram-se ainda outros sinais, que provam claramente a sua missão superior. Entre outros, temos conhecimento de um milagre operado então na

casa da conhecida viúva Bruno. Esta encontrara um comprador para grande parte do seu vinho. Realizado o negócio descobriu-se que o vinho se deteriorara em um barril; o negociante, como é natural, quis rescindir o contrato, pondo assim a senhora em grandes apuros. Por felicidade Geraldo apareceu nesse dia na casa da aflita viúva. Ao ter conhecimento do ocorrido disse: “Isso não é nada”, e mandou lançar no barril, que continha o vinho estragado, uma cédula com o nome de Maria Imaculada, prometendo que, com isso, o vinho se corrigiria. A mulher hesitou, mas o santo insistiu: “Porque hesitais? Sereis vós quem corrigirá o vinho? Não, é Deus quem o fará; por isso executai as minhas ordens!” Ela obedeceu e o vinho tornou-se delicioso como antes.

\* \* \*

Terminada a novena de São Teodoro, Geraldo acompanhou o Pe. Fiocchi e outros sacerdotes até Atella, perto de Melfi, para a pregação da santa missão. Nessa cidade os missionários hospedaram-se na casa de Benedito Grazioli, amigo e benfeitor da Congregação; não tendo de preocupar-se desta vez com o material, pôde Geraldo entregar-se inteiramente a seus exercícios de piedade. Enquanto os missionários trabalhavam no púlpito e no confessionário pela salvação das almas, ele rezava diante do SS. Sacramento; preferia para isso a igreja das beneditinas, onde o seu coração se expandia com tanta

devoção que a recordação do seu fervor perdurou no convento até o ano de 1843, em que se introduziu o processo da beatificação.

De Atella voltou o santo para Iliceto, porém só por poucas semanas.

Uma cidade enlutada suspirava por seu consolo e palavras cheias de unção: era Lacedogna, onde pontificava Mons. Amato, grande venerador do servo de Deus. Rebentara lá devastadora epidemia considerava por todas as pessoas de bem como um justo castigo de Deus, por causa dos escândalos horrorosos existentes na cidade. Penitência e mudança radical de vida supunham todos ser o único meio de afastar o horrível flagelo.

O arcepreste Domingos Capucci, homem segundo o coração de Deus, em cuja casa já encontramos como hóspede o nosso Geraldo, colocara ao lado do seu bispo para auxiliá-lo a debelar os escândalos e a demonstrar o erro aos culpados; porém todos os esforços desses dois pastores zelosos fracassaram diante da obstinação do povo. E apesar desse castigo continuavam as maiores desordens justamente entre os que deveriam servir de exemplo aos outros.

Em vista disso o bispo e seu arcepreste acharam que a única medida para pôr um dique ao mal, era a presença de Geraldo. O bispo escreveu ao Pe. Fiocchi rogando a fineza de mandar Geraldo por algum tempo a Lacedogna. Não era possível deixar de atender o pedido de um protetor e amigo como o bispo Amato, o qual na qualidade de vigário-geral de Conza

favorecera a fundação da casa de Caposele (1746). Também o arcepreste Capucci, filho espiritual do Pe. Cafaro, merecia toda a atenção do Pe. Fiocchi. O servo de Deus partiu para Lacedogna provavelmente em janeiro de 1754.

Impossível descrever o júbilo das pessoas bem intencionadas de Lacedogna ao reverem o piedoso jovem, que outrora as edificara durante três anos quando a serviço do bispo Albini, e o respeito com que acolheram o religioso conhecido em toda a parte por sua eminente santidade. O Pe. Tannoia, biógrafo do santo, escreveu que este foi recebido em Lacedogna não como um homem mas como um anjo do céu.

O primeiro cuidado de Geraldo foram os numerosos doentes da cidade. Por meio da caridade para com os enfermos esperava ele preparar-se o caminho para os corações que queria converter. Viam-no correr pelas ruas o dia inteiro em procura dos enfermos. Todos recebiam sua visita, tanto o pobre em sua miserável choupana como o rico em seu palácio. Animava uns à paciência, inspirava a outros sentimentos de contrição, preparava os moribundos para a grande viagem à eternidade e restituía a não poucos a saúde perdida.

Entre estes últimos achava-se o cônego Antônio Saponiero, arcediogo da diocese, que nos deixou uma relação escrita de seu próprio punho, descrevendo a sua cura.

“Uma febre agudíssima, diz ele, reduziu-me ao estado de extrema fraqueza. O leito era-me um tormento; o estômago estava quase inteiramente paralisado; violentas dores de cabeça tornaram-se insuportável a moléstia, parecendo-me ser cada dia o último. Ao saber da chegada do servo de Deus em Lacedogna mandei pedir-lhe orações, e ele respondeu-me que minha moléstia, se eu confiasse em Deus, terminaria em breve. No dia seguinte foi visitar-me; aproximando-se do leito disse: ‘Louvai a Deus, estais curado’ e fez-me com o polegar da mão direita uma cruz sobre a fronte. Senti-me curado e ter-me-ia levantado imediatamente, se ele não me mandasse guardar o leito até o dia seguinte. Fiquei assim num instante livre da doença por um milagre de Geraldo”.

Com o sinal da cruz curou Geraldo ainda um outro homem que, desenganado dos médicos, chorava desesperadamente sua triste sorte. Feito o sinal da cruz disse-lhe o santo: “Coragem, levantai-vos em nome de Deus e vinde comigo à igreja, para vos confessar”. No mesmo instante o doente levantou-se, foi à igreja e confessou-se. Voltou para casa completamente curado.

Uma outra enferma a quem Geraldo restituiu miraculosamente a saúde, foi uma tal Lella Cocchia, que sofria a mais triste de todas as moléstias: definhava há meses em completa demência. O seu rosto inspirava compaixão e horror; seus gestos eram medonhos e suas palavras hediondas. Não era estranha a Geraldo. Quando o santo se achava em Lacedogna



como esmoleiro, uma senhora fôra ter com ele em procura de consolo e alívio pela morte da mãe, por cuja sorte na eternidade ela muito se interessava. Chorosa suplicou ao servo de Deus lhe dissesse onde sua mãe estava. Geraldo então consolou-a com as palavras: “Vossa mãe está no purgatório; aconselho-vos receber quarenta vezes a santa comunhão por sua intenção, que ela ficará livre dos seus tormentos”. Lella seguiu o conselho do santo e depois da quadragésima comunhão apareceu-lhe a mãe e agradeceu-lhe dizendo que nada mais lhe impedia a entrada no paraíso. O triste estado da boa filha comoveu o santo. Sem mais detença foi visitá-la em sua casa; saudou-a respeitosamente, como costumava, fez-lhe sobre a fronte o sinal da cruz e Lella pôs-se a cantar louvando a Deus e a SS. Virgem. Estava curada e completamente de posse das suas faculdades mentais.

A caridade de Geraldo para com os doentes surtiu o efeito desejado: abriu-lhe todos os corações. Seguro do auxílio divino atacou então os escandalosos com toda a franqueza. Sob qualquer pretexto ia visitar em domicílio os que o evitavam e, no caso de fracasso na primeira visita, conseguia o seu intento na segunda. Os outros detinha em plena rua, falava ou gracejava amigavelmente para lhes sondar os sentimentos; achando-os mais ou menos dispostos acompanhava-os até a residência para o seu plano de assalto. Sua fé viva tornava-o orador eloqüente nessas ocasiões. Às vezes mostrava aos pecadores

a sua insensatez e malícia, expondo-lhes os motivos mais convenientes para a resipiscência, outras vezes caía-lhes aos pés chorando e suplicando e não se levantava enquanto não se rendiam ganhos para Jesus Cristo. Não bastando a brandura, recorria à severidade; muitas vezes com um olhar ameaçador conseguia conversões, que simples palavras não realizavam.

Entre os escandalosos de Lacedogna distinguia-se um senhor de alta posição por sua incorrigibilidade. A esposa piedosa, pesarosa, conjurou Geraldo a que chamasse seu marido ao caminho da virtude e do temor a Deus. O santo consolou-a e mandou-a rezar. Conseguiu uma entrevista com o pecador e falou-lhe ao coração; suas palavras pareciam inspiradas porquanto o homem se mostrava impressionado. Enquanto Geraldo discorria sobre a infelicidade do pecador e a ruína, em que ele se precipita, operou-se no coração do esposo infiel uma transformação radical, manifestada nos sentimentos externados. O santo não se satisfez apenas com expressões de arrependimento. Antes de se despedir, exigiu do convertido a promessa de acompanhá-lo a Illiceto para os exercícios espirituais. O homem guardou palavra e o retiro que fez com a intenção de descontar os seus pecados, foi o começo de uma vida nova, edificante e feliz.

Um outro pecador não menos conhecido, gravemente enfermo, enxotava da sua casa, um depois do outro, todos os sacerdotes de Lacedogna. Nenhum

consequira, nem naquele momento tão importante, excitá-lo à contrição dos seus erros e à reparação dos escândalos dados. O santo, chamado à cabeceira do seu leito, fitou o obstinado, ajoelhou-se e rezou uma Ave-Maria ao “Refúgio dos pecadores”. O fruto da oração manifestou-se imediatamente; o coração endurecido tornou-se mole como a cera. O homem resolveu confessar-se, o padre chegou a tempo de arrancar a pobre vítima das garras de Satanás.

Não menos feliz foi o santo com um sacerdote, que esquecido da sua vocação, levava, há anos, uma vida pecaminosa. Encontrando-se com ele na sacristia no momento em que se preparava para celebrar a santa missa, chamou-o a um canto, lançou-se lhe aos pés e mostrou-lhe a gravidade dos seus pecados porquanto sempre carregado da culpa se atrevia a subir ao altar e celebrar o santo sacrifício. A humildade do servo de Deus surtiu efeito; o sacerdote caiu em si e tornou-se modelo de virtudes, mostrando-se grato ao santo todos os dias da sua vida.

Geraldo, também desta vez, hospedou-se em casa de Constantino Capucci, irmão do arcebispo. O tempo, que o santo lá passou, foram dias de bênção para toda a família, que assistia diariamente às palestras, ora breves ora longas, que o santo lhes fazia. As breves alocuções de Geraldo sobre o amor de Deus e a necessidade de salvar a alma, possuíam uma força especial, penetravam até o fundo dos corações. Essa impressão causada por suas palavras,

crecia poderosamente pelos conhecimentos sobrenaturais do santo revelados nessas ocasiões.

Um dia caiu a palestra sobre a vida eterna e a bem-aventurança, preparada aos eleitos no céu. O santo falava com eloquência empolgante; entre os ouvintes achava-se um senhor, que ao ouvir tanta eloquência, desejou mentalmente que sua esposa também ali estivesse para ouvir o santo. Subitamente Geraldo voltou-se para ele e disse: “Mestre Ângelo, assim se chamava ele, porque não pensais em vossa própria alma, e não procurais tirar proveito das coisas que eu digo? porque pensais em vossa esposa com o desejo de ela também ouvir as minhas palavras? Enquanto pensais nos ausentes, afastai-vos daquilo que falo para utilidade geral”. O mestre Ângelo espantou-se e não pôde proferir palavra. Mais tarde confessou a Constantino Capucci, que Geraldo tinha razão.

Tão grande foi a afluência do povo, que a casa de Capucci parecia um mercado onde todos entram e saem. Procurado por todos, o pobre irmão não encontrava um momento livre durante o dia, prolongando-se esse vai e vem até alta noite. O santo recebia a todos com amabilidade e auxiliava sempre que podia.

Uma senhora de Lacedogna era atormentada de violentas tentações que lhe roubavam toda a alegria da vida; triste e aflitiva dirigiu-se ao santo em busca de lenitivo e conselho. Geraldo, descobrindo imediatamente o motivo dos sofrimentos disse-lhe com franqueza: “Senhora, vós mesma sois culpada; não sois

fiel a Deus; fechai um pouco mais a porta do coração e encontrareis a paz”. A dama ficou surpreendida não pelo conselho, mas pelo fato de Geraldo conhecer tão depressa a chaga da sua alma; ela teve de confessar-se a si própria que bem insignificante era o seu esforço para se desfazer de certos apegos e fugir da ocasião próxima do pecado.

Um dos que mais consultavam o Irmão Geraldo era o bispo Mons. Amato que se não cansava de falar-lhe e pedir as suas opiniões; conferenciava com ele sobre os negócios mais importantes, e, por assim dizer, colocava-se sob a sua direção. Por isso não deixava passar nenhuma visita de Geraldo a Lacedogna sem ter com ele longa conferência. “Entreter-se com Geraldo em palestra teológica ou ascética, costumava dizer, é tornar-se seu discípulo; e quem se fez discípulo seu sai verdadeiro teólogo porquanto são sublimes as instruções que dá”.

A exemplo do prelado o cônego Capucci palestrava freqüentemente com o santo sobre coisas espirituais. Desde a missão de Lacedogna em 1746 o cônego estava sob a direção espiritual do Pe. Cafaro, mas na vida interior ainda não atingira aquela segurança, que sua posição exigia. Essa falta foi suprida pelo Irmão Geraldo, que introduziu o cônego nessa ciência tão necessária, ensinou-lhe os caminhos da vida espiritual, apresentou-lhe os pontos mais importantes, auxiliou-o a purificar-se dos sentimentos e aspirações mundanas e terrenas, e conseguiu por suas admoestações e conselhos que o excelente sacerdo-

te levasse uma vida verdadeiramente apostólica e virtuosa e tivesse por fim, uma santa morte.

Durante a estada de Geraldo em Lacedogna, de Bisaccia, lugar vizinho aonde penetrava a fama do santo chegou um doente que voltou curado por ele. Por isso o chantre da Catedral de Bisaccia foi a Lacedogna e insistiu com o irmão para que chegasse até lá, onde um infeliz por nome Bartolomeu Melchionne, muito necessitava do seu auxílio. Melchionne, casado há um ano, contraíra uma moléstia singular, que o fazia definhar, visivelmente; tornara-se tolo com sinais de obsessão. Geraldo, comovido cedeu ao pedido do chantre e foi a Bisaccia. A sua primeira palavra a Melchionne foi: “Não é nada, não é nada; estais curado!” Pronunciou a seguir algumas orações sobre Bartolomeu que subitamente se sentiu bem. Geraldo levou-o consigo para almoçar na casa do chantre. O ex-doente comeu com extraordinário apetite e depois, em doce júbilo, entoou com o santo um belo hino.

De Bisaccia Geraldo voltou a Iliceto. De caminho portou em Rocchetta, onde um operário calabrês escandalizava o todos vivendo ilicitamente com uma mulher. Geraldo, ao chegar, ouviu do fato e mandou chamar o homem. Este obedeceu porquanto não se atrevia a recusar o convite de um homem de tamanha reputação. O santo falou-lhe ao coração com tanto acerto, que o infeliz se humilhou e compungiu. O santo penetrou em sua consciência, relatou-lhe coisas que mais ninguém podia naturalmente saber,

mostrou ter conhecimento perfeito do seu coração, de sorte que o culpado ficou atônito e envergonhado; prometeu a Geraldo mudar de vida e afastar o objeto da sua paixão. Vendo o santo a contrição do operário, encaminhou-o a um confessor e ensinou-lhe como completar a sua conversão. Desde então o homem foi freqüentemente a Iliceto para pôr em ordem os negócios de sua alma. mais tarde casou-se a conselho de Geraldo e voltou para sua pátria.

Em fins de fevereiro de 1754 o santo voltou para Iliceto. Entretanto o demônio tramou intrigas que farão o nosso santo sofrer horrivelmente nos próximos meses.

Antes de descrevermos essas intrigas e as tristes horas de Geraldo, lancemos um olhar para a atividade do santo, a que já aludimos sem encontrarmos então ocasião azada de apresentá-la em toda a sua importância e extensão. A atividade, a que nos referimos, é o seu apostolado nos conventos de freiras, sua operosidade entre as religiosas.

## CAPÍTULO XV

**Apostolado entre as religiosas**

O amor ardente que fez de Geraldo o amigo, salvador e guia dos pecadores, impeliu-o a dedicar-se de modo especial aos que aspiram a trilhar os caminhos da perfeição dentro dos conventos. Entre todos ocupavam o primeiro lugar as religiosas que levavam vida austera e recolhida em comunidades bem formadas. O servo de Deus fazia delas o mais alto conceito. À luz da fé pareciam-lhe em mais rica escala a relação nupcial da alma com Deus por meio dos votos; eram-lhe cópias vivas da SS. Virgem.

“Não vos admireis, escreve em uma carta à superiora de um convento, que vos escrevo com tanta alegria; vejo em vós as verdadeiras esposas de Jesus Cristo, e isso enche-me de tanta veneração, que quisera constantemente entreter-me convosco; além disso (o que me comove até o íntimo do coração) vós me representais, como esposas do Senhor, a SS. Virgem Mãe de Deus”.

Já mencionamos o zelo, com que Geraldo se afeitava para povoar os conventos de almas generosas. Mas não era só isso; pois que como também já tivemos ocasião de referir, tomou parte ativa na santificação de diversas religiosas. Embora essa atividade pareça estar em contradição com o estado, humilde posição e vocação do santo, não podemos duvidar



que Deus a queria, e que ela fazia parte da missão extraordinária que o santo tinha de cumprir.

Se o primeiro impulso para isso procedesse dele, se ele mesmo se insinuasse e o exigisse dos superiores, poder-se-ia realmente duvidar da genuinidade dessa vocação. Ora nada disso se deu.

O primeiro impulso para essa atividade nos conventos de religiosas, deram-no os bispos que, cientes da sua capacidade extraordinária, o recomendaram aos diversos claustros e viram seus esforços sempre coroados do mais brilhante êxito.

Geraldo submeteu-se à autoridade da Igreja ao iniciar esse seu apostolado. Acresce o consentimento de seus superiores imediatos, Pe. Cafaro, Pe. Fiocchi e Santo Afonso — homens que receavam a sombra do inconveniente, e era competentes para o conhecer e julgar.

Para os superiores prova evidente dessa vocação de Geraldo, eram o bom espírito, a sabedoria e humildade do Irmão, os resultados estupendos produzidos por sua atividade, o testemunho de todos que tiveram ocasião de observá-lo e são unânimes em tecer louvores ao zelo e prudência por ele patentes nesses trabalhos extraordinários.

Embora pareça estranho, que um pobre irmão leigo se apresente como guia espiritual e mais ainda, guia espiritual de freiras — não se pode pôr em dúvida a sua vocação para esse trabalho.

O santo realizou esse seu trabalho de direção espiritual em numerosos conventos. Já mencionamos

acima os seus resultados no convento das clarissas em Muro, o modo como inflamou de zelo, em Corato, o convento das dominicanas e edificou, com seu exemplo e doutrina, o claustro das beneditinas; o que ele fez para as religiosas dessa mesma ordem em Calitri ve-lo-emos por extenso mais tarde.

Poucas notícias chegaram até nós sobre os seus trabalhos entre as religiosas de Atella. Lá os padres Fiocchi e Margotta tentaram restabelecer a vida comum e consolidá-la pelo retiro espiritual. Por meio deles o santo entrou em relação com esse convento, o que satisfez imensamente ao bispo de Melfi, que instou com o santo a que incentivasse a obra começada. Desde então Geraldo não regateou conferências e cartas permanecendo sempre em ativa comunicação com o convento. E as religiosas puderam colocá-lo no número dos seus maiores benfeitores: não só admoestava santamente as irmãs, mas procurava aumentar-lhes o número persuadindo e movendo filhas de famílias distintas a entrar no convento. Geraldo, após a sua morte foi lá venerado como protetor, e fez honra a esse título porquanto o processo de beatificação narra vários milagres operados pelo santo à invocação das religiosas de Atella.

Em dois conventos, sobretudo, tornou-se Geraldo o guia espiritual manifestando-se qual fonte de sabedoria, zelo e consolação: o mosteiro do SS. Redentor em Foggia e o das carmelitas em Ripacandida.

Em cada um desses claustros destacava-se naquele tempo, uma alma, que por sua santidade e ex-

traordinários carismas, se relacionava em afinidade espiritual com Geraldo, reclamando, por isso, dele especiais conselhos e instrução: a soror Celeste Crostarosa em Foggia, e a soror Maria de Jesus em Ripacandida, ambas superiores e beneméritas quanto ao rigor da observância regular.

Maria Celeste Crostarosa, na qual se equilibravam os dons do céu com os sofrimentos da terra, vivia há mais de vinte anos no conservatório de Scala quando a 3 de outubro de 1731 teve um êxtase de importância capital na história de Santo Afonso e da fundação do Instituto do SS. Redentor. Nesse êxtase viu ela uma falange de homens apostólicos, que impelidos pelo zelo das almas, percorriam povoações e aldeias procurando prestar auxílio espiritual às almas abandonadas. À frente desses apóstolos estava Afonso de Ligório. Em seguida uma voz soou a seus ouvidos: “Escolhi a este para fundador de uma obra que há de promover a minha glória”. Entretanto não foi dado a Crostarosa realizar a sua vocação no mosteiro de Scala. Após haver por vários anos dirigido um conservatório em Nocera comunicando-lhe vida nova, fundou em Foggia (1738) o conservatório do SS. Redentor, no qual a encontramos como superiora no tempo de Geraldo. A educação esmerada, que lá recebiam as filhas das melhores famílias sob a sua direção, foi uma bênção para Foggia e para toda a Apulia.

A Irmã Crostarosa formou-se um alto conceito de Geraldo à leitura de uma carta, na qual o santo es-

creveu entre outras coisas o seguinte: “Desejo amar a Deus, estar sempre unido a Deus e fazer tudo por Deus”. O espírito que transparecia dessas palavras, condizia inteiramente com o dela. Quando teve ocasião de se encontrar pessoalmente e conferenciar com Geraldo, descobriu a afinidade existente entre a sua alma e a do santo, e a utilidade que da aproximação com ele podia resultar para si e suas filhas.

Geraldo respondeu perfeitamente à piedosa confiança da superiora de Foggia. Visitava-a sempre que passava por Foggia e dispunha de alguns momentos livres.

Essas conferências recordam-nos vivamente as que tiveram outrora São João da Cruz e São Pedro de Alcântara com a excelsa Santa Teresa, pois que grande era a harmonia, elevação espiritual e caridade ardente com que essas duas almas se entrelaçavam na identidade dos pensamentos e sentimentos.

As conversações espirituais com Irmã Crostarosa tornavam sempre caro para o nosso santo o mosteiro de Foggia. Duplamente bem vindos eram-lhe os pedidos do bispo diocesano no sentido de se dedicar, em maior escala, ao conservatório e às suas religiosas. Por meio de cartas, pequenas conferências e palestras individuais procurava nutrir-lhes nos corações o fogo do amor divino e animá-las, como boas esposas de Cristo, é consecução de lídimas virtudes, à generosidade, à observância da Regra e ao amor do celeste Esposo. Os seus esforços foram coroados

dos mais brilhantes resultados, como o demonstram os depoimentos feitos mais tarde pelas irmãs.

“As alocações de Geraldo, atesta uma delas, tinham geralmente por objeto, os sublimes atributos divinos, a SS. Virgem e os santos. Sempre que falava ou pensava em Deus, perdia os sentidos e arrebatava-se em profundo êxtase”. “O seu coração, escreve uma outra das suas ouvintes, transformava-se em vulcão de amor divino; seu rosto inflamava-se como o de um anjo vindo do céu para falar aos homens”.

As religiosas de Foggia foram testemunhas de um dos mais notáveis êxtases do nosso santo. Foi na véspera da festa da SS. Trindade em 1753. Geraldo saíra de um colóquio com uma religiosa, a quem reanimara, enquanto as irmãs cantavam no coro as primeiras vésperas da grande festa. Na solidão do claustro ecoavam os sons festivos dos hinos e salmos. Geraldo comoveu-se; seu espírito acompanhando o canto abismou-se na contemplação do sublime mistério. Penetrando sempre mais nesses abismos incompreensíveis, imensos e suaves, a alma do servo de Deus desprendeu-se do mundo e inundou-se de um júbilo intenso. Com a velocidade da flecha pôs-se a correr pelos corredores do mosteiro repetindo em alta voz as palavras da liturgia: “*O altitudo divitiarum sapientiae et scientiae Dei; quam incomprehensibilia sunt judicia ejus et investigabiles viae ejus.* — Ó inesgotável riqueza da sabedoria e ciência de Deus! quão imperscrutáveis são seus juízos e incompreensíveis os seus caminhos”. Geraldo

permaneceu nesse arrebuo extático todo o tempo em que no coro se cantava o ofício divino. Ao saírem da oração as irmãs encontraram-no ainda nesse estado de júbilo celestial. Ao voltar a si, percebendo as religiosas que o cercavam exclamou: “Irmãs, amemos a Deus” e permaneceu imóvel; seus olhos fitavam o céu e faiscavam. De repente suspendeu-se nos ares em considerável altura. Terminado o êxtase, empalideceu exausto pela veemência, com que o amor divino dele se apoderara.

Outras manifestações dos carismas extraordinários de Geraldo completaram a impressão desse êxtase. A uma irmã conversa, que se achava enferma, Geraldo restituiu a saúde com o sinal da cruz, quando já haviam perdido toda a esperança de sua cura. Da mesma forma livrou a uma jovem de uma febre, que zombava de todos os remédios.

Também o seu dom de profecia teve lá sua manifestação. Palestrava, um dia, com soror Crostarosa e outras irmãs sobre assuntos de piedade quando, a queima-roupa, interrogou a uma irmã, se ela se confessava freqüentemente. Como a resposta fosse afirmativa, pediu-lhe o santo, que se unisse intimamente a Deus “porque — acrescentou — o dia da vossa morte não está longe”. A religiosa, ainda jovem e robusta, bem como as demais religiosas admiraram-se dessas palavras, tomando-as por um gracejo. Geraldo, a quem nada passava despercebido, renovou sua admoestação afirmando ter falado com toda a seriedade. “Mesma a mais sólida saúde, disse, de-

saparece em um momento; por isso; irmã procurai sempre união com Deus; dentro de oito dias tereis de comparecer em sua presença”. A irmã tomando a sério a palavra do santo, preparou-se para a morte; e não fez em vão, porque poucos dias depois teve uma morte santa.

Uma aluna do colégio por nome Gertrudes de Cecília, gostava de acompanhar as irmãs para ouvir, no locutório, as palestras do santo. Uma vez, terminado o piedoso colóquio pediu-lhe Geraldo que entoasse um hino qualquer. Acanhada não quis, a princípio, mas por fim, acedendo ao desejo do santo, cantou a estrofe de Metastasio *Se Dio veder tu vuoi*. (cfr. pág. ...???). As palavras dessa bela estrofe penetraram como setas o coração do santo. A menina não havia ainda terminado os seus quatro versos, e Geraldo arrebatou-se e quedou imóvel como um serafim de olhos faiscantes; terminado o hino o santo ainda permaneceu em êxtase por longo tempo.

Desde então Geraldo interessou-se pela menina e não tardou a encontrar ocasião de lhe patentear sua afeição por um importante ato de caridade. Um dia foi Gertrudes confessar-se, mas ou por não haver feito bem o exame de consciência, ou por leviandade infantil, não se portou à altura da dignidade do sacramento. Dirigindo-se ela à mesa da comunhão, Geraldo foi ao seu encontro: “Menina, disse, julgas ir bem preparada para a comunhão, mas não te confessaste bem. Olha, omitiste tal pecado; volta já ao tribunal da penitência e faze uma confissão geral”. A

pobre menina quase morreu de susto; não pôde proferir palavra; confundida foi-se preparar melhor e confessar-se com mais sinceridade. A antiga leviandade descambou logo no extremo oposto; Gertrudes tornou-se escrupulosa; profunda melancolia abateu-lhe o rosto outrora tão jovial sem que ninguém pudesse adivinhar a causa dessa transformação. Geraldo foi novamente em seu auxílio. Ao chegar em Foggia apressou-se a ir ao mosteiro para consolar a menina. “Minha filha, disse, a tua confissão foi bem feita; Deus está contente contigo”. Essas palavras dissiparam todos os pensamentos tristes e Gertrudes sentiu-se novamente feliz e completamente tranqüila.

Geraldo conhecia a menina melhor do que ela suspeitava. Embora piedosa e educada no mosteiro a pequena não sentia nenhuma vocação para a vida religiosa; desejava voltar para o seio da família e suspirava pela hora em que lhe seria dado abandonar o colégio. Geraldo que bem conhecia os desejos e aspirações da menina, aconselhou-a muitas vezes a não pensar no mundo; escolhida para esposa de Cristo, devia ficar onde estava porquanto o seu lugar era o convento e não o mundo. Gertrudes porém não estava pelos autos; embora muito acatasse o santo, não gostava nada de suas admoestações. Também aqui deixou Geraldo entrever à pequena, que suas palavras eram inspiradas por Deus. “Se abandonares o convento, disse com seriedade, terás de arrependerte muito; o mundo armar-te-á os maiores perigos, e por fim, querendo ou não terás que voltar”. A meni-



na atemorizou-se com essas ameaças e ficou no mosteiro; tomou o hábito e tornou-se boa religiosa. Após a profissão contraiu uma moléstia, que na opinião dos médicos, só podia ser debelada com os saudáveis ares da sua terra natal. Os ares de San-Severo contribuíram para o restabelecimento da saúde do corpo, mas foram prejudiciais para a vida espiritual de Gertrudes. Pouco consolidada na vida interior, a jovem, rodeada das vaidades mundanas, foi vítima das mais tremendas tentações. Fascinada por sugestões de amigos, esqueceu sua santa vocação e resolveu não regressar mais ao mosteiro. Nesse interím lembrou-se da profecia e terríveis ameaças de Geraldo; arrependeu-se amargamente do passo que dera e desfeita em lágrimas voltou para o convento, onde se consagrou, com novo ardor ao serviço de Deus. Durante sua longa vida — faleceu em 1830 — não cessou de enaltecer a santidade de Geraldo, cujos milagres presenciara e a cuja influência ficou devendo a sua vocação e salvação do naufrágio.

Maiores serviços do que ao conservatório de Foggia teve o santo ocasião de prestar às carmelitas de Ripacandida. Essas religiosas de Santa Teresa estavam em íntima união com a Congregação redentorista. Em 1750 pregara-lhes Santo Afonso, em pessoa, os santos exercícios, colhendo deles a melhor impressão: “Nunca imaginara, diz ele, encontrar em um rochedo tão belas flores”. Em vez de incentivar teve ele de restringir as austeridades, maxime os excessos jejuns das religiosas.

Além do santo fundador, diversos outros redentoristas trabalharam no cultivo espiritual do mosteiro, mormente o Pe. Margotta que mereceu do bispo de Melfi o honroso nome de “Anjo da Guarda de Ripacandida”. Também o Pe. Fiocchi lá esteve frequentemente como conselheiro e dirigiu durante vinte anos, duas religiosas desse mosteiro.

O Irmão Geraldo não tardou a ser lá conhecido. Já no segundo ano da sua vida religiosa entrou em contato com o mosteiro; uma das suas cartas à Irmã Maria de Jesus tem a data de 17 de dezembro de 1751. Naquele tempo a Irmã Maria era a priora do convento. Conseguira fazer florescer e Ripacandida o espírito de Santa Teresa e suas primeira filhas, e muito se alegrou em encontrar em Geraldo o incentivador das suas aspirações e esforços. Também ela, como soror Celeste Crostarosa, percebeu logo em Geraldo, o grande e incomparável homem de Deus; a primeira troca de idéias foi o suficiente para convencê-la do espírito superior que o animava e enchê-la de veneração e confiança. Do seu lado o irmão sentiu logo a afinidade das suas aspirações como as da priora de Ripacandida. Assim em pouco tempo estabeleceu-se entre as duas almas uma dessas nobres uniões espirituais que encontramos na vida dos santos e que têm por fim o auxílio mútuo de orações e incentivo para o amor de Deus e do próximo.

Sempre que as circunstâncias o permitiam o santo ia a Ripacandida visitar a priora das carmelitas e entreter-se com ela a respeito dos santos desejos e

aspirações de ambos. “Lá, diz Tannoia, podia-se contemplar dois espelhos côncavos que se projetavam em todo o esplendor mutuamente os raios da luz divina que neles caíam. Essa veneração e confiança da superiora comunicaram-se logo a todas as religiosas, que ficaram desejosas de recorrer a ele nas necessidades do seu coração. Mons. Basta, grande venerador do santo irmão, aprovava inteiramente esse estado de coisas. Geraldo do seu lado também interessava-se muitíssimo por essas filhas de Santa Teresa, as auxiliava na medida das suas forças, inflamava, fortalecia, consolava. Quase cada semana escrevia-lhes para esse fim uma ou mais cartas, das quais afirma o Pe. Cafaro que ninguém as pode ler sem se admirar devido à circunstância de Geraldo ter sido um simples irmão leigo mal sabendo ler e escrever.

Nada escapava à perspicácia desse diretor extraordinário, coisa alguma parecia insignificante à sua caridade contanto que se relacionasse com o bem temporal e espiritual do convento.

O seu desejo ardente era de transformar todas em verdadeiras esposas de Cristo. “Ó meu divino amor, exclama em uma carta a Maria de Jesus, permaneci sempre no coração desta vossa amada esposa!... oh! quanto desejo moreis todas no lado aberto de Jesus e no coração da Mãe das Dores! É lá que se encontra toda a doçura e paz”.

“Minha irmã, escreve à soror Maria Batista da SS. Trindade, conformemo-nos com a vontade divi-

na... O verdadeiro amor divino consiste na entrega total a Deus e na conformidade da nossa vontade com a sua. Cuidado para não cometermos a falta voluntária, que desagrade imensamente a Deus”.

Não se limitando a simples admoestações promete-lhe o auxílio das suas orações.

“Crede-me, prezada irmã em Jesus Cristo, escreve à superiora Maria de Jesus, não cesso de pedir instantemente ao Senhor, faça-vos e as vossas irmãs suas verdadeiras esposas e executoras de sua santíssima vontade. Posso dizer com verdade, que me não esqueço de vós nas visitas que faço ao Senhor; encontro-vos em seu sacratíssimo lado e ofereço a Deus por vós e vossas filhas o coração divino traspasado pela lança”.

Considerava como suas próprias as dificuldades e aflições das religiosas. “Deus sabe, externou-se uma vez, a dor que sinto vendo-vos em perturbação: mas, acrescentou, o que eu propriamente sinto não é dor mas inveja. Bendito seja o Senhor, que vos conserva no caminho da santificação”.

Uma das principais preocupações de Geraldo era facilitar às donzelas a entrada no convento. Esmolava para completar o dote das aspirantes pobres e dirigia-se, para esse fim, também a outras pessoas mormente aos confrades influentes.

Julgava-se obrigado a tomar em consideração muitas vezes coisas insignificantes, pequenos desejos das irmãs. Em uma carta escrita de Nápoles a uma irmã de Ripacandida lemos o seguinte tópico:

“Prezada irmã, lembrei-me que desejais um livrinho de cânticos; no ano passado falastes-me disso; mas como não reclamastes, não vô-lo mandei, esperando para isso ocasião azada. Agora em Nápoles lembrei-me e envio-vos o livro desejado. Cantai os hinos em vossa cela, para que vos torneis uma grande santa, e rezai sempre por mim. Os vossos irmãos enviam-vos saudações; eles vão bem”.

Como pagamento dessa caridade e atenção exigia apenas oração contínua e fervorosa. “A bondade e o favor que me tendes feito, escreve à Irmã Maria de Jesus, encheu-me de grande consolação, mas causam-me também humilhação e tristeza; porquanto comparando-me a essas verdadeiras esposas de Cristo, reconheço minha indignidade. Sinto-me forçado a acusar-me como réu, a implorar misericórdia em toda parte e a pedir humildemente perdão em nome de Jesus Cristo. Para eu me corrigir necessito das vossas orações e das vossas filhas; espero que essas orações coletivas me façam cumprir bem a vontade do meu Deus e nosso Pai comum”.

Grande contentamento sentia o nosso santo quando as religiosas oravam por ele ou lhe ofereciam santas comunhões.

“A notícia das comunhões recebidas por minha intenção, escreve ele, causou-me indizível prazer, mas também me envergonhou e confundiu; lembrei-me da bondade excessiva de Deus, que fez suas caras esposas cuidar de quem tanto o tem ofendido! Ó excesso de amor! Ó milagre assombroso! Ó caridade

do bom pastor, que com tanto desvelo corre atrás da ovelha desgarrada! Somente posso dizer: O amor que me prodigalizam, vem do Salvador, é o fruto do sangue de Cristo e das dores de Maria”.

Em uma outra carta à Irmã Batista da SS. Trindade escreve o seguinte: “Minha irmã, recomendai-me a Deus agora mais do que nunca, porque me sinto em grandes necessidades espirituais; não vos posso esquecer, porque o vosso sobrenome da SS. Trindade, faz-me sempre recordar de Deus e põe-me em sua presença. Só Deus sabe o quanto vos prezo, minha irmã, por serdes tão fiel esposa de Jesus Cristo. Amai a Deus de todo o vosso coração; tornai-vos santa, e então pouco importa que padeçais. Eia, sofrei por amor de Deus, e os tormentos deste mundo ser-vos-ão um verdadeiro paraíso”.

Mencionemos ainda uma outra súplica de Geraldo, nesse sentido, à irmã Teresa do divino Amor: “Prezada irmã em Jesus Cristo. Lembro-me de vós crendo que vos lembrais também de mim e suplicais a Deus por minha intenção. Digo-vos com sinceridade: podeis auxiliar-me; chamam-vos do divino Amor e tenho por certo que já vos transfundistes no Amor da essência infinita de Deus e em sua santíssima vontade. Tornai-vos santa e logo!”

No post-scriptum de uma carta à irmã Maria de Jesus lembra-se o santo da sua morte e implora das irmãs pia recordação de sua alma. A irmã Oliveira acabava de morrer, e Geraldo, prendendo-se a essa circunstância, escreve: “Embora eu nada valha, ofe-

reci, oito dias, a santa comunhão pelo descanso de sua alma, e pretendo fazer o mesmo para todas que morrerem, afim de que cheguem logo à visão de Deus. Dizei isto a todas para que se lembrem de mim também quando eu entrar na eternidade”.

A caridade, a que o servo de Deus julgava ter direito, reclamava-a também freqüentemente para os amigos. Em uma carta à Irmã Maria de Jesus recomenda uma alma que conquistara para Deus. Contentíssimo com o resultado dos esforços em prol dessa criatura escreve: “Nosso caro Luiz já não tem descanso; tornou-se louco de amor por Jesus Cristo. Abismou-se em Deus e não se quer separar de Jesus. O mundo não tem valor para ele, e as criaturas ele só as considera em Deus. Ama-o, querendo transformar-se nele. Mais não vos posso dizer”.

A essa mesma religiosa recomenda uma irmã enferma do conservatório de Foggia, cuja morte ele muito sentiria. Ele escreve: “Quero que supliqueis instantemente ao Senhor por uma irmã que está à morte. Ah! não quero que ela morra, dizei isto a N. Senhor. Desejo que ela se santifique ainda mais, e que morra idosa depois de passados muitos anos no serviço de Deus. Conjurai por ela a Onipotência, para que desta vez se realize o nosso desejo. Mando-vos em nome de Deus que a não deixeis morrer; vou começar uma novena à divina Onipotência pedindo a saúde dessa Irmã”. A oração foi atendida, porque a religiosa recuperou a saúde.

A veneração do santo conquistava sempre mais terreno no mosteiro de Ripacandida. O seu aparecimento era para as religiosas como o de um anjo, e completava a impressão produzida por suas cartas. Sua aparência mortificada, seu semelhante, cheio de paz e recolhimento, sua devoção nas orações, sua modéstia e humildade tudo edificava, excitava à virtude e sugeria confiança e veneração.

Também aqui mostrou-se Geraldo taumaturgo e homem de extraordinários carismas. Duas vezes pelo menos glorificou Deus o seu servo, no locutório, com arroubos extáticos.

Um dia entretinha-se Geraldo com a superiora junto à grade, quando foi tomado de uma alegria toda celeste e de emoções fortes, temendo não poder resistir às doçuras celestiais, para não voar pelos ares agarrou-se à grade; mas tão intensa foi a veemência das emoções que as barras de ferro cederam curvando-se como cera em suas mãos; ao mesmo tempo os pregos da grade se desligaram. A superiora gritou, chamando a atenção do extático para o prejuízo que ia causar. Os gritos da religiosa despertaram-no como de um profundo sono. Vendo o que acontecera, ficou embaraçado e pediu a superiora mandasse consertar quanto antes a grade. A irmã realizou os desejos de Geraldo, mas deixou algumas barras curvadas para recordação do fato maravilhoso. Ainda em 1853, quando em Ripacandida se faziam os exames para o processo de beatificação, estavam essas barras no locutório do convento.



Uma outra vez reunira Geraldo as religiosas diante dessa mesma grade para uma pequena conferência, que iniciou com as palavras do Cântico dos Cânticos: “O Rei introduziu-me em sua adega”. Discorrendo, a seguir, sobre a pessoa de Jesus Cristo, não tardou a sentir em si mesmo a força do vinho do divino amor, caiu em êxtase diante das irmãs, iluminando o locutório de tanta luz que este parecia arder em chamas.

O seu olhar profético comprovou-se também no mosteiro das carmelitas. Ouvindo que lá uma religiosa enfermara, inspirando a doença sérios cuidados, recolheu-se por uns momentos e garantiu que a irmã não morreria daquele enfermidade. Replicaram-lhe que a religiosa já se achava nas últimas. “Não importa, acrescentou Geraldo, vereis que a minha afirmação é verdadeira; a doente precisa ainda de vida, para fazer maiores progressos na perfeição”. Realizou-se a profecia; a religiosa sarou, levando depois, vida ainda mais fervorosa.

A pureza de intenção que guiara o santo em seus trabalhos no mosteiro de Ripacandida, manifestou-se à evidência, quando Mons. Basta proibiu às religiosas qualquer correspondência epistolar a não ser com o confessor; proibição essa que atingia também o nosso santo. É claro que isso doeu às piedosas irmãs, produzindo queixas, murmurações e grande tristeza. Geraldo soube do ocorrido por meio de um sacerdote, a quem a superiora comunicara o fato. Imediatamente escreveu à superiora:

Reverenda Madre.

Muito bem procedeu o sr. bispo, proibindo-vos escrever cartas; é a vontade de Deus, que quer afastar de vós grandes empecilhos; é um sinal de que vos ama e vos quer unir estreitamente a si. Ficai tranqüila e cheia de coragem! Essas coisas, longe de vos desgostarem, devem encher-vos de santa alegria. Tudo deve ceder, quando se trata da vontade divina. Vós sabeis isso melhor do que eu e muitos outros. Que quereis que vos diga? Já vo-lo e disse e torno a dizer com confiança, embora vós me possais dar instruções a esse respeito. Não compreendo como uma alma consagrada a Deus possa sentir pesar sobre a terra e não se alegrar com a realização da vontade divina em tudo. O beneplácito divino é o único apoio da nossa alma. Maldito seja o amor próprio que nos rouba o maior tesouro, o paraíso na terra, o próprio Deus. Quão miseranda é a insensatez humana que nos faz perder tamanho lucro. Que de melhor poderemos fazer para agradar a Deus, do que executar com perfeição sempre e em tudo sua santíssima vontade, obedecendo até a seus menores acenos? Sejamos perfeitamente indiferentes a respeito de tudo para podermos cumprir a vontade divina com aquela pureza de intenção, que Deus de nós exige. Que bem imenso é a vontade divina! Que tesouro oculto e incompreensível! Ó vontade divina, vales tanto quanto o próprio Deus; quem, senão Deus, te poderá compreender!

Asseguro-vos, reverenda madre, meu grande contentamento por saber que sois uma daquelas almas que procuram seu único alimento na amabilíssima vontade de Deus. Bem conheço o vosso heroísmo nesse ponto! Continuai a unir-vos mais perfeitamente à vontade divina; é isso que fazem os anjos no céu, e o que também nós devemos fazer. A vontade divina reine no céu e na terra; seja ela o paraíso no céu e o nosso paraíso na terra.

Comunicai estas linhas às irmãs. Penso que a proibição do bispo se estende também a elas. O prelado procedeu bem; peço que nenhuma se perturbe por isso, o que seria queixar-se de Deus. *Fiat voluntas Dei*. Estou inteiramente de acordo, que me não escrevais mais. Se nas lembranças que me enviais houver qualquer sombra de desobediência, peço que desistais também disso. Basta que me recomendeis a Deus.

Essa é a minha vontade. Conheço as ótimas intenções do santo prelado que deseja a união íntima de todas com Jesus Cristo. Indo a Ripacandida, não pedirei licença para me entreter convosco; não é preciso que nos vejamos no mundo, porquanto ver-nos-emos no paraíso. Sobre a terra devemos santificar-nos fazendo a vontade dos outros e não a nossa, porque aquela é para nós a vontade de Deus”.

Essa epístola, ditada pelo verdadeiro espírito religioso, teve em Ripacandida o efeito do bálsamo so-

bre a chaga; fez calar as tempestades da alma; todas declararam-se prontas para o sacrifício.

Deus, porém, como sempre, contentou-se aqui com a boa vontade, exigindo apenas incondicional submissão. O bispo, tendo provado a obediência das religiosas, retirou a proibição quando ao santo, declarando ser sua vontade que as irmãs sempre procurassem conselho e conforto nesse excelente religioso, que era perfeito conhecedor do espírito que reinava no mosteiro. Que o bispo não queria absolutamente atingir o irmão com aquela proibição, e que não se desgostara com ele, prova-o o fato de ele achar bom consultar não só ao Pe. Fiocchi, mas também à Geraldo quando se tratou do exame da vida extraordinária e do espírito da Madre Maria de Jesus.

Essas santas relações do santo com a comunidade de Ripacandida, que se formaram em consequência da sua estreita união com a superiora Maria de Jesus, não se turbaram quando esta, em maio de 1753, foi substituída pela nova superiora Maria Michaela de São Francisco. Ao receber da demissionária a comunicação da eleição da nova priora, o santo mandou participar-lhe o seu contentamento, pedindo-lhe se tornasse uma santa e prometendo escrever-lhe em breve “porque essa é a vontade de Deus”.

Uma semana depois a nova superiora recebeu a primeira carta de Geraldo, que tornou a expressar a sua satisfação pela eleição dela. Depois acrescentou: “Peço a Deus, queira amparar-vos, para desempenhardes bem o vosso cargo e velardes cuidadosa-

mente sobre as numerosas esposas de Cristo. Espero que o Senhor vos conceda o espírito que animou aquele Serafim de amor, Santa Maria Madalena de Pazzis, grande serva de Deus e da SS. Virgem, para que vós e vossas filhas se tornem outros tantos serafins do amor divino”. Com esse desejo pediu se lembrassem dele em suas orações. Em atenção à antiga superiora, a benemérita irmã Maria de Jesus, Geraldo acrescentou ao terminar: “Peço-vos recomendar-me à Irmã Maria de Jesus; ela foi vossa mãe desde o princípio e alimentou-vos com o leite do amor divino”.

Embora essa recomendação não fosse necessária, o santo quis dá-la como um aviso, não desprezível, à nova superiora e em cumprimento da promessa feita, poucos dias antes, à antiga priora. Esta em sua santa humildade, que a não deixava ver nada de bom em si mesma, deu a entender ao santo irmão, que, deixando de ser superiora, todos, inclusivamente Geraldo, se esqueceriam dela: de passagem externou ainda o desejo de uma visita sua. Geraldo respondeu: “Pedis que vos visite; sim, reverenda madre, irei, de todo coração, para vos consolar, se essa for a vontade de Deus. Tende ânimo e não vos perturbeis, se me não quiserdes desgostar. Dizeis que, não sendo já superiora, os outros vos esquecerão. Meu Deus, como podeis dizer isso? E mesmo que as criaturas vos esquecessem, o vosso esposo celeste não vos esquecerá. Quanto a mim, não vos tenho olvidado e desejo que vos lembreis sempre de mim. Eia, mostrai-vos generosa no amor divino; tornai-vos uma

santa; livre agora das preocupações de outrora, tendes mais tempo para isso. Rogai por mim, que necessito de amparo espiritual e me acho — Deus sabe — em muitas tribulações e tristezas. Se quiserdes podeis ajudar-me; fazei-me esse ato de caridade”.

As relações de Geraldo com o mosteiro de Ripacandida permaneceram, pois, invariáveis sob a direção da nova superiora; o servo de Deus continuou até o fim da vida como diretor espiritual e conselheiro extraordinário do convento. Da excelência dessa direção o leitor se convencerá meditando no buquê que comporemos no capítulo seguinte com as recomendações dadas pelo santo em diversas de suas cartas.

## CAPÍTULO XVI

**Conselhos espirituais**

Logo após a eleição da nova priora em Ripacandida teve o santo oportunidade de discorrer, por escrito, sobre as obrigações de uma superiora e expressar suas opiniões a respeito, em uma carta, que infelizmente só nos foi transmitida em parte. Maria Michaela pedira-lhe alguns avisos que lhe servissem de orientação e bússola espiritual no cargo de priora. O santo não hesitou em executar esse humilde desejo e escreveu um longo tratado sobre as obrigações da superiora de uma comunidade, cujo teor damos, a seguir, em fiel tradução.

“Reverenda Madre

Por amor de Jesus e Maria desculpai-me a demora em cumprir o meu dever, enviando-vos esta Regra com tanto atraso; a minha indolência habitual foi causa desta delonga. Faça-se a vontade de Deus! Desculpai-me também a pressa com que escrevo.

Ocupando a priora o lugar de Deus, deve desempenhar seu cargo com toda a exatidão se quiser agradar Àquele, cujas vezes faz. Com a maior prudência deve orientar-se em tudo pelo espírito de Jesus Cristo. Munida de todas as virtudes deve dar o melhor exemplo não servindo de escândalo às suas filhas. Seu coração seja um vaso puro, repleto de bál-

samo da virtude que se comunique às filhas para crescerem, como a mãe, em perfeição e santidade.

A superiora não perca jamais de vista a sua insuficiência, lembrando-se, de que de si mesma só poderá produzir o mal. Para o cargo que desempenha foi Deus quem a elevou, pois que muitas são as que poderiam desempenhá-lo tão bem ou até melhor do que ela. À vista das suas imperfeições humilhe-se sempre e compadeça-se das faltas alheias. Cumpra por amor de Deus os deveres de seu cargo não o detestando como um peso, que Deus não impõe a ninguém. Considerando que Deus para ele a destinou desde a eternidade, desempenhe-o com perfeição angélica, conformando-se com a vontade de Deus e permanecendo, quanto ao cargo, na mais completa indiferença sem nenhum apego.

Nos casos duvidosos, não sabendo resolvê-los, recorra a alguma pessoa iluminada por Deus. Depois de tomada a resolução, coloque ante os olhos a glória divina e execute o seu dever sem respeitos humanos, mesmo que fosse necessário derramar o sangue ou perder a vida, pois que se trata da causa divina. Por amor de Deus não lhe para a honra própria.

O pensamento: “eu sou superiora”, deve preocupá-la sempre, “deus me quer neste posto”, diga-se sempre, “e eu quero executar a vontade divina e velar sobre as almas a mim confiadas. A mim compete servir, aconselhar, ensinar, consolar e agradecer a todos; devo ceder o melhor aos outros e escolher para



mim o pior, a fim de agradar a Deus; além disso tenho de sofrer alguma coisa para imitar Jesus, meu querido e divino esposo”.

Qual roda, em giro constante, devem os pensamentos de uma superiora mover-se sem cessar, satisfazendo às necessidades de suas filhas. Ame todas as suas religiosas, sem exceção alguma, com puro amor em Deus. Lembrando-se que suas filhas em virtude da obediência só poderão ter o necessário, esqueça-se de si mesma para só pensar e cuidar delas. Chegando presentes de fora ao convento, como comidas, roupas ou semelhantes, não tome nada para si antes de prover as outras irmãs.

Cuide em inspirar confiança a todas, mormente quando perceber alguma falha nesse sentido. Nesse caso empregue todo o esforço e prudência para ganhar os corações de suas filhas; e mesmo que interiormente não se achasse a isso disposta, procure mostrar-se exteriormente amável e bondosa, vencendo-se por amor de Deus. Do contrário entra a confusão e o azedume da filha, que, julgando-se desprezada, talvez se entregue ao desânimo; porém mesmo que isso não se desse, a pobre, com esse espinho no coração, não progrediria no amor de Deus. As mulheres são muito sujeitas a essas coisas.

Energia e mansidão — ambas requerem-se da superiora. Como representante de Deus exigirá obediência e castigará, sempre com prudência, as desobedientes que não querem ouvir a voz de Deus. A correção deve começar com brandura, que conserva

a alma na paz necessária para o reconhecimento de culpa. Uma correção, por exemplo, poderia ser feita da forma seguinte: “Minha filha, fazes-te indigna da tua vocação e eu não posso com o meu silêncio admitir essa indignidade. Ah! meu Deus, que quereis que eu faça com esta alma imperfeita? Minha filha, não queres ver, que teu mau exemplo escandaliza muitas almas santas! Seria melhor que ficasses no mundo e não tivesses entrado neste lugar, que agora poderia ser ocupado por uma outra desejosa da santificação. Devo dizer-te isto porque sou tua mãe. Deus sabe o quanto te quero e desejo tua santificação. Peço-te, filha, que te resolves a santificar-te e prometas ao Senhor depor as tuas imperfeições; se precisares do seu auxílio, vem a mim com a confiança de uma filha”.

Feita dessa forma a correção, penso que a filha não fugirá da mãe, que, ganhando a confiança daquela, poderá facilmente levá-la ao conhecimento reto e à resolução de palmilhar a vereda da perfeição. Com brandura ganha-se mais do que com aze-dume, que só produz confusão, tentação, trevas e indolências, enquanto que a mansidão gera paz e incentiva as filhas ao amor de Deus. Se as superiores assim procedessem, todas as suas súditas seriam santas. Causa de muitas desordens e perturbações da paz em alguns conventos, é a falta de prudência, Onde há confusão está o demônio, e onde está o demônio não está Deus.”

Aqui termina infelizmente essa magnífica instrução. Que prudência, que moderação, que conhecimento do coração humano não transpira dessa simples regra! Tem-se a impressão de se estar ouvindo, não um jovem irmão leigo, mas sim um sacerdote asceta experimentado na vida, e espontaneamente vem à lembrança Santa Francisca de Chantal que instrui uma superiora com o método atraente aprendido de seu pai espiritual, com as seguintes palavras: “O vosso cargo, minha querida filha, é o de uma mãe... Vosso desvelo seja constante, mas suave. Na medida do possível tornai piedosas as vossas filhas, porque disso depende a sua felicidade; sentindo gosto em andar com Deus serão recolhidas e mortificadas. Não sejais como aquelas mães moles, que se não atrevem a castigar os filhos, mas também não como as que só sabem exasperar-se e gritar”.

A missão de uma superiora, descreve-a o santo em uma outra carta com as seguintes palavras: “De-sejo ver-vos como um serafim, repleto do amor divino, de sorte que já o vosso semblante inflame todas as vossas filhas.”

Acima de todo encomio é, na opinião do santo, a felicidade de uma verdadeira esposa de Jesus Cristo; venturosa aquela que por Deus foi chamada e vive de acordo com sua vocação; indizivelmente infeliz porém é aquela que perde a vocação, preferindo o mundo ao convento.

O santo achou ocasião azada para exarar esses seus pensamentos, quando de Ripacandida lhe a-

nunciaram achar-se uma noviça em grande perigo de abandonar a obra da sua santificação e voltar aos caminhos banais do mundo. Cheio de ardor escreveu à noviça tentada:

“Minha irmã em Jesus Cristo

Posso dizer-vos em nome de Deus: permaneci em santa paz; essa tempestade não é nada senão obra de Satanás que vos quer ver longe desse lugar sagrado! Minha filha, ficai alerta porque o tentador invejoso arma as suas ciladas; não gosta que ai estejais e quer obstar à vossa santificação. Quanto a vocação todos nós temos sofrido tentações, que Deus permitiu para provar a nossa fidelidade.

Alegrai-vos pois e oferecei-vos a Deus sem reserva, e ele vos ajudará. Como poderíeis esquecer as belas resoluções, que tomastes de pertencer inteiramente a Jesus Cristo como sua fiel esposa? Se antes tanto desejáveis merecer esse honroso nome, porque é que agora quereis rejeitá-lo?

Minha irmã, quem senão Deus vos poderá dar paz? O mundo terá acaso contentado jamais algum coração? satisfeito o de alguma princesa, rainha ou imperatriz? Nunca se ouviu dizer isso, nenhum livro o menciona; o que sabemos do mundo é que ele semeia espinhos e cardos nos corações dos meus sequazes, e que os mundanos por ricos, distintos e alegres que pareçam, são atormentados e crucificados em seu interior. Que devo eu dizer? Quisera que fálásseis com o homem mais feliz do mundo, para verdes o que na realidade se passa em seu coração a-

pesar de todo o brilho exterior; crede-me, que tenho experiência, coisa enfadonha é a vida no mundo. Deus vos livre disso, minha irmã.

Deus tem boas intenções a vosso respeito e por isso permite a tentação, para provar a vossa fidelidade! Coragem, pois; reprimi nobremente a tentação, declarando-vos sempre esposa de N. S. Jesus Cristo. Que sorte feliz a de uma esposa de Cristo! Ela possui a plenitude da sorte, da paz, do sossego, de todo o bem. Que são os bens passageiros e fictícios do mundo em comparação com a felicidade eterna de uma alma desposada com Cristo no Céu! Não digo que não se salva quem vive no mundo, mas asseguro que no mundo se está sempre em perigo de naufragar e que lá ninguém pode santificar-se tão facilmente como no convento.

Meditai na brevidade do tempo e na duração da eternidade e considerai que aqui tudo é passageiro. Com a morte acabam-se as coisas do mundo. Que adianta apoiar-se em coisas que não têm firmeza? Tudo o que não conduz a Deus é vaidade, que não tem valor para a eternidade. Infeliz a alma que confia no mundo e não em Deus!

Ide, Irmã, à cripta, onde estão os ossos das muitas religiosas falecidas em vosso mosteiro e meditai no que teriam elas ganho se fossem distintas damas no mundo. Oh! quanto lhes valeu ter vivido pobres, mortificadas e encerradas nesse mosteiro! Talvez tenham sofrido muito, mas em compensação que paz não terão sentido na hora da morte dentro da casa de

Deus! Todos desejam ser santos na hora da morte; mas será tarde, pois que lá só se encontra o que se tiver feito por Deus.

Mesmo se a tempestade ainda não se acalmar em vosso coração, confio inabalavelmente e espero da SS. Trindade e da minha Mãe Maria, que em vosso convento haveis de ser uma santa. Fazei o possível para que eu não me iluda. Esmagai a cabeça do monstro infernal, que vos quer expulsar do lugar santo; desprezai-o; dizei-lhe que sois uma esposa de Cristo que ele tremerá. Coragem, amai a Deus de todo o vosso coração, entregai-vos inteiramente a ele e fazei que o monstro desapareça! Rezai por mim como eu faço por vós”.

Essas palavras insistentes e paternais surtiram efeito. A moça, a quem foram dirigidas, superou felizmente todas as insinuações do demônio e começou com coragem varonil a galgar a montanha da perfeição. O servo de Deus exultou de prazer ao ouvir que a noviça professara, sentindo-se muito feliz em sua vocação. De Nápoles, onde estava, escreveu-lhe:

“Prezadíssima irmã em Jesus Cristo.

Vossa carta consolou-me com a notícia da vossa profissão. Glória a Deus e a vós também! Agora que tivestes a graça de vos consagrar inteiramente a Deus pelos santos votos, estais exaltada como nunca: sois uma esposa de meu Senhor. Sereis feliz se

sempre meditardes a sublimidade da vocação, se vos humilhades sempre diante de Deus e vos esforçardes por conseguir a perfeição que de vós exige o vosso sublime estado. Considerai os favores que recebestes e rendei graças à bondade divina todas as manhãs. Eia, tornai-vos uma grande santa, pois que tendes ocasião para isso. Rezai sempre por mim e pedi-lhe que me torne santo”.

O caminho de uma verdadeira esposa de Cristo deve ser iluminado pela fé e ter a Deus por alvo.

Para amar a Deus, escreve Geraldo à priora de Ripacandida, é preciso crer; quem é fraco na fé, fracamente se une a Deus. Quanto a mim estou resolvido a viver e a morrer compenetrado da fé. A fé é vida e a vida é fé para mim. Ó Deus, quem poderia viver sem a fé! Quisera gritar para ser ouvido do mundo inteiro. “Viva a nossa santa fé! Só Deus merece ser amado!”

Essa vida da fé, na opinião do santo, não deve contestar-se com pouco, mas subir constantemente as alturas da perfeição. Em uma carta, em que faz alusão à morte de uma irmã, fala Geraldo desse dever.

“Eu já sabia — escreve — da morte da Irmã Oliveria; agora ouço que a Irmã Maria Antonia entrou em seu lugar. Dizei-lhe que me alegro com isso. Para completar a minha alegria, queira ela pôr em prática, ainda com mais fervor, as santas resoluções que já tinham no mundo, e ser uma santa como foi a Irmã Oliveria, porque, se não o for, dará contas a Deus”.

Tempestades, tentações, temores acompanham geralmente a alma que resolveu seguir o caminho da perfeição; ninguém se desanime por causa disso; que não é das piores coisas; ao contrário a paz e a privação desses ataques são sempre suspeitas. porque geralmente ocultam os perigos.

“Coragem, escreve Geraldo a uma irmã aflita, não vos perturbeis; confiai em Deus e esperai dele o auxílio necessário. Não vos apoieis em vós mesma mas em Deus, quando parecer reinar tranqüilidade, convencei-vos que o inimigo está perto. Não confieis na paz, porque logo depois pode vir a guerra.

Vivei acautelada, recomendai-vos à SS. Virgem, para que ela vos assista e afaste o inimigo com sua poderosa mão. O sofrimento vos não deve abater, mas só humilhar diante de Deus e excitar-vos, à maior confiança em sua misericórdia. O parafusar, de que falais, não vale nada, vem do demônio que vos quer roubar o tempo. Revesti-vos de coragem e confiai em Deus, que ainda sereis santa”.

Suaves admoestações, como essas, sublimes princípios e eficazes setas de fogo do amor divino eram o alimento, de que o santo costumava nutrir o espírito das esposas de Jesus Cristo. Nutrimento certamente de primeira ordem! Não admira pois o influxo admirável e salutar de Geraldo sobre as boas irmãs, que cooperou fortemente para o desenvolvimento e florescência do espírito de Santa Teresa entre suas filhas.



Essa relação santa de Geraldo com o mosteiro de Ripacandida perdurou até a morte do servo de Deus.

Mesmo após o falecimento de Geraldo as religiosas consideravam-no como seu guia e amigo, invocavam-no e tributavam-lhe filial veneração. “Quantas novenas, diz uma delas no processo da beatificação, não temos feito em sua honra! Nós todas o escolhemos por especial padroeiro, e sempre ainda nos recomendamos à sua intercessão, e ele lá do alto tem se dignado vir em nosso auxílio”.

## CAPÍTULO XVII

**Dias procelosos**

Se o ano de 1753 proporcionou honra e glória ao nosso santo, o seguinte deu a prova cabal de que era digno desse acatamento e respeito, porquanto a sua virtude não era metal sem valor, que brilha, mas ouro puríssimo e precioso.

A Providência quis fazê-lo passar por uma dessas provações que não são raras na vida dos grandes santos, e que só eles sabem suportar com tranquilidade e firmeza.

Nos dias da páscoa desencadeou-se sobre ele a tempestade. Durante a quaresma estava Geraldo a serviço da Congregação em Atella, onde travou conhecimento com o Cônego Camillo Bozzio, que lá pregava os sermões quaresmais.

O encontro de Geraldo com Bozzio foi um dos acontecimentos mais alegres da vida do santo nesse ano, de sorte que não podemos furtar-nos ao desejo de reproduzi-lo com as próprias palavras do cônego.

“Tive ocasião, escreve esse sacerdote, de me entreter familiarmente com o Pe. Cafaro, de feliz memória, sobre Geraldo e ouvi de seus lábios muitos rasgos da virtude e santidade desse irmão, que era seu penitente. Ventura de me encontrar pessoalmente com ele, só tive em 1754 em Atella, aonde ele fôra a serviço da Congregação e onde eu estava pregan-

do os sermões quaresmais... Desde esse tempo formou-se entre nós uma amizade íntima, que, resultante de motivos sobrenaturais, teve o seu complemento no amor de Cristo”.

Essa amizade não foi fruto de uma impressão passageira causada pelo bom irmão, mas o resultado de maduro exame da sua virtude. “Vi Geraldo, diz Bozzio, na sacristia da igreja, onde ele palestrava com diversos sacerdotes sobre assuntos religiosos. Aproximei-me e comecei a provocá-lo com estas palavras de pouco caso: Que prosa fiada é essa? Não passais de um ignorante irmão leigo e quereis *bancar* o teólogo? Não compreendo como esses senhores perdem seu tempo a ouvir-vos; eles enganam-se muito, fazendo de vós tão alto conceito — eu tenho-vos na conta de um indivíduo vaidoso, a meu ver não passais de um hipócrita e mais nada!

Essa apóstrofe inesperada, esses insultos sem fundamento não conseguiram banir a alegria do semblante do bom irmão, nem perturbar-lhe a paz da sua alma; sorriu modestamente, abraçou-me manifestando seu inteiro contentamento. “Tendes razão, disse ele desculpando meu estranho modo de falar, tendes razão, eu sou um pobre ignorante e preciso que peçais a Deus por mim. Perdoai-me”.

Esse fato bastava para encher a Bozzio de admiração para com o santo; o cônego porém teve ainda muitas outras ocasiões de perceber nele característicos de extraordinária santidade. Entrou uma vez inesperadamente no quarto de Geraldo que se hos-

pedara, como ele, em casa de Grazioli, cujas duas filhas o santo irmão levava para o mosteiro de Ripacandida. Ao abrir a porta o cônego viu Geraldo em profundo êxtase elevado nos ares.

“Outro dia, continua Bozzio, notei que sua alma se achava presa de emoções, de tristeza extraordinária. Perguntei-lhe se não havia comungado pela manhã; confessou não o haver feito por sentir sua consciência perturbada. Essa perturbação era apenas efeito da sua humildade. Ao entrar ele, à tarde, em meu quarto, percebi logo que o desejo da comunhão o atormentava; procurava distrair-se afastando a saudade que lhe enchia o coração. Para esse fim saímos a passeio e cantamos algumas estrofes de Jeremias; tudo foi em vão. Levei-o à matriz principal, onde de portas fechadas, cantamos com acompanhamento do órgão, que Geraldo sabia bem tocar, o hino (composto por Santo Afonso) que começa com as palavras: *Fiori felici, voi che notte e giorno...*

A minha voz era como a do órgão; saía de um interior vazio, de um coração frio; mas a dele jorrava de um peito ferido do amor de Jesus, e deixava transparecer a saudade que o dominava”.

Enquanto Bozzio em Atella se convenciam sempre mais, por experiência própria, da santidade de Geraldo, a tempestade preparava-se para cair sobre o servo de Deus. A semana santa passou-a o santo pacificamente em Foggia, onde negócios reclamavam a sua presença. Como de costume entregou-se, nesses dias, à meditação da Sagrada Paixão e à peni-

tência, passando boa parte desse tempo na capela do conservatório do SS. Redentor. Edificava a todos com sua devoção e hauria dessas profundas meditações a força sobrenatural, da qual em breve teria grande necessidade. Parece que o entretenimento com Deus desta vez se tornou mais íntimo, gozando sua alma alegrias maiores e mais profundas. Ele, que guardava o maior segredo a respeito do seu interior, deixou escapar, em uma carta, esta palavra: “Passei esses dias em indizível contentamento”. No excesso dessa alegria não terá ele pressentido a hora amarga que se aproximava? Não terá entrevisto nele a cruz pesada que o ameaçava? Não terá percebido nessas doçuras extraordinárias os mensageiros de dores e provações? O certo é que Geraldo estava preparado, quando soou a hora rude da provação, o inimigo não o surpreendeu desarmado.

O instrumento de que o demônio se serviu para causar sofrimento e amarguras ao santo e paralisar sua atividade em prol das almas, foi uma tal Neria Caggiano. Devido aos esforços do santo essa menina entrou no conservatório de Foggia, onde todavia não permaneceu muito tempo. Para justificar a sua saída Neria propalou calúnias contra as religiosas de Foggia, até que, impelida pelo espírito da mentira, se atreveu a expectorar o seu veneno contra o santo. Não lhe foi difícil encontrar pretexto de acusação. Sempre que ia a Lacedogna Geraldo hospedava-se com seu amigo Constantino Capucci, em cuja casa esteve também em princípios de 1754. Das quatro

filhas desse senhor, duas, por intermédio do santo, se internaram no conservatório de Foggia; as outras duas entre as quais Nicoletta, estavam em casa. Ninguém parecia tão vulnerável em ponto de honra como Nicoletta que era geralmente conhecida por sua piedade e virtude ilibada. Neria, a caluniadora, denegriu-lhe a honra declarando-a violentada por sedução vergonhosa de Geraldo. Às vezes é fácil dar à mentira aparências de verdade, o que aconteceu no caso, chegando a caluniadora a convencer do crime imputado a Geraldo, o seu próprio confessor Benigno Boaventura. Este grande amigo de Santo Afonso e da Congregação, julgou-se obrigado em consciência a levar o caso ao conhecimento do superior de Geraldo, afim que a hipocrisia do irmão não prejudicasse a toda a Congregação; não só obrigou a caluniadora Neria a comunicar o ocorrido ao santo fundador mas também creu-se na necessidade de lhe escrever pessoalmente.

É fácil imaginar-se a impressão dolorosa que essa notícia causou a Santo Afonso. A acusação parecia incrível, mas as razões alegadas eram ao menos no momento, tão convincentes que encobriam completamente a infame mentira. Benigno era digno de toda fé, e acatadíssimo por Santo Afonso.

Entretanto também é certo que o santo fundador não deixou de duvidar da veracidade da acusação, porque, do contrário, teria expulso Geraldo, sem misericórdia, do seio da Congregação. Afonso duvidava, mas para que lado inclinava-se ele em sua dúvi-

da? Não seria Geraldo uma daquelas almas que, depois de atingir um alto grau de perfeição, se tornam vítimas da ilusão de Satanás? Teria o irmão cometido alguma imprudência imperdoável ou dado ocasião que motivasse de algum modo aquela acusação? É difícil sabê-lo, ainda mais porque Afonso impôs a Geraldo penas duríssimas sem lhe declarar expressamente o motivo desses castigos. Se é muito provável que o santo teve de fato dúvidas a respeito da inocência de Geraldo e lhe impôs castigos para obter de seus lábios uma confissão clara, não é infundada a opinião de que ele considerou falsa a acusação e puniu o santo para prová-lo.

Seja como for, Afonso ao receber a carta caluniadora, mandou um sacerdote a Iliceto com ordem de levar a Nocera dei Pagani o irmão denegrido em sua reputação. Este recebeu a ordem com toda a calma, deixou no dia seguinte Iliceto, para onde nunca mais devia voltar e encaminhou-se para o lugar, onde Afonso o esperava com impaciência.

Que triste surpresa para Geraldo ao ouvir aquela acusação! Ele ter cometido uma infâmia que tanto detestava, ter violado vergonhosamente uma virtude que, na sua própria expressão, lhe era a mais bela e a mais querida! “Ó meu Deus — lemos em seus apontamentos — entre todas as virtudes do vosso beneplicito, agrada-me mais a pureza e a castidade. Ó pureza infinita, de vós espero, ficar sempre livre do menor pensamento impuro, que me pudesse sobrevir neste mundo”. De ter ele sido infiel a esse sentimen-

to, era acusado e de tal forma que chegou a ser enganado quem conhecia toda a sua vida até aquele momento.

O santo achava-se diante de um difícil problema. Deveria salvar a sua honra atacada, defender sua inocência, amparar o seu bom nome contra mancha tão hedionda; ou calado tomar sobre si a cruz pesada, suportar paciente o ódio, insulto e desprezo dos homens e entregar à Providência a justificação e salvação da sua honra? Para o primeiro tinha muitos e bons motivos, o segundo convinha mais a sua humildade e ao desejo de se conformar com seu divino Redentor; se o primeiro lhe parecia permitido e bom, o último mostrava-se-lhe mais perfeito e heróico.

Lembrado do voto de executar sempre o mais perfeito, resolveu-se Geraldo seguir o último. Apesar de se reconhecer inocente ouviu as acusações sem proferir uma palavra em sua defesa, com toda a calma como se fossem todas reais e ele inteiramente digno de castigo. Por meritório que fosse o silêncio do santo aos olhos de Deus que conhece as dobras dos corações, aos olhos dos homens, nas dadas circunstâncias, tinha a má aparência da ambigüidade; embora não fosse confissão de culpa, não podia ser considerado como defesa da acusação, dando assim motivo fundado para o exame.

Santo Afonso repreendeu o irmão com palavras pesadas, exprimiu com vivacidade o seu pesar e indignação e proibiu-lhe a santa comunhão; igualmente interditou-lhe, sob as mais graves penas, qualquer



relação com pessoas de fora, qualquer palestra ou carta.

O humilde irmão curvou a frente, aceitou tudo em silêncio conservando, nesses momentos tão dolorosos, a jovialidade do seu semblante e a paz da sua alma.

Nem nessa tão difícil situação conseguiu o espírito da crítica e murmuração apoderar-se do seu coração nem causar-lhe aversão ao santo fundador. Ao contrário Geraldo testemunhou-lhe sincero amor, como no-lo atesta um confrade que então com ele privava. Ao encontrar-se com o superior andando pelos corredores de Pagani, Geraldo olhava-o com a humildade e amor de uma criança. Quando Santo Afonso passava por perto dele exclamava: “Meu Pai, tendes o semblante de um anjo! Ao ver-vos sinto-me repleto de consolação”.

Geraldo, apesar da dureza da provação pôde conservar a paz e suportar tranqüilamente esses embates interiores, que o sacudiam, porque, nesses casos e nessas tempestades, não era marinheiro de primeira viagem. E de fato por entre todos os favores com que o céu o favorecia, estendia-se uma longa cadeia de sofrimentos internos. Sendo a sua vida a de um santo, não podia ficar sem espinhos e cruces.

Já antes da sua entrada na Congregação, eram-lhe familiares os sofrimentos da alma. Estes aumentaram-se com sua entrada para a vida religiosa, como o provam os documentos que temos da sua vida. Além das dores que, às sextas-feiras, faziam dele a

imagem da morte pela participação da agonia de Jesus, o bom irmão teve de suportar, embora nem sempre, cruel tormento pelo medo de se poder separar de Deus e de se privar da sua visão no céu. Isso era consequência natural da sua humildade na qual só via a sua indignidade, insuficiência e pecado. Esse tormento crescia na proporção que se aperfeiçoava sua humildade e precipitava-o muitas vezes em um abismo de desânimo e tentações que se sentia sem auxílio, sem esperança, desconsolado e como que aniquilado. De todos os lados assaltavam-no ondas de desespero comprimindo-lhe o coração, que só encontrava então apoio e consolação em sua fé singela e viva.

Nessas angústias Geraldo costumava dirigir-se aos amigos de Deus e pedir-lhes orações; às vezes Deus atendia essas súplicas concedendo algum lenitivo e consolação para a sua alma.

Nos primeiros anos de sua estada em Iliceto, residia lá o venerável clérigo Fr. Domingos Blasucci, a quem Geraldo comunicava os seus segredos por reconhecer o valimento desse jovem piedoso junto de Deus. Um dia o santo foi ter com Blasucci que na palidez do rosto notou logo a dor que acabrunhava o bom irmão. À pergunta de Blasucci pela causa do seu sofrimento, Geraldo respondeu manifestando-lhe com sinceridade as suas indizíveis angústias e suplicando-lhe se dignasse auxiliá-lo nas dores de sua alma. Domingos compadecido fez-lhe sobre o coração o sinal da cruz e os sofrimentos desapareceram

como por encanto deixando o irmão consolado e santamente alegre.

Tais consolações extraordinárias não duravam regularmente longo tempo, eram como gotas frescas caídas sobre a língua em fogo de uma pessoa sedenta. As dores voltavam, às vezes ainda mais violentas, prostrando sua alma no incêndio devorador de seus sofrimentos internos.

As cartas de Geraldo testemunham, em diversas passagens, esse estado de sua alma; por vezes descreviam-no com palavras que, embora breves, enchiam os leitores de compaixão e dó.

Assim escreveu, aludindo de leve aos seus sofrimentos, à venerável Irmã Maria de Jesus: “Não vos esqueçais de me recomendar ao Senhor, porquanto o necessito indizivelmente; Deus conhece minhas constantes tribulações”.

Mais claramente fala da grande amargura da sua alma em uma outra carta à mesma religiosa.

“Ó Deus, assim começa, grande satisfação causou-me a recepção dessa nova carta, pela qual tanto suspirava. Digo-vos com verdade e diante de Deus: esse desejo não é meu mas do coração que necessita do auxílio alheio por não se poder valer a si próprio. É vontade de Deus que eu caminhe por entre tormentos e tempestades. Ah! eu também quero que em mim se cumpram, do modo mais perfeito, seus santos desígnios”.

“Estou cheio de pecados, escreve oprimido de dor à Irmã Maria de Jesus, todos convertem-se; só

eu permaneço obstinado; farei penitência por mim, para que Deus me perdoe; peço o mesmo também a todas as vossas filhas”.

Às religiosas de Ripacandida escreve outra vez em maio de 1753: “Pedi ao Senhor, pedi muito por mim que me acho em grandes necessidades espirituais. Só Deus conhece a minha desolação e aflição. Se quiserdes podeis auxiliar-me. Fazei-me esse favor e caridade”.

A natureza e o motivo último de seus sofrimentos ele o declara nas linhas dirigidas à Irmã Maria de Jesus: “Avalio perfeitamente as dores que tendes sofrido, posso porém afiançar-vos que eu as sinto ainda mais no meu coração; não podeis medir-lhes a profundidade nem a enormidade. Dizendo que eu as sinto mais do que vós, não há exagero nas minhas palavras, porque a divina justiça pregou-me na cruz de tal forma que julgo que ninguém pode nela ser cravado mais do que eu. Seja sempre bendita a santíssima vontade de Deus. O que mais me faz tremer e inspira maior espanto é o pensamento de que não conseguirei a perseverança até o fim”.

O martírio desse pensamento perseguiu o irmão até o fim da vida. Como confirmação disso queremos aduzir duas cartas endereçadas pelo santo em 1754 à Irmã Maria de Jesus. Já a epígrafe da primeira é a expressão de um coração aflito e angustiado. “Meu Deus, compadecei-vos de mim”. Geraldo começa: “Venerável irmã, como podeis gracejar comigo? Escrevendo-me dessa forma — vós o sabeis — acres-

centais novos tormentos aos que soffro por causa dos meus peccados. Estais alegre, eis porque gracejais. Mas eu — que dizer? Deus assim o quer e folgo com a vossa felicidade. Deus vos conserve nesse feliz estado, a vós a quem ele tanto ama! — Assim são as coisas: enquanto um sobe o outro baixa. Estou tão abatido que julgo não poder mais levantar-me, oprimido por dores eternas. Seja! Isso não me incomoda contanto que eu ame só a Deus e o agrade em tudo; isso basta! Mas eis o motivo das minhas dores: parece-me que soffro sem Deus. Venerável Madre, se me não ajudares, sinto-me ameaçado de um soffrimento maior ainda.

Acho-me num abatimento profundo, num mar de confusão como à beira do desespero. Parece-me que já não há Deus para mim, que cessou a misericórdia divina, para dar lugar tão somente à justiça. Considerai o triste estado em que me acho. Se realmente existe entre nós a santa aliança da fé, é agora o momento de me auxiliardes e pedirdes a Deus por mim. Suplico-vos, tende dó de minha alma; já não tenho coragem de apparecer diante das criaturas”.

A outra missiva datada de Nápoles, foi escrita dez meses antes da morte do santo. A mesma dor pungente, como na outra carta, encontra nesta a expressão dos seus atrozes soffrimentos. É do teor seguinte:

“Jesus e Maria!

Cara e prezada irmã. Escrevo-vos pregado na cruz, e muito às pressas por falta de tempo.

Compadecei-vos da minha agonia. Pouco tenho para escrever, e se me não esforçasse, nem poderia pegar na pena; as lágrimas não o permitiriam. Meus sofrimentos são tão acerbos que me põem em agonia; quando já me julgo expirar, volta-me outra vez a vida, para mais me torturar. Estou mergulhado em dores; não sei dizer outra coisa; não vos quero comunicar o fel e o veneno, que me molestam, para não vos encher da mesma amargura. Sei que estais feliz, e o vosso contentamento me anima e me faz reviver em Deus. Louvado seja Deus pelos favores a mim concedidos. em vez de me esmagar sob as suas santas pancadas, concede-me sempre nova força para viver; manda-me sofrimentos somente para eu imitar o meu divino Redentor. Ele é meu mestre e eu seu discípulo. É conveniente que eu dele aprenda e siga os seus vestígios. Mas ah — eu já não ando; sem movimento estou com ele na cruz, abismado em luta e indizíveis dores; é como se uma lança me transpassasse tirando-me a vida; mas parece, de outro lado, que a cruz em que estou pregado, somente me prolonga a vida e os tormentos. Todos — assim penso — abandonaram-me; mas eu que não quero contrariar o plano do meu Redentor que deseja o meu sofrimento com ele sobre a cruz — curvo minha fronte e digo: Já que é essa a vontade de Deus, aceito com alegria tudo o que me quiser impor”.

Do que fica dito se depreende que Geraldo não se achava em vereda desconhecida quando a calú-

nia inundou de luto e dor a sua alma; e por isso pôde suportá-la com pasmosa tranqüilidade e calma.

Embora justificável, sob o ponto de vista humano, uma exteriorização da dor, uma doce queixa, uma palavra de indignação contra a maldosa mentira, o perfeito imitador de Cristo preferiu calar-se e tragar até às fezes o cálix da amargura.

A desgraça que lhe acontecera e a causa da sua humilhação espalharam-se logo entre os confrades. A impressão porém causada não foi a intencionada pela caluniadora; todos compadeceram-se do santo e ninguém acreditou tivesse ele cometido falta grave. Alguns padres, que conheciam Geraldo a fundo, foram de opinião que ele se justificasse para, com seu silêncio, não dar aparências de culpado. Mas o humilde irmão não quis saber de justificação própria, “Deus cuidará disso, exclamou o santo; se ele quer a minha humilhação, porque me opor à sua vontade. Se ele quiser manifestar a minha inocência, quem melhor do que ele poderá fazê-lo? Deus faça de mim o que quiser; eu só quero o que ele quer”. Ouviam-no rezar uma vez: “Senhor, a minha causa é também a vossa; se me quiserdes humilhar, sinto-me feliz, porquanto é esse o caminho que trilhastes”.

Geraldo nada fez para fazer cessar os seus sofrimentos, apenas redobrou suas penitências e orações. A visita ao SS. Sacramento era alívio para sua alma e a união das suas dores com as do Redentor o consolo para o seu coração. Passava a noite em oração. Quando o silêncio levava os confrades ao re-

pouso, saía sozinho ao ar fresco da noite; contemplava as estrelas, que da região da paz lhe acenavam com seu brilho parecendo falar-lhe da terna solidade divina; entre orações, suspiros e lágrimas erguia os braços para o céu. Assim procurava conforto do alto e para suportar as dores, qual flor, que ressequida pelo calor do dia, bebe o orvalho do céu na solidão da noite.

Só após prolongadas orações é que procurou algum descanso, não no leito, mas no esquife em que repousou por longo tempo o corpo do venerável Padre Sportelli.

“As suas humilhações, relata Tannoia, não lhe arrancaram lágrimas, mas ocasionaram-lhe prazer. A natureza rebelava-se, não há dúvida; no embate da dor, desconfiando de suas próprias forças, recomendava-se às orações de outros. Se alguma vez chorava, não era por sua causa, mas pelo estado espiritual da pessoa que o caluniara. Oferecia a Deus as suas penitências, para lhe alcançar luz e graça”.

Dor cruel causou-lhe a proibição da santa comunhão; submeteu-se facilmente à sentença que privava do amor, da estima e do convívio de seus confrades e dos estranhos; mas pareceu-lhe insuportável a proibição que o afastava da santa comunhão.

“Deixai-me por favor — disse a um padre que lhe pedira ajudasse a missa — não me tenteis; eu vos poderia arrancar Jesus das mãos”. Contudo, nem quanto a isso quis ele mitigação da pena, a fim de se conformar inteiramente com a vontade divina. “Basta-



me ter Jesus no coração”, disse a um que o procurava consolar. Uma outra vez observou: Deus quis castigar o meu fraco amor e fugiu de mim; mas eu o tenho no meu coração donde não o deixarei sair”.

Uma vez pretenderam induzi-lo a pedir a Santo Afonso permissão para comungar. Geraldo vacilou a princípio, mas não tardou a tomar resolução firme. “Não, disse batendo com a mão na escada em que se achava, não! é preciso morrer sob a prensa da vontade divina”.

Aos amigos de fora causou dolorosa impressão e estranheza o fato de não poderem mais ver o Irmão Geraldo. Não se sabia o que era feito dele; somente alguns ouviam boatos de algum castigo infligido ao irmão. Entre estes estava a Irmã Maria Celeste Cros-tarosa, que ficou com isso profundamente penalizada ignorando qual pudesse ser a causa do castigo de Geraldo. Supondo que talvez alguma liberdade no exercício de seus piedosos trabalhos pudesse ter sido a causa, escreveu-lhe: “Soubemos pesarosos do vosso sofrimento. É sempre a vossa caridade que vos faz sofrer; desta vez o demônio conseguiu impedir que nos fizésseis uma visita em Foggia. Entretanto nós não cessamos de orar por vós e espero que ele, o demônio, seja ainda confundido. Onde quer que estejamos ou vivamos sempre nos veremos em Deus e juntos amaremos a Jesus nosso único bem, que muito nos ama”.

Também o Padre Margotta, a quem Geraldo mandara participar o ocorrido, escreveu-lhe a carta seguinte em tom paternal:

“Meu caro Geraldo.

Vossa carta alegrou-me duplamente, primeiro porque nela me prometeis as vossas orações, e segundo porque me comunicais a vossa conformidade com a vontade de Deus quanto ao ocorrido. Desejovos todo o bem e o progresso sempre crescente no serviço de Deus; conservai-vos firme em vossa boa vontade de viver sempre no cumprimento do beneplácito divino sob a obediência e submissão completa aos superiores. Em minhas aliás fracas orações, rogo por vós ao Senhor e a nossa mãe Maria, para que vos concedam a força necessária afim de vos conformardes em tudo com a vontade de Deus e executardes todos os vossos piedosos desejos”.

Esses confortos caridosos, vindos dos lábios humanos pouco reanimariam a alma provada de Geraldo, se Deus não corresse em seu auxílio.

“Assunto de suas meditações eram então, como observa Tannoia, os atributos divinos. Nesse oceano mitigava ele a sede devoradora que sentia da santa comunhão. Perguntando-lhe alguém como podia passar sem a comunhão, respondeu: “Delicio-me com a imensidade do meu Deus”. Ao aprofundar-se na contemplação dos atributos divinos ficava absorto em Deus e caía em êxtase, esquecido de si próprio”.

O Padre Cajone, então prefeito dos doentes na casa de Pagani foi, uma tarde, testemunha de um

desses arroubos, quando de conformidade com o uso na Congregação, fazia ao irmão doente a santa meditação. “Tomei por assunto, diz Cajone, o amor de deus para conosco e o direito que tem ao nosso coração. A declaração do tema foi suficiente para pôr Geraldo num estado de completo esquecimento de si próprio. Estava ele deitado de costas, a cabeça recostada à parede e os olhos voltados para o céu. As pálpebras não se moveram durante todo o tempo da meditação. À princípio não supus nada de extraordinário; mas quando, passado o tempo da oração, ele permaneceu na mesma posição apesar do rumor que fiz, notei que ele estava absorto em Deus. Nesse estado ficou ainda algum tempo causando-me profunda admiração”.

Uma outra ocorrência admirável durante essa doença de Geraldo narra-a o Pe. Landi. “Muitos dos nossos padres contaram-me e o nosso reitor-mor (Santo Afonso) pode confirmar a verdade da narração. Achava-se este à mesa na sala de jantar, quando de repente Geraldo, não completamente vestido, entrou e se lhe apresentou. Afonso censurou aquela falta de respeito e perguntou-lhe o motivo porque aparecera dessa forma diante dele. “Eu vim, respondeu Geraldo modestamente, porque V. Revma. me chamou”. O santo demonstrou assim claramente que soubera por vias sobrenaturais o desejo que seu superior tinha de vê-lo e falar-lhe”.

O silêncio inviolável guardado pelo santo deu que pensar. Não era possível chegar a uma clareza

completa. Se todos os que admiravam Geraldo, sua virtude e seu espírito reconheciam a calúnia e desejavam dos seus próprios lábios uma defesa clara e aberta, outros julgavam não infundada a acusação. Geraldo — assim diziam — era conhecido e relacionado com todos na casa onde se diz cometido o crime, é pois o caso de se perguntar, se a consciência do irmão não está manchada e se não é bom procurar um homem da sua confiança que lhe possa arrancar a confissão humilde da culpa depois de lhe desfazer a confusão compreensível no caso.

Fazendo justiça também a esse parecer, Afonso mandou o irmão a Ciorani, que era então casa de noviciado para lá refletir com tranqüilidade e liberdade sobre a questão. Cartas ao reitor Pe. Xavier Rossi e ao mestre de noviços Pe. Tannoia recomendavam-lhes observassem atentamente o irmão e seu procedimento até nos menores pontos. A ordem de Afonso foi cumprida à risca como era de esperar desses dois religiosos modelares. “Entretanto, diz Tannoia, nada se notou de censurável nele; era sempre alegre, humilde para com todos e pronto para executar pontualmente as ordens mais insignificantes. O mais admirável é que ele não proferia a mínima palavra a respeito do seu infortúnio. O tempo que restava do trabalho passava-o na igreja diante do SS. Sacramento ou em sua cela no mais perfeito recolhimento”.

Durante os dez ou doze dias, que Geraldo passou em Ciorani, as opiniões a seu respeito começaram a esclarecer-se em Pagani. O procedimento

sempre modelar do irmão, no qual nem os mais experimentados e hábeis olhos podiam descobrir coisa alguma que pudesse servir de ponto de apoio para a condenação do acusado, foi para os que até então duvidavam na inocência de Geraldo, um peso considerável na balança do julgamento. Embora ainda não estivesse resolvido o caso, o fiel pendia para a pureza do irmão desmascarando a calúnia infame levantada contra ele.

Apenas regressado de Ciorani a Pagani, Geraldo recebeu ordem de acompanhar a Caposele o Pe. Giovenale que iria substituir o Pe. Mazzini que enfermara. Permitiram ao irmão receber, aos domingos, a santa comunhão, mas não lhe consentiram relacionar-se com estranhos. O Pe. Giovenale foi incumbido de vigiá-lo, humilhá-lo e mortificá-lo.

## CAPÍTULO XVIII

**Semanas felizes em Caposele**

Em fins de junho — numa sexta-feira — chegou Geraldo com o Pe. Giovenale em Caposele. Sentiu um novo alento com a permissão de poder novamente aproximar-se da mesa da comunhão. Por essa ocasião o Senhor glorificou seu humilde servo com um milagre que — no dizer de uma testemunha fidedigna — se repetira várias vezes em Iliceto. Queremos relatá-lo com as palavras do Pe. Landi.

“Sábado à tarde Geraldo pediu ao Pe. Giovenale permissão de passar em recolhimento o dia seguinte até a hora da comunhão, o que lhe foi concedido. Domingo o superior, precisando dele, mandou-o chamar. Foram a sua cela e não o encontraram, procuraram-no em todos os cantos da casa, porém em vão. Voltaram novamente à cela do irmão: a cama estava feita, o barrete noturno intato, em parte alguma vestígio de Geraldo. Entretanto chegara Nicolau Santorelli, médico da casa ao qual o Pe. Giovenale disse: “Sabeis já que perdemos o Irmão Geraldo? — Como, perdido o Irmão? mandai procurá-lo — Já o procuraram, porém sem resultado — Quem sabe, ele se escondeu debaixo da cama — Mandei já examinar toda a cela; lá ele não está — Pois bem, disse o médico, eu mesmo irei procurá-lo — e saiu com o Irmão Nicolau. As novas pesquisas não foram mais felizes

do que as primeiras. “Não importa, disse Santorelli, na hora da comunhão ele sairá do seu esconderijo”. E de fato. No momento da comunhão Geraldo apareceu no corredor; chamaram-no e o levaram ao Pe. Giovenale que se achava junto com Santorelli ao pátio perto da cisterna. O reitor censurou o seu inexplicável desaparecimento e quis saber onde ele se achava todo aquele tempo. “Em minha cela”, respondeu Geraldo inocentemente. “Como, na cela? e eu vos mandei procurar por todos os irmãos e nenhum vos encontrou. Fazei já dez cruces com a língua no chão”. Geraldo obedeceu e cumpriu a penitência. “Eu deveria agora proibir-vos, continuou Giovenale, a santa comunhão por um mês inteiro, e mandar-vos jejuar a pão e água”. — “Ó meu padre, replicou Geraldo a sorrir, fizeti-o pelo amor de Deus”.

“Quando lhe mandaram explicar o caso, continuou Landi, confessou ter pedido ao Senhor que o fizesse invisível, para não ser perturbado na preparação para a comunhão; essa graça ele alcançou pela intercessão da SS. Virgem. O Pe. Giovenale interrompeu-o dizendo: ‘Por esta vez perdô-vos, mas cuidado, para não fazerdes semelhantes pedidos no futuro’. De caminho para a igreja Geraldo encontrou o Dr. Santorelli e disse-lhe: ‘Sabeis que me é novamente permitido comungar?’ Foram ambos à sacristia e o doutor perguntou-lhe: ‘Geraldo, falai-me a verdade; onde é que estivestes? Como podeis afirmar terdes estado na cela, quando eu e o Irmão Nicolau a examinamos em todos os cantos e vos não achamos?’ A

estas palavras Geraldo tomou o doutor pelo braço, levou-o à cela e mostrou-lhe o lugar, onde estivera sentado numa pequena cadeira junto à porta. ‘Mas nós vos procuramos em toda parte e vos não encontramos’. ‘Sim, replicou Geraldo sorrindo, às vezes eu me faço muito pequenino’.”

Esse acontecimento impressionou tanto a nós crianças, conta o neto do doutor, Miguel Santorelli, que, quando queríamos brincar de esconder, dizíamos: “Vamos brincar de Irmão Geraldo”.

Mal chegara o nosso santo a Caposele, dilucidou-se o seu caso com a manifestação solene da sua inocência. Neria Caggiano, a caluniadora, adoecendo gravemente, ralada de remorsos, resolveu reparar o mal causado a Geraldo e participou tudo a seu confessor rogando-lhe escrevesse uma nova carta a Santo Afonso desfazendo a calúnia; arrependida declarou, haver por sugestão diabólica, inventado aquele crime que o irmão nem sonhara em cometer.

É fácil compreender a alegria do santo fundador com essa comunicação; nada poderia causar-lhe maior consolação. Exultou como Jacó ao encontrar em honras o seu filho. A alegria pela revelação da virtude ilibada do irmão foi geral e forte. Só Geraldo não se impressionou. “Ele que se não abatera com a calúnia, escreve Tannoia, não se mostrou triunfante com a gloriosa justificação”.

Santo Afonso, ao rever o santo, recebeu-o com ternura paternal, que há tanto tempo lhe havia recusado. “Mas, meu filho, disse-lhe entre outras coisas,



porque não dissestes nem uma palavra em vossa justificação? — Mas como poderia eu fazê-lo, replicou Geraldo, se a Regra proíbe desculpar-nos, e quer que suportemos calados todas as humilhações?” Profundamente comovido por essa quase excessiva observância regular, Afonso só pôde dizer: “Bem, bem, meu filho, ide-vos e Deus vos abençoe”. Em outra ocasião perguntou-lhe: “Deveis ter ficado muito triste com a proibição da comunhão?” “Nunca, meu Pai, foi a resposta, se Deus não quis vir a mim, porque devia eu ficar sentido?”

Virtude tão pura agradou sumamente a Santo Afonso, que se encheu de admiração por ele. “Geraldo, disse uma vez ao Pe. Cimino, é um prodígio de observância regular; deu-me disso a prova mais irrefragável; edifiquei-me ao perceber o alto grau de perfeição a que esse irmão atingiu”. Semelhantemente externou-se ao Pe. Margotta. Ao elogiar este, um dia as virtudes de Geraldo, o seu dom taumaturgo, o seu zelo, sua admirável inocência e incansável tendência à perfeição, disse Afonso. “Mesmo que ele não houvesse manifestado, de outras formas, a sua virtude, bastar-me-ia a sua conduta nesta última provação”. A veneração do santo fundador ao humilde irmão, confirmada por esse acontecimento, continuou imperturbada no futuro; ainda em seus últimos instantes de agonia lembrou-se Afonso de seu filho fiel e invocou a sua intercessão.

Voltemos ao nosso santo em Caposele. Embora a sua estada lá fosse de apenas poucas semanas, de

fins de junho a fins de julho, deixou de si indelével recordação.

A respeito da sua ciência sobre coisas ocultar relata Tannoia o exemplo seguinte. O Pe. Giovenale estava a ouvir confissões, quando Geraldo, ao passar, lançou um olhar triste para o confessor. Encontrando-se depois com o padre disse-lhe: “A confissão desse homem foi mal feita; procurai ganhar essa alma para Deus”. O padre chamou novamente o homem e encontrou-o carregado de sacrilégios e outros pecados; preparou-o para uma boa confissão a fim de repô-lo no estado de graça.

O Pe. Giovenale experimentou em si próprio a luz sobrenatural de Geraldo. Esse sacerdote sentindo-se uma vez angustiado pelo pensamento de não se achar em estado de graça viu Geraldo que se aproximava para confessar-se. Após a confissão disse o irmão: “Meu pai, ficai tranqüilo, estais na graça de Deus. É o demônio que vos perturba”. Giovenale ficou surpreso mas contente com essa manifestação; repreendeu todavia bruscamente o irmão: “Sois um louco, disse, e não sabeis o que falais”. Deu-lhe uma penitência e mandou-o retirar-se. Geraldo conhecera a alma do seu superior.

Nessa mesma ocasião o já citado cônego Rossi constatou o fato de Geraldo conhecer coisas distantes. Rossi achava-se em Caposele, onde fôra fazer o seu retiro, quando de Melfi, sua cidade natal, lhe chegou uma notícia, que o obrigou a mandar depressa para lá um próprio. O cônego inquietou-se muito com

a demora da volta do portador, não manifestando, porém, a pessoa alguma essa sua inquietação. Achava-se ele no fundo do jardim, quando viu o irmão aproximar-se com rosto alegre dizendo: “Senhor cônego, sossegai porque em Melfi tudo correu muito bem”. À chegada do portador, Rossi convenceu-se da verdade das palavras do irmão.

Recordação preciosa da estada de Geraldo em Caposele é a seguinte anotação escrita que nos revela toda a alma do santo e merece, por isso, ser mencionada em sua íntegra. Devemo-la à filial obediência de Geraldo ao Pe. Giovenale que, sob o pretexto de conhecer e provar a sua alma, lhe mandou escrever quanto possível todos os seus desejos, aspirações e propósitos.

Geraldo começa com seu desejo habitual: “A graça divina esteja sempre em nossos corações e a SS. Virgem nô-la conserve sempre. Amém.

Meu Pai, quereis saber todas as mortificações que costumo fazer e exigis que vos escreva os piedosos desejos, aspirações e propósitos, que me prendem o coração, e enfim que explique exatamente o voto que fiz de executar sempre o mais perfeito”.

A essa introdução segue uma relação edificante das duras mortificações, que o santo jovem praticava regularmente.

*Mortificações diárias.* “Tomo disciplina (flagelação) uma vez por dia - Levo à cintura uma corrente de um palmo de largura e dois de comprimento - De noite e de manhã, ao deitar e ao levantar, faço com a

língua nove cruces no chão - Num dos pratos ao almoço e ao jantar misturo losna ou wermut<sup>1</sup> - Sobre o peito uso um coração com pontas de ferro - Ao menos três vezes ao dia mastigo losna ou absinto - Rezo com o rosto em terra seis Ave-Marias de manhã e outras tantas à noite”.

“Às quartas, sextas e sábados, bem como nas vigílias, como de joelhos - ao meio-dia e à tarde faço com a língua nove cruces no chão na sala de jantar, e em todos esses dias deixo passas as frutas”.

“Às sextas-feiras tomo ao meio dia, duas qualidades de comida e à tarde, apenas uma. Sábado jejuo a pão e água”.

Quartas, sextas e sábados coloco, ao dormir, uma cadeia ao redor da frente, outra em uma das pernas, e no outro lado uma maior da largura de um palmo e do comprimento de três, que de dia me serve de cinta; além disso uso uma corrente no braço dia e noite.

De oito em oito dias flagelo-me até ao sangue.

Em todas as novenas de Nosso Senhor, da SS. Virgem e de outros santos faço cada dia, além das penitências mencionadas, a disciplina costumada e num dia a flagelação cruenta; além disso acrescento outros exercícios extraordinários para os quais peço permissão a V. Revma. de caso em caso”.

À lista das mortificações faz Geraldo seguir a dos desejos de seu coração, bem como dos pensamen-

---

<sup>1</sup> Losna, em alemão. Nota do editor pdf.

tos arrebatadores, que denomina. “Os mais vivos sentimentos do meu coração”.

*Desejos:* - Amar a Deus ardentemente - estar sempre unido a Deus - fazer tudo por Deus - amar a todos em Deus - conformar-me sempre com a vontade divina - sofrer muito por amor de Deus.

*Os mais vivos sentimentos do meu coração:* Tenho a bela sorte de me santificar; se a deixar passar, perde-la-ei para sempre. Se tenho ocasião de me santificar, que é que me impede de realizá-lo? Tenho todas e as melhores ocasiões de santificar-me. - Sim, quero ser santo. Mas que é isso: quero ser santo? Ah, Senhor, quão grande é a minha loucura! eu devo ser santo; outros oferecem-me os meios para isso e eu me queixo!

Irmão Geraldo, resolve entregar-te inteiramente a Deus. Convince-te e lembra-te que somente com orações e meditações ainda não és santo! A melhor oração consiste, em alguém ser tal qual Deus o quer, em cumprir sem reserva a vontade divina e em esforçar-se sempre para chegar a Deus. Isso quer o Senhor de ti - não deves servir nem a ti nem ao mundo - Basta ter a Deus presente e estar sempre unido a ele - Fazer por amor de Deus tudo o que se faz, isso é oração. Uns têm este trabalho, outros aquele, eu tenho o meu que é: cumprir a vontade divina. Todo o trabalho deixa de o ser quando alguém se afadiga por Deus.

Em 21 de setembro de 1752 reconheci melhor estas verdades: Se tivesse morrido dez anos antes,

não desejaria nem procuraria agora coisa alguma - Sofrer e sem ser para Deus é um tormento, sofrer tudo por Deus, não é sofrimento - Neste mundo quero viver e trabalhar, como se só Deus e eu nele víssemos. Muitos dizem que eu iludo o mundo. Mas que seria se eu quisesse enganar o mundo? muito mais triste fora querer enganar a Deus”.

Esses pensamentos ocasionam-lhe uma séria consideração, seguida de alguns propósitos entrelaçados de orações e de uma série de resoluções detalhadas.

*Consideração:* Se eu me perder, perderei a Deus e que me restará então? - Senhor, fazei que tenha no coração uma fé viva no SS. Sacramento do altar.

*Propósitos:* Meu Senhor Jesus Cristo, eis-me empunhando a pena para exarar os propósitos, que já tinha feito a vossa divina Majestade e que agora renovo, como o exige a obediência. Apraza-nos, Senhor, conceder-me a graça de executá-los fielmente como vô-lo prometo novamente. Não posso confiar em mim mesmo, sou incapaz de agir de acordo com as minhas promessas; confio somente em vós, que sois a bondade e a misericórdia infinita e não podeis deixar de cumprir as vossas promessas. Ó bondade santíssima, se pequei, foi por haver confiado demais em mim; de hoje em diante quero que vós opereis em mim. Senhor, dai que execute tudo isso com pontualidade - Espero-o de vós, inesgotável tesouro meu, Amém!

“Escolho o divino Espírito Santo por meu único consolador e protetor em tudo. Seja ele o meu defensor, o vencedor de todas as minhas faltas. Amém!

“E vós, minha única jóia, Imaculada Virgem Maria, sede o meu presídio e conforto em todas as fases da vida, e minha intercessora junto de Deus, para que eu execute todos os meus propósitos”.

“Também a vós me volvo, espíritos bem-aventurados, e peço que assistais como advogados junto de Deus criador do universo. Escrevo estas linhas em vossa presença; lede-as do alto céu e intercedei por mim para que cumpra com fidelidade. Em vossa presença faço minhas promessas ao Bem supremo e a SS. Virgem Maria. Com seu especial auxílio e proteção valham-me sempre Santa Teresa, Santa Madalena de Pazzi, Santa Catarina de Sena e Santa Inês”.

“De quinze em quinze dias examinarei a consciência para ver se não faltei aos propósitos escritos.

Geraldo — que fazes? — Sabes bem que um dia te será apresentado o que escreveste? Cuidado pois para observares tudo! — Mas quem és tu que me fazes tais admoestações? Certamente falas verdade, mas não sabes que não confio em mim, não me atrevo nem me atreverei jamais a isso; depois que conheci minha miséria, receio muito confiar em mim. Só em Deus confio e espero; em suas mãos coloquei a minha vida, para que dela faça o que lhe aprouver. Eu vivi, mas já não sou eu que vivo; Deus é minha vida; nele acho minha fortaleza, e dele espero auxílio

para de fato cumprir o que lhe prometo neste momento. Vivam Jesus e Maria”.

### *Resoluções*

1. Ó meu caríssimo e único amor, verdadeiro Deus, hoje e sempre entrego-me ao vosso beneplácito. Em todas as tentações e tribulações deste mundo direi: Faça-se a vossa vontade! Abraçarei de coração tudo o que me ordenardes e, erguendo sempre meus olhos ao céu, adorarei vossas divinas mãos, que espalham sobre mim as jóias preciosas da vontade divina.

2. Meu Senhor Jesus Cristo, quero fazer tudo o que manda a Igreja Católica, minha santa mãe.

3. Meu Deus, por amor de vós obedecerei a meus superiores, como se vos visse diante de mim e vos obedecesse a vós em pessoa. Viverei como se eu já não fosse “eu” mesmo, conformando-me inteiramente aos juízos e vontade dos que me governam, na certeza de nos encontrar neles.

4. Quero ser pobre, muito pobre quanto aos prazeres e satisfação da vontade própria, e rico em incômodos de toda sorte.

5. Entre todas as virtudes, em que vos comprazeis, meu Deus, gosto mais da santa pureza e castidade. Ó pureza infinita, com firme confiança espero que me haveis de livrar de todo pensamento impuro, que eu, miserável, pudesse ter.

6. Só falarei em três casos; se o falar servir para a maior glória de Deus; se for útil ao próximo; se minha própria necessidade o exigir.



7. No recreio só falarei quando apostrofado e nos casos acima.

8. Para cada palavra que eu for tentado a falar contra o beneplácito divino, prestarei reparação com a jaculatória: Meu Jesus, eu vos amo de todo o meu coração.

9. Nunca falarei nem bem nem mal de mim mesmo; procederei como se eu não fosse deste mundo.

10. Nunca me desculparei, mesmo que tivesse motivos para isso, a não ser que daquilo que dizem de mim pudesse originar-se ofensa a Deus ou prejuízo ao próximo.

11. Serei inimigo de toda esquisitice.

12. Nunca direi palavras quando censurado ou repreendido, a não ser que o exijam de mim.

13. Nunca acusarei a ninguém, nem falarei dos defeitos alheios nem por gracejo.

14. Procurarei escusar sempre o próximo, considerando nele a pessoa do próprio Jesus a quem os judeus acusaram injustamente — e isso nomeadamente na ausência do acusado.

15. Se alguém — mesmo que seja o reitor-mor — falar mal de outrem, chamar-lhe-ei a atenção.

16. Fugirei com cuidado de tudo o que possa impacientar o próximo.

17. Observando qualquer falta, tomarei cuidado em não repreender o culpado na presença de outrem; fa-lo-ei a sós com toda caridade e em voz baixa.

18. Percebendo que algum padre ou irmão precisa de meu auxílio, deixarei tudo para o servir, se a obediência a isso não se opuser.

19. Visitarei os enfermos mais vezes durante o dia, se me for permitido.

20. Não me intrometerei nos negócios alheios, nem criticarei quando algum se desempenhar mal dos seus serviços.

21. Em todas as ocasiões, em que eu prestar auxílio aos outros em seus trabalhos, ser-lhes-ei obediente. Se me mandarem fazer alguma coisa, nunca direi: "Isso não é bom, isso não me agrada". Vendo que a coisa melhor se faria de outro modo, di-lo-ei sem ares de mestre.

22. Em tudo o que eu fizer junto com outros, mesmo em coisas pequenas e insignificantes, como varrer a casa, carregar um peso etc., nunca me escolherei o primeiro lugar, posição mais cômoda, as melhores ferramentas; deixarei isso aos outros e contentar-me-ei com o que Deus me manda; assim os outros e eu ficaremos contentes.

23. Nunca me oferecerei para algum cargo ou coisa semelhante, a não ser que outros me peçam.

24. Durante a mesa não volverei os olhos para todos os lados, a não ser que esteja a isso obrigado pelo serviço ou caridade.

25. Do tabuleiro (em que se servem os pratos) tirarei sempre a porção mais próxima, sem olhar para as outras.

26. Em todos os movimentos internos, contrários à razão, cuidarei em não lhes dar ouvido. Se for reprimido ou acusado deixarei passar o primeiro ímpeto, esperando restabelecimento da tranqüilidade.

27. Meu propósito principal é dar-me todo a Deus. Terei sempre ante os olhos as três palavras: surdo, cego, mudo.

28. As palavras “quero” e “não quero” sempre me serão estranhas; só quero, Senhor, que em mim se cumpram os vossos desejos e não os meus.

29. Para fazer a vontade de Deus, devo renunciar à minha. Só a Deus é que eu quero; se eu quero só a Deus, é justo que me separe de tudo, que não é Deus.

30. Cuidarei em não procurar a mim mesmo em coisa alguma.

31. Durante todo o tempo do silêncio menor, procurarei lembrar-me da Paixão e Morte de Jesus e das Dores da SS. Virgem Maria.

32. Todas as minhas orações, comunhões etc., devem reverter em bem dos pecadores, para os quais os oferecerei em união com o sangue preciosíssimo de Jesus.

33. Se alguém não podendo suportar as dores que Deus lhe manda, vier ter comigo, ou se isso chegar aos meus ouvidos, pedirei ao Senhor por ele e oferecerei todas as boas obras durante o dia para que Deus lhe conceda a conformidade com a sua vontade.

34. Ao pedir a bênção ao superior imaginar-me-ei que a recebo do próprio Jesus Cristo.

35. Só em caso de necessidade pedirei à noite a permissão de comungar no dia seguinte, do contrário fa-lo-ei na véspera de manhã para ter mais tempo de preparar-me. Se esta me for negada, comungarei espiritualmente à comunhão do celebrante.

36. A ação de graças durará até meio-dia, e a preparação para a comunhão do dia seguinte de meio-dia até à noite”.

A esses propósitos pormenorizados acrescenta o irmão consciencioso alguns atos que usava recitar na visita ao SS. Sacramento e nas súplicas do divino amor.

*Atos para a visita do SS. Sacramento:* Meu Senhor, creio que estais presente no SS. Sacramento, adoro-vos de todo o meu coração, e tenho a intenção de vos adorar, por esta visita, em todos os lugares da terra onde vos achais sacramentado. Ofereço-vos o vosso precioso sangue por todos os pecadores. Desejo receber-vos espiritualmente tantas vezes, quantos há lugares em que residis sacramentalmente.

*Atos de amor:* Meu Deus, desejo fazer tantos atos de amor, quantos foram os da SS. Virgem e os de todos os espíritos celestiais desde o primeiro instante da sua existência e quantos são os de todos os fiéis do orbe. Desejo amar-vos com o amor com que Jesus vos ama a vós e aos eleitos e desejo repetir sempre esses atos de amor. Semelhantes afetos tenciono fazer para com a SS. Virgem”.

Geraldo acrescenta ainda um propósito que revela a sua fé viva. É o seguinte: “De hoje em diante quero tratar o sacerdote com todo o respeito, com a reverência devida à pessoa de Jesus; nunca perderei de vista a sua alta dignidade”.

Segue a explicação do voto de fazer sempre o mais perfeito. O santo continua.

*Explicação de meu voto:* Obriguei-me a fazer sempre o mais perfeito, isto é, o que me parecer mais perfeito diante de Deus. Isso estende-se a todas as minhas ações, por mais insignificantes que sejam; comprometo-me a executá-las com abnegação e perfeição. Suponho a permissão geral de V. Revma. para proceder com segurança”.

*Limitações desse voto:* 1.<sup>o</sup> - As ações que puser distraidamente, sem me lembrar serem contra o voto, eu as excluo. 2.<sup>o</sup> - Fora de casa serei livre em pedir dispensa dele a qualquer um. Essa reserva eu a faço para evitar escrúpulos, que me seriam prejudiciais. Reservo-me o direito de pedir ao meu confessor desligamento desse voto, o que ele poderá fazer quando quiser”.

Enfim o servo de Deus aduz uma série de observações referentes à devoção, patenteia-nos seu coração inflamado de zelo e termina sua relação com um propósito, que nada tem de extraordinário, mas que prova a sua fidelidade até nas coisas mais insignificantes.

*Devoção à SS. Trindade:* Sempre que eu vir a cruz ou a imagens da SS. Trindade, ou que ouvir fa-

lar desse mistério, bom como no princípio e no fim de cada trabalho rezarei um *Gloria Patri* com toda a devoção.

*Em louvor da SS. Virgem:* Farei o mesmo para com a SS. Virgem; rezarei em honra da pureza de Maria Santíssima uma *Ave-Maria* sempre que se me antolhar uma pessoa do outro sexo.

*Em louvor dos santos padroeiros:* São eles São Miguel Arcanjo e todos os anjos, São Joaquim e Sant'Ana, São João Batista, Santa Izabel, São João Evangelista, o santo padroeiro do dia, do mês e do ano, o santo do dia em que nasci bem como o santo do dia em que vou morrer, São Francisco Xavier, Santa Tereza, Santa Maria Madalena de Pazzi, São Felipe Neri, São Nicolau de Bari, São Vicente Ferrer, São Bernardo, São Boaventura, Santo Tomás de Aquino, São Francisco de Assis, São Francisco de Sales, São Francisco de Paula, São Félix de Cantalício, São Pascoal Baylon, São Vito, São Luiz de Gonzaga, Santa Maria Madalena, Santa Catarina de Sena, Santa Inês, São Pedro e São Paulo, São Tiago e a venerável Irmã Maria Crucifixa”.

*Antes e depois das refeições:* Três *Gloria Patri* à SS. Trindade e três *Ave-Marias* à SS. Virgem; ao tomar pão ou vinho um *Gloria Patri*; ao tomar água e ao beber do relógio uma *Ave-Maria*.

*Afeto:* Ó meu Deus, oxalá pudesse eu converter tantos pecadores quantos são os grãos de areia na terra e no mar, folhas nas árvores, talos nos campos,

átomos nos ares, raios de luz no sol e lua, e criaturas no universo.

Ao levantar e deitar farei os agradecimentos usuais na comunidade e depois os atos da santa comunhão; farei ao meio-dia e à noite o exame de consciência com o ato de contrição.

Vivam Jesus, Maria, São Miguel, Santa Tereza, Santa Maria Madalena de Pazzi e São Luiz”.

Essa era a regra que o santo se propusera observar. Na simplicidade da sua elaboração não desaparece a grandeza de espírito que a inspirou.

## CAPÍTULO XIX

### Em Nápoles

Em fins de julho de 1754 Geraldo deixou a solidão de Caposele para ir a Nocera dei Pagani. O Pe. Margotta, que na qualidade de procurador da Congregação, tinha de passar em Nápoles grande parte do ano, precisava de um irmão desde que seu companheiro, o Irmão Francisco Tartaglione, recebeu incumbência de tratar de outros negócios do Instituto. Grande admirador de Geraldo pediu-o a Santo Afonso por companheiro. O santo fundador anuiu gostosamente ao pedido de Margotta, porquanto conhecia a afinidade espiritual dos dois religiosos e queria de certo modo desagrar o irmão da sua dura provação com uma prova de confiança especial.

Se isso consolou o Pe. Margotta, agradou, não menos, ao servo de Deus; e de fato a permissão de passar uma temporada ao lado do distinto sacerdote foi-lhe uma reparação pelas humilhações recebidas.

O Pe. Francisco Margotta era um homem, que por suas acrisoladas virtudes podia ser colocado, com honra, ao lado do nosso santo. Em muitos pontos assemelhava-se a Santo Afonso. Em sua mocidade seguira quase a mesma carreira como o santo fundador. Nascido a 10 de fevereiro de 1699 em Calitri, de pais nobres, recebeu de sua mãe, após a morte do pai, uma educação verdadeiramente cristã. Já



na infância mostrou inclinação declarada para a piedade e revelou todos os sinais de santidade, que costumamos ler nas biografias dos grandes servos de Deus. Fez seus estudos com tanto brilho que chegou a terminar o curso filosófico aos dezesseis anos. Desejando dedicar-se ao direito partiu para a capital do reino, onde levou vida pura e inocente, apesar dos encantos sedutores da grande cidade. Distinguiu-se desde a mocidade por uma devoção ardente a Jesus Sacramentado, edificando toda a cidade de Nápoles com sua conduta exemplar e modéstia angelical.

Terminados com distinção os exames e obtido o grau de doutor em direito, voltou para sua terra.

Ao talentoso jovem abriram-se naturalmente todos os caminhos das honras e alegrias terrestres; ser-lhe-ia fácil gozar o que o mundo chama felicidade, mas o seu espírito, já então, procurava coisa mais alta. Recusou o enlace matrimonial com uma moça da família Capucci em Lacedogna. Todos conheciam as suas intenções; quando, pouco depois, foi nomeado governador em Andretta, disse a gracejar um dos seus subordinados: “Estejamos alerta e procedamos bem: recebemos um capuchinho por governador”.

E de fato a vida de Margotta como governador não diferenciava muito da de um religioso. Justiça, caridade e piedade foram virtudes que os moradores de Andretta admiravam diariamente no seu novo chefe. Do outro lado os seus parentes, muito a contragosto, percebiam nele pouco interesse para a admi-

nistração dos seus próprios negócios temporais. sobretudo das finanças. A mãe pediu-lhe desistisse do cargo em Andretta e voltasse a Calitri, o que ele fez com grande prazer. Novas tentativas foram feitas para que ele abraçasse o estado conjugal, porém em vão; Francisco declarou peremptoriamente não querer coisa alguma no século.

Um passeio de visita a seus parentes em Bisaccia decidiu-lhe a vocação. Lá vivia um santo sacerdote por nome Caetano Giuliani, discípulo do venerável Padre Antônio de Torres, o qual, depois de empregar grande parte da sua vida na pregação de missões, se havia retirado para a solidão afim de consagrar os últimos anos da vida ao negócio da própria salvação, sem todavia abandonar a direção espiritual de algumas almas privilegiadas.

A aproximação desse santo sacerdote abriu para Margotta uma nova esfera de idéias. Atraído pela sublimidade do sacerdócio resolveu tornar-se padre; após madura preparação recebeu em 1731 o presbiterado das mãos do arcebispo de Conza.

Daí por diante a sua aspiração era salvar almas e trabalhar, o mais possível, na vinha do Senhor. A fim de ativar-se com mais proveito no confessionário e no púlpito entrou para a Congregação dos missionários do Pe. Pavone, na qual se dedicou à sua vocação como um santo sacerdote, santo confessor e santo missionário.

Quando porém a Congregação do SS. Redentor abriu a residência de Caposele, resolveu nela entrar

(1747) depois de contribuir para a fundação dessa casa com considerável parte da sua herança paterna.

Como redentorista distinguiu-se na pregação de missões e na direção de almas. Era modelo consumado de todas as virtudes, mormente de obediência e humildade.

A palavra do superior era para ele a voz de Deus. Com alegria obedecia até aos irmãos leigos. Sua humildade corria parilha com sua obediência; procurava humilhações onde as podia encontrar. Seu amor ao SS. Sacramento e à SS. Virgem colocava-o no mesmo nível de Santo Afonso.

Incansável trabalhava Margotta no aperfeiçoamento de sua alma e, enquanto o Pe. Cafaro esteve entre os vivos, seguiu com ardor a direção desse grande homem espiritual.

No primeiro capítulo geral da Congregação (1749) o Pe. Margotta foi nomeado procurador geral do Instituto, cargo que exerceu até a morte, ocorrida em Nápoles a 11 de agosto de 1764. Como procurador hospedava-se com Geraldo no palácio do pai de Santo Afonso.

Geraldo, nessa ocasião viu pela primeira vez a celeberrima cidade onde natureza e arte espargiram seus encantos, porém não perdeu nada do seu recolhimento e calma interior. Não se alterou sua alma mesmo no meio das ruas mais movimentadas da capital: “No meio das curiosidades de Nápoles, diz Tannoia, não perdeu o seu recolhimento, antes pelo contrário, ainda mais se concentrou sem Deus”.

O palácio, que habitou com o Pe. Margotta, era-lhe fiel mentor para não esquecer na grande cidade, o que lá menos se tem em vista; tudo recordava-lhe as virtudes, os grandes e difíceis combates, as ardentes preces, as penitências de seu venerando Pai, Santo Afonso.

Em perfeita união de sentimentos com o Pe. Margotta, desenvolveu-se entre essas duas santa almas, na esfera da virtude, uma porfia digna de todo o encomio e admiração. O fogo que ardia em um comunicava-se ao outro, nenhum queria ser excedido.

Como os negócios não eram urgentes, usaram ambos, com avareza santa, dessa ocasião para se dedicarem à piedade e à oração.

O Pe. Margotta dava preferência à igreja dos oratorianos para o exercício da sua devoção; lá celebrava o santo Sacrifício e permanecia horas inteiras de joelhos, prolongando suas orações muitas vezes até altas horas da noite.

Geraldo não lhe cedia a palma, ardoroso, como era, no amor à oração, à meditação e à visita do SS. Sacramento. Terminados os seus poucos e necessários giros pela cidade e arrumada a cozinha, consagra o resto do tempo à oração, aos exercícios de piedade e à visita aos diversos santuários da cidade. Nessas igrejas permanecia, às vezes, a metade do dia ajoelhado a um canto ou sobre o pavimento.

Alegrou-se imensamente ao constatar em Nápoles a exposição perene do Santíssimo à adoração dos fiéis, o ano inteiro, ora numa ora noutra igreja.

Assim encontrava facilmente ocasião de visitar o Santíssimo exposto todos os dias e de haurir assunto para as suas meditações. Às vezes iam os dois, Pe. Margotta e Geraldo, à igreja onde se achava exposto o Sacramento, caindo ambos numa espécie de êxtase de sorte que muitas vezes perdiam a hora de voltar para casa.

Costumavam visitar juntos os lugares, onde podiam lucrar indulgências.

Ao lado do Pe. Margotta e estimulado pelo fervor dele, Geraldo considerava a sua vida em Nápoles como um paraíso, na expressão de Tannoia; as palavras escritas nessa ocasião a Ripacandida são a expressão desses sentimentos: “Acho-me, escreveu, presentemente em Nápoles, com o Pe. Margotta e tenho tempo de desalterar minha alma na conversação com Deus”.

Porfiavam eles não só no amor de Deus e no seu serviço, mas também no rigor da penitência e na renúncia de si mesmos. O Padre Margotta andava pelas ruas de Nápoles como um “crucificado, na expressão de Tannoia, coberto de cilícios e cadêas de ferro, dormia sobre a terra nua flagelava-se cruelmente e preocupava-se tão pouco com o sustento do corpo, que por vezes o esquecia completamente”.

Em tudo isso imitava-o Geraldo com perfeição. Também ele torturava seu corpo com cilícios, flagelava-se, tomava por leito a terra nua e muito pouco se incomodava com o pão material. Quando uma vez Margotta voltou para casa ao meio dia e perguntou

ao companheiro o que havia preparado para o almoço, respondeu-lhe Geraldo em seu tom costumado de gracejo: “O que V. Revma. recomendou”. Queria dizer: “Nada”. — Diante disso crê-se facilmente o que um biógrafo de Geraldo escreve: “A vida de Margotta e Geraldo em Nápoles era um jejum contínuo; eles só matavam a fome, que sentiam de Deus”.

Quanto à abnegação própria, Margotta praticou-a com tanta perfeição que não só exerceu a pobreza ao ponto de precisar ser obrigado a aceitar um hábito novo, mas até de ir de porta em porta mendigando nos conventos, sem se incomodar com as zombarias a que se expunha.

Não procedeu de outra forma o nosso Geraldo. Como é sabido os *Lazzaroni* de Nápoles não pertencem à classe dos mais bem vestidos; não obstante até eles divertiam-se muitas vezes a custa de Geraldo e de suas vestes, tão pobrememente andava ele trajado. Mendigar à porta dos conventos era também muito do seu gosto; aparecia ora só ora em companhia de Margotta à portaria dos oratorianos em procura de um pedaço de pão, confundindo-se com os outros mendigos; e teriam continuado esse modo de vida, se os superiores maiores não lh'o tivessem proibido por inconveniente.

Porém mesmo após essa proibição não lhes faltou oportunidade para a abnegação. Achava-se um dia Geraldo na oficina de um artífice quando lá entrou um homem do povo. Este aproximou-se de Geraldo, cumulou-o de grosserias, pôs-lhe os dedos nos olhos

e no nariz dizendo: “Ó meu tesouro, como és belo!” O servo de Deus permaneceu insensível a esses gracejos de mau gosto; mas os presentes irritaram-se e ter-lhe-iam dado o merecido castigo, se Geraldo não tivesse intercedido pelo culpado. “Não é nada, disse, sou um pecador miserável. Que fez ele? quis divertir-se um pouco comigo”.

A oficina em que isto se deu, era o lugar em que Geraldo gostava de passar boas horas durante sua estada em Nápoles; lá fabricavam-se crucifixos e imagens de *Ecce Homo* de carton-pierre. Desejoso de aprender essa arte pediu instruções ao mestre, grande amigo da Congregação e obteve ótimo resultado, chegando a confeccionar diversos crucifixos para distribuí-los entre o povo.

Entretanto a vida de Geraldo em Nápoles não foi de completo silêncio. Como poderia ele ficar sem atividade? Onde há fogo, difunde-se luz e calor, por mais oculto que esteja. Como Margotta também Geraldo encontrou, sem procurar, ocasião para os trabalhos apostólicos. Pobres havia muitos na cidade e pecadores lá não faltavam. Quanto ao tratamento dos primeiros, Margotta foi exemplar; compadecia-se tanto deles que não raras vezes lhes dava peças de roupa necessárias para a sua pessoa. Encontrando um dia na cidade um pobre muito necessitado, deu-lhe os seus sapatos e voltou descalço para casa.

A porfia santa de Geraldo com seu mestre nesse particular, mostra-o o episódio seguinte.

O Irmão Francisco Tartaglione achando-se a negócios em Nápoles, entregou a seu confrade algum dinheiro para comprar víveres. De caminho Geraldo encontrou um indivíduo maltrapilho que vendia pederneira e mecha. O olhar compassivo do servo de Deus inspirou-lhe coragem; pediu-lhe tivesse dó de um miserável que estava a morrer de fome. Não foi preciso mais para o bom irmão se esquecer do pão e dos peixes: comprou do vendedor toda a pederneira e mecha. Ao voltar para casa Francisco Tartaglione perguntou a Geraldo pela refeição preparada. Como resposta, o santo abraçou seu confrade dizendo alegremente: “Porque tantos cuidados? Só Deus e nada mais”. — Está certo, replicou o Irmão Francisco, mas agora é preciso também pensar na refeição”. Mal pronunciara essas palavras, viu sobre a mesa as pederneiras e as mechas. “Que é isso?” perguntou. “Meu caro confrade, respondeu Geraldo, tudo isso nos pode ser útil; devo porém confessar-lhe francamente. Quando sai para fazer as compras, dei com um homem que vendia esses objetos; estava morto de fome, tive dó e com o dinheiro que me destes comprei estas coisas”. Embora descontente com essa resposta que não lhe matava a fome, ocultou Francisco seu desgosto admirando a grande caridade do santo. Entretanto Margotta voltou para casa. Geraldo foi logo participar-lhe o ocorrido e comunicar-lhe que havia feito a esmola presumindo a licença do superior. O Pe. Margotta sorriu-se e disse: “Mas que comeremos hoje?” “Deus providenciará” respondeu



Geraldo. E de fato, na hora da refeição bateram à porta. “Eis o que nós esperávamos” exclamou Geraldo dirigindo-se à portaria em companhia de Margotta. Lá estava uma criada com um cesto repleto de víveres, presente de um senhor desconhecido.

O santo irmão dedicou-se também de modo especial aos doentes. Encheu-se de compaixão ao entrar no hospital dos incuráveis. Daí por diante visitou muitas vezes esse hospital; lá ia de cama em cama, falando aos doentes da paciência, do valor dos sofrimentos, da resignação com a vontade de Deus, das alegrias do céu. Aos moribundos tratava com solicitude particular preparando-os para a morte e a entrada na eternidade. Às obras de misericórdia espiritual ajuntava ainda serviços corporais, fazia a cama aos doentes, limpava e pensava-lhes as feridas, dava-lhes o alimento e a bebida etc. Como não era lícito fazer sempre essas visitas aos enfermos, aproveitava-se dos dias em que eram permitidos pelo regulamento do hospital.

Desvelo especial teve para com os dementes. Não sabemos como é que ele conseguiu licença de entrar no hospício dos alienados; os seus biógrafos dizem apenas que ele lá esteve muitas vezes. Era tocante vê-lo entreter-se com esses infelizes, acomodando-se aos diversos estados dos doentes e agindo salutarmente sobre aqueles espíritos perturbados, por meio de discreta alegria e mansa animação. Às vezes reunia-os ao redor de si no pátio, ensinava-lhes a invocar a Deus e os santos e esforçava-se pa-

ra lhes inculcar submissão aos guardas e vigilantes. Essa caridade agiu eficazmente sobre os ânimos dos mentecaptos. Sempre que Geraldo aparecida, os loucos agrupavam-se ao redor dele como os filhos em torno de sua mãe. Alguns externavam a sua satisfação com palavras lisonjeiras. “Padre, diziam, vós nos consolais tanto, queremos estar sempre convosco, não nos deixeis mais”. “Não queremos que vos vades, exclamavam quando Geraldo se despedia, as coisas que nos dizeis, nenhum outro as diz; a vossa boca é do paraíso, queremos ouvir-vos sempre”. Às vezes Geraldo levava doces e frutas e repartia-os com os loucos para torná-los mais obedientes e dóceis.

Só uma vez o apego dos infelizes a Geraldo quase teve conseqüências funestas. Estando o santo para sair, dois loucos saltaram e agarraram-no dos dois lados impedindo-lhe qualquer movimento. “Não, não queremos que vos vades” gritavam os doidos apertando-o sempre mais. Como essa ternura dos mentecaptos se tornava sempre mais intensa, o irmão correu risco de ficar sufocado ou espremido. Felizmente um outro louco correu em auxílio do santo; dando murros saltou por entre os dois companheiros gritando imperiosamente: “Alto lá! nem tanta confiança com o confessor dos doentes!” Geraldo deu ainda alguns conselhos e retirou-se.

Também em Nápoles o santo dedicou-se ao seu trabalho predileto: à conversão dos pecadores; nesse particular foi incentivado admiravelmente pelo zelo

extraordinário de Margotta que envidava todos os esforços para reconduzir os extraviados ao caminho da virtude. Deus servia-se dele para instrumento de graça, como o prova o fato seguinte ocorrido durante a sua estada em Nápoles. Ao passar por perto de um palácio ouviu Margotta uma voz interior que lhe dizia: “Entra no palácio e dize ao senhor dele que se converta, porque do contrário será alvo da ira divina”. Encorajado sobrenaturalmente o Pe. Margotta entrou no luxuoso palácio e cumpriu a sua missão e não sem resultado. O rico pecador compungiu-se, cedeu às inspirações da graça e decidiu-se a romper com a vida passada para começar uma nova segundo o beneplácito divino.

Geraldo imitou com honra o exemplo de Margotta. Lançava sua rede sempre que podia, e como diz Tannoia, não passou nem um só dia sem ver recompensada essa sua pesca d’almas. Sempre que, a negócio, passava por alguma venda, livraria ou oficina, esforçava-se por cativar os rapazes, mormente os operários que lá trabalhavam, a fim de os ganhar para a virtude. Quando percebia que algum deles trilhava mau caminho, não o perdia mais de vista e insistia até reconciliá-lo com Deus. Os convertidos tornavam-se geralmente apóstolos auxiliares do santo, procurando parentes e conhecidos e levando-os ao servo de Deus, de sorte que, na expressão de um seu biógrafo, a residência de Geraldo se tornou uma “antecâmara da penitência”. O Pe. Margotta teve repetidas vezes a satisfação de receber das mãos do irmão,

pecadores contritos para lançá-los nos braços do Redentor.

A penetração das consciências foi também aqui, muitas vezes, o primeiro passo para a operação da graça, a primeira alavanca para remover o rochedo da culpa de um coração. Geraldo entrou uma vez em um negócio onde se vendiam rosários, medalhas e outros objetos de devoção. Lá se achava nesse momento, um sacerdote por nome Francisco Colella. Ao perceber-se na presença de dois sacerdotes o negociante pôs-se a discorrer sobre coisas edificantes dando aparências de piedade para assim fazer negócios mais lucrativos. Infelizmente a sua piedade não era real e a sua vida muito se distanciava das belas palavras que proferia. Depois de ouvi-lo longo tempo, Geraldo acenou-lhe para uma conversa particular. A sós com ele repreendeu-o fortemente por causa da sua hipocrisia e revelou-lhe um pecado gravíssimo que lhe pesava na consciência e do qual ninguém podia ter conhecimento; depois retirou-se deixando o pecador transido de assombro. Este, passado o susto, foi ter com Colella e disse-lhe: “Esse religioso deve ser um grande servo de Deus”. — “Que vos disse ele?” perguntou Colella. “Ah, replicou o negociante, estou como que fora de mim, descobriu-me um pecado que só Deus e eu conhecíamos”. É escusado dizer que o homem completou sinceramente a sua conversão.

Antes de tudo procurou Geraldo exercer a sua caridade para com quem tinha sobre ela o primeiro direito, isto é o Pe. Margotta.

Esse virtuoso sacerdote sofria cruelmente sob o peso dos escrúpulos; meses inteiros achava-se sua alma envolvida em densas trevas; seu espírito não encontrava luz, seu coração entristecera-se e sua vontade abatera-se em um profundo desânimo. Geraldo compadeceu-se do sacerdote, consolou-o, reanimou-o e teve a felicidade de ver seus esforços coroados de pleno êxito, como o próprio Margotta o confessou ao Padre Robertis.

É certo que naquela ocasião não podia prestar-lhe todo o auxílio, como o próprio Geraldo o afirmou. Achando-se um dia o Pe. Margotta mais oprimido que de costume disse a Geraldo: “Vinde e vamos ao Irmão Cosimo em São Jorge para que ele implore de Nossa Senhora algum consolo para mim (ele referia-se à uma conhecida imagem na igreja dos Pios Operários). “Vamos, respondeu Geraldo, mas desta vez não conseguireis a graça”. Visitaram São Jorge, falaram com o Irmão Cosimo e pediram suas orações, mas ao voltar para casa sentiu-se Margotta ainda mais abatido e triste do que antes. Mais tarde, como veremos, conseguiu Geraldo restituir-lhe a paz e a consolação desejada.

Se o servo de Deus deu provas de que lia no futuro, também demonstrou que coisas distantes não escapavam às suas vistas. O leitor lembrar-se-á ainda do arcepreste Felix Coccione, que batizou o nosso

santo. Ele tinha um irmão chamado Francisco que lhe sucedeu no cargo de arcebispo, gozando grande coação em Muro. Esse digno sacerdote foi assassinado em plena rua. Geraldo, ao longe viu esse triste acontecimento e participou-o a três dos seus conterrâneos. Um deles conta o fato do modo seguinte: “Geraldo vinha muitas vezes a minha casa, onde rezávamos juntos o terço. Uma tarde pareceu-me ele extremamente abatido. À pergunta pela causa da sua tristeza respondeu: “Meu caro Paschal, nosso bom arcebispo Coccione acaba de ser assassinado em Muro”. — Mas isso é impossível, repliquei — ontem ainda recebi uma carta de Muro e nada consta lá de um tal acontecimento”. Geraldo insistiu: “Não há dúvida nenhuma, meu caro conterrâneo, é assim mesmo como vos digo”.

E de fato o primeiro correio trouxe-me a notícia da funesta tragédia; percebi que Geraldo recebera comunicação do céu sobre o fato.

Dois ou três dias antes, a 11 ou 12 de outubro de 1754, achando-se o santo no recreio, exclamou de repente: “O nosso Padre Latessa acaba de entrar no céu”. O Pe. Angelo Latessa, digno filho de Santo Afonso, falecera em Caposele a 5 de outubro, no oitavo dia da sua morte Geraldo viu sua alma purificada chegar à visão de Deus.

Geraldo pretendia passar despercebido e desconhecido em Nápoles, mas não o conseguiu. Os seus dotes naturais e seus carismas sobrenaturais atraíam

sempre mais as vistas de todos e conquistaram-lhe em todos os lados amigos e veneradores.

Em suas visitas a diversos conventos de Nápoles o Pe. Margotta levava consigo o Irmão Geraldo. Muitas vezes uma única palavra de seus lábios bastava para chamar a atenção de todos, como sucedeu com os Pios Operários, oratorianos e jesuítas. Entre estes destacou-se sobretudo o Pe. Francisco Pepe, homem de grande ilustração e santidade, que se encheu de admiração pelo santo, com o qual se entretinha, horas e horas, sobre assuntos da via espiritual. O Pe. Pepe recebera do Papa Bento XIV plenos poderes para conceder certas indulgências aos fiéis. Desejando usar retamente dessa faculdade para o bem de pessoas dignas, encarregou Geraldo de auxiliá-lo distribuindo prudentemente certo número de indulgências. Geraldo podia concedê-las a quem freqüentasse a santa Comunhão, visitasse diariamente o SS. Sacramento, prestasse culto a Nossa Senhora visitando suas imagens ou jejuando aos sábados. Usando essas faculdades concedia também aos sacerdotes o altar privilegiado.

O que mais admiravam em nosso santo era a sua assombrosa sabedoria. Em toda a parte ficavam pasmos ao ouvir esse simples irmão leigo falar com a precisão de um professor de teologia sobre os mais sublimes mistérios da fé. Como é natural pessoas menos bem intencionadas procuravam pôr à prova essa sabedoria do santo, que entretanto sempre se saía bem, confundindo muitas vezes os corações

maldosos. “Durante a minha estada em Nápoles, conta o Pe. Celestino de Robertis, foi ter conosco um sacerdote que se estava especializando no tratado da SS. Trindade; começou com o irmão uma palestra sobre esse assunto. Propôs os pontos mais difíceis, como a geração do Verbo, a igualdade dele com o Pai, a processão do Espírito Santo etc. Geraldo respondeu a tudo qual primoroso e abalizado teólogo. Eu fiquei assombrado pelo modo com que refutava todas as objeções bem como pela facilidade e clareza com que se exprimia; o irmão não se embaraçou nem uma vez, pelo contrário, o sacerdote é que se viu em apuros para se sair da rede complicada que tramou”.

Aos poucos tornou-se Geraldo o assunto das palestras das almas piedosas, e não tardou a ser procurado por pessoas de todas as condições. Uns iam ter com ele por curiosidade, outros em procura de conselhos; não poucos abriram-lhe os seus corações pedindo os auxiliasse a fazer uma boa confissão.

Também senhoras distintas e fidalgas abordaram-no nas questões das suas almas; o santo era visto ora num ora noutra palacete sendo sempre acolhido com acatamento e consultado como confessor. O irmão furtava-se geralmente a esses convites, porém às vezes havia circunstâncias e atenções a que ele não podia esquivar-se.

Achava-se o santo sozinho em casa, quando se apresentou um senhor muito bem trajado dizendo que sua patroa, dama da alta nobreza, pedia a visita



de Geraldo. Este logo notou que o empregado não o conhecia e julgou poder facilmente furtar-se à visita. Sorriu com ar de desprezo dizendo: “Não compreendo porque procuram tanto esse irmão; ele é um tolo, meio louco”. Com essas palavras despachou o empregado que referiu fielmente à dama o que ouvira do porteiro. Das circunstâncias percebeu a senhora que o porteiro não era outro senão o santo. Como ela desejava recomendar-lhe sua filhinha gravemente enferma dirigiu-se no dia seguinte, de manhã, à igreja do Espírito Santo que Geraldo costumava freqüentar. Ela estava já na igreja, quando Geraldo chegou; correu a seu encontro e conjurou-o a que curasse sua filhinha. O santo volveu seus olhos ao tabernáculo e apontando-o disse-lhe: “É aquele, e não eu, que distribui as graças!” “Sim, mas é por vosso intermédio que devo receber essa graça” respondeu com confiança a aflita mãe. Geraldo prometeu orar pela enferma. A senhora permaneceu ainda algum tempo rezando na igreja.

Não tardou muito, apareceu a dama de honra anunciando que a doença da menina cessara repentinamente e que a pequena estava completamente sã. A cura coincidiu com o aumento em que Geraldo prometeu orar pela enferma.

Margotta entretanto chegou à conclusão de que seria melhor não prolongar por mais tempo a estada de Geraldo em Nápoles; não havia já descanso nem tranqüilidade em casa; além disso não queria expor o bom irmão à tentação da vaidade. Pediu a Santo A-

fonso chamasse de Nápoles a Geraldo ao menos por algum tempo. O santo fundador, acedendo a esse pedido, adscreeveu Geraldo à casa de Caposele.

O santo jubilou com essa transferência; humilde como era, julgava-se incapaz para tudo e desejava a solidão. Pouco antes da sua partida da capital desabafou-se em uma carta a Ripacandida: “Ó meu Deus, estou perdendo tempo! que infelicidade, perco tantos momentos, horas e dias e não sei tirar proveito deles! quanta perda! Deus me perdoe... Mas agora eu me retiro para agradar a Deus; pedir-lhe-ei que me prenda de tal modo que não possa mais sair de casa; espero que Ele me atenda”.

Essa esperança realizou-se, porém só em parte, como veremos.

Em princípios de novembro de 1754 Geraldo deixou a cidade de Nápoles, onde passara mais de três meses, para se dirigir à sua nova residência de Caposele.

## CAPÍTULO XX

### O porteiro

O santo caminhava para o termo da sua carreira; tinha ainda dez meses apenas de vida, findos os quais essa bela estrela, que tanto se elevava no horizonte brilhando sempre com mais viva luz, deveria apagar-se às vista dos mortais. Um pressentimento do fim que se aproximava, acompanhou o irmão a Caposele.

Também lá foi-lhe concedido, como alhures, a felicidade de ter como superior um homem, não só de valor para o desempenho do seu cargo mas de influência salutar sobre ele.

Se na chefia da casa não se achava já o seu diretor e pai, o Pe. Giovenale que regia o convento por ocasião da dura prova por que passou, o Pe. Gaspar Cajone, novo reitor não lhe ficava atrás em virtude e habilidade, e pertencia como o Pe. Cafaro e o Pe. Fiocchi, aos ornamentos e alicerces da Congregação.

Cajone nasceu na cidade episcopal de Tróia, no reino de Nápoles, a 4 de agosto de 1722. A princípio pretendeu dedicar-se ao serviço do governo, plano esse que abandonou ao completar seus vinte e quatro anos de idade. Ocasão para isso foi a missão pregada por Santo Afonso em Tróia. No processo da beatificação do santo conta Cajone: “Eu assistia às pregações de Afonso e, sem dele me ter ainda apro-

ximado, formara já alto conceito da sua santidade. Suas vestes pobres, a modéstia do seu exterior, seu recolhimento contínuo, o zelo apostólico com que anunciava a palavra de Deus, tudo isso insinuou-me o desejo de dizer adeus ao mundo”. Essa aspiração realizou-se uns anos mais tarde (1751) quando lhe caiu nas mãos o precioso livro sobre “a vocação à vida religiosa” que o santo naquela época entregara ao prelo. Leu-o atentamente e durante a leitura não só renovou-se o antigo apelo da graça mas também romperam-se os laços que prendiam seu coração ao mundo. Entrou no noviciado e na vida religiosa com a virilidade própria de sua idade e do seu caráter. Após dois anos de congregação, foi julgado apto para o cargo de reitor em Caposele, cargo esse em que prestou relevantes serviços ao Instituto durante longos anos. No capítulo geral convocado e presidido por Santo Afonso em Pagani (1764) foi eleito consultor-geral e exerceu esse cargo até o fim da vida. Em 1779 fundou a residência de Benevento, da qual foi o primeiro reitor. Incansável na vinha do Senhor, sábio conselheiro e santo religioso, austero, pontual e prudente, atingiu idade avançada, foi testemunha no processo da beatificação de seu pai espiritual Santo Afonso e faleceu a 30 de outubro de 1809.

Esse era o homem que a Providência deu por superior a Geraldo no último quartel da sua vida.

“A vida de Geraldo em Caposele, relata Tannoia, foi a mesma de Iliceto. Sempre humilde e paciente, mostrou-me continuamente amigo do trabalho, do

recolhimento e da união com Deus. Todo ofício era-lhe agradável: na cozinha; na padaria, na portaria cumpria sempre o seu dever com indiferença de ânimo, porquanto, dizia ele, pode-se servir a Deus e fazer sua vontade em qualquer cargo. O Pe. Cajone afirma que Geraldo, por assim dizer, arrancava para si o serviço das mãos dos seus companheiros. Doente ou são, trabalhava sempre até ao cansaço”.

Logo que Geraldo chegou a Caposele confiaram-lhe o cuidado da portaria.

A aptidão do santo para esse cargo importante deduzimo-la das palavras que pronunciou ao receber as chaves da portaria: “Estas chaves devem abrir-me as portas do paraíso”.

Prazer especial nesse novo cargo causou-lhe a incumbência de distribuir esmolas aos mendigos e necessitados que se apresentavam na portaria.

Um dos seus biógrafos escreve: “O novo cargo proporcionou a Geraldo imensa satisfação por lhe estar unido o encargo de cuidar dos pobres. Não houve jamais mãe que tratasse de seus filhinhos com mais desvelo e solícitude do que Geraldo de seus pobres. Sabia jeito de não despachar a ninguém descontente; as explorações e grosserias não o vexavam nem impacientavam. Havia pobres, que depois de socorridos, voltavam segunda vez pedindo nova esmola.

Geraldo bem os percebia, mas alegrava-se por reclamarem, embora ardilosamente, a sua caridade”. Desculpando-os dizia: “Nosso Senhor também rouba

os corações”. Denominava-os “os meus pobres” ou “os pobres de Cristo” e mostrava-se, quanto possível, generoso para com todos. Santorelli censurou-lhe um dia em sua generosidade sem medidas. “Deveis fazer distinção, disse, e socorrer só os que são realmente indigentes”. “Absolutamente não, respondeu o irmão, todos devem receber alguma coisa porque todos me pedem pelo amor de Deus”.

Que entretanto Geraldo fazia distinção, prova-o o desvelo que tinha para com os pobres doentes que não podendo ir à portaria, mandavam os filhos ou parentes em busca de comida. Os doentes recebiam caridade dobrada; por amor deles ia pessoalmente à cozinha e escolhia os melhores e mais leves pratos, às vezes tirava de seu próprio prato para lhes fornecer alimento mais delicado. Quando não encontrava coisa mais fina, dava-lhes pedaços de pão de trigo para o preparo de saborosa sopa. Às vezes obtinha permissão de revistar a dispensa do convento e alegrava-se quando lá achava doces ou passas para os seus doentes. Com ternura dizia: “Para os doentes pobres precisamos sacrificar tudo, porque eles são a imagem de Jesus Cristo. Esse mesmo pensamento exprimiu-o ainda mais engenhosamente com as palavras: “O SS. Sacramento é o Cristo invisível e o pobre doente é o Cristo visível”.

Quando tinha licença levava pessoalmente os donativos ao domicílio dos pobres enfermos. Nesse caso levava não somente esmola mais copiosa e re-

médios, mas ainda lenitivo e conforto com palavras repassadas de caridade e consolo celestial.

O Pe. Tannoia referindo-se a essas visitas do santo ao domicílio dos pobres escreve: “O que Geraldo dava na portaria era o menos. Quantas famílias, que não podiam ir ao convento eram sustentadas por sua caridade! quantas viúvas recorreram a ele com excelente resultado! quantos esforços não envidou e quantos meios não empregou a fim de arranjar boas colocações para moças e assim desviá-las dos perigos facilitando-lhes um bom casamento!”

Em se tratando dos pobres, a sua confiança em Deus não tinha limites, como se tivesse hipotecada em mãos a garantia da Providência; e não se pode negar que o Senhor o abençoou nessa sua confiança.

Preparadas as comidas para o almoço entrou Geraldo uma vez na cozinha com as vasilhas dos pobres. O cozinheiro, humanamente falando, não era grande amigo do generoso pai dos pobres, que o pusera muitas vezes em tristes apuros. Observou-o pois atentamente. O santo examinou as comidas preparadas e pôs-se a tirar tanto das panelas que o cozinheiro perdeu a paciência e gritou-lhe: “Que estais fazendo aí, irmão?, para a comunidade então não fica nada?” Geraldo respondeu: “Deus providenciará” e continuou a tirar até encher todas as vasilhas. “Vamos ver onde vai parar isso” murmurou o cozinheiro supondo que a comida não bastasse para os confrades. Mas, ó prodígio! na hora da refeição não faltou coisa

alguma; pelo contrário, sobrou muito e ainda se pôde dar mais aos pobres.

Caposele necessitava naquele tempo de um porteiro caridoso e miraculosamente protegido pela Providência. Excepcionalmente frio o inverno daquele ano, e excessivamente escassa a colheita de 1754; daí a fome dos indigentes já no mês de dezembro. A região de Caposele sofreu imensamente com isso; eis o motivo do aumento extraordinário dos mendigos à porta do convento. Todas as manhãs lá compareciam cerca de duzentos pobres; homens, mulheres, crianças e velhos. O Pe. Cajone recomendou ao porteiro muita solicitude com os pobres. “Irmão, disse-lhe, agora deveis pensar em tudo! se não cuidardes dos pobres, morrerão todos. Não vos imponho limites, permito-vos empregar para isso tudo o que temos em casa”.

O reitor não precisou dar duas vezes semelhante ordem; Geraldo pôs-se imediatamente em ação em prol dos pobres.

Aquela pobre gente andava mal vestida, quase nua, sofrendo por isso horrivelmente as inclemências da temperatura. Geraldo procurou remediar esse mal na medida do possível; percorreu a casa, examinou os armários da rouparia, tirou as vestes usadas com as quais beneficiou grande número de indigentes.

Reduziu ao extremamente necessário a sua própria roupa para poder auxiliá-los.

Devido ao rigor do inverno os pobres sofriam não pouco com a espera no adro do convento; Geraldo



mandou levantar lá uma fogueira para aquecer sua pobre gente.

Comovia-se até às lágrimas ao ver as criancinhas que o rodeavam a tiritar de frio. Exclamava: “Nós pecamos, e estas criancinhas tem de sofrer por nossa causa”; tomava-lhes as mãozinhas e acalenta-as entre as suas, vendo nos inocentes a pessoa de Jesus que sofreu inocente pelos nossos pecados.

Na proporção que se aumentava a miséria, crescia a confiança do santo na divina Providência; e quanto mais se intensificava esta, tanto mais se manifestava o auxílio direto do céu. Acontecia encontrarem-se no convento somas de dinheiro, de cuja procedência ninguém tinha conhecimento, e que bastavam justamente para socorrer as necessidades dos pobres. “Três ou quatro vezes, conta o Pe. Cajone, apresentou-me o servo de Deus não insignificante importância de dinheiro, encontrada à porta da casa. Só Deus e Geraldo sabem donde veio e quem lá a deixou”.

É impossível descrever quanto pão e quantos viveres o santo distribuiu. “Era opinião geral em Caposele, escreve Tannoia, e os nossos o viram muitas vezes, que o pão se multiplicava nas mãos de Geraldo. Um dos nossos clérigos atestou ter visto os cestos, esvaziados por Geraldo, encherem-se subitamente de pães; um outro relatou que um cesto cujo conteúdo Geraldo havia esgotado, imediatamente depois se achou ainda mais cheio do que antes”.

O irmão encarregado da padaria notou uma vez que Geraldo havia distribuído entre os pobres todo o pão da dispensa, de sorte que para a comunidade não sobrou nem uma fatia. O irmão calou-se; poucos minutos antes do jantar foi dar parte do ocorrido ao superior; embora de manhã tivesse enchido o forno, não restava nada para os confrades. O Pe. Cajone mandou chamar Geraldo e repreendeu-o diante do acusador mostrando-lhe a imprudência com que agira, porquanto naquela hora era impossível comprar pão fora do convento. Geraldo ouviu calmo e modesto a repreensão do reitor, dizendo depois: “V. Revma. não deve temer, Deus providenciará!” e dirigindo-se ao confrade continuou: “Meu irmão, olhai melhor e vede se não sobrou pão”. — “Nem um pedacinho, replicou este um tanto agastado, e para vos convencerdes disso, vamos juntos à dispensa”. O humilde Geraldo acompanhou o irmão que apressou os passos até o depósito dos pães. Com a mão na tampa disse: “Vede, vede se há aqui um pedaço sequer” e abriu a caixa. Esta estava cheia até em cima”. Louvado Deus! exclamou Geraldo e foi imediatamente à igreja para agradecer ao Senhor. O irmão que censurara a liberalidade de Geraldo, ficou mudo de assombro. Nesse estado encontrou-o o Reitor, que ao ver tanta quantidade de pães, pediu explicações ao acusador. “Meu Padre, respondeu ele, Geraldo é de fato um santo e eu quis que V. Revma. lhe desse uma penitência, quando fui ter com V. Revma., aqui não havia uma migalha de pão e agora, vindo aqui

com Geraldo, encontrou pão em abundância. Isto ninguém, senão Deus, podia ter feito!” “Sim, replicou o reitor, foi Deus quem o fez; deixemos Geraldo agir, porque Deus está com ele”.

Desejando Geraldo causar especial alegria aos pobres preparou-lhes com o auxílio dos confrades uma boa quantidade de macarrão. Chegada a hora da repartição o servo de Deus levou a macarronada à portaria, mas eis os pobres eram muito mais numerosos, naquele dia, do que em outras ocasiões. Não havia proporção entre o macarrão e a turma dos mendigos. Geraldo não se inquietou; distribuiu, encheu prato por prato sem parcimônia. A macarronada deu para todos e ainda sobrou com admiração dos irmãos que auxiliaram Geraldo. As comidas aumentavam-se nas mãos do servo de Deus.

As muitas distribuições causaram sensível diminuição de trigo na dispensa. O Pe. Cajone que não queria tentar a Deus quis limitar um pouco a liberalidade de Geraldo e disse-lhe: “Irmão, dai o que puderdes, mas nada falte à comunidade”. Geraldo respondeu: “Não vos inquieteis, meu padre; Deus, como o espero, providenciará tudo”. Ah! Irmão, replicou o superior, vós quereis milagres à força”. Em seguida o padre Cajone desceu ao celeiro e vendo-o repleto reconheceu infundado o receio de vir a faltar o pão. Assombrado voltou para casa, onde encontrando-se com Santorelli, que entrava, disse: “Meu caro doutor, estou pasmo de admiração. A nossa provisão de trigo estava já esgotada. Queixando-me disso a Geraldo,

ele respondeu-me do seu modo cheio de fé: Deus providenciará. Acabo de examinar o celeiro e encontro-o cheio. Eu me confundo diante do poder taumaturgo e da virtude do nosso santo irmão”.

Amparado assim pela Providência, o santo aliviou a necessidade de muitas centenas de pobres nos meses de janeiro e fevereiro de 1755 em que se revelou mais aguda a carestia. O santo sentia-se tão contente e grato para com Deus que, nessa ocasião não era preciso nada de extraordinário para o inundar de prazer e alegria.

Em Caposele vivia um habilíssimo flautista e cantor por nome Felipe Falcone. Esse pobre cego era um dos melhores amigos de Geraldo e dos mais assíduos à portaria. Um dia disse-lhe Geraldo: “Toca”. — Que quereis que eu toque? perguntou o cego. “Toca o hino

*Il tuo gusto e non il mio*

*Voglio solo in te mio Dio etc.*

Geraldo, já às primeiras palavras, aprofundou-se nos sentimentos por elas expressos. Enebriado do amor divino, pôs-se a saltar e a dançar repetindo as palavras do hino: “Não o meu mas o vosso gosto” De repente cessaram os movimentos, os olhos do santo fitaram o céu e na presença de todos Geraldo elevou-se nos ares na altura de alguns palmos.

Assim como Jesus nos dias da sua vida mortal nunca deixava de unir o pão do corpo ao da alma, Geraldo também procurava não só socorrer às ne-

cessidades corporais dos pobres, mas também às das suas almas.

Antes da distribuição do pão ensinava regularmente aos pobres o catecismo. Colocados, em grupos, todos os indigentes, as crianças na frente e os adultos atrás, falava-lhes das verdades da fé e dos deveres do cristão acomodando-se à capacidade compreensiva dos ouvintes. Para movê-los à paciência e à resignação, mostrava-lhes Jesus a carregar sua pesada cruz. Exortava-os à oração e à recepção dos santos sacramentos, sugerindo-lhes sentimentos de contrição e ódio ao pecado.

As catequeses de Geraldo eram bálsamo para os pobres, e beneficiavam também a muitos outros que não pertenciam à classe dos mendigos.

Ao correr a notícia de que Geraldo unia às esmo-las palavras de salvação, muitos moradores de Caposele afluíam à portaria na hora da distribuição para ouvir as explicações do santo irmão, e não poucos aprenderam verdades que ignoravam, ou sentiram emoção santa que nunca haviam experimentado até então.

“Era belo ver, diz Tannoia, como muitos dos ouvintes iam à igreja e contritos se prostravam aos pés do confessor. Diversos, de vida escandalosa, e remissos na recepção dos sacramentos, aproximaram-se humildes do tribunal da penitência, convertidos pelas palavras de Geraldo”.

Entre essas conversões sobressai a de uma moça, aparentemente piedosa, que vivia em sacrilégio e

má vida; iludia a si e aos outros e não se preocupava com as admoestações dos confessores. Um dia apareceu também ela à portaria. Geraldo conheceu logo a podridão de sua alma; despachados os mendigos, chamou-a à parte e pôs-lhe em vivas cores diante dos olhos o estado deplorável da sua alma. A admoestação do santo surtiu efeito; a pecadora caiu em si; Geraldo enviou-a ao Pe. Fiocchi em Iliceto, onde entre lágrimas e soluços fez a sua confissão. A sua vida posterior provou terem sido sinceras as suas lágrimas. Humildemente narrou em público os seus desvarios e o modo como fora convertida por Geraldo. O Pe. Cajone em uma relação posterior louva a sua perseverança. “Ela continua, diz ele, com edificação geral e não pode lembrar-se de Geraldo sem soluçar de saudades e gratidão”.

Essa recordação grata muitas vezes acompanhada de lágrimas, não era coisa rara entre os que apareciam à portaria de Caposele, se encontravam com o santo e dele recebiam o pão e o consolo. A fisionomia de Geraldo ficou indelevelmente gravada na lembrança dos pobres que dele falavam como de um pai e o veneravam como a um santo.

Esse amor de Geraldo aos pobres era um eflúvio da sua perfeita caridade, o que se depreende do seu procedimento para com todos, maxime com seus confrades. Lembramo-nos que em Nápoles o santo consolava o Pe. Margotta e lhe predissera para mais tarde a cessação dos seus escrúpulos e sofrimentos interiores. Em Caposele o santo não esqueceu o seu

caro confrade; pedia com instância a Deus, quisesse libertá-lo dos seus sofrimentos; não contente com as orações ofereceu-se a Deus para tomar sobre si o peso que acabrunhava o pobre sacerdote. E o Senhor aceitou esse generoso oferecimento. O médico Santorelli, penetrando um dia em sua cela, viu-o com a pena na mão e perguntou-lhe: “Que fazeis aí?” “Estou escrevendo, respondeu o irmão, ao Pe. Margotta para lhe participar a cessação dos seus tormentos e exprimir o meu contentamento”. E de fato o Pe. Margotta viu-se livre, em Nápoles, dos seus sofrimentos espirituais, no momento em que Geraldo lhe escrevia; o santo porém foi assaltado de uma melancolia, que destoava imensamente da sua jovialidade habitual. Seus olhos perderam o brilho e o sorriso desapareceu dos seus lábios; parecia oprimido e acabrunhado de desânimo desolador. O superior perguntou-lhe pela causa da sua tristeza e Geraldo teve de revelar o segredo. “Eu não tinha coração, disse, para ver sofrer tanto o nosso Pe. Margotta; ofereci-me a Jesus para ser torturado em seu lugar”.

O fato seguinte mostra-nos ainda mais claramente a genuína e profunda caridade do santo.

A arte de confeccionar *Ecce-homos* e crucifixos, aprendida em Nápoles, Geraldo a exerceu em Caposele com a permissão dos superiores. Para isso necessitava de tintas e cola, que lhe eram fornecidas por Estevam Sperduto, marceneiro do convento. Este, agastado com os repetidos pedidos escondeu as tintas dentro do quarto, para mais facilmente poder

negá-las ao santo. Geraldo percebendo a mentira apontou-lhe o lugar onde estavam escondidos esses objetos. Apesar disso, o marceneiro tornou a ocultar o pote com as tintas e as colas. O novo esconderijo não foi menos impenetrável do que o primeiro. Geraldo encontrou tudo, mas não notou as tintas dentro do vaso da cola e, supondo tudo em ordem, colocou o pote ao fogo. A mistura das duas coisas estragou, naturalmente a ambas. Quando o marceneiro voltou para casa, vendo o acontecido indignou-se ao ponto de espancar o santo com uma bengala que tinha na mão. Geraldo pôs-se de joelhos exclamando: “Meu irmão, batei que tendes razão para isso”. A humildade de Geraldo acalmou o marceneiro, que arrependido disse: “Irmão supondes que vos quero matar; não, não vos quero mal, a raiva me cegou”. — E Geraldo, assim contou Sperduto mais tarde, nunca se queixou do meu mau procedimento e ficou sempre meu amigo. Eu porém reconheci nessa ocasião o seu grande valor que até então eu desconhecia”.

A sua caridade, mansidão e humildade conquistavam-lhe em toda a parte amigos e admiradores. Entre esses merece especial menção o Dr. Nicolau Santorelli, que aliás era homem apto para travar relações de amizade com o servo de Deus.

“Ele era, diz Tannoia, extremamente piedoso e terno venerador da SS. Virgem. Amava tanto a Jesus, que não podia furtar-se ao desejo da comunhão diária; passava muitas horas do dia em oração e união com Deus; mortificava-se e procurava crucificar-se



promovendo com seus trabalhos a maior glória de Deus. Fundada a casa de Caposele, colocou-se sob a direção espiritual do Padre Sportelli e mais tarde, do Pe. Cafaro; todas as manhãs, quaisquer que fossem as inclemências do tempo, ia visitar o seu diretor espiritual e dar expansões à sua devoção na igreja. Assistia regularmente à pregação dos sábados e das novenas, bem como a adoração do SS. Sacramento, em se incomodar com a distância que não era pequena”.

Apenas conheceu mais de perto o nosso santo relacionou-se com ele com a amizade de um irmão, procurando tirar proveito dos seus carismas extraordinários. Sempre que ia ao convento visitava o irmão e consultava-o sobre as necessidades de sua alma. De seu lado Geraldo correspondia fielmente à amizade de Santorelli, confiava-lhe os seus segredos e ajudava-o e a família dele em todas as dificuldades.

Quanto aos outros veneradores de Geraldo, cuja amizade muito o consolou nos últimos anos da sua vida, mencionemos apenas o Cônego Bozzio, que vimos relacionar-se em Atella com o servo de Deus. Ele continuou em Caposele a amizade lá iniciada e sentia-se feliz por poder estar perto do servo de Deus e entreter-se mais vezes com ele. Em suas visitas e palestras ficou conhecendo a fundo o espírito e a vida do santo, de sorte que lhe foi possível deixar aos pósteros uma relação muito interessante a respeito de Geraldo.

Dessa relação temos já haurido algumas citações, demo-la porém em sua íntegra ao menos quanto aos pontos principais, de um lado porque manifesta claramente a estima em que Geraldo era tido, e do outro porque contém magnífico testemunho sobre o irmão. Essa relação conduz-nos naturalmente ao assunto do capítulo seguinte.

“Desde o início da nossa amizade, diz Bozzio, deu-me Geraldo inúmeras provas da sua comprovada virtude. Eu tinha por certo (e julgo não ter errado) que o espírito do irmão estava constantemente abismado na Divindade; daí aquela união íntima com Deus, a qual se manifestava ora mais ora menos claramente. Tendo-se ele distinguido na união prática com Deus, isto é na conformidade da vontade humana com a divina, de maneira a falar sempre dela com profunda compenetração e a viver desapegado completa e constantemente das coisas terrenas, não duvido que Deus o tivesse também elevado à união quiescente.

Prova disso tive pouco tempo antes da sua enfermidade mortal. Estávamos conversando a sós, quando ele me perguntou a significação de alguns versos do salmo 17 que começa com as palavras: *Diligam te Domine, fortitudo mea* (quero amar-vos, Senhor fortaleza minha), e em particular a significação das palavras *Inclinavit caelos et descendit et caligo sub pedibus ejus* (inclinou os céus e desceu e a escuridão da noite estava sob seus pés). Entendi logo que ele queria falar da oração, que os místicos

denominam contemplação na via negativa e que lhe dava, sempre que a praticava, a aparência de um homem envolto em trevas misteriosas. Dei-lhe alguma explicação, mas ele, experimentado no assunto, falou melhor do que eu.

Em todos os seus trabalhos a vontade divina era o alvo a que aspirava. Essa aspiração não se perturbava nem sofria com a grande submissão que costumava prestar aos superiores.

Seu ânimo permanecia sempre o mesmo tanto nos dias em que Deus o visitava como nos que dele se afastava; era sempre o mesmo na aridez como na abundância da luz. Mesmo quando seus sofrimentos internos se revelavam externamente, não se notava nele nenhuma contrariedade ou impaciência.

A sua conduta era um misto de encantadora modestia e graciosa jovialidade. Se algumas das suas ações pareciam esquisitas e estranhas, era o efeito da ininterrupta união com Deus e, em parte, do desejo que tinha de ser tido na conta de louco desprezível a todos. Ele possuía, aliás, claríssimo espírito e natureza moderada.

Para expressar tudo em poucas palavras, digo que tenho por muito verossímil o que padres da sua Congregação e santos homens experimentados na vida espiritual têm afirmado, isto é que Geraldo possuía êxtases admiráveis, obediência em grau heróico a ponto de executar ordens que lhe eram dadas mentalmente; que ele se gloriava dos sofrimentos como os profanos de suas falsas alegrias, submetendo-se

perfeitamente às determinações da Providência, por penosas que lhe fossem, e que ele tinha verdadeira fome dos sofrimentos. Também tenho como certo o que pessoas fidedignas dele têm relatado, isto é, que ele penetrava os corações conhecendo-lhes as tentações, inclinações não mortificadas, aridez e consoções; que ele podia predizer o tempo reservado para a purificação de uma alma, bem como os momentos próximos ou distantes das visitas do Senhor; e que ele tinha o dom da profecia e os dos milagres.

No referente a sua obediência, poderão os padres da Congregação fornecer testemunhos mais exatos; eu posso assegurar que Geraldo sempre falava dela com o mais profundo respeito dedicando-lhe intenso amor em seu coração. Um dia achava-me eu no campo, durante o recreio, nas proximidades do convento de Caposele. O superior, que me tinha visto, ordenou a Geraldo me beijasse os pés, o que ele procurou fazer imediatamente. Querendo furtar-me a isso, apressei os passos; o santo correu e não podendo alcançar-me pediu que o esperasse. Para não o fatigar tive que parar e ele beijou-me os pés com suma satisfação.

Diante de tudo isso, digo ser impossível o santo ter sido guiado por um outro espírito — humano ou diabólico — que não o espírito divino. Mesmo que não houvesse outras provas, bastariam para isso o seu heroísmo na obediência e a conformidade com a vontade de Deus, bem como a sua constante jovialidade de coração. O exercício dessas virtudes é a

prova cabal de que Geraldo se deixava guiar tão somente pelo espírito de Deus, porquanto as coisas extraordinárias são livres de todas as possíveis ilusões pela prática dessas virtudes. Quando ao sofrimento suportado por amor de Deus (o que se dá com Geraldo) se une o desejo de sofrer ainda mais, atinge-se certamente o auge do amor possível neste mundo. Nesse amor aparece a alma no estado sublime de santidade , no qual o Apóstolo exclama: *Vivo ego, jam non ego, vivit vero in me Christus*. Vivo, mas já não sou eu que vivo, é Jesus que vive em mim”.

## CAPÍTULO XXI

### **Os carismas celestes em seu esplendor**

A estada de Geraldo em Caposele, diz Tannoia, foi uma cadeia de milagres e magníficas virtudes.

A vida terrestre do santo declinava-se para o seu término; sua saúde estava extremamente enfraquecida; todas as manhãs vomitava sangue, e ele, em sua extraordinária paciência, não o comunicava a ninguém. Sua vida austera e trabalhos contínuos contribuíam para a destruição do organismo. Em Caposele como em Iliceto Geraldo era sempre pronto a socorrer e ajudar a todos. Embora o serviço da portaria lhe tomasse quase todo o tempo, trabalhava na alfaiataria ou ajudava os outros irmãos leigos nos serviços domésticos. Diante de sua vontade férrea que não fugia das mortificações, jejuns, flagelações, vigílias e outros exercícios de penitência, seria um milagre se seu corpo fraco e doentio não caminhasse depressa para a dissolução.

Enquanto as forças corporais diminuían sensivelmente brilhavam os carismas extraordinários do santo irmão em luz tanto mais esplendorosa. Como o sol de um belo dia antes de se pôr projeta, os mais deslumbrantes raios sobre a terra e atrai os olhares de todos pelos esplendor purpurino de que se circunda, justamente no momento em que está para se esconder no horizonte, assim a alma de Geraldo pare-

cia ter reservado para o último tempo os mais belos raios da sua magnificência. Todos os carismas celestes, que tantas vezes tivemos ocasião de admirar, mostram-se agora em redobrado esplendor, apresentando novas modalidades; a sensação do amor infinito que o Senhor concretizou no mistério do altar, o terno e filial recurso a Maria, fonte das graças, o conhecimento das verdades da fé, o poder sobre a natureza, a intuição dos corações, tudo isso encontramos, em grau eminente, no nosso santo no último período da sua vida.

Sempre mais ardente tornou-se o seu amor ao SS. Sacramento e a ânsia de receber a santa comunhão. Mais freqüentes tornaram-se as visitas a Jesus Sacramentado e mais íntimos e ternos os seus entretenimentos com o Prisioneiro dos tabernáculos . As horas silenciosas da noite, que Geraldo gostava de passar aos degraus do altar, foram ainda mais aproveitadas, e durante o dia parecia ele disputar aos seus trabalhos momentos que pudesse empregar na visita ao SS. Sacramento. À vista da hóstia consagrada caía em êxtase, ou esquecia-se do mundo não podendo já conter os seus soluços e outras manifestações de intenso júbilo.

Como isso perturbava a comunidade, o Pe. Cajone chamou-o à ordem. Geraldo não se desculpou; tomou a mão do reitor, colocou-a sobre o peito como que a dizer: “Vede, meu padre, se é possível outra coisa”. Cajone sentiu a forte palpitação do coração de

Geraldo admirando-se de como podia ele suportar tão violentas pulsações.

Aludindo a esse fogo interno, disse uma vez Geraldo a Santorelli: “Se estivesse no topo de uma alta montanha, incendiaria o mundo com os meus suspiros”; colocando o médico a mão sobre o coração do santo, notou que ele pulsava como se quisesse saltar fora do peito.

Esse fenômeno manifestava-se geralmente na hora da santa missa, mormente quando fazia, a um canto, a sua ação de graças após a comunhão. Ficava como que preso na igreja, sem poder sair, dizendo entre suspiros: “Dulcíssimo Jesus, não vos separeis jamais de mim; chamais-me louco! ah! eu não o sou; vós é que o sois! Vós um Deus infinito aqui permanecéis encerrado dia e noite; e que podeis ganhar de uma tão miserável criatura? E eu, quanto não posso lucrar em vossa companhia, ó meu Redentor?”

Aludia Geraldo nesses desabafos às palavras de Jesus, que, como outrora também agora lhe dirigira chamando-o de louco. Passando o santo, uma manhã, perto do tabernáculo sorriu alegremente, como o notou Cajone que se achava na igreja. “Porque rides assim?” perguntou-lhe o reitor. “Jesus disse-me que sou louco, respondeu o Irmão, e eu disse que ele o é ainda mais porque em ama tanto”.

Para não prejudicar os seus trabalhos Geraldo passava, às vezes, como uma flecha diante do altar. A Santorelli que lhe perguntara o motivo porque se apressava tanto diante do Santíssimo, respondeu o



santo: “Que posso eu fazer, já mais de uma vez Jesus pregou-me uma partida, tenho medo que me torne a pregar outra”.

Santorelli teve ocasião de se convencer pessoalmente desse temor do santo. Uma vez caminhou com Geraldo pelo centro da igreja; o santo ajoelhou-se diante do Santíssimo para uma breve visita, e Santorelli afastou-se. Ainda não era este chegado à porta da igreja quando ouviu um grito penetrante. Virou-se para trás e viu Geraldo sem sentidos estendido no chão. Também outras pessoas acorreram alarmadas e rodearam o irmão. Ao voltar a si o santo sentiu-se acanhado no meio de tanta gente e cabisbaixo retirou-se. No dia seguinte Santorelli encontrando-se com ele no corredor da casa, sorriu; Geraldo compreendeu o sorriso e disse: “Não vos disse já, que se não pode brincar com Jesus? Vede como ele me pegou, embora lhe tivesse dito apenas poucas palavras”.

Com o amor do Filho cresceu também no coração do santo o amor da Mãe. Uma vez Santorelli perguntou-lhe casualmente se amava a SS. Virgem, ao que Geraldo respondeu: “Meu caro doutor, vós me afligis! mas que pergunta?” e para não manifestar a chama que ameaça abrasá-lo retirou-se depressa.

Uma outra vez durante o recreio suscitou-se uma santa contenda entre Geraldo e o Pe. André Strina, admirado por todos por causa de sua devoção ardente para com o Menino Deus. Geraldo provocando-o disse: “Meu padre, vós não amais o Menino Jesus!”

O Pe. Strina usando a mesma arma replicou: “E vós, irmão, não amais a Madona!” Ambos foram atacados em seu lado fraco, mas o irmão — mais sensível do que Strina, ficou como que fora de si à recordação do seu amor à SS. Virgem; tomou o Pe. Strina, abraçou-o, ergueu-o e pouco faltava para os dois se abismarem em profundo êxtase.

A intimidade com o réu intensificava sempre mais a ciência sobrenatural de Geraldo. “Os sábios do mundo, disse Bozzio, emudeciam em sua presença e confundiam-se diante dele, que embora não fosse um douto hauria seus conhecimentos da fonte viva do Salvador e não dos pantanais da sabedoria humana. Daí compreende-se como profundos teólogos ficavam em apuros discutindo com ele. Em seus lábios os mais obscuros mistérios se aclaravam; nenhum teólogo ou cientista podia seguir-lhe os pensamentos, quando inebriado do amor divino se abismava nos mistérios do Altíssimo”.

Semelhantemente externa-se Santorelli sobre a ciência admirável do santo. “Quando o Irmão Geraldo se punha a falar de coisas divinas, sabia tornar compreensíveis os mais difíceis assuntos e apresentar com clareza e precisão os mais obscuros. Em minhas palestras com ele, admirava-me vendo um pobre irmão leigo sem estudos penetrar em tão profundos mistérios e explicá-los com tanta facilidade”.

José de Lúcia então estudante em Caposele e mais tarde arcepreste em São Fele, narra o seguinte: “Entrei em palestras teológicas com o Irmão Geraldo,

e ele deu-me explicações tão claras e precisas sobre ‘Encarnação e a SS. Trindade’, que Santo Agostinho e São Tomás não poderiam dar melhores”.

Um jovem sacerdote de Muro, que acabara de completar os seus estudos teológicos e era um tanto enfatuado, pavoneando-se dos seus próprios conhecimentos, não queria acreditar na ciência extraordinária do seu conterrâneo. Poucas perguntas do santo sobre pontos da ciência sagrada, foram bastante para colocá-lo em grandes apuros: calou-se e não pôde mais proferir palavras: “Caro conterrâneo, disse-lhe Geraldo caridosamente, estudastes, sim, a teologia, mas nem por isso sois ainda teólogo. Essa ciência só se consegue pela humildade e oração”.

“É admirável, diz Tannoia, ter sido Geraldo um teólogo sem estudos feitos, porém mais assombroso é o fato de Geraldo poder formar teólogos, isto é, de comunicar de certo modo aos outros o do que ele mesmo possuía”.

Um outro sacerdote de Muro, Donato Spicci, que ouvira dos lábios de Geraldo a explicação do início do Evangelho de São João, experimentou-o em sua própria pessoa. Viu um dia sobre a mesa de Geraldo a biografia da venerável Irmã Maria Crucifixa a quem Geraldo muito venerava. Donato abriu o livro e achou o capítulo que trata da “solidão no Calvário”. Leu o título em voz alta; Geraldo interrompeu-o dizendo: “Isso não é para vós” e a sorrir continuou: “Sois teólogo mas não compreendeis o sentido dessas palavras”. E de fato, por mais que o sacerdote refletisse

não atinou com o sentido delas. Depois de uma breve pausa exclamou: “Mas este livro não está escrito em francês nem em hebraico; quem tiver um pouco de inteligência deve compreendê-lo forçosamente!” — Bem, lede-o, replicou o santo, e explicai-me o que a santa quis dizer. “Donato leu e releu muitas vezes o trecho; pretendendo comentá-lo gaguejou e pronunciou palavras sem sentido. Santorelli, que se achava presente, não pôde conter o riso. Donato, todo enfiado, mostrou-se ofendido com isso. Geraldo disse-lhe com bom humor: “Caro Donato, não se esforce mais”, fez-lhe sobre a fronte o sinal da cruz e continuou: “Lede agora, que compreenderéis e podereis explicar tudo”. Donato não teve mais dificuldade na explicação do texto.

Coisa semelhante sucedeu a um outro sacerdote fidedigno a respeito de diversas passagens em um livro do venerável Palafox. Comunicando a Geraldo essa dificuldade, o irmão fez-lhe sobre a fronte o sinal da cruz dizendo: “Em nome da SS. Trindade, lede”. A força intelectual do sacerdote elevou-se, e ele compreendeu perfeitamente o que antes lhe parecia incompreensível, e com facilidade e prontidão pôde explicá-lo também aos outros.

A intuição dos corações, da qual já temos tido ocasião de falar muitas vezes nesta biografia, não cessou neste último período da vida do santo.

Estava uma moça para deixar a igreja após a santa comunhão, quando Geraldo a chamou e lhe perguntou: “Porque é que viestes aqui?” — Para con-

fessar-me! — “Sim, mas não vos confessastes bem”, e a seguir mencionou-lhe os pecados que ocultara, por vergonha, na confissão. A moça atônita e contrita, fez logo uma sincera e detalhada confissão.

Diversos homens de Castelgrande foram a Caposele para os exercícios espirituais, entre eles um tal Francisco Mugnone. Em um passeio no jardim do convento encontrou-se com Geraldo que, fitando-o seriamente, lhe disse: “Francisco, fizestes uma boa confissão?” Ao receber resposta afirmativa o santo replicou: “Não é verdade, a vossa confissão não foi boa; vede quem está atrás”. Mugnone voltou-se e viu o demônio. O seu susto foi salutar, renovou sua confissão e recebeu dignamente a santa comunhão.

Uma infeliz mulher conseguiu enganar diversos sacerdotes fingindo-se possessa, para mais facilmente ser por eles auxiliada. Há mais de seis semanas esforçavam-se para expulsar um demônio, que lá não estava. Geraldo, ao ouvir o caso, afirmou não haver lá caso de possessão; ao encontrar-se com a tal possessa chamou-a à parte e disse-lhe: “Essa história vós a fazeis por este e aquele motivo, mas eu vos digo: Deixai essas brincadeiras, porque do contrário vos hei de desmascarar”. Desse momento em diante cessou a possessão e a culpada corrigiu-se completamente.

A admirável visão do santo ao longe, demonstra o fato seguinte: Uma rica senhora, Cândida Fungaroli, era-lhe muito afeiçoada e Geraldo podia, sem temer escândalos, comunicar-lhe seus pequenos de-

sejos. Pediu-lhe umas peças de seda branca para a confecção de um mantozinho para o cibório. Cândida prometeu-lhas, procurou-as mas não sendo possível encontrá-las resolveu cortar o seu vestido de núpcias, que não pretendia mais usar. No dia seguinte, encontrando-se Geraldo com ela disse-lhe, sem preâmbulos, que não precisava cortar o vestido, mas que continuasse a procurar. Cândida ficou surpreendida, porque não havia comunicado a ninguém o seu intento. Chegando em casa, tornou a procurar e encontrou de fato o que antes procurara em vão. Quando Geraldo apresentou o pano ao superior, este julgando-o suficiente para dois mantozinhos, mandou a Geraldo que os confeccionasse. Obediente em tudo o santo quis executar a ordem, mas convenceu-se logo que o pano não bastava para as duas peças. Foi comunicá-lo ao reitor: “Não há remédio disse este, é preciso fazer dois, experimentai outra vez”. Geraldo voltou à oficina e pôs-se ao trabalho. Mediu novamente o pano, porém em vão; dava apenas para um mantozinho. Geraldo aconselhou-se com um amigo, que examinou o pano e chegou a mesma conclusão de Geraldo, exclamando por fim: “Ninguém está obrigado a fazer o impossível”. Geraldo porém não se satisfez com isso. “Quanto a mim, disse, devo obedecer e sem demora; em se tratando de uma coisa de Nosso Senhor, é ele que deve auxiliar”. Dito isto ajoelhou-se, ergueu os olhos ao céu e rezou. Depois, tomando a tesoura em uma das mãos e a medida na outra, começou a cortar o pano. O resultado foi que

Geraldo fez o impossível, obteve quatro partes iguais, tendo cada uma o seu desenho como se tivesse sido cortada do centro de uma peça.

O dom dos milagres, que se provou nesse caso, tornou-se mais freqüente e assombroso nos seus últimos dias. Mencionemos apenas alguns.

Um estranho hospedou-se, de passagem, no convento, onde foi atacado de violenta dor ciática. Aflito por causa da ausência dos seus parentes naquela ocasião, cobriu-se de tristeza chegando a chorar de dor. Ao ouvir do ocorrido correu Geraldo em visita ao enfermo. Animou-o à confiança na SS. Virgem e fez-lhe o sinal da cruz. No mesmo momento cessaram as dores. O homem curado, tomado de intenso júbilo e de gratidão para com Deus e seu servo, desejou ansiosamente que passasse depressa a noite, cujas horas lhe pareciam séculos, para narrar à comunidade o que lhe sucedera.

Uma outra cura foi por Geraldo, se não completamente realizada, ao menos iniciada e, por assim dizer, garantida. Um operário de Muro por nome Alexandre Fafilli tinha um filho de dez anos atacado de escrófulas, contra as quais se mostraram impotentes todos os recursos humanos. O pai, como último recurso, resolveu dirigir-se a Deus, prometendo fazer com o menino uma romaria a Nossa Senhora de Monte Vergine. De caminho passou por Caposele, onde visitou o santo e lhe apresentou o menino enfermo. Geraldo compadecido molhou de saliva o dedo e tocou a garganta do pequeno, com o que imedi-

atamente se diminuíram as dores. “Ide, disse Geraldo, fazei a romaria, que a Madona vos concederá a graça desejada”. E assim foi, porque o menino voltou são para casa.

Favor mais assinalado ainda prestou Geraldo a um tal Januário de Liguori. Gravemente enfermo, havia este perdido os sentidos e esperava já à última hora. Isso e mais ainda a circunstância de que Januário há muitos anos não recebera a santa comunhão, encheu de aflição a todos os parentes. Chamaram Geraldo pedindo restituísse ao enfermo, com suas orações, o uso dos sentidos, ao menos uns instantes para ele fazer a sua confissão. Geraldo, acorrendo sem demora, inclinou-se rezando sobre ele e roçou sua face sobre a do moribundo nos seus estertores. Januário abriu os olhos em perfeito estado de espírito na presença dos parentes e do médico Santorelli; confessou-se, comungou, recebeu a extrema unção, vindo a falecer com resignação cristã alguns dias depois.

Ainda mais notável é o seguinte. Rosa Marolda, parente do arcepreste Marolda de Muro, cegara em consequência de uma enfermidade. De nada valeram os medicamentos empregados. Como a enferma tinha grande confiança em seu santo conterrâneo, pediu ao Pe. Donato Spicci que, ao voltar do retiro em Caposele, lhe levasse qualquer objeto pertencente a Geraldo. O sacerdote, ao despedir-se do santo, deu o recado, pedindo-lhe que satisfizesse o desejo de Rosa. Geraldo opôs-se a princípio dizendo que Deus



queria santificar a enferma que se devia conformar. Mas Spicci não se deu por satisfeito e instou com o santo, que permaneceu inabalável em sua negação declarando que Deus não queria a cura imediata da enferma, a quem bastavam as consolações hauridas da Paixão de Jesus. “Não deixarei a casa enquanto não me derdes alguma coisa para ela” replicou Spicci pedindo sempre. Geraldo foi à cela, tirou uma garrafinha d’água e entregou-a ao padre dizendo: “Dai-lhe isto, mas que ninguém fique sabendo”. Donato cumpriu a ordem recebida. A cega sentiu melhoras já na primeira vez que banhou os olhos com a água, oito dias depois estava completamente curada. As pessoas, que ignoravam o remédio do santo, admiraram-se da perícia do médico. Rosa porém, que bem sabia quem a havia curado, exclamou: “Dê-se glória a Deus que me concedeu esse favor”.

No meio de tantos carismas e portentos Geraldo permaneceu humilde, sem alterar a modesta opinião que tinha das suas virtudes e capacidades; confundia-se com os favores do céu, e sentia-se torturado com as distinções humanas; ocultava-se sempre que percebia sombra delas.

Os senhores de Filippi em Serino ardiam em desejo de conhecê-lo. Sabendo disso Geraldo, indo a Serino, procurou evitar qualquer encontro com eles, indo hospedar-se no hotel. Quando esses senhores, amigos da Congregação, souberam que havia no hotel um irmão leigo redentorista, mandaram-no buscar e assim, sem o esperar, viram a quem tanto deseja-

vam. Geraldo porém não se traiu; portou-se de tal forma que os senhores de Filippis ficaram conhecendo o servo de Deus sem o reconhecerem.

Em sua grande humildade o santo invejava os pobres; desprezados do mundo e por ele maltratados, parecia-lhe estarem mais perto de Jesus Cristo.

Observou um dia um pobre estafeta todo ensochado e coberto de lama: “Como eu seria feliz, exclamou, se tudo me faltasse e eu fosse como este pobrezinho, que por causa de um pedaço de pão tem de sofrer o desprezo do mundo, e eu — e eu...” Não pôde terminar a frase e prorrompeu em soluços.

Geraldo desejava ardentemente fugir das honrarias e distinções humanas e viver e completa solidão. Os confrades ouviram-no queixar-se um dia: “Ó Senhor, operais tantas coisas em mim e logo as manifestais a todos; porque não as conservais ocultas?” “Meu Senhor, exclamou em outra ocasião, quem sou eu para vos manifestardes em mim? basta-me a vossa vontade em tudo”. — “Ó vontade divina, acrescentou, ó vontade divina! oh! quanto é feliz quem não deseja senão a vós!”

## CAPÍTULO XXII

**Ainda alguns trabalhos apostólicos**

Muito a contra gosto o Pe. Margotta deixara partir de Nápoles o nosso santo, e por isso aguardava a primeira oportunidade para reavê-lo perto de si. Esta parecia ter chegado três meses depois, quando se podia prudentemente supor extinta a sensação causada por Geraldo em Nápoles e afastados os incômodos por ela produzidos. Santo Afonso, que só por esse motivo afastara o santo de Nápoles, concordou com o desejo do Pe. Margotta, e deu ordem a Geraldo de se dirigir novamente à capital pelos fins de fevereiro de 1755. O Pe. Margotta foi pessoalmente buscar o irmão em Caposele e levou-o primeiro a Calitri, sua terra natal, onde tinha negócios a tratar.

Geraldo, sendo pouco conhecido em Calitri, podia lá esperar sossego e lazer para os seus exercícios de piedade e boas obras. E de fato, nos primeiros dias, tudo correu de acordo com os seus desejos. Enquanto Margotta punha em ordem os seus negócios, ele permanecia em oração diante do tabernáculo. Admiravam-lhe o recolhimento e a devoção, mas como nada supunham nele de extraordinário, não o molestaram.

Um dia porém chegou uma senhora de Bisaccia, onde o santo era conhecido. Tendo ouvido falar da chegada de Geraldo a Calitri, essa senhora, que lá

tinha um parente gravemente enfermo, quis valer-se do poder taumaturgo do santo em favor dele. Os dois redentoristas hospedaram-se na casa do arcepreste Berilli. Lá foi ela perguntar pelo santo; ao ouvir que não estava em casa, esperou a sua volta. Geraldo não tardou; a mulher caiu-lhe aos pés e conjurou-o a restituir a saúde ao enfermo. O santo ouviu-a, consolou-a e despachou-a garantindo-lhe que seu parente recuperaria a saúde.

O pessoal da casa estranhou a novidade; o pedido confiante da mulher e o procedimento do irmão eram-lhe inexplicáveis; falaram disso ao Pe. Margotta com ar de zombaria e pouco caso. “Vós vos rides, disse Margotta, porque não conheceis os carismas desse irmão”, e contou-lhes diversos episódios das virtudes e milagres da vida de Geraldo.

Essa notícia alastrou-se como fogo em Calitri, pondo fim ao descanso do santo; começaram as visitas dos pobres, aflitos e curiosos. Vendo em tudo isso o dedo de Deus, não hesitou Geraldo em fazer em Calitri o que fazia em outras cidades, exercendo da manhã até à noite todas as obras de misericórdia corporal e espiritual.

João Cioglia, excelente e estimado cirurgião, foi o primeiro a experimentar a caridade e a força taumaturga de Geraldo. Havendo ele enfermado gravemente e tendo sido desenganado pelos médicos, os parentes recorreram a Geraldo; o Pe. Margotta deu-lhe ordem de não se opor ao pedido. O santo visitou o cirurgião, fez-lhe sobre a fronte o sinal da cruz e no

mesmo instante Cioglia sentiu-se bom. As pessoas presentes assombraram-se com o milagre, mas Geraldo disse com simplicidade: “Estais vendo o que pode a obediência”.

Da mesma forma curou um outro homem, a quem Margotta o enviou expressamente, enternecido pelas lágrimas dos parentes. O resultado dessa visita de Geraldo, porém, não foi somente a cura instantânea do enfermo, mas também a resolução de fazer ele uma boa confissão e reconciliar-se com Deus.

Arcanda Rinaldi achava-se de visita na casa Berilli, onde se hospedou Geraldo, quando foi atacada de violenta enxaqueca. Vendo o chapéu do irmão em um canto do quarto, pensou: “Quero ver se esse homem é santo”; e pôs o chapéu na cabeça; as dores desapareceram como por encanto.

Devido a esse fato a família Berilli fez questão de obter algum objeto do uso do santo. Notando que os sapatos do irmão estavam já muito usados, mandaram fazer-lhe um par novo e guardaram o velho. E esses sapatos foram de grande utilidade como preciosa relíquia. Um rapaz da casa atormentado por indizíveis dores intestinais sarou instantaneamente ao contato dos sapatos de Geraldo. Quando muito tempo depois voltaram as dores, o enfermo gritou: “Trazei-me depressa os sapatos de Geraldo” e também desta vez operou-se o milagre. Esses sapatos adquiriram em Calitri verdadeira celebridade, eram tidos na conta de remédio universal passando de doente a doente e operando, ao seu contato, curas ma-

ravilhosas. Também em Calitri Geraldo trabalhou com sucesso na salvação de muitas almas. Uma piedosa senhora, Maria Cândida Strace, ao ouvir da santidade de Geraldo, quis ter com ele um colóquio sobre coisas espirituais; tinha enorme peso sobre o coração e não se atrevia a comunicá-lo a ninguém. Ao aproximar-se do servo de Deus perdeu a coragem e calou-se. O santo interrompeu-a com as palavras: “Como não quereis falar, eu falarei por vós”; disse-lhe tudo quanto lhe oprimia o coração e deu-lhe os necessários conselhos. Mais tarde a senhora declarou ter-lhe Geraldo manifestado coisas, que só Deus podia saber.

Mentor solícito — infelizmente sem resultado — foi o santo para um homem distinto, Nicolau Xavier Berilli, que desperdiçava o tempo nos prazeres terrenos: bons amigos, que se interessavam por sua alma, chamaram para ele a atenção de Geraldo, que lhe fez uma visita. Esforçou-se para incutir ao rico pensamentos sérios, mormente o de fazer em Caposele o santo retiro. Berilli ouviu atentamente a Geraldo, mas objetou a impossibilidade de fazer o retiro. Apertado pelos argumentos do santo, disse enfim: “Lá irei em outubro”. — Ah, disse tristemente o irmão, quereis lá ir em outubro? não quereis mais esse mês”. E assim foi; o homem, então em perfeita saúde, foi atacado, em agosto, de violenta febre que em poucos dias o levou ao túmulo.

É escusado dizer que o convento das beneditinas de Calitri não lhe passou despercebido. O desejo

que as irmãs tinham de conhecê-lo, deu motivo para uma visita, que aliás lhe foi imposta pelo Pe. Margotta. O exterior do santo causou nas monjas tanta impressão, que tiveram desejo de lhe falar com toda franqueza; sua santidade e sabedoria emprestaram tal união às suas admoestações, repreensões e conselhos, que até os mais fracos e teimosos espíritos os receberam de boa vontade. As religiosas disseram a uma voz: “Cada palavra de seus lábios penetrou, como uma seta, os corações inflamando-os de amor a Jesus e a Maria”.

Uma noviça, aborrecida da vida solitária, andava com idéia de voltar ao mundo. Geraldo mandou chamá-la e disse-lhe algumas palavras sobre a excelência da vida religiosa, porém com tanto fogo e energia, que a moça dali saiu transformada, com a resolução firme de se tornar uma santa religiosa.

Uma outra monja, atormentada de escrúpulos, inconsolável até então, recuperou a paz depois de um colóquio com Geraldo.

Para despertar novo fervor na comunidade Geraldo, em suas palestras com as monjas, entremeava sempre avisos sobre a observância regular e recomendava-lhes com insistência a digna recepção dos sacramentos. As monjas não foram surdas às suas admoestações; só num ponto quiseram resistir-lhe. O locutório era muito mal colocado; a grade dava para o adro da igreja, o que, além de outros inconvenientes, podia facilmente ocasionar falta de respeito devido ao lugar sagrado. O santo, desaprovando aquilo, cha-

mou a atenção da abadessa intimando-a a tomar as necessárias providências. A abadessa observou que não podia fazer aquilo por autoridade própria necessitando da aprovação das suas subalternas. As religiosas, em suas confabulações, não chegaram a resultado nenhum. A teimosia das religiosas desagradou muito a Geraldo, que se queixou ao Pe. Margotta dizendo não poder compreender como uma bagatela, cujo sacrifício era tão agradável ao Senhor, podia causar tanta dificuldade. Margotta aconselhou-o a dirigir às irmãs algumas palavras sérias a esse respeito, em uma visita após o meio-dia. Geraldo seguiu o conselho e o resultado foi que as monjas se declararam prontas a fazer cessar aquele inconveniente. Geraldo quis começar imediatamente a mudança do locutório, mas a hora já não o permitiu; ficou para o dia seguinte. Entretanto mudou-se a opinião das volúveis irmãs; no recreio da noite falou-se no assunto e surgiram tantas dificuldades, que se abandonou a resolução tomada, deixando para outra ocasião a sua realização. Geraldo viu em espírito a volubilidade das monjas e encheu-se de tristeza. Interrogado por Margotta respondeu: “Estou inquieto por causa das religiosas”. Na manhã seguinte foi ao mosteiro, mandou chamar a abadessa e perguntou-lhe se estava em pé a resolução tomada. A abadessa respondeu com expressões vagas, traindo grande embaraço; afirmou que se não tinha objetado nada de positivo em contrário. Geraldo interrompeu-a: “Como, não se objetou nada contra? e uma irmã falou isto, outra aquilo con-



tra, e enquanto uma apresentava um motivo a outra já se excogitava um novo. Pois bem. Não falemos mais nisso. Não quisestes ontem a mudança, nunca mais a efetuareis” e retirou-se. Sua última palavra foi uma profecia. Mais tarde foi impossível mudar a grade por mais que nisso se pensava. Só depois da morte de todas as irmãs que não quiseram obedecer a Geraldo, é que o defeito se corrigiu.

Entretanto terminara Margotta os negócios que exigiam a sua presença na terra natal. Em fins de fevereiro (1755) ou princípios de março foi com o santo a Nápoles, onde se reproduziram os milagres e obras de caridade da primeira estada de Geraldo na capital.

Para não se repetirem as dificuldades de outrora, Geraldo procurou desviar-se das ruas mais movimentadas, tomando seu caminho pelos becos mais afastados e sossegados. Se isto tinha alguma vantagem, não deixava também de ter os seus inconvenientes.

Em um desses becos, já na primeira estada de Geraldo em Nápoles, duas prostitutas atreveram-se a perturbá-lo com zombarias e gargalhadas. Geraldo suportou tudo com paciência; mas nem a paciência do santo nem o tempo da sua ausência corrigiram o atrevimento das meretrizes. Desta vez esperaram-no à entrada da viela e fecharam-lhe o caminho postando-se diante dele. Uma empunhava um pandeiro e a outra uma guitarra. Puseram-se a dançar indecorosamente, acompanhando a dança com gestos inconvenientes. Diante disso Geraldo encheu-se de santa cólera; parou e disse em tom sério: “Não quereis a-

cabar com isso? quereis então ver os rigores dos castigos divinos?” Mal Geraldo pronunciara a ameaça, uma das meretrizes, como que tocada do raio, caiu por terra exclamando: “Madona, eu morro”. Sem movimentos foi ela transportada para casa por uns homens que acorreram ao ouvir o grito.

A cólera de Geraldo, sentiu-a também um vagabundo, que, contando com a compaixão do público, fingia-se de aleijado para receber esmolas; apresentava-se todos os dias com um pé embrulhado em farapos, caminhando em muletas. Os transeuntes davam-lhe ricas esmolas. Geraldo já de há muito se afligia com aquilo porquanto detestava sumamente a hipocrisia. Aconselhou-o repetidas vezes a deixar o vício, e a trabalhar para ganhar decentemente a vida.

O malandro pouco se incomodou com os avisos recebidos e continuou o seu negócio desavergonhadamente. Geraldo perdeu a paciência; encontrando-o novamente repreendeu-o e por fim arrancou-lhe as falsas ataduras do pé. “Velhaco, se não quiseres condenar-te, cessa de enganar o próximo”. O mentiroso atemorizou-se, largou as muletas e fugiu.

Geraldo tornou-se mais cauteloso em Nápoles nesta segunda vez, quanto a seus carismas sobrenaturais, que procurava ocultar aos olhos dos homens. Estava ele entretendo-se com um seu amigo de Caposele à porta da igreja do Espírito Santo, quando duas damas dele se aproximaram: “Irmão Geraldo, disse-lhe uma banhada em lágrimas, vinde curar minha pobre filhinha”. Por mais que Geraldo quisesse

esquivar-se, não teve coração para recusar o seu pedido. Para desviar de sua pessoa as atenções do público, quis aparecer à cabeceira da criança doente, como enviado de outrem. Eis porque disse: “Irei, mas primeiro pedirei permissão”. Desde então só procedeu dessa forma, atribuindo tudo à força da obediência; assim esperava afastar de si a admiração do público.

A afluência de visitantes não foi menor do que da primeira vez. Leigos de toda as condições, sacerdotes, homens de destaque e diretores de almas foram procurar os seus conselhos.

Possuímos uma carta de Geraldo dessa data, a qual nos mostra a consideração em que era tido como conselheiro, mesmo para seus confrades e sacerdotes venerandos da Congregação. O Pe. Francisco Garzilli, homem espiritual de setenta anos de idade, sentia-se torturado de escrúpulos; recorreu a Geraldo em busca de conselho e conforto. O santo respondeu-lhe literalmente o seguinte:

“A graça de Deus encha o coração de V. Revma. e a SS. Virgem Maria vos conserve.

Meu caro padre. Alegro-me pelo modo com que a Majestade Divina vos trata, e espero inabalavelmente que Deus vos dará completa vitória. Não temais. Coragem, o Senhor está convosco e não vos abandonará. Tendes dúvidas a respeito das vossas confissões. Esse temor é uma mortificação que Deus vos impõe. Afirmais que tendes motivo para temer. É claro, porque do contrário não ficaríeis angustiados. Deus pro-

cede assim com os seus amigos e prediletos: deixa-os pensar que tudo é consequência de sua negligência. Se pudésseis crer que tudo isso vem de Deus, não haveria já torturas nem sofrimentos, mas tudo vos seria um paraíso neste mundo. Porém, mesmo que cometamos alguma pequena falta, lembremos que também os santos não foram anjos sobre a terra. Confiai e esperai em Deus, meu caro padre, e recomendai-me, eu vô-lo peço, a Jesus Cristo e a SS. Virgem, que nos abençoem a ambos”.

A amizade do Padre Pepe, conquistada por Geraldo em Nápoles da primeira vez, não se alterou nem diminuiu; Geraldo privava sempre com esse distinto sacerdote. Prova disso temos numa carta do santo datada de 8 de março de 1755, à Soror Maria Celeste Crostarosa em Foggia, na qual ele declara ter-se dirigido, para o bem do convento, ao Padre Pepe e conseguido considerável número de indulgências a lucrar-se pelas irmãs em diversas festas do ano. Como recompensa da sua caridade pede o favor indicado no fim da mesma com as palavras: “Guardai esta folha, para que dela se possam servir também as que vierem depois de vós. Lembro-vos a obrigação de orardes por mim e aplicardes as indulgências também por minha alma quando eu morrer. Peço também a todas as superiores que vos sucederem, recebam uma ou outra comunhão pelo descanso de minha alma; de modo especial peço à superiora, que presidir à comunidade por ocasião da minha morte, mandar todas as irmãs oferecer por mim, durante oito

dias, todas as comunhões e indulgências que puderem lucrar nesses dias. Não me esquecerei de vos recomendar ao Senhor para que sejais santas. Amém”.

Estas palavras foram consideradas pelas irmãs como um testamento do santo; recordaram-se dele no convento após a sua morte e guardaram essa carta com todo o respeito; diversas vezes usaram dela como relíquia, colocando-a sobre os enfermos. Em 1840 a Irmã Rafaela Pitasse, que sofria dores de olhos, tomou a carta do santo irmão, passou-a pelos olhos e ficou instantaneamente curada.

Também a segunda estada de Geraldo em Nápoles não foi de longa duração. Após a festa de Pentecostes, que em 1755 caiu a 18 de maio, foi Geraldo chamado de Nápoles para Caposele, para acompanhar os padres na missão de Calitri, pregada muito provavelmente de 25 de maio a 8 de junho. De acordo com essa determinação o santo deixou a capital na semana de Pentecostes e foi a Calitri.

“Operou maravilhas nessa missão, diz Tannoia, dando diariamente provas de seu dom de profecia e intuição dos corações. Levou aos confessores inúmeros pecadores convertidos e predispostos para a absolvição.

Os missionários hospedaram-se na casa da família Berilli. O irmão ocupado, um dia, na cozinha esbarrou casualmente num grande vaso com óleo, que se quebrou, derramando o azeite pelo chão. A filha da casa deu um grito e não deixou de dizer ao irmão

palavras pesadas. A mãe, ouvindo aquelas palavras, foi à cozinha e censurou a menina; notificada do ocorrido correu a buscar lã para chupar o óleo derramado. Entretanto Geraldo tomou os pedaços do vaso quebrado, e, quando a mulher voltou, estava o vaso intacto e inteiro, mais cheio de azeite do que antes. Mãe e filha assombraram-se, e Geraldo retirou-se para agradecer a Deus o tê-lo tirado do embaraço. — Momentos depois, encontraram-no no quarto, de joelhos, imóvel com os olhos erguidos para o céu.

Esse fato foi atestado por diversas pessoas da cidade e pela menina que foi testemunha ocular, e que mais tarde tomou o véu no mosteiro de Calitri.

Após a missão, provavelmente a 9 de junho, Geraldo voltou a Caposele, não para descansar, mas para se dedicar a novos trabalhos para a glória de Deus e a salvação das almas.

Não tardou a encontrar ocasião para desenvolver o seu zelo.

A 19 de junho chegou a Caposele para uns dias de descanso o arcebispo de Conza José Nicolai, grande amigo da Congregação. Em sua companhia achava-se, como secretário, um leigo, natural de Roma, homem apreciado pelo arcebispo pela habilidade nos negócios e querido em toda a sociedade por sua jovialidade; em sua presença desfaziam-se as preocupações; seus gracejos espontâneos e seu constante bom humor comunicavam vida à palestra; suas maneiras gentis e fidalgas prendiam a todos. Em Caposele conquistou logo todos os corações;

também Geraldo sentiu simpatia por ele e deu-se-lhe a conhecer quanto lh'o permitia a sua grande modéstia; procurou até entrar em intimidade com ele, ouvindo suas conversas, às vezes prolongadas, rindo-se com os seus gracejos e respondendo-os com bom humor.

A amizade de Geraldo, porém, tinha um escopo especial. Iluminado por Deus viu que aquele homem aparentemente tão contente, não estava nada bem porquanto a sua consciência se achava em péssimo estado. Tratava-o com deferências para assim ganhar-lhe a confiança, pois julgava condição essencial para a conversão uma reciprocidade na amizade. E assim foi.

Um dia em que o secretário se achava excepcionalmente jovial, abraçou-o cordialmente e apertou-lhe contra o coração. Essas manifestações de carinho tiveram força misteriosa; o pecador começou a inquietar-se e a sentir remorsos de consciência; dali em diante procurou mais freqüentemente a companhia do santo depositando nele especial confiança.

Geraldo resolveu dar o passo decisivo; levou o secretário à capela doméstica e lançou-se-lhe aos pés. Obstupefato o secretário fitou o santo, sem saber o que aquilo significava. Não tardou porém a sabê-lo: “Meu amigo, começou Geraldo com voz comovida, não posso compreender a vossa alegria, vivendo vós assim na inimidade de Deus. Podeis acaso negar que sois casado e que abandonaste vossa esposa em Roma? Como podeis dar-vos como solteiro?

Como vos atreveis a iludir uma infeliz mulher?” Geraldo descobriu-lhe então toda a sua má vida, designando-lhe exatamente o tempo em que abandonara a Deus.

O pecador estava como que aniquilado diante do irmão. Caiu de joelhos, confessou sua má vida e seus crimes e pediu ao irmão o auxiliasse a voltar ao caminho da virtude.

Geraldo animou o pecador contrito à confiança em Deus e aconselhou-o a pôr imediatamente em ordem a sua consciência e a entender-se para isso com o Padre Fiocchi que se achava então em Caposele. Pálido de susto foi o secretário ter com o referido padre e contou-lhe detalhadamente como o irmão lhe descobrira toda a sua vida. “Só Deus ou o demônio, disse, poderia ter-lhe revelado o meu estado; mas como me sinto arrependido e contrito, isso não pode ser obra do demônio”. — O Padre Fiocchi concordou com a conclusão do secretário arrependido, ouviu-o de confissão e orientou-o na reparação dos seus grandes delitos, impondo-lhe o dever imediato de procurar sua legítima esposa.

Ao entrar novamente na igreja para a santa comunhão o secretário ficou devendo mais um favor assinalado ao nosso santo. Na porta da igreja, Geraldo perguntou-lhe para onde ia: “Vou comungar”, respondeu o secretário. “Mas, replicou o irmão, esquestes este pecado na confissão, tornai a confessar-vos e então podereis ir tranqüilo à mesa da comunhão”. O penitente obedeceu e teve depois a conso-



lação de comungar na convicção de estar inteiramente reconciliado com Deus.

Essa transformação interior devia necessariamente manifestar-se exteriormente. Os seus sentimentos traíram-no logo em todo o seu procedimento; o homem outrora tão expansivo tornou-se sério, silencioso e reconcentrado; viram-no muitas vezes derramar lágrimas e soluçar. É escusado dizer que isso causou estranheza geral. O arcebispo que nada suspeitava, chamou-o e perguntou-lhe pela causa de tão estranha transformação. A resposta foi além de uma torrente de lágrimas a palavra da samaritana, a quem Jesus revelara os pecados ocultos: “Vinde ver o homem, que me disse tudo o que tinha feito”, confessou sinceramente ao arcebispo o estado anterior da sua alma e narrou-lhe o modo como Geraldo o arrancou às sombras da morte em que se achava, despertando em sua alma pensamentos e sentimentos, que antes desconhecia por completo.

A santidade de Geraldo não era desconhecida ao arcebispo; esse fato porém aumentou-lhe consideravelmente o respeito e veneração para com ele. Pediu que lhe contassem circunstanciadamente os prodígios de Geraldo e procurou tirar também proveito da sabedoria celeste do irmão. — Em suas palestras com o servo de Deus, não poucas vezes chorou de comoção e contentamento. Embora de natural retraído desfez-se na hora da despedida em provas manifestas de afeição ao santo, recomendando-se às suas orações. O irmão confundido com tantas atenções

respondeu: “Excelência, eu preciso de toda a misericórdia divina para salvar a minha alma; peço-vos que vos lembreis de mim ao altar”.

O secretário, ao voltar à residência do arcebispo, causou estranheza geral. “Que é isso, perguntou-lhe um dia o diretor do seminário, já vos não vejo no bom humor de outrora, e não me posso explicar o motivo”. — Naturalmente, respondeu este, não sabeis o que se passou comigo em Caposele! Ah! meu amigo, não sou solteiro, como pensais, e o Irmão Geraldo pôs-me ante os olhos o estado deplorável da minha alma”. O arcebispo não o reteve mais muito tempo, enviou-o a Roma com uma carta de recomendação a Mons. Casone, seu parente.

Também lá narrou o convertido o que se dera com ele no convento dos redentoristas de Caposele, e o que o chamava a Roma; isso conquistou ao santo veneradores e admiradores também na capital do mundo católico. Além disso o manteve piedosa correspondência epistolar com o santo até a morte deste.

Em um colóquio com um cardeal de Roma relatou-lhe Mons. Casone, entre outras coisas, o ocorrido com o secretário do arcebispo de Conza. O cardeal, admirado, manifestou desejo de conhecer o Irmão Geraldo, escreveu expressamente ao arcebispo pedindo-lhe mandá-lo a Roma; mas quando a carta chegou, o santo já não estava entre os vivos.

## CAPÍTULO XXIII

**Último ofício e última excursão**

O último quartel de vida do servo de Deus foi consagrado a uma obra de obediência e de caridade, a qual, por ser oposta ao temperamento tranqüilo e reconcentrado de Geraldo e contraria ao seu desejo da solidão, revelou ainda com maior brilho o seu bom espírito.

Sendo a casa de Caposele uma fundação nova, era ainda muito estreita e mal acabada e por isso impunha-se a ultimação das obras logo que para isso houvesse os necessários recursos.

Ao voltar de Nápoles a Caposele Geraldo encontrou a construção em andamento e a casa cheia de pedreiros e carpinteiros, estando o material da construção esparramado por toda parte; o dia inteiro ouvia-se o barulho e a vozeria dos operários. O santo, regressando da capital rumorosa, esperava encontrar a solidão e a paz, porém só achou ocasião para oferecer ao Senhor o sacrifício, que para ele não era pequeno.

A construção em si não era o único sacrifício que Deus exigia dele. O Pe. Cajone resolveu nomeá-lo inspetor das obras confiando-lhe o cuidado dos operários, dos carros necessários, do pagamento e de outras coisas semelhantes. Essa incumbência pouco se harmonizava com o estado da alma de Geraldo

naquela época, e muito menos ainda com a sua saúde; aceitou-a, porém, com prontidão e bem depressa se adaptou ao serviço, desempenhando-o arduosamente. Via em tudo isso a vontade de Deus; não se contentou só com a vigilância e ordens gerais; não se contentou só com a vigilância e ordens gerais; ele mesmo pôs mão à obra; andava de um lado para outro, determinando e aconselhando conforme julgava necessário. Entre os operários era ele o primeiro a começar e o último a abandonar o serviço. Ora cava a areia, ora inspecionava a olaria, ora percorria a vila em procura de material para a obra. Permanecia em pé dia e noite, esquecido de suas necessidades corporais e de suas dores, reprimindo o desejo e a saudade, que sentia, de meditação perante o tabernáculo.

Também aqui não faltaram milagres. Um dia o reitor achou-se em apuros por ocasião do pagamento dos operários: “Como pagaremos o pessoal, disse a Geraldo, o sábado está chegando e então?” “Ah, exclamou o inspetor das obras, fazei um requerimento a Nosso Senhor no SS. Sacramento”. O requerimento foi feito e entregue a Geraldo para o despacho. O santo foi à igreja com o papel e colocou-o sobre o altar; bateu singelamente à porta do tabernáculo dizendo: “Querido Jesus, aqui está um requerimento nosso, despachai-o!” Para extorquir a resposta, permaneceu a noite inteira de sexta-feira para sábado na igreja em oração diante do altar e conjurava o divino Mestre auxiliasse a casa. Ao amanhecer tornou

a bater no sacrário, e pouco depois ouviu o som da campainha na portaria, onde encontrou duas sacolas com dinheiro, que tirou o superior dos sérios apuros. Donato Spicci, que então se achava no convento, pediu algumas moedas desse dinheiro caído do céu e levou-as a Muro.

Até os elementos pareciam respeitar, às vezes, o zelo e a obediência do Santo. Geraldo teve uma vez de ir à vila por causa da construção. No momento da saída, formou-se medonho temporal e a chuva começou a cair a cântaros; a atmosfera estava carregada despejando raios e fazendo roncar os trovões. Isso não impediu o santo de cumprir a ordem recebida. O Pe. Cajone, ao saber do caso, mandou um portador atrás de Geraldo com ordem de fazê-lo voltar. Mas — ó prodígio — o santo caminhava em plena estrada, enxuto no meio do aguaceiro torrencial. Não obstante Geraldo voltou, obedecendo à ordem do seu superior.

Uma outra vez achava-se o santo, a negócio, em casa da família Ilaria quando viu um peru exibindo-se vaidosamente na rua. Geraldo que sempre se elevava a Deus à vista das criaturas: como flores, pássaros e outros animais, lembrou-se da Onipotência divina à vista do peru. Cheio de santa alegria exclamou: “Vem cá, criatura de Deus, vem cá!” O peru, como se compreendera aquelas palavras, abriu as asas e saltando aproximou-se de Geraldo, que o acariciou aos seus pés.

Casos semelhantes deram-se repetidas vezes; as aves voavam para ele e sentavam-se em suas mãos como se tranqüilas repousassem em seus ninhos.

Uma palavra sua era bastante para amansar animais ferozes. Estava uma vez Geraldo à janela do colégio em companhia de seu antigo mestre Vito Mennona, quando pela rua passou um rapaz a cavalo; este não podendo governar o animal que se espantara, corria perigo eminente de ser cuspidado da sela num barranco muito íngreme. “Está perdido” foi o grito de todos. O santo estendeu a mão para o cavaleiro com a oração: “SS. Virgem, acudi!” e voltando-se para os circunstantes disse: “Ele vai cair, mas não se machucará”. Às palavras de Geraldo o animal parou bruscamente diante do abismo, o rapaz foi ao chão mas sem lesão alguma.

Geraldo achava-se em plena atividade na construção quando o arcebispo de Conza visitou o convento, como ficou relatado no capítulo antecedente. Para auxiliar os padres, deu-lhes 300 ducados e numa circular concitou clero e povo da diocese a auxiliarem a construção do convento de Caposele, e pediu ao Pe. Cajone que enviasse alguns dos seus religiosos às paróquias afim de arrecadarem as esmolas. O Pe. Cajone pensou logo no Irmão Geraldo, que já havia demonstrado grande habilidade para esses trabalhos delicados e todos estavam certos de que Geraldo seria um dos encarregados. A sua saúde, porém, fez o superior desistir dessa resolução; era alto o ve-

rão, o calor excessivo, e alguns lugares a ser visitados eram insalubres nessa estação do ano. Era pois de temer que o irmão já muito fraco sucumbisse ao exaustivo trabalho.

Nessa indecisão o Pe. Cajone mandou chamar o irmão e consultou-o a respeito da sua saúde. O santo respondeu com sinceridade e declarou-se pronto a executar a ordem, se esta lhe fosse dada. Sem proferir palavras, o Pe. Cajone colocou-lhe a mão sobre a cabeça dizendo interiormente. “Em nome da SS. Trindade quero que sares e vás arrecadar as esmolas”. Geraldo sorriu-se olhando para o reitor: “Porque vos rides?” perguntou. “V. Revma., respondeu Geraldo, parece não falar e fala; quereis que eu sare e vá esmolar. Pois bem, ficarei são e sairei ao peditório; sim, meu padre, eu quero obedecer a sarar”. Diante disso o Pe. Cajone deu-lhe ordem expressa de angariar as esmolas.

Geraldo esteve logo pronto e partiu, na segunda metade de julho de 1755.

Uma das primeiras paróquias por ele visitadas foi Senerchia, cuja igreja estava em construção, para a qual uma floresta vizinha devia fornecer o necessário madeiramento. Possantes castanheiras, já derrubadas, não podiam ser transportadas ao local por falta de meios. Ao ouvir do embaraço, disse o irmão: “Não receeis, a igreja é de Nosso Senhor, e Deus providenciará para que ela seja construída”. Dito isso foi à floresta, ajoelhou-se e rezou; levantando-se da oração pediu uma corda, amarrou-a ao tronco maior,

que não podia ser movido por várias juntas de bois, e exclamou: “Criatura de Deus, em nome da SS. Trindade, ordeno-te que me acompanhes”. Diante da turma admirada arrastou o tronco até o lugar da construção e com tanta facilidade como se a árvore fosse um pequeno cálamo. Em seguida concitou o povo a imitar o seu exemplo; a força misteriosa do santo comunicou-se a todos; com facilidade puxaram os outros troncos até o local da construção.

Além desse milagre relata-se ainda a cura de uma parturiente desenganada dos médicos, e um êxtase que se deu na igreja diante de todo o povo.

Senerchia conservou grata recordação do santo, venerando-o como um grande santo e invocando-o depois da sua morte, como padroeiro e protetor.

“Não há uma pessoa em Senerchia, atestou mais tarde uma senhora de lá, que não tenha escolhido o venerável irmão para protetor especial; temos o costume de acrescentar às nossas orações um Padre-Nosso e Ave-Maria em agradecimento à SS. Trindade pelos grandes dons concedidos a seu servo. Cada qual invoca-o em suas necessidades; como nossa família é possuidora de um dente do servo de Deus, todos vêm procurar, a cada passo, essa relíquia, para tocá-la em pessoas gravemente enfermas”.

De Senerchia seguiu Geraldo a Oliveto, onde se devia hospedar com o arcepreste Angelo Salvatore. O irmão participara-lhe sua chegada em uma carta que assim termina: “V. Revma. deseja conhecer este pobre pecador; Deus realizou o seu desejo”. Ao ler



estas palavras ficou pasmo, porque de fato, desde há muito tempo desejava conhecer o santo, sem todavia ter comunicado a ninguém o seu desejo. Quando Geraldo chegou, abraçou o sacerdote, dizendo-lhe ao ouvido: “Lestes as últimas palavras da minha carta?” Salvadore fingiu não saber a que palavras o santo se referia e disse: “Sim, notei a expressão *Vosso indigno servo* e admirei-me da vossa humildade”. — “Não é isso, não”. — “Também não é isso”. — “Que então?” — Geraldo disse abertamente e sem rodeios: “Vós desejáveis vêr-me, e agora o Senhor me enviou a vós”.

Chegada a hora da refeição, Geraldo que se ausentara, não compareceu. O arcepreste dirigiu-se ao quarto do irmão, parou à porta e olhou pelo vão da fechadura. O santo estava em êxtase elevado nos ares numa altura de meio metro. Profundamente comovido retirou-se em silêncio; passado algum tempo tornou a fazer o mesmo exame e encontrou o irmão na mesma posição. Ninguém mais pensou em comer; o arcepreste contou o ocorrido aos seus, que comovidos não puderam conter as lágrimas. Quando Geraldo, voltando a si, saiu do quarto, estava todo inflamado de amor divino e dirigindo-se ao sacerdote, como se nada houvesse sucedido, disse: “Continuai no vosso sistema de vida, eu não quero ser pesado à família”.

Essa boa impressão, que o santo causou ao arcepreste Salvadore, logo no princípio, aumentou-se consideravelmente nos dias seguintes.

O primeiro êxtase de Geraldo visto por Salvador, excitara a piedosa curiosidade de todos os moradores da casa, tornando-se a vida do santo um estudo formal para todos da casa. Só assim foi possível descobrir o que Geraldo sempre sabia ocultar: seu jejum quase absoluto, suas vigílias que mal lhe permitiam duas horas de repouso, suas flagelações sangrentas, e outras mortificações. Tudo servia de edificação; a presença de Geraldo era para todos da casa uma pregação séria e eficaz.

Também em outras casas teve Geraldo ocasião de operar o bem, sacudindo as almas.

O padre Tannoia e outros relatam a esse respeito dois fatos que impressionavam vivamente a todos.

Um dia notou Geraldo uma grande multidão de povo agrupado em torno de um infeliz que se debatia como um louco afugentando de si os que dele se queriam aproximar. O santo chegou-se sem temor e perguntou: “Quem és?” — “Sou o demônio”, foi a resposta. “Em nome da SS. Trindade ordeno-te que deixes esta criatura”, disse o santo; com as palavras: “Saírei, mas caro me pagareis” perdeu o espírito mau todo o poder sobre o corpo do infeliz.

Uma vez viu Geraldo uma criancinha diante de uma casa e assustou-se exclamando: “Que monstro cresce em Oliveto!” Essas palavras causaram assombro, porquanto ninguém percebeu-lhes o sentido. O futuro comprovou a veracidade daquela exclamação. Michelângelo — assim se chamava a criança — mal chegado à adolescência, por seus crimes mais

pareceu um demônio do que um homem. Na idade de quinze anos quis violentar sua própria irmã; repreendido pelo pai, procurou tirar-lhe a vida e chegou ao ponto de o pai ter de defender-se. Mais apressado do que o filho desfechou um tiro contra o monstro, como Geraldo denominara a criança anos antes.

De Oliveto foi Geraldo a Contursi, onde se demorou apenas um dia. Em fins de julho encontramo-lo em Auletta. Passando pela praça pública deu com um homem desconhecido e apostrofou-o: “Meu filho, como podeis viver em paz? Cometestes em tal ocasião uma culpa grave e ainda não a confessastes. Fazei-o depressa”. O pobre homem ficou assustado com a repreensão do irmão desconhecido, caiu-lhe aos pés, prometeu corrigir-se, foi ter com um sacerdote e fez a sua confissão, mudando de vida e permanecendo fiel a seus propósitos até o fim.

José Maria tinha uma filha que sofria horríveis convulsões. Geraldo achava-se uma vez na casa dele, quando a filha foi vítima desse acesso. A pedido dos pais o santo fez o sinal da cruz sobre ela e a enfermidade desapareceu para sempre.

Em outra casa de Auletta mostraram-lhe uma menina, parálitica de nascimento, a qual não podia fazer o menor movimento. A esse mal acrescia ainda extrema indigência na família. Pediram a Geraldo a recomendasse ao Senhor: “Não é nada, disse ele, a menina está boa”, chamou a pequena que, levantando-se do leito, lhe foi beijar as mãos. Foi tão grande a sensação causada que o povo gritava nas ruas: “Mi-

lagre, milagre” apontando para o santo. Aglomerando-se o povo, Geraldo ocultou-se na casa do sacerdote Abbondati; o povo porém seguiu-o gritando sempre: “O santo, onde é que está o santo”. Como o alarme não parecia querer cessar, Geraldo recorreu à fuga; pela porta de trás escapuliu-se, sem ser visto, para a vizinha vila Vietri da Potenza, onde chegou cansadíssimo por haver corrido muito.

Em Vietri encontrou-se com uma moça de má reputação, que a sorrir, pediu ao irmão uma effigie de Maria. Este deu-lha com as palavras: “Tratai de pôr em ordem os vossos negócios e recomendai-vos à SS. Virgem, porque tendes poucos dias de vida!” E de fato, a moça de aparência sadia, mal chegou em casa foi atacada de ardente febre. Felizmente lembrou-se do irmão, mandou chamar um padre, confessou-se arrependida e morreu três dias após o encontro com o santo.

De Vietri dirigiu-se Geraldo a São Gregório, onde se hospedou com o arcipreste Robertazzi, que o não conhecia. Lá, onde chegou provavelmente a 14 de agosto, esperava passar uns dias sossegado na solidão e colher talvez desprezo e zombarias. Ao entrar em seu quarto exclamou com a face em terra: “Divino Salvador, agradeço-vos o terdes-me libertado de tamanho pesar. Aqui ninguém me conhece; agradeço-vos, Senhor”. Essa libertação, porém, não durou muito. Não se esconde aquele a quem Deus quer pôr no candelabro.

O suspiro de Geraldo em seu quarto foi ouvido pelo arcipreste, chamando-lhe a atenção para a piedade do irmão. O dia seguinte confirmou-lhe o conceito que fizera do seu hóspede. Enquanto se entretinha com Geraldo, recebeu a visita de um senhor que tomou parte na conversa. Geraldo propôs um caso de moral dizendo ao arcipreste: “Se alguém interiormente resolveu cometer um adultério e, tocado da graça, não o realizou, estará acaso obrigado a manifestar na confissão a resolução tomada, embora não a haja realizado?” O arcipreste chocou-se com aquela pergunta, intempestiva que não quadrava com o assunto da palestra, mas deu a resposta, que os teólogos costumam dar nesse caso. Pouco depois o visitante, prestes a sair, chamou o sacerdote à porta e disse-lhe admiradíssimo: “Tendes um santo em casa! O caso proposto pelo irmão deu-se comigo momentos antes; obcecado pelo demônio resolvera-me cometer o crime, mas não o cometi; eu vô-lo confesso para confusão minha e honra desse santo homem!” O arcipreste encheu-se de veneração e estima para com o santo irmão, ao reconhecer o motivo da estranha pergunta.

Até então envidara o santo todos os esforços para se desempenhar da sua difícil missão, apesar da saúde combalida, que não o auxiliava. Na residência do arcipreste de São Gregório teve uma forte hemoptise seguida de febre tão violenta, que lhe não foi possível continuar a viagem. O médico declarou sem importância a moléstia e prescreveu apenas uma

sangria. Geraldo porém viu na enfermidade um mensageiro da morte. Já uns meses antes anunciara claramente a Santorelli a aproximação do fim de sua vida: “Doutor, disse jovialmente, não sabeis de certo que morrerei este ano; a tuberculose pulmonar dará conta de mim”. — “Como sabeis isso, irmão?” perguntou Santorelli. — “Pedi essa graça a Nosso Senhor, respondeu Geraldo, e ele prometeu atender-me”. — “Mas porque de tuberculose?” replicou o médico. “Porque assim morrerei mais desamparado, disse Geraldo; embora em nossa comunidade haja grande caridade para os doentes, sei que morrendo dessa moléstia, menos cuidarão de mim”.

Ainda em data anterior a essa, predissera já ao Irmão Januário Rendina a sua morte próxima; também a este declarara haver suplicado ao Senhor a graça de morrer tuberculoso.

Velozmente aproximava-se a hora em que sua oração iria ser atendida pelo céu.

Diante da declaração do médico de São Gregório, de que a sua enfermidade não era grave, Geraldo continuou o seu giro. A 22 de agosto, sexta-feira, foi a Buccino, onde no mesmo dia à tarde teve nova hemoptise; os dois médicos consultados optaram novamente pela sangria. No dia seguinte reenviaram-no a Oliveto, onde o ar menos áspero mais condizia com o seu estado de saúde. Apesar da pequena distância entre essas duas povoações, Geraldo sentiu-se extremamente enfraquecido, mormente em consequência das sangrias, que lhe fizeram perder muito

sangue. O santo submeteu-se a essa viagem unicamente em obediência aos médicos que lhe haviam prescrito mudança de ar.

À tarde chegou à casa do seu amigo, o arcepreste Angelo Salvadore, donde comunicou ao superior a enfermidade, que o prostrara. A carta, modelo de simplicidade, calma e conformidade com a vontade de Deus, tem a data de 23 de agosto e reza assim:

“Venho participar a V. Revma. que na igreja de São Gregório fui acometido de violenta hemoptise. Um médico, a quem consultei ocultamente, notando que eu não tinha febre nem dor de cabeça, declarou repetidas vezes que o sangue vinha da garganta e não dos pulmões, assegurando-me não ter a doença gravidade alguma. Fez-me então a sangria, que muito me abateu. Ontem à tarde fui a Buccino; juntamente na hora em que me ia acomodar, sucedeu-me o mesmo que em São Gregório, quando tive acesso de tosse. Dois médicos, chamados à pressa, entre outras coisas prescreveram-me a sangria. Desta vez abriram-me as veias do pé. A segunda hemoptise não me causou mais dores do que a primeira. Também esses médicos declararam que o sangue não provinha dos pulmões, mas ordenaram-me a seguir sem tardar para Oliveto, o que fiz na manhã seguinte, isto é hoje, para assim mudar de ar e ter possibilidade de consultar o Dr. José Salvadore, que é um médico célebre. Aqui chegando não o encontrei, mas o arcepreste, seu irmão, garantiu-me que ele chegará ainda esta tarde. Peço a V. Revma., queira dizer-me

o que tenho de fazer. Se quiserdes que volte logo para casa, fa-lo-ei imediatamente; se porém fordes de opinião que devo continuar a coleta, estou pronto a obedecer. Meu peito parece-me agora em melhor estado do que em Caposele; não tusso mais como antes.

Termino. Peço-vos que me deis ordem terminante, e tudo irá bem. Sinto perturbar V. Revma.; entretanto, caríssimo Pai, não vos incomodeis, isso não é nada. Recomendai-me a Deus, para que me conceda a graça de fazer sempre sua santíssima vontade e merecer o seu beneplácito”.

Essa carta, levada por um portador próprio a Caposele naquela tarde, alarmou não pouco o Pe. Cajone, que deu ordem ao irmão permanecesse, até segunda ordem, na casa de Salvadore, cuja família sentiu-se feliz de poder hospedar alguns dias o amável e modesto irmão. Para Geraldo aqueles dias foram menos de descanso do que de oração e glorificação do Eterno.

Geraldo teve ocasião de mandar um portador a um tal Lourenço de Mossi em Caposele para tratar de um negócio. O próprio ao chegar, encontrou seu pai atacado de febre em estado desesperador. O filho aproveitou o ensejo de escrever ao santo, pedindo recomendasse o seu pai enfermo à SS. Virgem. E eis — no momento em que Geraldo leu a carta de Lourenço em Oliveto, o doente restabeleceu-se em Caposele.



O Irmão Francisco Fiore recebeu ordem de ir cuidar de Geraldo em Oliveto, mas quando lá chegou, sentiu tamanha febre que não pôde ter-se em pé nem subir ao andar onde estava o santo. O médico José Salvadore, chamado às pressas, subiu para avisar Geraldo da chegada e da desventura do recém-vindo. A notícia da doença do Irmão Francisco impressionava um tanto a Geraldo, que, contendo-se, disse ao médico: “Fazei-me o favor de dizer ao Irmão Francisco em meu nome, que por obediência sacuda a febre, se levante e venha, porque os nossos negócios estão marcados e eu não tenho tempo de tratar de um doente”. O médico sorriu diante dessa ordem escusando-se.

“Fazei o que vos disse” tornou a pedir Geraldo. Para não contradizê-lo, o médico deu ao doente o recado que lhe parecia “irrealizável”. O Irmão Francisco, ao recebê-lo, sentiu-se bom, levantou-se são e foi ter com Geraldo, que o censurou: “Que é isso, disse-lhe, nós viemos fazer a coleta e vós vos deixais prender pela febre! por obediência, mandai-a embora, e que ela não volte mais”. “Obedecerei”, respondeu o Irmão Francisco. — “Não quereis tomar-lhe o pulso, sr. doutor?” disse Geraldo dirigindo-se ao médico. A febre desaparecera completamente. Como ele e seu irmão, o arcepreste, se mostrassem admirados, disse Geraldo: “Talvez vos estranhais disso, não é um milagre, é apenas o efeito da obediência”.

Por essa mesma ocasião a irmã de Salvadore, por nome Rosa, guardava o leito ardendo em febre.

O santo visitou-a e disse-lhe: “Isso não é nada”. A enferma estava curada, conforme constatação do médico, seu irmão.

Diante de tantas experiências felizes o arcepreste Salvadore pôde atrever-se a recomendar ao irmão taumaturgo um doente digno de compaixão, por cuja cura muito se interessava: era o Padre Domingos Sassi que, atormentado de escrúpulos, foi tomado de profunda melancolia chegando ao ponto de levar lamentável existência devido a idéias fixas que o prostraram. O pobre alienado, encerrado em seu quarto, chorava e por ninharias prorrompia em imprecações, embora sua vida anterior tivesse sido exemplar.

Já sete anos sofria o infeliz sem poder celebrar nem receber a santa comunhão. A família, que tudo fizera para o restabelecimento do enfermo, vendo baldados os recursos médicos, recorreu ao céu. Diversas vezes fizeram-se romarias aos mais célebres santuários da Consoladora dos aflitos, porém tudo em vão. Também ao Pe. Cafaro se dirigiram e levaram o doente a Caposele, na esperança de que esse santo missionário lhe restituiria a saúde; porém também ele orou em vão durante vários dias. Deus que havia reservado ao nosso santo a cura do pobre sacerdote, inspirou aos irmãos Salvadore o recurso a Geraldo. “Que posso eu fazer!” disse o humilde irmão modestamente e, sem o arcepreste saber, foi ter diretamente com o enfermo. A primeira impressão do santo foi desfavorável. Domingos prorrompeu, como de costume, em gritos e imprecações, com o que o

santo pouco se incomodou; fez-lhe sobre a fronte o sinal da cruz, e este tornou-se manso como um cordeiro. No quarto havia um piano; Geraldo mandou-o tocar e ambos cantaram juntos a ladainha de Nossa Senhora. A casa inteira acorreu ao ouvir a voz do sacerdote e rejubilou de gaudío ao vê-lo de bom humor.

Domingos restabeleceu-se tão radicalmente que no dia seguinte teria já podido celebrar a santa missa, se Geraldo não tivesse julgado melhor esperar mais dois dias. Na tarde do segundo dia disse ele aos membros da família Salvadore: “Amanhã Domingos vai celebrar a missa e terei prazer em ver todos receber a santa comunhão”. Essa proposta foi aceita com satisfação geral, porquanto todos desejavam ardentemente contemplar ao altar o sacerdote que há sete anos não celebrava, e receber de suas mãos o divino Jesus.

A 28 de agosto os parentes e amigos do sacerdote reuniram-se para acompanhá-lo à igreja; faltava só Geraldo; esperaram ainda um pouco, mas como ele não chegava, foram buscá-lo no quarto; Geraldo estava ajoelhado em profunda contemplação e uma das mãos empunhava o crucifixo e a outra descansava sobre o peito; tinha o rosto pálido, os olhos semicerrados e a respiração quase imperceptível. O arcipreste, o seu irmão e vários outros contemplaram-no sem se atreverem a perturbar-lhe o recolhimento e retiraram-se em silêncio. Mais tarde voltaram novamente e o santo, terminado o êxtase, preparava-se para assistir à solenidade: “Esta noite dormi pouco, e

agora de manhã fui subjugado pelo sono”, disse ele querendo desculpar a sua demora.

Entretanto reunira-se na igreja imensa multidão, desejosa de assistir à missa do sacerdote curado miraculosamente. Domingos celebrou-a com a assistência do arcebispo, edificando a todos por sua devoção e exata observância das rubricas, o que ninguém esperava devido à longa interrupção da celebração do santo sacrifício. O Irmão Geraldo e toda a família Salvadore comungaram como fora combinado.

Desde então o Pe. Domingos celebrou todos os dias regularmente a santa missa. Ao toque do sino que anunciava a celebração do santo sacrifício, diziam: “Vamos ver o milagre do Irmão Geraldo”. Para evitar a recaída, o santo — e isto é tão admirável como a própria cura — deu ao arcebispo plenos poderes para, em seu lugar, mover o padre a celebrar a missa. Mais tarde sempre que este fazia alguma dificuldade para a celebração, bastava o arcebispo dar-lhe ordem em nome do servo de Deus, para desaparecerem todas as dúvidas.

A cura de Sassi não foi o único fato miraculoso ocorrido na casa do arcebispo Salvadore. Um belo dia o irmão deste, por nome Felipe, entrou no quarto de Geraldo para se aconselhar com ele; encontrou-o em oração diante de uma cruz, os olhos voltados para o céu e o santo elevado nos ares. Surpreendido fechou a porta e estava para se retirar quando ouviu a voz de Geraldo: “Felipe, sei o motivo da vossa

vinda. Não tenhais escrúpulo disso, confiai na Providência”. Essas palavras, fruto de uma luz sobrenatural, surtiram naturalmente o efeito esperado.

Também o pequeno sobrinho do arcebispo, por nome João, ocasionou um fato maravilhoso. O pequeno, tendo caçado um passarinho, levou-o para casa radiante de alegria. O santo tomou-o nas mãos, entreteve-se um tempo com ele e por fim restituiu-lhe a liberdade sem se lembrar do descontentamento, que havia de causar ao pequeno. Ao ver os lamentos e choro da criança, Geraldo dirigiu-se à janela, por onde saía o passarinho e disse: “Avezinha, volta porque o menino chora e lamenta a tua libertação; volta, meu passarinho”. Qual criminoso roído de remorsos, a avezinha voou para Geraldo, que a entregou ao menino.

A veneração da família Salvadore para com o santo irmão cresceu dia a dia. O amor, o respeito e a confiança porém do arcebispo foi tanta que não só o chamava “Anjo em carne humana” e o exaltava como “homem cheio de amor de Deus e dos homens”, mas esforçou-se ainda por conquistar-lhe a confiança; propôs-lhe um contrato em que ambas as partes se comprometiam ao auxílio mútuo de orações em vida e depois da morte. O santo concordou gostosamente. Conserva-se até agora esse contrato escrito, que reza textualmente:

“Em nome da SS. Trindade, da SS. Virgem e de toda a corte celeste.

O Irmão Geraldo obriga-se

1.º - a recomendar-me ao Senhor de modo especial em suas orações, para podermos juntos gozar um dia no céu;

2.º - auxiliar-me por meio de oração, vocal ou mental, em todas as minhas necessidades espirituais e temporais, onde quer que ele se ache;

3.º - a impetrar-me a graça de exercer santamente o meu ministério, de santificar os que me forem confiados, de me fazer fugir de todo pecado e de me purificar das minhas imperfeições;

4.º - a pedir a Deus pelo bem espiritual e temporal de minha casa, e pela paz e tranqüilidade de Oliveto, minha terra natal;

5.º - a prestar-me assistência espiritual enquanto viver e depois de entrar na eternidade;

6.º - a impetrar para meus penitentes perfeita obediência.

Eu, Angelo Salvadore, que este contrato escrevi, obrigo-me a seguir fielmente todas as inspirações da graça e a orar e mandar orar a divina Majestade pelo venerável Irmão Geraldo”.

À margem da folha acha-se a assinatura do servo de Deus. “Eu, Geraldo Majella do SS. Redentor, obrigo-me a tudo o que está escrito, em virtude da santa obediência, para o tempo e a eternidade”.

\* \* \*

O estado de saúde de Geraldo não melhorava apesar do repouso; pelo contrário, piorava sempre

mais; à hemoptise unia-se ainda a febre, prenúncio seguro da morte próxima.

Querendo Geraldo morrer no meio dos seus confrades, despediu-se da família Salvadore, com a qual estivera oito dias, e aprontou-se para voltar a Caposele.

Antes de deixar Oliveto visitou ainda uma família que lhe era muito cara, a de Angelo Pirofalo. Na hora da despedida disse: “Olhai às vezes para a direção de Caposele! enquanto virdes na janela um pano branco, estarei vivo; quando ele desaparecer, será o sinal da minha morte”.

Oliveto dista de Caposele algumas horas de caminho, de sorte que se não pode distinguir, a olhos nus, as janelas do convento, embora situado sobre uma colina. Não obstante sucedeu o que Geraldo dissera. A família Pirofalo avistou sempre ao longe o sinal misterioso, que desapareceu com a morte de Geraldo.

O servo de Deus deixou também a essa família uma outra lembrança, que mais tarde recordou vivamente a sua grande santidade: o lenço que ficou sobre a sua cadeira. A filha de Pirofalo chamou-lhe a atenção para o objeto, querendo entregar-lh’o, mas Geraldo disse: “Deixa-o ficar, talvez te seja útil um dia”. E de fato. A moça tendo-se casado, achou-se em sério perigo por ocasião do primeiro parto, invocou todos os seus padroeiros, sem todavia obter alívio; por fim lembrou-se da relíquia, que possuía de Geraldo. Mandou-a buscar; ao contato do lenço de-

sapareceram as dores e a criança nasceu risonha e feliz.

O Irmão Geraldo partiu de Oliveto a 31 de agosto de manhã e chegou ao meio-dia em Caposele “tão enfraquecido, diz Tannoia, que já não tinha aparência humana” — “No primeiro instante, escreveu o Pe. Cajone, tive de fazer força para conter as lágrimas”. Geraldo teve logo de guardar o leito.



## CAPÍTULO XXIV

**A cela em que se faz a vontade de Deus**

A cela, em que vamos agora entrar para assistir aos últimos combates e vitórias do santo, pode com direito ser denominada escola de paciência cristã, resignação e caridade. Geraldo foi toda a sua vida um valoroso imitador de Jesus Crucificado; nessa imitação fiel distinguiu-se ainda mais em sua última enfermidade, que suportou com calma a paz de um modo admirável.

Seus sofrimentos agravaram-se muito já nos primeiros dias. A hemoptise tornou-se sempre mais forte e repetida; admiraram-se de que ele ainda tinha sangue para perder sem exalar o último suspiro; a fronte cobria-se de suor constante, o coração pulsava com força como se quisesse saltar fora. Mandou colocar diante do leito um grande crucifixo e a imagem da SS. Virgem; à vista dessas duas fontes de força e consolo não lhe era possível desanimar. O cumprimento da vontade divina era, de então em diante, a sua única paixão, que suplantava em intensidade o ardor da febre e lhe tornou caro o sofrimento.

Uma vez apresentou-se-lhe o tentador para o perturbar e fazer vacilar, prometendo-lhe saúde e longa vida; Geraldo exclamou resolutivo: “Retira-te, besta miserável; só quero a vontade de Deus; ordeno-te que me não tornes a molestar”.

Tão grande era a sua satisfação no cumprimento da vontade divina, que, não podendo contê-la, manifestava-a aos que o visitavam. Mandou afixar à porta da cela um cartaz com a inscrição em letras garrafas: “Aqui se faz o que Deus quer, como Deus quer e enquanto Deus quiser”.

Em uma visita o Pe. Cajone interrogou-o se estava resignado em tudo à vontade de Deus, ao que Geraldo respondeu: “Sim, meu padre; imagino-me que esta cama é para mim a vontade de Deus, e que estou preso à vontade divina. Creio e espero que eu e a vontade divina já somos uma só coisa”.

O mesmo dizia aos confrades que dele se compadeciam. “Estou executando a vontade divina e quero morrer para me unir a Deus”. Muitas vezes exclamava: “Sempre tenho desejado fazer a vossa santíssima vontade, ó meu Salvador!”

Esse mesmo sentimento de conformidade com a vontade divina transparece da resposta dada pelo servo de Deus a Santorelli, que lhe perguntava o que mais desejava, se viver ou morrer. “Nem viver nem morrer, disse, só quero o que Deus quer; gosto de morrer porque desejo a união com Deus, mas de outro lado não gosto porque nada ainda tenho sofrido por Jesus”.

A sinceridade dessas suas palavras, ele a demonstrou repetidas vezes em sua última enfermidade. Um dia o padre reitor encontrou-o em ânsias de morte; seu rosto estava lívido como um cadáver. Um olhar ao Crucifixo pareceu comunicar-lhe nova vida;

seus traços animavam-se, suas faces cobriram-se de sangue. O reitor quis saber o movimento interior que o transformara daquela forma. Geraldo suspirando disse: “Meu Pai, grande, muito grande é o desejo que tenho de me unir a Deus”.

Como lhe era forte o desejo do sofrimento e sincera a convicção de que nada ainda havia sofrido, aspirava por vida mais longa em que mais pudesse padecer. Isso revela a oração que sempre tinha nos lábios: “Sofro, meu Deus, porque não soffro. Sofrer, ó Jesus, e não morrer!” A força para essa conformidade e heróico desejo do sofrimento, hauria-a dos seus colóquios ininterruptos com o Crucificado.

Sempre que possível, pedia que o levassem a uma cadeira em frente ao crucifixo, onde ficava a meditar uma ou duas horas na Paixão do Redentor. Os seus colóquios ardentes, muitas vezes em voz perceptível, eram extremamente edificantes: “Jesus, estou sofrendo muito, mas é por vós que por amor de mim morrestes na cruz; o sofrimento é sempre pouco quando se sofre por amor de vós” — “Ó meu Deus, morrestes por mim e eu quero morrer para vos agradar”.

Todos os visitantes enchiam-se de respeito para com o paciente sofredor. O Cônego Camilo Bozzio, um dos que mais freqüentavam a sua cela, exprime-se na sua relação escrita: “Durante a sua longa e dolorosa enfermidade eu o visitava diariamente e via como, de tempo em tempo, ele se absorvia totalmente em Deus em arroubo extático; mesmo quando vol-

tava a si não afastava de Deus o seu espírito”. “Nunca, continua o relator, pude notar em seu exterior sinais de perturbação, nem jamais ouvi uma queixa de seus lábios; convenci-me de que ele aspirava, em seus sofrimentos, à igualdade com o Crucificado. Quer-me até parecer que, em consequência da união de sua alma com Deus, o corpo não padecia na proporção da violência da febre que o devorava. Ele tinha como certo que nenhuma oração é por Deus atendida tão depressa como a que se faz pedindo sofrimentos. Deus concede, dizia ele, graças úteis à salvação da alma; para que essas graças sejam devidamente apreciadas, Deus espera às vezes muito tempo até concedê-las, o que não se dá quando se implora a graça do sofrimento”.

“Não passava dia algum, diz Tannoia, sem Geraldo receber visita de sacerdotes e gentis homens das vizinhanças; todos desejavam de seus lábios uma palavra de animação e pasmavam-se diante da sua imperturbável conformidade com a vontade de Deus”.

E Geraldo, apesar da sua fraqueza, não deixava de distribuir conselhos e admoestações conforme as necessidades de cada um.

O servo de Deus entretanto não atendia só aos que o procuravam pessoalmente, mas consolava por cartas os que o não podiam visitar por qualquer motivo.

Das cartas escritas por Geraldo já no limiar da eternidade possuímos apenas uma, dirigida a Izabel Salvadore, sobrinha do arcepreste, a qual reza assim:

“Jesus e Maria!

Bendita seja a SS. Trindade e nossa querida e divina Mãe Maria Santíssima.

Mui prezada irmã em Jesus Cristo. Só Deus sabe o estado em que me acho, não obstante tomo a liberdade de vos escrever de próprio punho. Podeis disso deduzir o quanto vos ama Nosso Senhor; porém mais ainda ele vos amará, se fizerdes o que peço por vós em minhas orações.

Prezada filha. Não podeis avaliar o quanto me interesso por vós e desejo a vossa salvação eterna. O divino Salvador quer que eu me dedique de modo especial aos vossos interesses espirituais.

Amo-vos, como a todas as criaturas que Deus ama; sabeis entretanto que, se alguma criatura me amasse fora de Deus, eu a detestaria em nome de Deus, porquanto as nossas afeições devem ser puríssimas; devemos amar a todos em Deus e nunca fora dele.

Mas vamos ao que importa. Eu vos digo: se fizerdes o que vos tenho pedido tantas vezes, agradareis a Deus Nosso Senhor e também a mim.

Minha filha, tudo é sem valor, menos amar a Deus. Por isso peço-vos que vos desapegueis de todas as paixões e apegos mundanos, e vos unais intimamente a Deus. A vossa principal aspiração seja: pertencer inteiramente ao Senhor. Como isso é belo;

sabem-no as almas que o experimentaram; procurai, também vós, experimentá-lo, e dar-me-eis razão. De que adiante amar o mundo, que só produz amarguras e aflições. O vosso coração pertence a Deus d'ora em diante, nada nele habite senão Deus. Se notardes que qualquer paixão nele se quer aninhar, dizei: O meu coração já me não pertence, porque o dei a meu divino Redentor; nenhum outro nele terá lugar; para longe tudo que não é de Deus. A esposa deve ser cheia de zelo pelo seu esposo divino e por isso fugir em suas ações de toda vaidade. Deve velar sobre seu coração para ser de fato o templo, a casa, a morada de Deus. Sim, é esse o nome de um coração que se consagrou inteiramente ao Senhor.

Orai por mim; mais do que nunca necessito agora de orações! O vosso muito indigno servo e irmão em Jesus Cristo.

Geraldo Majella, do SS. Redentor.

\* \* \*

A enfermidade do irmão progredia a olhos vistos; acharam bom dar-lhe em forma solene de viático a comunhão, que recebia diariamente. Não estando o reitor em casa, o ministro, Padre Buonomano, levou ao doente o SS. Sacramento. Geraldo ergueu-se no leito e com devoção aguardou o momento da santa comunhão. Com a sagrada partícula voltou-se ao Pe. Buonomano ao santo dizendo: "Eis aqui Nosso Senhor, vosso pai e em breve o vosso juiz. Excitai a fé,

meu irmão, e exprimi-lhe os sentimentos do vosso coração”. Assim convidado Geraldo dirigiu com humildade e confiança as seguintes palavras: “Senhor, sabeis que tudo tenho feito e dito em vossa honra. Morro contente, porque espero não haver procurado coisa alguma senão a vossa honra e santíssima vontade”.

Depois da santa comunhão Geraldo pediu a seus confrades que o deixassem só; precisava entreter-se, a sós, com seu Jesus.

Na manhã seguinte, 6 de setembro, Geraldo piorou consideravelmente.

Aos outros sofrimentos sobreveio-lhe a disenteria e um suor que o enfraqueceu extremamente. Já há dias que se não alimentava porquanto não podia ingerir coisa alguma. Pensaram já em dar-lhe a extrema-unção, quando repentinamente o seu estado melhorou.

No mesmo dia chegou uma carta do Pe. Fiocchi, seu diretor espiritual, com a ordem de não mais vomitar sangue e sarar. Geraldo leu a carta e colocou-a sobre peito.

Santorelli, visitando os doentes, chegou ao leito de Geraldo, que com todo recolhimento empunhava a carta, e perguntou-lhe: “Que é isso?” — “Uma ordem do Pe. Fiocchi, respondeu Geraldo; ele quer que não mais vomite sangue”. — “Bem, bem, replicou o médico, e que tencionais fazer?” Geraldo não respondeu; voltou-se ao enfermeiro dizendo: “Irmão, por favor, tirai essa escarradeira”, dando a entender que já não

queria vomitar sangue. Vendo porém Santorelli que a disenteria não cessava, disse ao santo: “Que adianta não vomitar sangue, quanto ao outro mal não tenho aviso”. Santorelli foi ter com o Pe. Gonzilli e pediu-lhe, convencesse o Irmão Geraldo que com a ordem dada o Pe. Fiocchi não queria só meia cura, mas o restabelecimento completo. O Pe. Gonzilli foi ao doente e disse-lhe: “Irmão, é assim que cumpris ordens! e não tendes escrúpulo? o Pe. Fiocchi não quer apenas que deixeis os vômitos, mas que com saúde vos levanteis do leito”. — “Se é assim, replicou Geraldo, humildemente, quero obedecer-lhe também nisso”.

Quando à tarde Santorelli renovou a visita, o irmão recebeu-o com as palavras: “Doutor, amanhã devo levantar-me!” O médico sorriu-se. “Sim, devo levantar-me amanhã, repetiu Geraldo; se me quiserdes dar alguma coisa para comer, estou pronto a tomá-la”. Santorelli hesitou a princípio, mas por fim deu-lhe licença para se levantar. Naquele momento chegou um mensageiro de Oliveto com um cesto cheio de pêssegos, enviado pela família Salvadore. Vendo-os sobre a mesa observou o médico: “Se me prometerdes cumprir as ordens do Pe. Fiocchi, permito-vos provar alguns destes pêssegos”. — “Sim, replicou Geraldo, a obediência deve ser cumprida e Deus glorificado”, e tomou três pêssegos. Com isso o santo sentiu-se mais forte e tomou outra aparência. A hemoptise não se renovou mais, a febre cessou e a enfermidade parecia extinta. Geraldo levantou-se com desejo de recomeçar os seus trabalhos.



Não sem temor voltou Santorelli no dia seguinte para ver o seu doente. Não o encontrando na cela perguntou por ele; Geraldo, apoiado numa bengala, passeava no jardim. O médico exclamou: “É um milagre da obediência!” O santo também estava convencido do milagre, porquanto não ignorava a proximidade da sua morte. Ele mesmo disse em confiança ao doutor: “A festa da Natividade de Maria teria sido o dia da minha morte e da minha entrada no céu; pedi porém ao Senhor que adiasse o meu falecimento para o dia seguinte por causa do grande número de romeiros que aqui afluem nessa ocasião; minha morte seria então pesada à comunidade. A ordem do Pe. Fiocchi procrastinou ainda mais o desenlace”. A um conterrâneo seu, que se achava como carpinteiro em Caposele, disse o mesmo com as palavras: “Meu bom conterrâneo, o dia da minha morte seria na festa da Natividade da SS. Virgem, mas Deus acrescentou mais uns dias à minha existência”.

Nesse dia, destinado para a grande viagem, Geraldo apareceu no refeitório; supunham todos que ele haveria de recuperar novamente a saúde.

Poucos dias depois entrou na pátria celeste uma alma santa e muito cara ao servo de Deus: Maria Celeste Crostarosa, falecida em Foggia a 14 de setembro. Geraldo teve a consolação de ver a sua entrada no céu na mesma hora da morte e ficou tão comovido que não pôde ocultar o seu contentamento. Um irmão leigo, ao notar essa alegria extraordinária em Geraldo, perguntou-lhe pela causa dela: “Sabeis, irmão,

disse exultando de prazer, hoje em Foggia a alma de Maria Celeste voou para o céu; foi receber a recompensa do seu amor a Jesus e Maria”.

Embora fosse grande a sua satisfação, interrompeu a narração com um suspiro que exprimia a saudade do céu, a ele por enquanto fechado. A princípio não deram crédito às palavras de Geraldo a respeito da morte de Crostarosa; notícias chegadas de Foggia confirmaram-nas integralmente.

Ainda um outro fato desse tempo mostra que Deus manifestava ao nosso santo a morte dos seus amigos distantes.

Heriberto Caifi de Oliveto, parente da família Salvadore, contratado para trabalhar no convento de Caposele, perguntou ao arcepreste se tinha recados para lá, mas não recebeu nenhum a não ser lembranças e desejos de boa viagem. No dia seguinte de manhã dirigiu-se Caifi a Caposele, onde foi recebido por Geraldo. Quis entregar-lhe as lembranças de Salvadore, quando o santo lhe disse: “Nosso bom arcepreste está de luto; seu pai acaba de falecer”. — “Não é possível, replicou Caifi, deixei o ancião em ótima saúde; ainda ontem à tarde estava alegre, sentado junto dos seus; foi ele que mais insistiu para eu não esquecer as lembranças a Caposele”. Geraldo não mudou de parecer afirmando que “o ancião morrera repentinamente de uma síncope”. — “Então devo voltar a Oliveto para prestar-lhe as últimas honras, disse Caifi: “Sim, ide e dizei ao arcepreste que se console porque seu pai nem tocou o purgatório”. Caifi

encontrou sem vida o velho Salvadore e toda a casa em luto, que se mitigou e converteu em júbilo pela afirmação do Irmão Geraldo.

A morte, afugentada pela obediência de Geraldo, não concedeu paz, mas só pequena trégua; a melhora do santo era apenas a glorificação da obediência. Geraldo exprimiu-o claramente quando alguns confrades se congratularam com ele. “Deus fez isso, disse, só para a sua glória e para mostrar o que pode a obediência; apesar disso morrerei logo e entrarei na eternidade”. Em princípio de outubro seu rosto tornou a empalidecer-se como antes, voltou novamente a febre e o enfraquecimento do corpo provou que a antiga moléstia dele se apoderara novamente. Geraldo não se agastou com isso, pois a sede que tinha do sofrimento atingia seu auge. O desejo da identificação com Jesus, que dourara os elos da corrente de sua vida, excitou-o a pedir a graça de participar das dores internas que Jesus sentiu na hora da morte. Essa súplica heróica foi atendida, e Geraldo abismou-se num mar de amarguras.

Um dia entrou Santorelli quando Geraldo, entretido com o Crucificado, suspirava em alta voz: “Senhor, auxiliai-me neste purgatório”. O doutor perguntou-lhe porque suspirava, ao que Geraldo respondeu: “Meu caro doutor, pedi ao Senhor me fizesse descontar aqui todos os meus pecados e ele atendeu-me. Sofro um verdadeiro purgatório; consola-me o pensamento de comprazer assim a Jesus Cristo”. “Sofro e suporto um verdadeiro martírio, disse-lhe em outra

ocasião, sinto-me num estado tal, que não tenho força para falar”.

O mesmo expressou ao sacerdote Geraldo Gisonne, que mais tarde entrou na Congregação e que fora consultar o santo a respeito da sua vocação. Ao despedir-se disse a Geraldo: “Orai por mim, porque sofro muito”. — “Ah! se soubésseis o quanto sofro — replicou o irmão; é preciso sofrer, meu caro, é preciso sofrer”. — “Mas que sofreis vós?” perguntou o sacerdote. “Acho-me, respondeu Geraldo, nas chagas de Jesus, e estas estão em mim; padeço sem cessar todos os tormentos e dores que Jesus sofreu em sua dolorosa Paixão”.

O santo porém não demonstrava impaciência nem desgosto; só poucas vezes, quando lhe perguntavam como passava, respondia que aquilo não tinha importância alguma.

E realmente todas aquelas dores ainda lhe pareciam poucas. “Sofro muito, é verdade, ó meu Jesus, mas padeço por vós que por mim morrestes na cruz. É tudo muito pouco, sim, muito pouco”. Era-lhe usual a exclamação: “Sofro, meu pai, sofro!” ou: “Oh! quanto sofro porque não sofro!” — “Irmão Geraldo, costumava perguntar-lhe o médico de manhã, sofrestes muito à noite?” Geraldo respondia sempre acanhado: “Mas eu nada sofro!” ou: “Eu sofro, porque não sofro nada”.

O que mais o incomodava era o pensamento de causar trabalho aos seus confrades.

Santorelli mandara que, à noite, um irmão velasse para dar remédio ao doente nas horas marcadas. Ao ouvir isso Geraldo exclamou chorando: “Senhor doutor, isso é que me faz sofrer!” e repetiu essas palavras com sinais de descontentamento.

Também o fato de a comunidade fazer orações por ele, contrariava à sua humildade. “Sou um ser inútil, dizia, e não mereço tantas caridade”.

As despesas com os remédios eram-lhe como uma pedra sobre o coração. Santorelli encontrou-o muito abatido; Geraldo pediu que lhe apresentasse a soma das despesas dos remédios; ele tencionava escrever nesse sentido aos parentes a fim de aliviar um pouco a pobre casa de Caposele.

“Repeli esses pensamentos”, disse-lhe Santorelli para tranquilizá-lo. Geraldo replicou: “Meu Senhor, que vantagem tenho eu causado à Congregação e porque tantas despesas?” Essa delicadeza colocava em seus lábios palavras de gratidão; mostrava-se grato, por qualquer serviço, a seus superiores e outros irmãos.

Admiração causava também a sua indiferença a respeito dos remédios e sua assombrosa obediência ao médico e ao enfermeiro. Enfraquecido como estava não podia, ele mesmo, tomar os remédios; sempre que o irmão lh’os dava, ele os recebia sem a menor repugnância. Sentia às vezes nojo ou desejo de vômito, mas procurava reprimi-los. “Meu Deus, exclamava, ajudai-me que já não tenho força”. Qualquer

palavra, alusiva à obediência, movia-o a fazer o que parecia impossível e a reprimir a natural repugnância.

Em Ihe faltando a voz, pedira ao Irmão Estevam Perduto Ihe recitasse os atos de conformidade, caridade e contrição, que repetia em voz baixa. Esse irmão perguntou-Ihe um dia, se não sentia temor ou tentações. Geraldo respondeu: “Tudo fiz pelo amor de Deus, que sempre tive diante dos olhos; procurei sempre andar em sua presença; como nunca desejei coisa alguma senão sua santa vontade, agora morro em paz”.

Provavelmente a 14 de outubro recebeu o santo a visita do abade Prospero d’Aquila de Santo André, que o médico chamara de Oliveto. O abade foi acompanhado de um rapaz do sítio, a quem prometera mostrar um santo; o pequeno entrou na cela de Geraldo com o coração a tremer. Apesar da natural curiosidade, não teve coragem de transpor os umbrais do quarto e ficou atrás da porta, de sorte que Geraldo não o podia ver. Conhecendo porém o caso por uma luz sobrenatural, mandou chamar o rapaz, que acanhado e medroso entrou no quarto e contemplou o “Santo”. Pouco depois, tomando alento, girou os olhos pela cela e, vendo a um canto um piano, interessou-se por ele, pois que nunca vira semelhante coisa em sua vida. Geraldo mandou-o sentar-se ao piano e tocar uma peça. Enorme foi o embaraço do menino, que pediu desculpas alegando sua ignorância completa em matéria de música. Geraldo insistiu e o menino sentou-se ao instrumento, pôs no teclado os de-

dos rudes e rijos para dar alguma nota qualquer. Ninguém esperava outra coisa senão um conjunto horrível de notas desafinadas. Entretanto já o primeiro toque nas teclas produziu harmonioso acordo, e o menino ignorante tocou admirável e comovente sinfonia, que encheu de assombro os assistentes. Quando mais tarde perguntaram ao menino qual fora o seu sentimento na ocasião, respondeu que não sabia o que lhe acontecera, mas ao tocar nas teclas sentira uma força inexplicável que movia os seus dedos sobre o teclado. Esse instrumento foi readquirido pela família Santorelli e conservado com todo o cuidado, de sorte que em 1843 ainda se achava em perfeito estado.

A 15 de outubro, festa de Santa Teresa, as forças de Geraldo estavam já completamente esgotadas: “Meu caro doutor, disse de manhã a Sartorelli, recomendai-me à Santa Teresa e recebei por mim a santa comunhão”. Ele a recebeu como viático com a devoção e ternura de um serafim, que se abisma na essência divina. Após a comunhão pediu lhe apresentassem o corporal, sobre o qual repousara o SS. Sacramento, colocou-o sobre o peito, onde o conservou até o derradeiro suspiro, como sinal do seu amor a Jesus.

Permaneceu tranqüilo o dia inteiro; à tarde perguntou quantas horas era. “Seis”, foi a resposta. “Ainda seis horas de vida”, replicou Geraldo. Pouco depois apareceu Santorelli, que o achou muito enfraquecido mas não próximo da morte; pelo contrário, o

doente parecia-lhe melhor do que de manhã; por essa razão desculpou-se quando Geraldo lhe pediu ficasse com ele, alegando diversas visitas que tinha a fazer a outros doentes. Arrependeu-se entretanto quando, ao voltar no dia seguinte, ouviu que Geraldo falecera; compreendeu então, infelizmente tarde demais, o motivo porque Geraldo o queria conservar consigo na véspera.

Às 7 horas da tarde chegou de Oliveto um próprio com uma carta do arcebispo, que recomendava a seu santo amigo um negócio importante. Esse sacerdote, tendo resolvido levantar uma capela em honra a Nossa Senhora da Consolação, mandou construir um forno de cal que, por fraco, ameaçava ruir com consideráveis prejuízos. O arcebispo, recordando-se do contrato feito com Geraldo, enviou-lhe o próprio, pedindo-lhe recomendasse a Deus o seu negócio. O padre ministro, que recebeu a carta, leu-a em silêncio no quarto do doente sem lhe comunicar o conteúdo. Geraldo porém, dirigindo-se ao próprio disse: “Coragem, o forno não sofrerá nada!” À leitura da carta deu a entender com movimentos de cabeça, que faria a oração desejada; mandou buscar, depois, um pouco de pó do sepulcro de Santa Teresa, deu-o ao portador com a ordem de espalhá-lo sobre o forno, afirmando novamente que ele ficaria intacto. O futuro confirmou a verdade das suas palavras.

Na medida que se aproximava a hora da dissolução Geraldo preparava-se para a chegada do Juiz eterno. Apesar da inocência batismal, que nunca



manchara, parecia-lhe estar carregado de pecados e implorava com suspiros a misericórdia divina: “Ajudai a preparar-me, pedia ao irmão enfermeiro, morrerei esta noite e quero recitar o ofício dos defuntos pela minha alma”.

Poucas horas antes da morte sentou-se no leito e começou o salmo *Miserere*, pronunciando devotamente cada palavra. Em cada verso intercalava um ato de contrição repetindo as palavras: “*Tibi soli peccavi et malum coram te feci: a peccato meo munda me*. Pequei contra vós, Senhor, cometendo o mal em vossa presença: purificai-me do meu pecado”. Ao peso da dor suspirava e chorava. Pelas 8 horas exclamou diversas vezes: “Ó meu Deus, onde estais? fazei que eu vos veja”. Dirigindo-se aos presentes pediu-lhes o auxiliassem a unir-se a Deus. O Irmão Carmine, percebendo a sua inquietação, perguntou-lhe se tinha alguma dúvida de consciência. “Vós me falais de inquietação?” respondeu o moribundo. “Meu caro Geraldo, disse Carmine pouco depois, sempre fomos amigos, lembrai-vos de mim quando estiverdes com Deus”. — “Como poderia eu esquecer-vos?” respondeu Geraldo.

Como o médico achava que a morte ainda não estava tão próxima, só o Irmão Xavier permaneceu com o santo depois da oração da noite feita pela comunidade.

Entre as 10 e 11 horas Geraldo pareceu perder os sentidos. Voltando a si, ficou inquieto e tímido exclamando: “Depressa, irmão, afastai de mim esse mi-

serável! que querem esses dois?” Talvez tenham sido esses últimos sustos, com que o demônio o inquietou.

Pouco depois serenou-lhe o rosto e com alegria o santo repetiu mais vezes as palavras: “Eis a Madona! oh! veneremo-la sempre”, e ajoelhando-se na cama caiu em êxtase.

As duas últimas horas de sua vida Geraldo as passou em contínua união e colóquio com o céu. Os seus olhos permaneciam fixos no Crucificado ou na imagem de Maria; seus lábios proferiam as mais ternas jaculatórias como: “Ó meu Deus, perdão, perdão! eu me arrependo!” e outra vez: “Meu Deus, quero morrer para vos agradar; quero morrer para fazer a vossa vontade”. Quando já não tinha voz, o movimento dos seus lábios mostrou que ele continuava os seus protestos de amor a Deus.

Cerca de meia hora antes da morte, pediu água. O Irmão Xavier, secundando-lhe os desejos, foi buscá-la mas demorou-se a voltar por estar fechado o refeitório, sendo preciso primeiro mandá-lo abrir. Ao voltar encontrou o santo voltado para a parede e supô-lo adormecido; porém, momentos depois, notou que ele voltara a si. Geraldo deu um profundo suspiro. Percebendo-o nas últimas, correu a despertar o ministro, que não tardou. Geraldo estava para exalar o derradeiro suspiro; enquanto o padre lhe dava a última absolvição, a santa alma desligou-se dos laços do corpo.

Era uma hora e um quarto na madrugada de 16 de outubro de 1755. Geraldo estava nos seus trinta anos de idade, e aos seis de vida religiosa.

Logo após a morte Geraldo apareceu a uma pessoa piedosa e amiga, envergando o hábito da Congregação e, pouco depois, uma segunda vez, porém em veste mais rica, resplandecente de glória. Animou-a a sofrer muito por Jesus Cristo dizendo: “Grande recompensa dá Deus pelos pequenos sofrimentos que se suportam por amor dele”.

Também ao Pe. Pedro Paulo Petrella, com quem convivera em Illiceto, apareceu Geraldo logo depois da morte, mostrando-lhe um raio da glória que gozava no céu.

O Pe. Ministro, logo que verificou a morte do irmão, despertou a comunidade, para que todos rendessem graças a Deus e à SS. Virgem por todos os favores concedidos ao finado. O sentimento geral era que Geraldo já se achava no céu. Após essa ação de graças foram todos ao quarto do santo irmão, pois queriam proceder à sangria. O Pe. Ministro tomou o braço do santo dizendo: “Irmão Geraldo, fostes sempre tão obediente, mando-vos em nome da SS. Trindade e da SS. Virgem, que nos deis uma prova da vossa santidade”. Aberta a veia jorrou sangue vivo, que apararam em vasilhas; com ele umedeceram mais tarde panos, que foram distribuídos entre os amigos e devotos do santo.

O perfume delicioso da cela de Geraldo, não cessou com a sua morte, ao contrário tornou-se mais penetrante, difundindo-se por toda a casa.

Ao amanhecer o Irmão Carmine quis dar os costumados dobres fúnebres, mas, sem saber como, pôs-se a repicar festivamente os sinos. Um padre, notando o equívoco, correu a avisá-lo, mas o irmão desculpou-se dizendo que alguma força interna a isso o constringia. Esse sinal, compreendido pelo povo, levou ao convento imensa multidão.

A câmara ardente foi armada na igreja. “O caixão, diz Tannoia, estava assediado de pobres e ricos, leigos e coristas. Um narrava alguma predição do santo realizada literalmente, outro contava como Geraldo lhe penetrara a consciência, um outro gloriava-se de haver o servo de Deus endireitado a sua vida. Os pobres, entristecidos pela perda de seu pai, enchiam de gemidos a igreja e a casa. Não contentes com essas externações de veneração e amor, retalharam a batina do santo e cortaram-lhe os cabelos. Para o cadáver não ficar completamente despido foi necessário postar ao redor do caixão, para impedir o avanço do povo”.

Na manhã de 16 de outubro recitou-se o ofício fúnebre em presença do clero e do povo de Caposele. O Pe. Garzilli cantou a missa e o ministro fez o elogio fúnebre arrancando lágrimas aos assistentes. O cadáver ficou exposto na igreja o dia inteiro; as visitas aumentavam-se sempre, porquanto a notícia da morte de Geraldo divulgara-se rapidamente em todas

as direções; de perto e de longe acorreram os amigos e veneradores, para lhe prestarem as últimas honras. Nunca se vira tanta aglomeração de povo em Caposele; com seus lenços enxugavam o suor que miraculosamente umedecia o rosto do servo de Deus; cada qual queria levar uma lembrança.

Entre outras pessoas aproximou-se também da câmara ardente uma tal Rosa Sturchio, grande veneradora de Geraldo a quem consultara em várias ocasiões. Debulhada em lágrimas pedia, de joelhos, a Geraldo lhe desse de lembrança uma relíquia qualquer; e eis, subitamente desprega-se da boca do santo um dente que lhe cai aos pés. Ninguém ousou disputar-lhe aquele presente, que a piedosa senhora conservou qual precioso tesouro.

Naturalmente grande era o desejo de transmitir à posteridade os traços fisionômicos do santo; na falta de um pintor procuraram uma pessoa que confeccionava pequenas estátuas e sabia, por meio de máscaras de cera, tirar o retrato dos cadáveres. Tiraram dois desses retratos, um para a casa e outro para a família Salvadore. Mais tarde lembraram-se de mandar fazer uma pintura do santo e entregaram a um artista a máscara existente no convento. Por mais que se esforçasse o pintor, não conseguia reproduzir a fisionomia do santo — não era possível retratar o servo de Deus. O Pe. Cajone recorreu novamente à conhecida obediência do irmão. “Meu caro Irmão Geraldo, orou ele, vedes que não conseguem tirar-vos o retrato; fazei que o consigam”. A seguir o pintor pôs-

se a trabalhar, e o retrato agradou a todos. O santo acha-se lá representado tal qual foi visto em Oliveto na casa do arcepreste em arroubo extático, empunhando uma das mãos o crucifixo e a outra repousando sobre o peito.

Quanto ao exterior do santo, era de estatura alta e de compleição franzina; devido às suas contínuas mortificações era como um esqueleto coberto de pele. Seu rosto era oblongo, pálido, e durante os êxtases, rubro como a chama. A fronte alta e larga, a cabeça volumosa e por isso muitas vezes objeto de hilaridade para os seus companheiros de infância. O seu temperamento era vivo e irascível; a sua mansidão e tranqüilidade eram fruto da sua virtude. A energia física e assiduidade nos trabalhos pesados, por ele demonstrada mormente no claustro, contrastava com sua fraqueza física e parecia ser um dom do céu. Todo o seu exterior desprendia um brilho superior que comunicava ao santo dignidade e majestade.

\* \* \*

Sexta-feira, 17 de outubro, trinta e cinco horas após o desenlace, procedeu-se ao sepultamento do santo. O Pe. Buonamano fez nova sangria da mesma forma como a primeira; tornou a jorrar sangue fresco e rubro; os membros estavam ainda flexíveis e corria o suor maravilhoso em que se molhavam lenços e outros panos.

Na convicção fundada de que o falecido seria em breve elevado às honras dos altares, mandou Buonamano protocolar oficialmente pelo tabelião os milagres operados logo após a morte do santo. Além dos padres Buonamano e Strina e mais dez irmãos leigos, fizeram sob juramento o seu depoimento mais dez pessoas de Caposele.

## CAPÍTULO XXV

**Glorificação após a morte**

A alta consideração que se tinha de Geraldo em vida e a confiança em sua intercessão junto de Deus, não cessaram após a sua morte. Todos estavam convencidos de que no pobre irmão leigo, cujos restos mortais jaziam na sacristia de Caposele, tinham um novo santo, intercessor e amigo junto do trono de Deus.

Na Congregação redentorista um só era o pensamento de todos: possuíam um santo confrade no céu a quem podiam invocar com toda a confiança.

Santo Afonso precedeu a todos com o seu exemplo; considerava-o como um segundo Paschoal Baylon; tão grande era a estima que dele tinha, e a convicção da sua santidade que quis pegar da pena para deixar aos pósteros recordação perene do santo; infelizmente não pôde realizar o seu intento devido aos múltiplos trabalhos, enfermidades e urgentes ocupações. Entre as cartas de Santo Afonso possuímos uma que comunica a um religioso o despacho de algumas relíquias de Geraldo. Mesmo em seu leito de morte Santo Afonso testemunhou veneração ao servo de Deus; quando lhe apresentavam a sua efígie, pegou-a com a expressão de profunda confiança, apertou-a contra o peito e recomendou-se à intercessão do santo. Não lhe foi estranho o pensamento de



se introduzir o processo para a beatificação, e só não o fez por causa das diversas dificuldades que o preocupavam então.

Os filhos espirituais imitaram o pai, interessando-se vivamente pela honra e glória do santo. Geraldo sempre lhes fora um modelo consumado de virtude e como tal, proposto por modelo mormente aos jovens confrades. Estampas do servo de Deus eram distribuídas com profusão nas missões, e o povo era concitado a invocá-lo.

Quarenta anos após a sua morte, o quarto onde Geraldo morreu foi transformado em capela consagrada a Santo Estanislau, tendo a lápide à entrada os seguintes dizeres:

CUBICULUM  
 QUOD EXIMIA INNOCENTIA AC PIETATE VIR,  
 FRATER GERARDUS MAJELLA, MURANUS,  
 CONGREGATIONIS SANCTISSIMI REDEMPTORIS,  
 PRAESENTIA QUONDAM USUQUE COHONESTANS,  
 SANCTORUM TANDEM MORTE DECORAVIT;  
 ADOLESCENTULORUM INNOCENTISSIMO,  
 ANGELICARUM PULCHRITUDINE ET ODORE VIRTUTUM  
 PULCHERRIMI INSTAR FLORIS INTER COELITES NITENTI,  
 BEATO STANISLAO KOSTKA,  
 IN SACELLI FORMAM REDACTUM,  
 PATRES EJUSDEM CONGREGATIONIS  
 DOMUM HANC INCOLENTES,  
 TERTIO IDUS JULII A. D. MDCCXCVI.

Em português:

Este quarto que o Irmão Geraldo Majella de Muro, membro da Congregação do Santíssimo Redentor, modelo de inocência e piedade, honrou com sua

presença e uso e glorificou com a morte de um santo, dedicaram-no os padres redentoristas desta casa, transformando-o em capela, ao mais inocente dos jovens, a Santo Estanislau Kostka, que brilha pela beleza e odor de angélicas virtudes qual flor que resplandece entre os ícolas do céu, a 13 de julho do ano de 1796.

Não menor foi a veneração tributada ao santo pelas pessoas de fora. Se durante a vida o veneraram como a um mensageiro do céu, depois da morte o invocaram como poderoso intercessor.

Destacam-se nesse particular os mosteiros de Foggia, Muro, Ripacandida e outros lugares onde o santo trabalhou; invocaram-no e sentiram, não poucas vezes, a força extraordinária do seu valimento.

A sua veneração foi também geral no clero e entre os leigos das dioceses, em que Geraldo era conhecido. O arcebispo Angelo Salvatore de Oliveto escreveu pouco depois da morte do santo: “Entre Geraldo e seus amigos formou-se uma verdadeira porfia; não cessam de invocá-lo e venerá-lo como a um santo do paraíso, e ele, em retorno, distribui sem interrupção as mais preciosas graças. Quem poderia enumerar todos os milagres por ele operados quase diariamente em nossa arquidiocese e nas dioceses vizinhas?”

E de fato, também depois da morte, o santo continuou a operar prodígios, demonstrando-se fiel auxiliador de todos que o invocaram; inumeráveis são os

milagres e graças conseguidas por sua intercessão, que chegaram ao nosso conhecimento por haverem sido exarados. Uma biografia do santo aparecida em Roma em 1875 enumerou mais de setenta: são os mais sensacionais e importantes; os outros nem foram examinados e muitos caíram no esquecimento.

Tannoia queixa-se nesse sentido: “Não posso, disse ele, deixar de culpar os nossos de incúria, por não haverem deixado por escrito os milagres de Geraldo, cuja narração encheria volumes”.

Queremos descrever alguns e mencionar outros, com os quais Geraldo, depois da morte, manifestou o amor fraterno e terna solícitude para com os confrades da Congregação.

Seu último superior, o Pe. Cajone, atacado de profunda melancolia ao ponto de perder o controle dos seus atos, lembrou-se do venerável Irmão Geraldo e pediu-lhe auxílio. Este, que em vida obedecia ao aceno dos superiores, pareceu não ter perdido essa excelente qualidade depois da morte. No mesmo instante apareceu nimbado de glória, e disse ao superior: “Ânimo, pois que tudo já passou”. E assim foi; a alegria inundou a alma do Pe. Cajone dissipando toda tristeza.

Semelhante benefício prestou a um outro confrade de Caposele, o Irmão Nicolau di Sapio, atacado horrivelmente de escrúpulos e extrema depressão moral. O reitor da casa aconselhou-lhe recorrer ao Irmão Geraldo e, para esse fim, ir ao seu túmulo agradecer a Deus os favores concedidos a seu servo.

Nicolau obedeceu, e “mal proferira eu a minha oração, conta ele, fiquei livre da tentação e tão alegre e contente como nunca”.

Foi um milagre que fez ao Pe. Tannoia, o biógrafo do nosso santo. “Se escrevo esta obrinha, diz no prefácio, e a entrego à publicidade, é porque o próprio Geraldo a isso me obriga e impele por um milagre operado em minha própria pessoa. Achava-me em Santo Ângelo dei Lombardi, quando a 26 de agosto de 1786 fui vítima de uma moléstia mortal. Voltei a Caposele, mas a enfermidade em vez de diminuir, aumentou. O meu confrade Januário Orlando, vendo-me muito mal a 9 de setembro, disse-me: Prometei ao Irmão Geraldo de escrever-lhe a vida, se vos restituir a saúde”. Faltando-me a necessária confiança, não segui o conselho do Pe. Orlando. Na manhã do décimo dia senti que a doença se agravava assustadoramente; fui atacado de convulsões e o suor da morte já me banhava a fronte. Não encontrando outro remédio, lembrei-me do conselho e recorri com confiança ao irmão exclamando: “Meu caro Geraldo, acudi-me”. No mesmo momento fiquei livre de toda dor. Em sinal de gratidão prometi escrever-lhe a vida. A sua grande bondade queira perdoar-me por me não ter dado ao trabalho mais cedo”.

Dos milagres operados por Geraldo em favor dos seus amigos e devotos, mencionemos em primeiro lugar os que ele fez, como prova de sua caridade no céu, ao Cônego Bozzio, cujo sobrinho, por nome de Rogatis, estava sofrendo há vários meses uma febre

surda acompanhada de disenteria de sangue. Encontraram-no um dia de manhã sem sinal de vida; o tio que o examinou verificou que o enfermo cessara de sofrer. Na família Geraldo era venerado e sempre invocado com resultado. Tomaram o dente de Geraldo, que guardavam como preciosa relíquia, e a mãe desolada colocou-o sobre o falecido com as palavras: “Meu caro Geraldo, não me abandoneis neste duro transe, dai vida a meu filho”. Palavras não eram ditas, o rapaz abriu os olhos e levantou-se cheio de vida.

Com igual prontidão e caridade o santo socorreu a um outro sobrinho do cônego, o qual em julho de 1789 contraíra doença mortal em Caposele. Os médicos perderam toda esperança de salvá-lo, o que entornou a consternação na família, aliás grande, de Antônio Bozzio. O tio observou ao doente e à família entristecida que Geraldo prometera ser para eles especial protetor no céu, e por isso não se devia duvidar da cura do enfermo. “Se é assim, disse o doente, lembremo-lhes a promessa feita”, e, acompanhado da família, oraram ao servo de Deus. Ao sétimo dia, em que se esperava a crise, o doente adormeceu tranqüilamente. Em sonhos viu o irmão que se sentou à beira do leito e lhe disse: “Conseguimos tudo”. Ao despertar o enfermo contou a todos o sonho, que felizmente era uma realidade porquanto a febre tinha desaparecido para nunca mais voltar.

Grande série de graças maravilhosas demonstrou à evidência, que Geraldo continuou a ser para os

moradores de Caposele, o amigo sincero sempre e pronto a consolar, auxiliar e admoestar.

O estado da alma de um rapaz em Caposele era digno de lástima, pelo que um dos seus amigos pedia ao Padre Petrella rezasse por intenção dele. “Pois bem, respondeu Petrella, darei ordens ao Irmão Geraldo para procurar o homem e convertê-lo”. Na noite seguinte, Geraldo apareceu ao pecador e depois de admoestá-lo seriamente, reduziu-o à contrição. Na manhã seguinte o rapaz dirigiu-se à igreja, realizou o conselho de Geraldo, confessando-se compungido e contando a todos o motivo de sua conversão.

Em julho de 1785 o tabelião de Caposele, João Baptista Fungaroli, recebeu de Geraldo assinalado favor. Já nas últimas mandou chamar o Padre Nicolau Mansioni para o assistir no derradeiro instante. Enquanto o padre se achava à cabeceira do doente, chegou um amigo deste, Paschoal Stilla, que, ao ver o triste estado do enfermo, exclamou: “Irmão Geraldo, ouço sempre falar dos milagres que operais; não o creerei se não curardes o meu amigo”, e colocou uma effigie do santo sobre o peito de Fungaroli; os estertores cessaram, a febre desapareceu e o doente estava são.

Maria Michele Giordano de Corbara fora a Caposele em mudança de ares. Ao ouvir falar dos prodígios estupendos operados pelo Irmão Geraldo, invocou-o com confiança em diversas necessidades. Estando um dia para ir à igreja, o servo de Deus apareceu-lhe, sem se dar a conhecer, e disse: “Preparai-

vos para grandes sofrimentos, mas tende ânimo, que Deus não vos há de desamparar”. A senhora, surpreendida com as palavras do irmão desconhecido, contou o caso ao Padre d’Agostinho, então reitor de Caposele. “Qual dos nossos irmãos lhe apareceu?” perguntou. — “Nenhum desta casa”, foi a resposta. O reitor que já suspeitara, mandou a senhora entrar no locutório e mostrou-lhe os retratos lá existentes. A dama, vendo a Geraldo, exclamou: “Foi este que se encontrou comigo”. E de fato sobrevieram-lhe, dentro em breve, horríveis sofrimentos, como o santo lhe havia predito.

Também em outros lugares sentiram a força prodigiosa do santo quando o invocaram com confiança. Ignacio Cozzo, cônego da cathedral de Treviso, já de há muitos anos sofria uma hérnia que lhe causava grandes dores e parecia incurável. Um dia — a 5 de agosto de 1766 — oprimido pela violência das dores, recorreu a Geraldo, de quem fora grande amigo durante a vida, e tocou a parte dolorida com uma relíquia do santo dizendo: “Ó meu caro Irmão Geraldo, se for para a glória de Deus e bem de minha alma, livrai-me destas dores”. Com a oração cessaram os sofrimentos; daí por diante o cônego nunca mais sentiu o incômodo antigo, não obstante os grandes esforços a que o submetia o ofício de pregador.

Uma monja beneditina num mosteiro da Sicília sofria no braço um mal incurável. Um padre redentorista deu-lhe a efígie do santo aconselhando-a a invocá-lo com confiança. Ela assim o fez, e quando o

cirurgião quis proceder à operação, constatou a chaga completamente curada.

Em abril de 1776, Antonia del Vallo em Benevento achava-se em extremo perigo de vida. Um sacerdote, parente seu, percebendo o estado desolador da doente, colocou-lhe algumas relíquias do santo debaixo do travesseiro invocando o servo de Deus. Na noite de 23 Geraldo apareceu-lhe, fez sobre ela o sinal da cruz dizendo: “Estais curada” e desapareceu. Quando o parente lhe perguntou por sua saúde, respondeu: “Sinto-me muito bem, desde que um religioso desconhecido me fez sobre a fronte o sinal da cruz”. Apresentaram-lhe diversas estampas de santos; em nenhuma reconheceu os traços do que lhe aparecera à noite; mas ao ver o retrato de Geraldo exclamou imediatamente: “Foi este que me curou”.

Uma outra senhora, Leonarda Miocore, sofria catarata no olho esquerdo, a qual passara também para o outro olho, encobrindo-o pela metade, de sorte que a infeliz quase não enxergava nada. Em sua aflição recorreu a Geraldo, do qual ouvira tantos prodígios; como a sua confiança foi grande, não podia deixar de ser atendida; ficou livre do incômodo em pouco tempo. Ao encontrar-se com o seu oculista, disse-lhe alegre: “Não me pudestes curar, recorri a um outro médico, que me deu a vista”. — “Vós gracejais”, replicou o apóstrofado. A senhora mostrou-lhe os olhos com as palavras: “Vede, estou completamente restabelecida”, e triunfante apresentou-lhe a imagem de São Geraldo, que costumava levar ao peito e acres-



centou: “Eis o meu médico”. O exame, feito pelo doutor, demonstrou o desaparecimento do mal; a vista estava perfeita.

É para admirar o número de vezes que o santo socorreu às parturientes em perigo de vida, bem como às crianças ainda não batizadas. Entre os poucos milagres relatados por Tannoia, há nove desse gênero; às crianças costumavam as mães agradecidas dar o nome de Geraldo.

Catharina de Viggiano foi atacada de perigosa febre na aproximação do parto. Quinze dias durou a febre e a senhora julgava-se já às portas da morte, quando lhe apresentaram a imagem do santo, que ela osculou dizendo com voz sumida: “Não é para mim que quero a graça, mas para aquela que trago debaixo do coração”. Após essa oração Catharina sarou completamente, e à menina que nasceu robusta foi posto por gratidão o nome de Geralda.

Favor ainda maior fez o santo à senhora de Thomaz Ronco, cujo filho, nascido antes do tempo, expirara imediatamente após o batismo. Os pais aflitos recorreram ao santo, colocaram uma relíquia sua sob o cadáver do menino, e, com obstupefação geral, a criança recuperou a vida e vigor.

Da longa série de milagres operados pelo santo após a sua morte, mencionemos ainda quatro que foram submetidos ao exame eclesiástico e declarados autênticos.

O primeiro deu-se em fim de 1823 ou princípio de 1824 com José Santorelli, neto do médico Nicolau,

íntimo amigo do nosso santo. José Santorelli, atacado de tifo, não dava mais esperanças de vida. Os parentes, convencidos da morte iminente, fizeram os necessários preparativos para o enterro. Após a recepção da extrema-unção o sacerdote recitou as orações dos moribundos. Nessa situação desesperadora colocaram a efígie do santo no barrete de dormir do moribundo, enquanto o irmão dele se dirigiu à igreja dos redentoristas de Caposele para implorar auxílio junto do sepulcro do santo. Rezou-se também uma missa em louvor de Santo Afonso para lhe pedir desse ordem a Geraldo de curar o neto de seu amigo. Mas o estado do doente não se alterara; agonizou o dia inteiro e ninguém mais duvidava do próximo desenlace. À tarde o doente, com admiração geral, levantou-se do leito repentinamente, prorrompeu em lágrimas, beijou a pequena efígie do santo e depois, pondo-a na boca engoliu-a. Depois disse: “Oprimido de um sono mortal o dia inteiro, via sempre perto de mim um irmão redentorista. Tendo-se ele aproximado do meu leito quis afastar-se, mas eu gritei: ‘Ouvi-me, irmão, ouvi-me’ (os assistentes ouviram de fato repetidas vezes esse grito da boca do moribundo). O irmão tinha uma muleta na mão e um chapéu debaixo do braço. Às 6 horas da tarde realizou ele o meu pedido; dirigiu-se ao meu leito e disse: ‘Alegrai-vos que o vosso desejo foi atendido’. Nesse momento vi a seu lado o meu defunto avô. Profundamente comovido quis voltar-me para meu avô, que me disse: ‘Volve-te a este aqui’. — ‘Quem é ele?’ perguntei. ‘É o Irmão

Geraldo', respondeu-me o avô. O Irmão Geraldo fez-me então o sinal da cruz sobre a fronte e ambos desapareceram dos meus olhos". A narração do enfermo surpreendeu os circunstantes; o curado começou a recuperar as forças escapando ao perigo. O médico mandou-o levantar-se; o doente, que antes só podia mover-se com o auxílio de quatro pessoas, ergueu-se com a maior facilidade. Para provar a realidade da cura miraculosa, o enfermo sentado à beira do leito serviu-se de macarrão, omelete e queijo como qualquer outra pessoa sadia.

A 15 de setembro de 1849 Theresa Deheneffe da diocese de Malines na Bélgica recebeu uma punhalada criminosa que a feriu gravemente. Não querendo trair os criminosos, ocultou a ferida julgando poder curá-la sem intervenção médica. Sua esperança iludiu-a. Devagar formou-se uma úlcera de mau caráter, e após dois anos e dez meses, foi necessário chamar o médico que achou imprescindível uma operação. Theresa atemorizou-se, recorreu ao Irmão Geraldo que, a princípio, pareceu surdo à sua súplica. A 18 de julho de 1852 fez-se a dolorosa operação, que não produziu resultado, pois que a chaga tornara-se incurável. A Theresa alarmada aconselhou o confessor um novo recurso ao santo. A 27 de julho começou uma segunda novena em sua honra, mandando celebrar uma missa no princípio e outra no fim, e desta vez com resultado. Na noite de 3 para 4 de agosto desligaram-se as ataduras sem intervenção de ninguém; de manhã; Theresa examinando a chaga, a-

chou-a inteiramente curada não deixando nem cicatriz. Fora de si de contentamento foi ao médico e pediu-lhe um atestado de cura. Este respondeu que só admitiria o milagre, se a chaga não apresentasse cicatriz. “Pois bem, disse ela, procurai a cicatriz quanto quiserdes”. O médico, feito minucioso exame, convenceu-se da cura completa e não hesitou em declará-la miraculosa.

A senhora Orçou Solito de Francavilla Fontana na diocese de Oria foi, em março de 1850, acometida de uma úlcera na fronte, que ocasionou inflamação dos olhos e do rosto; transformando-se em cancro causou-lhe na cabeça e nas costas dores horríveis, por ela denominadas “torturas do inferno”. Insuficientes foram os meios prescritos pelo médico e um clínico chamado expressamente para esse fim. Uma operação seria, na opinião do médico, morte certa. Não havia pois outro recurso senão empregar lenitivos para diminuir as dores, e aconselhar à doente a receber os confortos da religião. É fácil imaginar-se a consternação da família em semelhante conjuntura. Anna Maria Giancola, amiga da enferma, aconselhou à família a recorrer ao céu; buscou em seguida uma estampa de São Geraldo, colocou-a entre as ataduras da fronte e de joelhos recitou com os outros a ladainha lauretana e mais algumas orações. Pouco depois Orçou estremeceu, sentou-se no leito e assegurou haver recebido um choque que lhe causou dor violenta e desusada; deitou-se novamente e dormiu a noite inteira sem interrupção. Ao voltarem os médicos

na manhã seguinte encontraram Orçou alegre, sem dor e sem febre. Afastadas as ataduras notaram o desaparecimento do cancro, que deixara apenas um leve sinal rubro. É escusado dizer que a cura surpreendeu os médicos; Orçou porém disse: “Não por vossos esforços, mas pelo favor de Geraldo é que recuperei a saúde”; os médicos confessaram o caráter sobrenatural da cura.

Em abril de 1867 um menino de dez anos por nome Lourenço Riola, das vizinhanças de Benevento, foi acometido de hidropisia do abdômen, a qual opunha declarada resistência aos remédios da farmácia. Abalizados clínicos de Nápoles quedaram perplexos como os de Benevento; um cirurgião da capital achou até que o menino não suportaria nem a mais leve intervenção cirúrgica. A criança definhava, devorada pela sede com extrema repugnância a todo alimento e remédio. Nesse estado começou o menino ler a vida de São Geraldo; encheu-se de fé na proteção do servo de Deus e pediu uma relíquia do santo, com a qual tocou várias vezes o corpo rezando três *Gloria Patri* em louvor da SS. Trindade. Em sonho viu uma escada de ouro que descia do céu e se apoiava sobre o seu corpo; por ela desceu Geraldo, inclinou-se para ele e, sem dizer palavra, desapareceu. Desde esse momento não restou no menino nem vestígio de enfermidade; até 18 de junho de 1879, dia em que Lourenço fez seu depoimento sobre o milagre, não tinha sentido mais nem sombra da moléstia.

\* \* \*

Os numerosos milagres que o santo operou ininterruptamente depois da morte, divulgaram o seu nome não só na Itália mas também em outras partes da Europa. De todos os lados fizeram-se ouvir vozes pedindo que a Santa Igreja pronunciasse seu juízo definitivo sobre a vida e trabalhos desse santo irmão e taumaturgo.

Em 1846 o Padre Camillo Ripoli, então superior geral da Congregação, pôde dar belíssimo testemunho da fama da santidade de Geraldo nos termos seguintes:

“Os que conheceram o grande servo de Deus em vida e testemunharam o brilho das suas virtudes, não duvidaram um momento, de que ele entrou na posse da visão beatífica logo após a morte; desde logo começaram as visitas ao seu modesto sepulcro em nossa igreja de Caposele, crescendo dia a dia a afluência dos fiéis, que não cessou até o dia de hoje. Também eu tenho visitado esse túmulo por devoção especial ao servo de Deus, e S. Eminência o cardeal de Nápoles Monsenhor Felippe Caracciolo del Guidice asseverou-me em sua última enfermidade, que pretendia fazer para lá uma piedosa peregrinação, caso melhorasse de saúde. O alto conceito da santidade de Geraldo é que me chamou à Congregação, e todos os dias tenho-me esforçado por mostrar a esse santo irmão a minha gratidão... Atualmente acha-se muito divulgada a fama da sua santidade; não só de

Roma, dos Estados Pontifícios e do resto da Itália, mas também da Áustria e outros países pedem-me constantemente biografias e estampas do servo de Deus. Essa fama de santidade é que me moveu a entregar em Roma, para a maior Glória de Deus, o processo da sua beatificação.

Parece que a Providência quis primeiro dar as honras dos altares ao pai, antes que se começasse a causa do filho abençoado. Após a canonização de Santo Afonso, procurou-se com afã submeter ao juízo da Igreja as virtudes e os milagres do humilde irmão leigo. Em 1843 iniciou-se em Muro e em Conza o chamado processo de informação. Em Muro foi ele aberto e dirigido, durante dois anos, pelo bispo Mons. Antônio Gigli, sendo ouvidas sessenta testemunhas que fizeram os seus depoimentos. Em Conza igual processo foi iniciado em 13 de dezembro de 1843 e terminado a 24 de fevereiro de 1845, sendo ouvidas noventa e quatro testemunhas.

As atas do processo foram, como de costume, enviadas a Roma com a súplica ao Santo Padre de introduzir o processo apostólico sobre as virtudes e milagres do servo de Deus Geraldo Majella. Numerosas cartas de personalidades distintas foram dirigidas ao Papa, apoiando essa súplica. Entre elas estava o rei de Nápoles Fernando II, que em sua carta de 5 de setembro de 1846 chama o nosso santo “um herói cristão”, de cujas virtudes e milagres ouvira falar por pessoas dignas de toda fé. Também o cardeal-arcebispo de Nápoles Mons. Riario Sforza fez ouvir a

sua voz pela causa de Geraldo, declarando desejar a introdução do processo de beatificação, “para que, como ele se exprime, o exemplo admirável do servo de Deus seja proposto à imitação de todos e a sua incomparável piedade resplandeça qual novo astro no céu da Igreja!”

Súplicas semelhantes foram enviadas ao Papa por quarenta e seis bispos do reino de Nápoles e por pessoas de todos os estados.

Essas vozes não foram desatendidas. A 11 de setembro de 1847 pediu-se a introdução do processo apostólico e a 17 do mesmo mês Pio IX assinou o decreto que conferia a Geraldo Majella o título de “Venerável Servo de Deus”.

Por ordem do Papa reiniciou-se em Muro e Conza o processo sobre a vida e virtudes do servo de Deus — (em Muro de 1848 até 1856). Na primeira cidade foram ouvidas trinta e seis e na segunda quarenta e quatro testemunhas. Antes do encerramento do processo, os ossos do santo foram submetidos a exame, do qual se verificou ainda mais claramente o seu caráter taumaturgo. Uma testemunha ocular, José Consenti C.Ss.R., bispo de Lucera há pouco falecido, relata o fato do modo seguinte: “Os ossos foram encontrados secos e brancos; todos os olhares estavam para eles dirigidos. Primeiro tiraram do depósito a cabeça; a seguir os médicos contaram os outros ossos. Mas que maravilha na presença de todos! Na frente e depois em toda a cabeça apareceram gotinhas como de orvalho que se foram intensificando



sempre mais, até correr no prato (em que estavam os ossos). Diante desse milagre todos comoveram-se, caíram de joelhos, choraram, oraram demonstrando por todos os modos a sua admiração. Passada a primeira impressão, prosseguiu-se ao exame dos ossos onde se notou o mesmo fenômeno da cabeça; mal colocados no prato começaram a transpirar e a encher o vaso de líquido maravilhoso, que foi abundante ao ponto de extravasar do prato e correr pelo chão”. O mesmo deu-se por ocasião do segundo exame dos ossos do santo a 11 de outubro de 1892.

Embora com isso estivessem terminados felizmente os requisitos para o juízo definitivo da Igreja sobre as virtudes e milagres de Geraldo, grande espaço de tempo se passou até a publicação do decreto sobre o grau heróico das virtudes do santo. As sessões para esse fim tiveram lugar a 12 de março de 1872 e 4 de março de 1873 e 21 de abril de 1874; a 8 de junho desse ano, na festa do Sagrado Coração de Jesus, foi dado a Pio IX, por ocasião do 50.<sup>o</sup> aniversário da sua sagração episcopal, declarar heroicidade das virtudes do irmão Geraldo.

Decreto idêntico sobre os milagres do santo foi publicado pelo grande Papa Leão XIII. O difícil exame dos quatro milagres apresentados durou mais de dez anos; só em 20 de novembro de 1888 pôde a Congregação dos Ritos realizar a primeira sessão sobre os milagres de Geraldo; a 10 de março de 1891 teve lugar a segunda e a 26 de janeiro de 1892 a terceira sessão solene presidida pelo Papa. O decreto que

reconhece os quatro milagres, apareceu a 25 de março do mesmo ano, e um mês depois, a 25 de abril de 1892, ventilou-se a questão se se poderia proceder seguramente à solene beatificação de Geraldo. O respectivo decreto foi publicado por S. Santidade a 8 de setembro de 1892 na festa da Natividade de Maria. A 29 de janeiro de 1893, por ocasião da festa do 50.º aniversário da sagração episcopal de Leão XIII, foi lido na aula ricamente adornada da igreja de São Pedro o Breve papal da beatificação de Geraldo Majella. À tarde desse mesmo dia o Papa foi prestar a sua primeira homenagem pública ao bem-aventurado diante da sua imagem. Antes do aparecimento do Papa deu-se um fato que causou geral impressão e foi tido como sinal de benevolência do novo bem-aventurado. A aula estava pronta para receber o Papa; das inúmeras velas ao redor da imagem do bem-aventurado estavam já todas acesas, exceto as últimas que estavam sendo acesas por um San-petrino (sacristão da igreja de São Pedro), que se achava na ponta da escada à uma altura de quatro ou cinco metros do chão; de repente a escada pende para um lado e precipita-se com força para a parede lateral. Os lustres por ele atingidos voaram como andorinhas espantadas; os candelabros despedaçaram-se com fragor, sobre o altar, onde bateu o pé da escada. Ouviu-se um grito de susto entre a multidão dos fiéis; alguns clamaram: “Bem-aventurado Geraldo”, quando viram o sacristão atirado com força para a parede; julgaram-no morto com a queda desastrada no pres-

bitério ao lado do altar. Seguiu-se um momento de pânico. O bem-aventurado não quis deixar passar sua primeira festa sem um sinal de seu poder; o primeiro pedido a ele feito não podia ser desatendido; a catástrofe prevista não se deu. Dois minutos não haviam ainda se passado e o sacristão célere e fresco, levantou-se, pálido de susto com uma pequena contusão mas sem arranhadura, e auxiliou os companheiros na arrumação do altar.

\* \* \*

Após a beatificação procedeu-se sem detença à canonização, que todos esperavam com ânsia devido às novas graças prodigiosas alcançadas por seu intermédio.

Dos dois milagres apresentados ao exame da Congregação dos Ritos, o primeiro foi a cura da senhorinha Valerio Beerts em S. Trond na diocese de Liège na Bélgica; o segundo foi a cura do jovem Vicente de Gerônimo na diocese de Conza no reino de Nápoles.

Valeria Beerts adoecera gravemente a 2 de agosto de 1893. Violenta dor de cabeça, fraqueza geral, mal-estar, dores nos braços e pernas, febre constante, falta de apetite, disenteria, e outros incômodos levaram os médicos à conclusão de que ali se tratava da ileo-diclidite. Depois de três semanas sobrevieram ainda outros sintomas alarmantes, convulsões, delírio, câibras, insônia, dificuldade de respiração, letar-

gia etc. A diagnose dos médicos foi de inflamação da dura-mater. O estado da enferma era desesperador, e a cura parecia impossível. A 31 de agosto a moribunda entrara em agonia. Antes de receber o viático confessou-se a um padre redentorista, seu pai espiritual, que lhe levava uma relíquia do Bem-aventurado Geraldo. Vendo o estado da enferma o confessor colocou sobre ela a relíquia, invocando a sua intercessão. Poucos minutos depois, a enferma adormeceu tranqüilamente; estava curada. Quando o médico voltou haviam já desaparecido todos os sintomas da doença; o seu trabalho consistiu apenas em constatar a cura completa da moribunda, com intenso júbilo dos pais.

Vicente di Geronimo, seminarista de Santo André de Conza, enfermou gravemente em fins de 1897, atacado de pleurisia. O estado piorava dia a dia zombando de toda a perícia médica. O reitor do seminário lembrou-se do milagroso Bem-aventurado Geraldo, colocou sobre o doente uma relíquia do servo de Deus e benzeu-o com o sinal da cruz. A sua confiança foi logo recompensada. O doente adormeceu tranqüilamente; na manhã seguinte havia desaparecido a inflamação e também o ex-sudat.

A Congregação dos Ritos, que submeteu a rigoroso exame esses dois milagres, tratou deles na sessão anti-preparatória a 25 de agosto de 1903 e na preparatória a 31 de maio de 1904, sendo aprovados em terceira sessão de 26 de julho de 1904 sob a presidência do Papa Pio X. O decreto da aprovação des-

ses dois milagres obtidos pela intercessão do Irmão Geraldo, bem como o decreto da conveniência da canonização de Geraldo foram publicados solenemente na festa da Assunção de Nossa Senhora (1904), de sorte que já não havia obstáculos para a glorificação suprema do nosso Geraldo sobre o terra.

Talvez não sem especial disposição da Providência sucedeu que a canonização do grande devoto da Imaculada Mãe de Deus foi designada para o tempo em que se havia de solenizar com pompa em Roma o 50.<sup>o</sup> aniversário da proclamação do dogma da Imaculada Conceição. Geraldo sempre fora devoto ardoroso desse mistério da vida de Maria e por isso a sua canonização devia entrar em íntimo conexo com a glorificação desse mistério.

A canonização do Bem-aventurado Geraldo teve lugar a 11 de dezembro de 1904 junto com a do Bem-aventurado bispo barnabita Mons. Alexandre Sauli. Foi a primeira efetuada por Pio X, um ano após a sua entronização, rodeado de magnífica coroa de bispos vindos de todas as partes, diante de enorme multidão de fiéis de todas as nacionalidades. A palavra definitiva do Representante de Cristo, pela qual o pobre Irmão Geraldo Majella foi adscrito ao exército dos santos da Igreja Católica, ecoando a voz sonora do Santo Padre através das abóbadas do domo de São Pedro, foi um comentário à palavra do Espírito Santo pela boca do Apóstolo das gentes: *Ignobilia mundi et contemptibilia elegit Deus et ea quae non sunt, ut ea quae sunt, destrueret, ut non gloriatur om-*

*nis caro in conspectu ejus.* “As coisas vis e desprezíveis do mundo escolheu Deus, e aquelas que não são, para destruir as que são; para que nenhum homem se glorie na presença dele” (1Cor 1,28-29).

\* \* \*

Despedimo-nos do amável santo com os sentimentos que avassalaram o nobre Pedro de Blois e que ele reproduz belamente depois de observar um homônimo do nosso santo em sua vida e virtudes: “Há pouco vi um irmão leigo por nome Geraldo que nos últimos anos só desejava morrer exclamando com o profeta: *Arrancai, ó Senhor, a minha alma do cárcere.* Seu desejo era de morrer para estar com o Cristo. Enquanto nós repousávamos, ele passava a noite em oração e soluços, ansiando pela eternidade; embora leigo e indouto, possuía a sabedoria da vida, escrita pelo dedo de Deus em seu coração. Quanto às verdades da fé, ele as respondia como se tivesse por muitos anos cursado os estudos da universidade de Paris; era da escola dos apóstolos, discípulo d’Aquele que disse: *Do alto o Senhor lançou o fogo nos meus ossos e me instruiu.* Instruído e sábio era ele. De que valeu aos enfatuados toda a loquacidade soberba da filosofia mundana? Orgulhosos pela ciência mundana não conheceram o Deus dos exércitos.

Oxalá a minha filosofia e sabedoria seja a do Irmão Geraldo, que só tinha a Jesus nos lábios e no coração; seja minha filosofia a de São Paulo que a-

firmava não querer saber senão Jesus, e este, Crucificado” (Com. in Job. c. 5).

## APÊNDICE

### **Devoção de São Geraldo no Brasil**

São Geraldo tem conseguido no Brasil popularidade extraordinária, ocupando no coração do povo lugar de destaque ao lado de São Pedro, Santo Antônio, São Benedito e São João Batista, que passam por santos brasileiros. Ultimamente, com exceção de Santa Terezinha, nenhum outro encontrou entre nós tão numerosos devotos como o nosso insigne taumaturgo.

Na Itália, França, Bélgica e Espanha era São Geraldo alvo de um culto especial desde a sua beatificação em 1893. Em Portugal a devoção ao grande taumaturgo assumiu as proporções de uma verdadeira apoteose com a tradução de sua vida escrita pelo Pe. Saint-Omer C.Ss.R. da província belga. Essa obra simples mas erudita, traduzida pelo presbítero Fernando Thomaz de Brito, acendeu no nobre povo português um verdadeiro incêndio que abrasou Portugal na devoção ao irmão redentorista. Não tardou essa excelente biografia a difundir-se pelo Brasil, devido aos esforços dos padres redentoristas das duas vice-províncias de São Paulo e Rio.

A datar de 1900, o povo brasileiro, amigo do sobrenatural, simpatizou-se excepcionalmente com o grande taumaturgo, cuja vida é um tecido dos mais estupendos milagres.



São Paulo e, sobretudo, Minas ergueram um trono de glória ao humilde irmão redentorista, que, do seu lado, tem recompensado ricamente a dedicação dos seus devotos brasileiros com favores e graças extraordinárias, que poderiam encher volumes inteiros.

Em São Paulo começou a devoção particular a São Geraldo na Basílica nacional de Nossa Senhora Aparecida, onde os redentoristas introduziram, em boa hora, os exercícios piedosos em honra do seu santo confrade, cujas virtudes e milagres não eram já o monopólio da Congregação redentorista, mas fonte de bênçãos para a Igreja de Deus e o mundo inteiro.

O entusiasmo popular, produzido pela leitura da vida de São Geraldo e pelas pregações sobre suas virtudes e valiosa intercessão, incrementou-se dia a dia. O altar de São Geraldo em Aparecida tornou-se o lugar predileto, onde os romeiros, após a sua visita à SS. Virgem, iam prestar ao taumaturgo do século XVIII o preito sincero da sua gratidão pelos favores recebidos.

A pedido dos devotos de São Geraldo designou-se o dia 16 de cada mês para a comunhão reparadora, sendo freqüentada, nesse dia, a mesa sagrada não só pelos aparecidenses mas sobretudo, pelos romeiros que acorrem constantemente ao Santuário de Nossa Senhora.

Como a devoção a São Geraldo se intensificou extraordinariamente, foi necessário, para satisfazer ao público, colocar o nosso santo como segundo pa-

droeiro da arquiconfraria de Nossa Senhora Aparecida, fundada na Basílica em 1929 com a aprovação do sr. arcebispo de São Paulo e da Santa Sé. Dessa forma o culto do santo redentorista ficou intimamente ligado ao da SS. Virgem Aparecida, Padroeira principal da Terra de Santa Cruz.

No Santuário de Nossa Senhora da Penha, na capital paulista, erigiu-se ao grande taumaturgo um altar artístico onde os devotos, em santa porfia, procuram por todo os modos externar a sua profunda devoção nos adornos, que todos os meses têm novos encantos, e nas orações, que são o echo da sua gratidão e admiração para com o santo que sempre socorre e protege. A comunhão reparadora, as pomposas festas em outubro, os hinos especiais compostos em honra do humilde irmão, o Círculo Católico dos rapazes que lhe dedicaram o salão que lhes serve de sede: tudo isso é prova evidente de que São Geraldo é querido e venerado.

Na Paulicéia o povo levou tão longe a sua devoção ao ponto de levantar ao grande taumaturgo um templo magnífico num dos mais chiques e aprazíveis: São Geraldo das Perdizes. Esse monumento de arquitetura moderna, fruto do entusiasmo e da devoção, atesta aos presentes e aos vindouros na capital do rico Estado, a grandeza da confiança paulista na intercessão do Anjo em carne humana que foi São Geraldo. O Cônego Péricles Barbosa, primeiro pároco dessa freguesia, compôs e publicou um manual de devoção ao Orago da paróquia. Medalhas e santi-

nhos com a efígie de São Geraldo são anualmente distribuídos aos milhares.

Além desses centros de piedade, a devoção ao grande taumaturgo, a quem Deus favoreceu em vida e depois da morte com prodígios admiráveis sob todo ponto de vista, irradia-se constantemente pelo Estado inteiro de São Paulo.

\* \* \*

Mas a devoção à São Geraldo não se limitou somente ao Estado de São Paulo. Em toda a Federação venera-se com devoção especial o nosso santo, destacando-se o Rio de Janeiro, onde se acha em construção, no bairro de Olaria, um grande Santuário em sua honra, o Rio Grande do Sul e Goiás. Neste último formou-se, há poucos anos, uma povoação inteira, que já conta mais de 200 prédios, com o nome de “São Geraldo”. Elegante igrejinha, construída no centro, dá unidade e vida espiritual aos moradores da vila, que porfiam santamente em prestar a seu Orago o preito da sua gratidão.

Entretanto a devoção ao nosso santo revelou-se extraordinária e intensa mormente no próspero e católico Estado de Minas Gerais onde o povo manifesta por todos os modos a admiração e gratidão para como grande taumaturgo, em cuja honra se levantam igreja e capelas tanto nas grandes como nas pequenas cidades. É difícil encontrar-se um templo católico, onde não se venere a imagem do nosso santo, que

nas grandes solenidades se ostenta sempre nas procissões em andores artísticos e ricamente adornados, a abençoar as ruas principais do lugar. Entre as medalhas que a devoção popular pendura ao pescoço dos fiéis, destaca-se quase sempre a do nosso taumaturgo, que lhes garante proteção especial. Na pia batismal inúmeras crianças recebem o nome do servo de Deus, em virtude de promessas feitas pelos pais ou padrinhos, que assim esperam garantir aos filhos ou afilhados a felicidade temporal e eterna.

Centro dessa devoção popular é o Santuário de São Geraldo em a cidade de Curvelo na arquidiocese de Diamantina. Ao chegarem os padres redentoristas a essa longínqua cidade mineira para abrirem naquela região um campo de missões, já lá existia a devoção ao grande taumaturgo; foi-lhes relativamente fácil demolir, com o concurso do povo, e igreja do Rosário para substituí-la pelo vasto e grandioso templo consagrado ao nosso santo, que por suas virtudes e estupendos prodígios se cativara o amor do povo de Curvelo e das cidades circunjacentes.

Com o fim de fomentar essa devoção, introduziu-se em Curvelo a “Obra Pia de São Geraldo”, com a missa semanal às segundas-feiras. Milhares de pessoas inscreveram-se na pia associação. Mais tarde, em outubro de 1911, teve início a publicação de um periódico: “O Santuário de São Geraldo”, hoje “Revista de São Geraldo”, que divulga as graças recebidas pela intercessão do santo taumaturgo.

Em pequeno lapso de tempo terminou-se a construção do belo santuário com os auxílios enviados de todas as partes pelos devotos do nosso santo, de sorte que com verdade se pôde insculpir na lápide comemorativa a seguinte inscrição, que em forma de cronograma lembra o ano de 1912 em que se iniciou a construção: *Sub sancti Gerardi auspicio me exstruxerunt vota populi religiosa soluta.*

Com a bênção da igreja, entregue ao culto público a 16 de outubro de 1916, a devoção a São Geraldo tomou um novo impulso, tornando-se Curvelo o lugar predileto das grandes romarias vindas de perto e de longe em homenagem de gratidão ao ilustre taumaturgo.

\* \* \*

Na cidade de Juiz de Fora, no subúrbio de Mariano Procópio, no Morro da Gratidão, foi construída, há poucos anos, a nova Matriz da Glória, que por suas dimensões e puríssimo estilo romano, por seus altares artísticos, por suas imagens, é um dos templos mais dignos de Minas. A sua colocação no declive de um alto pitoresco, realça ainda a sua beleza.

Quem entra na igreja e sobe até a nave transversal, encontra ao lado da epístola uma capela ou abside dedicada ao culto do glorioso taumaturgo. É um mimo essa capelinha. O altar ricamente pintado e dourado é de belíssima escultura. O centro é ocupado por uma linda imagem de São Geraldo, em cuja

fisionomia extenuada pelas penitências resplandece a alma toda angélica. Aos lados admiram-se dois grupos esculpidos representando episódios da vida de São Geraldo: à esquerda de quem entra, a comunhão dada ao menino São Geraldo pelo arcanjo São Miguel; à direita, São Geraldo à porta do convento distribuindo pães aos pobres e aleijados, que eram os seus melhores amigos. Ao pé do altar, debaixo da mesa, está a imagem de São Geraldo no esquite. Assim também em Caposele na Itália, no Santuário de *Mater Domini*, guardam-se debaixo do altar numa imagem de São Geraldo as suas relíquias, os seus ossos. O vitral do lado esquerdo representa o menino São Geraldo na capela de Capotignano ao pé da imagem de Nossa Senhora, brincando com o Menino Jesus e recebendo dele, na hora da despedida, um pãozinho branco. O do lado direito representa São Geraldo em êxtase no meio dos seus pobres à porta do convento ao som da conhecida ária de Santo Afonso:

Il tuo gusto e non il mio  
Voglio solo in te, mio Dio.

Quantas graças aí ao pé dessa imagem não têm sido alcançadas pela intercessão do glorioso São Geraldo! O trono do grande taumaturgo foi sempre o ponto de atração na igreja da Glória. Milhares de pessoas têm-se alistado lá na Associação da Obra Pia.

Como em Juiz de Fora, também em Belo Horizonte tem São Geraldo um culto especial, onde formigam os Geraldos e Geraldas. O mesmo diga-se do Rio, onde num altar bellissimo da igreja de Santo Afonso se venera com amor especial o nosso grande taumaturgo.

Impossível descrever a intensidade da devoção popular a São Geraldo, enumerar as novenas feitas em sua honra, mencionar os favores recebidos diariamente à invocação do seu nome.

Basta este ensaio para dar uma idéia, embora pálida, da grande devoção do povo brasileiro ao insigne e querido São Geraldo. Queira o humilde irmão leigo da Congregação do Santíssimo Redentor abençoar a nossa Pátria a ser para todos os brasileiros não só insigne protetor, mas sobretudo modelo de virtudes sólidas que unem os corações a Jesus, nosso divino Redentor.

